



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

SUPERVISÃO E RESILIÊNCIA

**Um contexto privilegiado para o desenvolvimento profissional de
professores do 1º Ciclo**

**(Dissertação para a obtenção do grau de mestre em supervisão -
Ensino Básico – 1º Ciclo)**

ANEXOS

Marília Alexandra Machado Dias

FARO

(2007)



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

SUPERVISÃO E RESILIÊNCIA

**Um contexto privilegiado para o desenvolvimento profissional de
professores do 1º Ciclo**

**(Dissertação para a obtenção do grau de mestre em supervisão -
Ensino Básico – 1º Ciclo)**

ANEXOS

Marília Alexandra Machado Dias

FARO

(2007)

NOME: Marília Alexandra Machado Dias

DEPARTAMENTO: Ciências da Educação

ORIENTADORA: Professora Doutora Maria Helena Xavier Correia Ralha Simões

DATA:

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: SUPERVISÃO E RESILIÊNCIA – Um contexto privilegiado para o desenvolvimento profissional de professores do 1º Ciclo

JÚRI:

Presidente:

Doutor **Fernando Ribeiro Gonçalves**, Professor Catedrático da Faculdade Coordenadora da Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve.

Vogais:

Doutora **Maria Helena Xavier Correia Ralha Simões**, Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve;

Doutora **Ana Maria Couto Mendes Ramos de Albuquerque Rodrigues**, Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra.



Índice de Anexos

Anexo A – Guião de entrevista – Professoras Cooperantes.....	1
Anexo A – Guião de entrevista – Supervisandos.....	4
Anexo B – Condições em que se realizaram as entrevistas - Professoras Cooperantes.....	7
Anexo B – Condições em que se realizaram as entrevistas – Supervisandos...	14
Anexo C – 1º Tratamento das entrevistas - Professoras Cooperantes.....	18
Anexo C – 1º Tratamento das entrevistas - Supervisandos.....	54
Anexo D – Pré-categorização das entrevistas – Unidades de sentido - Professoras Cooperantes	83
Anexo D – Pré-categorização das entrevistas – Unidades de sentido – supervisandos	126
Anexo E – Categorização das entrevistas – Professoras Cooperantes	160
Anexo E – Categorização das entrevistas – Supervisandos	196
Anexo F – Escala de Avaliação da Competência Educativa (EACE)	226
Anexo G – Prova de Avaliação do Nível de Resiliência	228
Anexo H – Prova de Completamento de frases relativas à Resiliência	229
Anexo I – “Sentence Completion Teste “ (SCT) – Integral	231
Anexo I – “Sentence Completion Teste – Personalidade e Interpersonalidade nas Profissões de Ajuda - SCT-PIPA	232
Anexo J – Sistematização das respostas das entrevistas – Professoras Cooperantes	233
Anexo J – Sistematização das respostas das entrevistas – Supervisandos.....	242
Anexo K – Análise individual da auto e da hetero apreciação da competência educativa	250
Anexo L – Comparação entre as opções das Professoras Cooperantes e as dos Supervisandos, na classificação de um “professor ideal”	267
Anexo M – Categorização dos dados da Prova de Completamento de frases relativas à Resiliência – Professoras Cooperantes	270
Anexo M – Categorização dos dados da Prova de Completamento de frases relativas à Resiliência – Supervisandos	272
Anexo N – Classificação SCT – PIPA – Professora Cooperantes	276



Anexo N – Classificação SCT – PIPA – Supervisandos	279
Anexo O – Sistematização dos dados – Relatório 1 e Relatório 2	286
Anexo P – Sistematização dos dados – Relatório 3.....	295

ANEXO A

Guiões utilizados para a realização das entrevistas efectuadas às professoras cooperantes e aos supervisandos.

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS PROFESSORES COOPERANTES

I – Tema: “Supervisão e Resiliência – Um contexto privilegiado para o desenvolvimento profissional de professores do 1º Ciclo”.

II – Entrevistados – Professores cooperantes, das escolas do 1º Ciclo, que acompanham os alunos do 4º ano da Licenciatura em Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico – ano lectivo de 2005/2006.

III- Objectivos Gerais:

- ↳ Conhecer a situação de supervisão da Prática Pedagógica, do 4º ano da Licenciatura em Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico;
- ↳ Conhecer as percepções dos professores cooperantes da Prática Pedagógica sobre a situação de supervisão.

IV. Objectivos específicos e estratégias (guião; orientação geral)

Designação dos blocos	Objectivos Específicos	Formulário	Observações
A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	1 – Legitimar a entrevista. 2 – Motivar o entrevistado.	1 – Informar o entrevistado sobre o trabalho em curso. 2 – Explicitar os objectivos principais da entrevista. 3 – Solicitar a colaboração do entrevistado, uma vez que é fundamental para a consecução do estudo a realizar. 4 – Estabelecer um clima de empatia; 5 – Garantir a confidencialidade das informações e o anonimato do entrevistado. 6 – Solicitar autorização para gravação da entrevista em áudio. 7 – Dar segurança ao entrevistado, garantindo-lhes a devolução das entrevistas, para clarificação ou rectificação dos dados transcritos, dando abertura para novos contactos se necessário.	Tempo médio 2 minutos. Esclarecimento de algumas dúvidas eventualmente surgidas
B Conhecimento do(a) professor (a) cooperante	3 – Recolher dados pessoais e profissionais do entrevistado	1 – Solicitar ao professor cooperante informações sobre: a) Habilitações Académicas; b) Tempo de Serviço; c) Situação Profissional; d) Tempo de Serviço como professor (a) cooperante.	Tempo médio 2 minutos.

<p>C</p> <p>Conhecimento da situação de supervisão do professor (a) cooperante e dos supervisandos</p>	<p>4 – Caracterizar a situação de supervisão em que se encontram o professor (a) cooperante e os supervisandos;</p> <p>5 – Caracterizar a dimensão de competência do professor cooperante e a sua percepção relativamente a este aspecto no que refere aos supervisandos.</p>	<p>1 – Caracterizar a escola e a turma em que se encontram os supervisandos leccionam;</p> <p>2 – Identificar o ambiente (escola, turma, grupo) que o professor cooperante pensa ser o mais propício para inserir os alunos da Prática Pedagógica;</p> <p>3 – Solicitar ao professor cooperante informações sobre o número de supervisandos que orienta;</p> <p>4 – Identificar a forma como o professor cooperante vê os seus supervisandos.</p> <p>5 – Percepcionar se o professor cooperante tem consciência de diferenças existentes entre os supervisandos e em que aspectos.</p> <p>6 – Perceber como é que o professor cooperante se sente face às diferenças entre os supervisandos, em situação de prática lectiva.</p> <p>7 – Identificar características que o professor cooperante considere pertinentes para os supervisandos se tornarem bons profissionais.</p>	<p>Tempo médio 6 minutos.</p> <p>Utilizar perguntas de reforço.</p>
<p>D</p> <p>Clima estabelecido e orientações relacionais</p>	<p>8 – Identificar aspectos das dimensões pessoal e inter-pessoal, encontrados em contexto de supervisão, que são facilitadores da situação de supervisão.</p>	<p>1 – Depreender se o professor cooperante se sente motivado para orientar os supervisandos.</p> <p>2 – Saber como é que o professor cooperante classifica a relação que estabelece com os supervisandos, em contexto de PP.</p> <p>3 – Perceber como é que o professor cooperante classifica a relação que estabelece com os supervisandos fora do contexto de PP.</p> <p>4 – Caracterizar o clima de supervisão criado ou preconizado pelo(a) professor (a) cooperante.</p> <p>5 – Perceber se o professor cooperante considera o clima criado adequado ao contexto de supervisão.</p> <p>6 – Procurar saber que representações têm o professor cooperante acerca dos efeitos da sua acção nos supervisandos.</p> <p>7 – Saber o que faz o supervisor quando, eventualmente, se depara com uma situação difícil, na sua prática supervisiva.</p>	<p>Tempo médio 8 minutos</p> <p>Utilizar perguntas de reforço.</p>
<p>E</p> <p>Percepção da resiliência e das orientações educativas dadas pelo professor cooperante</p>	<p>9 – Percepcionar quais os aspectos das dimensões pessoal e interpessoal, manifestas em contexto de supervisão, que podem estar relacionadas com a resiliência.</p> <p>10 – Eviden-</p>	<p>1 – Compreender a forma como o professor cooperante entende o seu papel na supervisão da Prática Pedagógica.</p> <p>2 – Solicitar aspectos positivos e/ou negativos resultantes das suas práticas supervisivas.</p> <p>3 – Identificar quais as iniciativas promovidas/propostas pelo professor cooperante para o desenvolvimento de competências educativas nos supervisandos, visando o seu modelo privilegiado.</p> <p>4 – Identificar formas de reacção dos supervisandos face a situações difíceis na Prática Pedagógica e as diferenças existentes entre si;</p> <p>5 – Conhecer as estratégias usadas pelo(a)</p>	<p>Tempo médio 11 minutos</p> <p>Utilizar perguntas de reforço.</p>



	ciar estratégias que, no contexto de supervisão, se propõem contribuir para o desenvolvimento da resiliência.	professor(a) cooperante para promover estratégias de actuação dos supervisandos em situações de desempenho difíceis; 6 – Conhecer as iniciativas que o professor cooperante promove/propõe para o desenvolvimento pessoal e profissional dos supervisandos; 7 – Saber que tipo de orientações são dadas aos supervisandos que se deparem com problemas no desempenho da sua prática lectiva.	
F Recolha de elementos de carácter complementar	11 – Recolher informação adicional que o professor cooperante considere pertinente.	1 – Dar oportunidade ao professor cooperante de acrescentar outras informações que considere pertinentes.	Tempo médio 1 minuto

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS SUPERVISANDOS

I – Tema: “Supervisão e resiliência – Um contexto privilegiado para o desenvolvimento profissional de professores do 1º Ciclo”.

II – Entrevistados – Supervisandos, da ESE, do 4º ano, da Licenciatura em Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico – ano lectivo de 2005/2006.

III- Objectivos Gerais:

- ↳ Conhecer a situação de supervisão da Prática Pedagógica, do 4º ano da Licenciatura em Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico;
- ↳ Conhecer as percepções dos supervisandos da Prática Pedagógica sobre a situação de prática em que se encontram;
- ↳ Conhecer as percepções dos supervisandos da Prática Pedagógica sobre a situação de supervisão.

IV. Objectivos específicos e estratégias (guião; orientação geral)

Designação dos blocos	Objectivos Específicos	Formulário	Observações
A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	1 – Legitimar a entrevista. 2 – Motivar os entrevistados.	1 – Informar o entrevistado sobre o trabalho em curso. 2 – Explicitar os objectivos principais da entrevista. 3 – Solicitar a colaboração do entrevistado, uma vez que é fundamental para a consecução do estudo a realizar. 4 – Estabelecer um clima de empatia; 5 – Garantir a confidencialidade das informações e o anonimato dos entrevistados. 6 – Solicitar autorização para gravação da entrevista em áudio. 7 – Dar segurança ao entrevistado, garantindo-lhes a devolução das entrevistas, para clarificação ou rectificação dos dados transcritos, dando abertura para novos contactos se necessário.	Tempo médio 2 minutos. Esclarecimento de algumas dúvidas eventualmente surgidas
B Conhecimento da situação de supervisão do supervisando	3 – Caracterizar a situação de supervisão em que se encontra o supervisando; 4 – Caracterizar a dimensão de competência do supervisando e a sua per-	1 – Perceber como é que o supervisando caracteriza o ambiente em que se encontra a desenvolver a Prática Pedagógica; 2 – Identificar a forma como os supervisando vê o seu supervisor / professor cooperante. 3 – Perceber se o supervisando tem consciência de diferenças existentes entre as práticas do supervisor e as do professor cooperante e em que aspectos. 4 – Perceber como é que o supervisando se sente face às diferenças entre o supervisor e o	Tempo médio 6 minutos.

	cepção relativamente a este aspecto no que refere ao supervisor/ professor cooperante.	professor cooperante, em situação de prática lectiva. 5- Identificar características que o supervisando considere pertinentes para se tornar bom profissional.	
C Clima estabelecido e orientações relacionais	5 – Identificar o tipo de relação que se estabelece entre supervisando / supervisor / professor cooperante em contexto de Prática Pedagógica. 6 – Identificar aspectos das dimensões pessoal e interpessoal manifestas em contexto de supervisão. 7 – Identificar aspectos das dimensões pessoal e inter-pessoal, encontrados em contexto de supervisão, que são facilitadores da situação de supervisão.	1 – Depreender se o supervisando se sente motivado para desenvolver a Prática Pedagógica. 2 – Saber como é que o supervisando classifica a relação que estabelece com o supervisor / professor cooperante, em contexto de Prática Pedagógica. 3 – Perceber como é que o supervisando classifica a relação que estabelece com o supervisor / professor cooperante fora do contexto de Prática Pedagógica. 4 – Caracterizar o clima de supervisão criado ou preconizado pelo supervisor / professor cooperante, em contexto de PP. 5 – Perceber se o supervisando considera o clima criado adequado ao contexto de supervisão. 6 – Saber que representações tem o supervisando acerca dos efeitos da acção do supervisor / professor cooperante no desempenho da sua PP; 7 – Conhecer as situações que o supervisando considera dificultarem e/ou facilitarem o desempenho da sua PP;	Tempo médio 8 minutos Utilizar perguntas de reforço.
D Percepção da resiliência e das orientações educativas dadas pelo supervisor	8 – Identificar os aspectos das dimensões pessoal e interpessoal, manifestas em contexto de supervisão, que podem estar relacionadas com a resiliência. 9 – Evidenciar estratégias que, no contexto de supervisão, se propõem contribuir	1 – Compreender a forma como o supervisando entende o seu papel no desempenho da Prática Pedagógica. 2 – Solicitar aspectos positivos e/ou negativos resultantes das práticas supervisivas do supervisor/professor cooperante. 3 – Identificar as iniciativas que o supervisando reconhece como tendo sido promovidas/propostas pelo supervisor/professor cooperante para ajudar no seu desenvolvimento de competências educativas. 4 – Identificar formas de reacção do supervisando face a situações difíceis na Prática Pedagógica; 5 – Conhecer as estratégias de actuação do supervisando face a situações de desempenho difíceis; 6 – Saber que tipo de indicações o supervisando recebe, do seu supervisor / professor cooperante, quando se depara com problemas	Tempo médio 11 minutos Utilizar perguntas de reforço.



	para o desenvolvimento da resiliência.	no desempenho da sua prática lectiva. 7 – Conhecer as orientações que o supervisor / professor cooperante que contribuem para o seu desenvolvimento pessoal e profissional;	
E Recolha de elementos de carácter complementar	10 – Recolher informação adicional que o supervisor considere pertinente.	1 – Dar oportunidade ao supervisor de acrescentar outras informações que considere pertinentes.	Tempo médio 1 minuto



ANEXO B

Apresentam-se, seguidamente, as condições em que se realizaram as entrevistas das professoras cooperantes e dos supervisandos e os comportamentos não verbais dos entrevistados e da entrevistadora.

Condições em que se realizaram as entrevistas das Professores Cooperantes

Entrevista C 1 – Esta entrevista realizou-se no dia 9 de Maio de 2006, entre as onze horas e as onze horas e trinta minutos, na sala dos professores, que fica num pavilhão nas traseiras junto ao recreio, de uma Escola do 1º Ciclo localizada na cidade de Faro. A escolha do local para a realização da entrevista foi sugerida pela entrevistada e aceite pela entrevistadora de bom grado. Entrevistadora e entrevistada sentaram-se frente a frente, a um canto de uma mesa comprida que se encontrava no local. A entrevista decorreu num clima aberto e amistoso, com algumas interrupções, pois o telemóvel da entrevistada não se encontrava desligado e tocou duas vezes, tendo ela pedido para atender. Apesar de a maioria dos alunos se encontrar nas suas salas de aula, no exterior, por vezes, era possível ouvir algum barulho das crianças a brincar, uma vez que se encontravam algumas a brincar no recreio, mas nada prejudicou o decorrer da entrevista.

Entrevista C 2 – Esta entrevista realizou-se no dia 9 de Maio de 2006, entre as onze horas e quarenta e cinco minutos e as doze horas e vinte minutos, na sala dos professores, que fica num pavilhão nas traseiras junto ao recreio, de uma Escola do 1º Ciclo localizada na cidade de Faro. A escolha do local para a realização da entrevista ocorreu no seguimento da entrevista efectuada à cooperante C 1, que havia terminado instantes antes, encontrando-se a entrevistadora ainda no local, aquando da chegada da nova entrevistada. Assim sendo, e para não se perder tempo, deu-se então início à entrevista no mesmo local em que se havia efectuado a anterior. Entrevistadora e entrevistada sentaram-se frente a frente, a um canto de uma mesa comprida que se encontrava no local. A entrevista decorreu num clima calmo e tranquilo, sem interrupções. Apesar de a maioria dos alunos se encontrar nas suas salas de aula, no exterior, por vezes, era possível ouvir algum barulho das crianças a brincar, uma vez que se encontravam algumas no recreio pelo facto de se estar a aproximar a hora da

mudança de turno. Contudo o barulho não era nada que pudesse prejudicar o decorrer da entrevista.

Entrevista C 3 – Esta entrevista realizou-se no dia 9 de Maio de 2006, entre as quinze horas e trinta minutos e as dezasseis horas, na sala da professora que fica num pavilhão novo da escola, na parte de trás, junto ao campo de jogos, numa Escola do 1º Ciclo, localizada na cidade de Faro. A entrevista foi realizada neste local, uma vez que havia sido esse o combinado com a entrevistada, no momento em que se marcou a entrevista. O clima estabelecido entre a entrevistada e a entrevistador era tranquilo e de empatia. A entrevistada e entrevistadora sentaram-se ao fundo da sala, em lugares opostos, frente a frente, a entrevistada na secretária e a entrevistadora numa mesa frente à mesma. No exterior sentia-se o barulho de crianças a brincar uma vez que estavam em período não lectivo, nas actividades extra-curriculares. Todavia o barulho sentido não era suficiente para perturbar o trabalho que estava a decorrer na sala, a entrevista.

Entrevista C 4 – Esta entrevista realizou-se no dia 9 de Maio de 2006, entre as dezasseis horas e as dezasseis horas e trinta minutos, na sala da professora que fica no pavilhão mais antigo da escola, junto ao recreio, numa Escola do 1º Ciclo, localizada na cidade de Faro. A entrevista foi realizada neste local, uma vez que, quando se marcou a mesma, foi esse o local escolhido pela entrevistada. A entrevistada e entrevistadora sentaram-se na entrada da sala, em lugares opostos, frente a frente, a entrevistada na secretária e a entrevistadora numa mesa frente à mesma. No exterior sentia-se algum barulho de crianças a brincar uma vez que estavam em período não lectivo, nas actividades extra-curriculares. Todavia o barulho sentido não perturbava o desenrolar da entrevista.

Entrevista C 5 – Esta entrevista realizou-se no dia 11 de Maio de 2006, entre as quinze horas e trinta minutos e as dezasseis horas, na sala da professora que fica no pavilhão novo da escola, na parte da frente, junto ao recreio e ao portão de entrada, numa Escola do 1º Ciclo, localizada na cidade de Faro. O local escolhido para a realização da entrevista foi feito no dia em que se marcou a mesma pela entrevistada e a entrevistadora concordou com prazer. As intervenientes na entrevista sentaram-se ao fundo da sala, em lugares opostos, frente a frente, numa das mesas das crianças, na direcção da porta, num clima de empatia e acalmia. Os primeiros minutos da entrevista para além de terem sido perturbados pelo barulho das crianças a brincar, no

andar de baixo, nas actividades extra-curriculares, foram ainda um pouco pela auxiliar de acção educativa que se encontrava a fazer a limpeza à sala. A entrevistadora tentou demorar o início da entrevista para que esta situação se alterasse mas a entrevistada afirmou que não era necessário esperar, que se poderia dar início ao trabalho, o que ocorreu de seguida.

Entrevista C 6 – Esta entrevista realizou-se no dia 17 de Maio de 2006, entre as quinze horas e trinta minutos e as dezasseis horas, na sala da professora que fica no primeiro andar da escola, na parte da frente, junto ao portão e porta de entrada, numa Escola do 1º Ciclo, localizada na cidade de Faro. A entrevistada escolheu o local para a realização da entrevista no momento e a entrevistadora aceitou com agrado. Dado o local escolhido e pelo facto de quase todos os alunos se encontrarem nas suas salas de aula, não houve nada a perturbar o trabalho a ser desenvolvido. A entrevistadora e a entrevistada sentaram-se ao fundo da sala, junto ao quadro e frente à porta de entrada. A entrevistada sentou-se na sua habitual mesa de trabalho, a secretária, e a entrevistadora na mesa que ficava imediatamente à frente, de forma a ficarem frente a frente, permitindo uma melhor desenrolar do trabalho a efectuar. Esta posição permitia a ambas olharem-se frente a frente facilitando o clima de empatia estabelecido. No decorrer d entrevista ocorreu uma interrupção, pelo facto de uma das janelas da sala se encontrar aberta e estar constantemente a bater. Para evitar novos incómodos a entrevistada levantou-se por uns instantes para travar a janela de forma a que esta não voltasse a bater.

Entrevista C 7 – Esta entrevista realizou-se no dia 24 de Maio de 2006, entre as quinze horas e as quinze horas e trinta minutos, na sala dos professores, que fica num pavilhão nas traseiras junto ao recreio, de uma Escola do 1º Ciclo localizada na cidade de Faro. A escolha do local para a realização da entrevista foi sugerida pela entrevistada no momento e aceite pela entrevistadora de bom grado. As intervenientes, entrevistadora e entrevistada, sentaram-se frente a frente, a um canto de uma mesa comprida que se encontrava no local. Apesar de a maioria dos alunos se encontrar nas suas salas de aula, no exterior, por vezes, era possível ouvir algum barulho das crianças a brincar, uma vez que se encontravam algumas no recreio, mas nada prejudicou o decorrer da entrevista.

Comportamentos não verbais das entrevistadas:

Entrevista C 1 – A entrevistada manifestou – se inicialmente um pouco tensa e nervosa, pois tratava-se de uma situação nova, contudo bem disposta, revelando por vezes, na sua expressão facial, um ar de curiosidade em relação ao que se iria passar. Com o decorrer da entrevista a situação foi-se alterando. No decorrer da entrevista a entrevistada foi adquirindo alguma calma e confiança e conforme as questões iam sendo colocadas as suas respostas surgiam acompanhadas de movimentos variados das mãos e da cabeça. A atitude demonstrada no decorrer da entrevista foi sempre de empatia e simpatia.

Entrevista C 2 – A entrevistada chegou ao local onde iria decorrer a entrevista com um ar de boa disposição e simpatia. Foi muito curta, contudo clara, nas respostas que deu às questões colocadas. Ao longo da entrevista manteve-se sempre bem disposta e sorridente, no entanto revelava alguma inquietude, parecendo estar com pressa. Gesticulava constantemente com as mãos, mostrando um certo nervosismo, mexia no cabelo e gesticulava a cabeça. Foi respondendo às perguntas de uma forma progressivamente calma e tranquila e o tom de voz estava de acordo com o entusiasmo com que respondia.

Entrevista C 3 – A entrevistada manifestou – se muito disponível, sempre descontraída e segura de si. No decorrer da entrevista, manteve-se calma e bem disposta, revelando por vezes, na sua expressão facial, um ar de curiosidade em relação às perguntas que se iriam seguir. À medida que as perguntas iam sendo colocadas a entrevistada sorria e mudava a posição do corpo na cadeira, dando respostas acompanhadas de gesticular de mãos e de movimentos de cabeça. Mostrou-se sempre serena e tranquila, com uma atitude de empatia, de segurança e de boa disposição, mostrando-se satisfeita com a sua colaboração no trabalho.

Entrevista C 4 – A entrevistada manifestou – se pouco disponível para o trabalho que lhe estava a ser proposto, apesar do dia e da hora terem sido marcadas por si. Logo que entrevistadora entrou na sala de aula foi possível perceber que a professora não estava muito bem disposta, parecia estar de mau humor. Mostrou-se um pouco antipática, pouco disponível e apressada, uma vez que estava sempre a olhar para o relógio. Com o decorrer da entrevista demonstrou-se uma pessoa bastante tímida e insegura, relativamente à sua posição enquanto professora cooperante, pare-

cendo pouco à vontade com toda a situação. Desviava constantemente o olhar da entrevistadora, olhando para a porta, enquanto mexia nos papéis que se encontravam na sua secretária. Cruzava e descruzava as pernas com frequência, parecendo estar impaciente.

Entrevista C 5 – A entrevistada manifestou – se sempre muito animada e bem disposta. Parecia descontraída mas pouco segura de si, em relação ao trabalho apresentado pelas supervisandas, não acontecendo o mesmo quando falava do seu próprio trabalho. No decorrer da entrevista, manteve-se calma e sempre sorridente, pondo-se de pé por várias vezes para indicar, nas paredes, os trabalhos de que falava. Cruzava e descruzava as pernas com alguma frequência, assim como gesticulava as mãos, mexendo constantemente com um lápis. À medida que as perguntas eram colocadas as respostas surgiam acompanhadas de movimentos variados da cabeça, das mãos, de forma a exemplificar o que estava a responder. Ao longo de toda a entrevista mostrou sempre uma atitude de empatia e alegria por estar a colaborar no trabalho.

Entrevista C 6 – A entrevistada manifestou, inicialmente, uma atitude de alguma expectativa e nervosismo, que logo se desfez. No decorrer da entrevista, manteve-se calma e bem disposta, revelando por vezes, na sua expressão facial, um ar de curiosidade em relação ao que se iria passar. À medida que as perguntas eram colocadas, as respostas surgiam acompanhadas de movimentos: abanar a cabeça, mexer no cabelo, gesticular a cada resposta dada, cruzar e descruzar de pernas. No decorrer da entrevista, mostrou sempre uma atitude de empatia e de segurança, mostrando que estava a gostar de colaborar no trabalho que estava a decorrer.

Entrevista C 7 – A entrevistada mostrou-se sempre bem disposta e sorridente. Revelava algum nervosismo, evidente através de sinais, como abanar a cabeça, colocar a mão na cara e, como estava um pouco constipada, necessitava constantemente de limpar o nariz. Quanto à postura, apoiava os cotovelos na mesa e trocava constantemente as pernas. Foi respondendo às perguntas de uma forma progressivamente calma e tranquila e o tom de voz estava de acordo com o entusiasmo com que respondia, com ar sempre sorridente.

Comportamentos da entrevistadora

Entrevista C 1 – Nesta entrevista, a entrevistadora conduziu a mesma de forma organizada, tranquila e segura, não gesticulando muito para não perturbar a entrevistada. À medida que a entrevista foi decorrendo a entrevistadora foi adquirindo alguma confiança com a entrevistada o que facilitou o trabalho a desenvolver. A entrevistadora tentou ser sempre clara e explícita no que refere às questões efectuadas. As perguntas foram colocadas de forma calma permitindo à entrevistada a organização do pensamento e da respectiva resposta, sem interrupções ou pressões. Quando a entrevistada demonstrava alguma expressão de incompreensão a entrevistadora repetia ou reformulava a questão de forma a explicitar a sua intenção com a mesma.

Entrevista C 2 – A entrevistadora estava descontraída e segura do trabalho que pretendia desenvolver o que permitiu o bom desenvolvimento da entrevista. Tentou ainda não fazer muitos movimentos ou mexer muito com as mãos para não perturbar a entrevistada. Conseguiu estabelecer logo no início uma relação de empatia, compreensão e colaboração entre ambas que proporcionou um ambiente agradável e descontraído, para a realização da entrevista. A entrevistadora mostrou-se sempre disponível para repetir ou reformular as questões sempre que estas não eram perfeitamente entendidas pela entrevistada.

Entrevista C 3 – Nesta entrevista, a entrevistadora conduziu a mesma de forma organizada, segura daquilo que perguntava, mostrando intencionalidade e clareza na forma como conduziu a entrevista. As perguntas foram colocadas de forma objectiva, evitando os movimentos, permitindo à entrevistada a organização do pensamento e a respectiva resposta, sem interrupções ou pressões.

Entrevista C 4 – Nesta entrevista, a entrevistadora conduziu a mesma de forma organizada, com alguma tranquilidade e segurança naquilo que perguntava, mostrando intencionalidade e clareza na forma como a conduzia. As perguntas foram colocadas de forma objectiva e permitindo à entrevistada a organização do pensamento e a respectiva resposta, sem interrupções ou pressões. Quando esta demonstrava alguma expressão de incompreensão a entrevistadora repetia a pergunta de forma a explicitar a sua intenção com a mesma.

Entrevista C 5 – A entrevistadora estava um pouco tensa inicialmente, pelo facto de se encontrar presente uma pessoa estranha ao trabalho que se pretendia desenvol-



ver. Com o decorrer da entrevista e com o afastamento dessa pessoa a entrevistadora foi ficando mais descontraída e segura, o que permitiu o bom desenvolvimento da mesma. Estabeleceu-se uma relação de empatia, compreensão e colaboração entre ambas que proporcionou um ambiente agradável e descontraído, para a realização da entrevista.

Entrevista C 6 – Logo no início da entrevista a entrevistadora conseguiu estabelecer com a entrevistada uma relação de empatia, compreensão e colaboração que proporcionou um ambiente agradável e descontraído, para a realização da mesma.

Entrevista C 7 – A entrevistadora começou a entrevista com calma e tranquilidade, contudo à medida que a entrevista foi avançando foi ficando um pouco tensa, pelo facto de a entrevistada se encontrar com alguma dificuldade em falar, devido ao seu estado de saúde. Contudo, dado o à vontade da entrevistada com a situação a entrevistadora manteve-se calma e tentou realizar a entrevista de forma mais expressiva para que a mesma fosse mais explícita. Foi possível estabelecer entre entrevistada e entrevistadora uma relação de empatia, compreensão e colaboração que proporcionou um ambiente agradável e relativamente descontraído, para a realização da entrevista.

Condições em que se realizaram as entrevistas dos supervisandos

Todas as entrevistas dos supervisandos se realizaram no dia 9 de Junho de 2006, num dos gabinetes da Biblioteca da Escola Superior de Educação do Algarve. Realizaram-se entre as catorze horas e as dezassete horas e trinta minutos, com a duração de cerca de vinte e cinco minutos cada uma e intervalos entre 5 e 10 minutos entre si.

A entrevistadora manteve-se sempre sentada na ponta da mesa junto à janela e na direcção da porta e os entrevistados, conforme iam entrando, sentavam-se sempre no mesmo local, ou seja, na cadeira que se encontrava ao lado da mesa, de frente para a entrevistadora e de costas para a vidraça que dá para ver o interior da biblioteca. O local foi escolhido de comum acordo por todos, contudo a entrevistadora escolheu as posições por forma a que os entrevistados não se dispersassem a olhar para as pessoas que iam entrando e passando na biblioteca. Dado o espaço escolhido não havia barulho nem nada que prejudicasse o decorrer das entrevistas.

Entrevista A 3 – A entrevista iniciou-se por volta das quinze horas e trinta minutos e ocorreu num aberto, empático e amistoso. Após os minutos iniciais ocorreu um pequeno problema com o gravador que levou à interrupção da entrevista. Todavia este foi resolvido rapidamente e o resto da entrevista ocorreu sem quaisquer problemas.

Entrevista A 4 – A entrevista iniciou-se por volta das dezasseis horas. Estabeleceu-se um clima de tranquilidade e empatia. A entrevista ocorreu sem quaisquer interrupções.

Entrevista A 15 – A entrevista teve início por volta das catorze horas e trinta minutos e o clima inicialmente estabelecido era um pouco frio. Contudo, com o decorrer da entrevista foi-se alterando e tornando-se um pouco mais aberto e empático. A entrevista ocorreu sem quaisquer problemas ou interrupções.

Entrevista A 17 – A entrevista iniciou-se por volta das quinze horas. O clima inicialmente estabelecido revelava uma certa distancia entre entrevistada e entrevistadora, todavia com o decorrer da mesma foi-se alterando tornando-se bem mais empático e amistoso. Dado o clima que se veio a estabelecer a entrevista correu muito bem e sem quaisquer interrupções.

Entrevista A 19 – A entrevista iniciou-se por volta das dezassete horas. Estabeleceu-se um clima aberto, empático e amistoso tendo a entrevista decorrido sem quaisquer problemas.

Entrevista A 20 – A entrevista teve início por volta das catorze horas e decorreu num clima aberto e amistoso sem quaisquer interrupções.

Comportamentos não verbais dos entrevistados:

Entrevista A 3 – A entrevistada manifestou-se sempre muito animada e bem disposta. Parecia descontraída e muito segura de si em relação a tudo o que se ia perguntando. No decorrer da entrevista, manteve-se calma e sempre sorridente gesticulando com as mãos com muita frequência, para exemplificar o que estava dizendo. Ao longo de toda a entrevista mostrou sempre uma atitude de empatia e alegria por estar a colaborar no trabalho.

Entrevista A 4 – A entrevistada manifestou, inicialmente, uma atitude de alguma expectativa e nervosismo, que se foi alterando ao longo da entrevista. No decorrer da entrevista, manteve-se um pouco nervosa, talvez pelo facto de ter algumas dificuldades em se expressar em Português, mas bem disposta. À medida que as perguntas eram colocadas, as respostas surgiam acompanhadas de movimentos: abanar a cabeça, mexer no cabelo, gesticular a cada resposta dada, cruzar e descruzar de pernas.

Entrevista A 15 – A entrevistada chegou ao local onde iria decorrer a entrevista com um ar um pouco desconfiado e tímido. Foi respondendo às questões colocadas com simplicidade e calma, mantendo-se assim ao longo de toda a entrevista.

Entrevista A 17 – A entrevistada inicialmente manifestou-se muito tímida e nervosa, todavia a situação foi-se alterando ao longo da entrevista. No decorrer da entrevista, manteve-se calma e bem disposta, revelando por vezes, na sua expressão facial, um ar de curiosidade em relação às perguntas que se iriam seguir. O seu tom de voz foi sempre muito baixo e tranquilo. À medida que as perguntas iam sendo colocadas a entrevistada sorria fazia uma expressão de quem estava a pensar e só depois respondia de forma tranquila. Gesticulava com mãos com movimentos lentos e contorcidos. Mostrou-se sempre serena com uma atitude de empatia, de segurança e de boa disposição, mostrando-se satisfeita com a sua colaboração no trabalho.

Entrevista A 19 – A entrevistada mostrou-se sempre muito bem disposta e sorridente. Respondeu a todas as questões com serenidade e calma, sempre muito segura de tudo o que estava a dizer, num tom de voz muito tranquilo.

Entrevista A 20 – O entrevistado manifestou-se inicialmente um pouco tenso e nervoso, pois tratava-se de uma situação nova, contudo estava bem disposto, revelando por vezes, na sua expressão facial, um ar de curiosidade em relação ao que se iria passar de seguida. Com o decorrer da entrevista a situação foi-se modificando e o entrevistado foi adquirindo alguma calma e confiança e conforme as questões iam sendo colocadas as suas respostas surgiam acompanhadas de movimentos variados das mãos, mexendo constantemente nos óculos e tossindo, como se tivesse algo a incomodar a garganta. Ao longo da entrevista foi estabelecido um clima aberto e de empatia.

Comportamentos da entrevistadora

Entrevista A 3 – Nesta entrevista, a entrevistadora conduziu a mesma de forma organizada, com alguma tranquilidade e segurança naquilo que perguntava, mostrando intencionalidade e clareza na forma como a conduzia. Estabeleceu-se uma relação de empatia, compreensão e colaboração entre ambas que proporcionou um ambiente agradável e descontraído, para a realização da entrevista.

Entrevista A 4 – A entrevistadora estava um pouco tensa inicialmente, pelo facto de a entrevistada ter um sotaque um pouco diferente, com receio de não perceber que esta iria dizer. Com o decorrer da entrevista a situação foi-se alterando, até porque a entrevistada tentava expressar-se da melhor forma possível para que a entrevistadora pudesse entender com clareza e vice-versa. Foi possível estabelecer entre entrevistada e entrevistadora uma relação de empatia, compreensão e colaboração que proporcionou um ambiente agradável e relativamente descontraído, para a realização da entrevista.

Entrevista A 15 – A entrevistadora estava descontraída e segura do trabalho que pretendia desenvolver o que permitiu o bom desenvolvimento da entrevista. Tentou ainda não fazer muitos movimentos ou gesticular muito com as mãos para não perturbar a entrevistada. Conseguiu estabelecer uma relação de empatia, compreensão e colaboração entre ambas que proporcionou um ambiente agradável e descontraído,



para a realização da entrevista. A entrevistadora mostrou-se sempre disponível para repetir ou reformular as questões sempre que estas não eram perfeitamente entendidas pela entrevistada.

Entrevista A 17 – Nesta entrevista, a entrevistadora conduziu a mesma de forma organizada, segura do trabalho que estava a desenvolver e com clareza nas questões efectuadas. No início a entrevistadora estava um pouco nervosa dado o perfil da entrevistada, todavia esta situação foi-se alterando com o decorrer da entrevista. A mesma terminou num clima de segurança e tranquilidade de ambas as partes. As perguntas foram colocadas de forma objectiva, permitindo à entrevistada a organização do pensamento e a respectiva resposta, sem interrupções ou pressões. Quando esta demonstrava alguma expressão de incompreensão a entrevistadora repetia a pergunta de forma a explicitar a sua intenção com a mesma.

Entrevista A 19 – Logo no início da entrevista a entrevistadora conseguiu estabelecer com a entrevistada uma relação de empatia, compreensão e colaboração que proporcionou um ambiente agradável e descontraído, para a realização da mesma.

Entrevista A 20 – A entrevistadora conduziu a entrevista de forma organizada, tranquila e segura, não gesticulando muito para não perturbar o entrevistado. À medida que a entrevista foi decorrendo a entrevistadora foi adquirindo alguma confiança com o entrevistado o que facilitou o trabalho. A entrevistadora tentou ser sempre clara e explícita no que refere às questões efectuadas, mostrando-se disponível para outro tipo de esclarecimentos, caso se tornasse necessário.

ANEXO C

Neste Anexo apresenta-se o primeiro tratamento que foi efectuado aos protocolos das entrevistas das professoras cooperantes e dos supervisandos, após ter sido efectuada a sua transcrição e posterior leitura integral.

1º TRATAMENTO DA ENTREVISTA C 1

[*Habilitações académicas*] Licenciatura em Ensino, o curso é Professores do Ensino Básico, variante Português/Inglês.

[*Tempo de Serviço*] 10 anos.

[*Situação profissional*] QZP.

[*Tempo de serviço como professora cooperante*] (...) é o primeiro ano.

[*Número de supervisandos na sala*] 3.

[*Concorda com esse número de alunos por grupo, acha vantajoso*] Sim, acho.

[*Número de vezes que reúne/articula com os supervisores da ESE*] Ele vai à sala, normalmente, uma vez por semana, ou duas, (...) vai duas vezes, mas reunir aconteceu ainda só uma vez. Só reunimos uma vez.

[*Esse tempo é suficiente para apoiarem os alunos*] Não, talvez fosse desejável mais tempo.

[*Assuntos tratados na reunião*] Falamos sobre, sobre..., sobre a prática, sobre as três semanas em que os três intervirão.

[*Clima que se estabelece entre o supervisor da ESE e os alunos*] Eu acho que é um bom clima, (...). Eles têm uma melhor relação com a professora “S 2” do que tinha com o professor “S 0”.

[*Número de vezes que reúne com os supervisandos, assuntos tratados na reunião*] Até ao primeiro período foi mais exaustivo, (...) até Janeiro, foi mais exaustivo porque a prática eram 4 dias. Portanto, nós reuníamos semanalmente, e todos os dias, todos os dias, ao fim da aula, fazíamos uma mini-reflexão. Para ver o que tinha corrido bem e o que tinha, os pontos altos e os pontos baixos ou menos altos, ah..., ou os menos bons (...) agora, como são só 2 dias, também continuo ao fim do dia, ao fim, à terça-feira, como é segunda e terça, à terça-feira ah costumamos também fazer essa ah, essa mini-reflexão dos 2 dias. E para definir as actividades é com duas, três semanas de antecedência durante a aula, com outro, com o estagiário seguinte, com o supervisando seguinte que vai intervir.

[*O ambiente, onde estão a desenvolver a prática, parece-lhe propício para o desenvolvimento deles, a nível profissional*] Eu julgo que sim, embora da parte deles, eles não sintam isso, porque eles..., afastam-se, não, à hora, talvez porque não se sintam à vontade, mas à hora do intervalo, por exemplo, não vêm para a sala dos professores, pronto. Quando podiam vir, mas não o fazem, não se sentem à vontade.

[*Atitude tomada face à situação*] Eu já os convidei, convidei entre aspas, não tenho que os convidar, mas já lhes disse, no início dizia-lhes várias vezes que eles eram bem vindos aqui, que estavam à vontade, ainda vieram uma ou duas vezes mas depois deixaram de vir.

[*Caracterização da turma*] É uma boa turma, é uma boa turma, ah..., porque apresenta um bom nível de conhecimentos e de aproveitamento. (...) é muito boa, a nível de conhecimentos. Comportamento é um pouco, são mais, são faladores, são muitos rapazes, todos eles querem ser o galo da capoeira, e então gostam muito de intervir, e é um pouco difícil (...) serem controlados. Porque o que eles querem é participar, participar, participar.

[*Como caracteriza o grupo de supervisandos, o seu trabalho*] É um bom trabalho, no geral, os três. Acho que fazem um bom trabalho, são criativas, (...) são criativas, apresentam boas actividades, ah..., são empenhadas, são trabalhadoras.

[*Como é que os supervisandos reagem face aos problemas que vão encontrando*] Por vezes, não sabem, (...), contornar a situação, por vezes não sabem. Falta-lhes também experiência, (...) na minha opinião, eu acho que, (...) com a experiência é que nós vamos conseguindo superar as dificuldades e contornar situações e elas, por vezes, ainda não o conseguem fazer.

[*Existem diferenças entre os supervisandos*] Sim. Há duas que são mais ..., desvoltas, que são mais extrovertidas, há uma que se retrai mais, ah..., que é mais tímida e isso depois reflecte-se também dentro da sala de aula e na relação com as crianças.

[*Como reage face a essas diferenças*] Eu não tenho um comportamento diferente, eu falo é, ah, comportamento, o meu diálogo com aquela que é mais tímida é diferente do que com as outras, porque eu tento sempre puxar, ir ao encontro daquilo que ela sente e tentar que ela perceba (...) que deve ser diferente, que não há problema nenhum em, em se abrir, em, (...) mostrar aquilo que vale, porque ela depois acaba por não, ah..., por não mostrar aquilo que é capaz de fazer. E é nesse sentido que o meu diálogo é diferente para com ela.

[*Quais as características necessárias para se ser um bom professor*] É preciso ser compreensivo com as crianças, é preciso, ah..., ouvir, essencialmente ouvir acho, na minha opinião, acho que é preciso ouvir, saber ouvir os pontos de vista, saber, perceber que eles são pessoas, são pessoas e são pessoas, embora sejam crianças, mas são pessoas e têm, e cada um deles já tem a sua personalidade definida e é preciso ter sempre isso em consideração, porque, embora sejam uma turma e eles, as crianças, estejam integradas na turma, eles, cada um deles é uma individualidade e cada um deles age de acordo com aquilo que é. E é preciso ter isso em consideração.

[*Que estratégias utiliza para que os supervisandos se tornem uns bons profissionais*] Observação, observação, quando um, (...) ao início eles estiveram na fase de observação, portanto, foi observação que elas fizeram. Ah..., observação, também, quando é uma delas que está a leccionar, as outras duas devem observar, devem perceber o que é que se passa na turma, o que é que se passa entre eles, que é que se, a relação deles com o professor estagiário, a relação deles com a professora titular de turma, porque é sempre diferente. Tento que elas percebam isso, e, e no fundo, percebam que eles são pessoas, são crianças, pessoas pequenas.

[*Sente-se motivada para ter o grupo dentro da sua sala*] Sim.

[*Relação que estabelece com os alunos, em contexto de PP*] Acho que é (...) uma relação, (...) de cooperação, cooperamos umas com as outras. Eu também aprendo com elas, elas aprendem, podem aprender comigo e eu também estou a aprender com elas.

[*Relação fora da prática pedagógica*] Sim. Sim. Sempre que há alguma coisa elas telefonam-me ou eu telefono sempre que necessito de alguma coisa, por exemplo da ESE, também eu lhes ligo, ainda agora recebi uma mensagem de uma delas (...) elas mandaram uma mensagem.

[*Como caracteriza o clima de supervisão que preconiza*] Eu acho..., é o primeiro ano que estou a supervisionar. (...) eu sinto-me bem neste papel, porque considero que as possa, que as possa estar a ajudar naquilo que elas necessitam.

[*Considera que esse clima influencia a prática dos supervisandos ou poderia ser diferente*] Sim. Acho que não. Acho que, essencialmente, o que é necessário, essencialmente, o que é necessário é a, ajudar, naquilo que elas necessitam, naquilo que elas precisam.

[*Representações acerca dos efeitos da sua acção nos supervisandos*] Eu acho que, de uma forma ou de outra, eles acabam sempre por seguir, (...). Acho que, de uma forma ou de outra, a forma como eu ajo, eu ajo, acaba por influenciá-los e poder, e poderão crer imitar-me, no fundo, eu acabo por ser o modelo, eu assim como qualquer outro professor cooperante, acabo por ser um modelo para eles.

[*Reacção face a situações de supervisão difíceis*] Converso com eles para tentarem perceber ou para eu, se for o caso de ser eu a estar errada, para que eles me expliquem em que é que ou, ou, o porquê de agirem de determinada forma e então se eu estiver errada são eles que vão ter que me explicar o ponto de vista deles para eu tentar perceber. Se for ao contrário pois são eles, se for ao contrário, se são eles que estão errados também eles terão de explicar o ponto de vista deles e eu depois vou ter que explicar a forma certa.

[*Dificuldades encontradas enquanto professora cooperante*] Portanto, relativamente a essa, a essa, ah..., ah..., supervisionando que tou mais dificuldades é o facto de eu não ter conseguido, de não estar a conseguir ajudá-la da forma que ela necessita. Embora eu perceba que ela já esteja melhor, mas mesmo assim ainda está aquém daquilo que é, daquilo que é necessário.

[*Como entende o seu papel na supervisão da PP*] Não, eu acho que, o meu papel, assim como o de qualquer outro professor é sempre importante, porque estamos a contribuir para que aqueles formandos sejam bons profissionais.

[*Aspectos positivos e/ou negativos que considera resultarem das suas práticas supervisivas*] É assim, pra mim é sempre positivo, (...) é positivo porque há sempre uma troca de experiências. Elas que saem agora, que estão a terminar agora o curso, vêm com novas ideias e depois também ah..., trocamos, é a troca de experiências, de elas, delas que saem agora, que têm novas ideias e de mim que, já estou aqui há 10 anos e já tenho alguma, alguma experiência que lhes possa transmitir.

[*Nas reuniões que estabelece com os supervisandos, promove ou propõe o desenvolvimento de competências educativas*] Sempre. A relação com as crianças é fundamental. Claro que se elas não tiverem uma boa relação com os alunos, depois a prática nunca lhes pode correr bem. (...) Por vezes é necessário, ah..., sugerir outro tipo de actividades que vão de encontro, que se adequem mais aquilo que é, que é pedido, aos conteúdos que se estão a leccionar no momento.

[*Reacções dos supervisandos face a situações difíceis de desempenho*] Muitas vezes olham pra mim, para tentar perceber o que é que, o que é que deverão fazer. Outras vezes, (...) já, já tentam resolver as situações por elas próprias. Contornar a situação, respon, dar uma resposta à, à, à dificuldade com que se deparam no momento.

[*Diferenças entre elas nas atitudes*] Sim, há alguma. Ah ..., portanto, a formanda que neste momento tem mais dificuldades, ah..., a resposta que ela dá, não é talvez a mais adequada, porque ..., porque por vezes não dá resposta, (...), ou vira as costas, ou (...)

[*Situações que acha que podem ser mais difíceis para os supervisandos*] As situações dentro da sala de aula é (...) o barulho que as crian, in, não posso considerar que seja barulho, mas, ah..., o ambiente da sala de aula. Quando os alunos estão mais agitados elas não, ah..., não sabem como acalmá-los.

[*E os que poderão facilitar*] A exposição de ..., a exposição de..., de conteúdos, quando eles, quando elas utilizam, ah..., os power points, ah..., o retroprojector, ah..., a televisão, o vídeo, essas tecnologias ajudam-nas, facilitam-lhes o trabalho, porque as crianças gostam e elas também se sentem seguras.

[*Costuma planificar com elas no sentido de recorrer à utilização desses materiais*] Sim, são elas próprias que os sugerem.

[*Iniciativas promovidas no sentido de ajudar os supervisandos a desenvolverem-se pessoal e profissionalmente*] Sobretudo, eu privilegio muito o diálogo. Portanto, é sempre a partir do diálogo, ah..., exis, a partir do diálogo nós, eu com, eu tento conversar bastante com elas, e a partir daí, outras iniciativas, ah..., apresentação de manuais, que elas também se inscrevem, acções de formação que elas também vão, como foi o caso do Algarmat, ah..., o movimento da Escola Moderna, que também, já foram, ah..., pronto, também elas não têm muito mais tempo para ..., porque têm aulas na ESE, têm os trabalhos, não têm muito mais tempo. Alguns por vontade pró-



pria, outros por minha sugestão, mas elas também têm tido conhecimento desses eventos através da ESE.

[*Orientações dadas aos supervisandos que se deparam com problemas na sua prática lectiva*] (...) portanto, costumo lhes dizer para, ah..., por vezes parar, quando, quando, quando, quando acham que ..., que há ..., que o ambiente está muito agitado, eu digo-lhes para pararem, para falarem pausadamente, para não elevarem o tom de voz, quanto mais elevam o tom de voz, mais as crianças depois têm tendência a falar alto. (...) quando não, quando ah..., as crianças também têm dificuldades nalguma, ah..., que não percebiam alguma coisa que elas estejam, ah..., a explicar, para voltarem atrás, para terem sempre atenção e perceberem, olhar sempre para eles para perceberem se eles estão a perceber, se eles estão a entender o que elas estão a explicar, terem uma percepção global da turma, ah..., não olhar pra cima, não olhar pras paredes, mas olhar directamente pra eles, (...) essencialmente.

[*Neste momento, a supervisora vem à sala duas vezes por semana*] Sim.

[*Costuma falar nesses momentos*] Sobre as, ah..., as supervisandas não.

[*Sobre a prática delas*] Não.

[*A supervisora não dá orientações nenhuma*] A mim não. A elas sim, porque elas reúnem-se também, portanto, elas reúnem-se comigo para definirmos os conteúdos, eu dou-lhe os conteúdos. Elas, depois, apresentam-me as actividades, posteriormente, essas, ah..., eu depois, se achar que elas não estão adequadas, pois digo-lhe e elas reformulam e depois disso vão à professora, à supervisora e, ah..., e reúnem com ela.

[*Não há ligação entre a supervisão e a professora cooperante*] Não. Não, não. O que acontece é ..., nós temos um ..., uma grelha, com vários itens e, por cada, por cada semana, cada semana é preenchida uma grelha dessas referente à ..., à (...). Não, à supervisanda que esteve a leccionar.

[*Considera isso vantajoso para as supervisandas*] Não.

[*Entre os três, supervisandos, supervisora e cooperante*] Entre os cinco. Sim. Que só aconteceu uma vez. Que só aconteceu uma vez, com a nova supervisora.

Fim

1º TRATAMENTO DA ENTREVISTA C 2

[*Habilitações académicas*] Portanto, tenho o Curso de Bacharelato, do Magistério Primário, que equivale a um Bacharelato, ah..., já feito à 19 anos, e tenho Licenciatura em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores, feito, concluído há 4 anos.

[*Tempo de Serviço*] Tempo de serviço 18 anos.

[*Situação profissional*] Professora do 1º Ciclo do QZP, estou actualmente, QZP é Quadro de Zona Pedagógica, (...).

[*Tempo de serviço como professora cooperante*] Eu não lhe sei dizer muito, muito bem, porque não foi seguido, mas já pelo menos às uns 10 anos que eu tenho vindo a cooperar com a ESE, nesse sentido

[*Número de supervisandos na sala*] Neste momento 3, 3 alunos do 4º ano, neste momento (...).

[*Concorda com esse número de alunos por grupo, acha vantajoso*] Com a composição concordo, sim. Vantajoso, quer dizer, não vejo nada contraproducente na composição. Posso ver, ah..., contrariedades a nível dos dias que ocupam, que ocupam com as actividades.

[*Quais seriam as contrariedades*] O que eu não considero muito correcto é que eles no 1º semestre têm 4 dias de prática o que é bastante ..., pra nós que recebemos os professores estagiários, torna-se bastante, porque apanhamos a turma, ao fim e ao cabo, um dia e é bastante difícil. Pra eles também é um bocado demais 4 dias no principio e depois no 2º semestre apanharem só 2 dias de prática. Eu não vejo que seja assim tão vantajoso. Se fosse 3 por 3, pronto, ou 2 por 4, eu penso que o ideal seria manterem-se os três, não concordo muito serem os 4. Compreendo porque é que sejam 2 no segundo semestre, para eles concluíram aquelas actividades que têm que fazer nas outras cadeiras, não é (?), os trabalhos, o trabalho de investigação, seja o que for, compreendo, mas não concordo que no inicio sejam 4 dias.

[*Número de vezes que reúne/articula com os supervisores da ESE*] Semanalmente eu estou com eles, uma vez por semana, com ele.

[*Assuntos que costuma tratar nessa reunião*] Desde a prática, aos conteúdos que foram abordados, há planificação para a semana seguinte, aspectos que, em princípio, serão os positivos, ah..., sugestões, questionamento colaborativo entre os 2, qual é a melhor de, se obter determinado fim, em termos do objectivo do professor, para desenvolver competências nos alunos, nestes da ESE e nos nosso, pronto, mais ou menos por aí.

[*Clima que se estabelece entre o supervisor da ESE e os alunos*] Ah..., é um clima de confiança, essencialmente, em que ... os, os supervisandos sabem que estão a ser supervisionados, claro, mas é um clima em que se está perfeitamente à vontade seja para o que for.

[*Número de vezes que reúne com os supervisandos*] Todos os dias da prática deles, todos, todos, todos, às vezes mesmo sem ser os dias da prática deles costumá-mo-nos reunir.

[*Assuntos tratados na reunião*] Variadíssimos, variadíssimos, desde a prática deles aos problemas individuais dos alunos que eventualmente possam ocorrer, metodologias que tenhamos de aplicar em relação a casos, pronto, às melhores estratégias para a diferenciação pedagógica, pronto, coisas assim.

[*O ambiente onde estão a desenvolver a prática parece-lhe propício para o desenvolvimento deles, a nível profissional*] Penso que sim, sim.

[*Caracterização da turma e da escola*] A minha turma também. Neste caso particular também, porque já o ano passado estiveram habituados a, a supervisandos em estágio, e este ano ficaram com um bocado de pena de não poderem continuar com os mesmos, mas adaptaram-se perfeitamente bem ao novo grupo. É uma turma muito dinâmica e uma escola que também é dinâmica, portanto, em princípio, não há nada que..., que eu possa apontar. Portanto, tá tudo a decorrer muito bem, envolvemo-nos em agrupamentos de projectos e..., lá vamos.

[*Como caracteriza o grupo de supervisandos, o seu trabalho*] Eu estou muito satisfeita com este grupo, muito satisfeita, a porque..., são alunos, supervisandos, que..., primeiro aceitam perfeitamente qualquer critica, no sentido da construção claro, porque eu tão pouco sou pessoa de tar a criticar só pelo prazer de criticar, tento é questionar, tento intervir, tento sugerir, mas no, portanto, no sentido da construção profissional e principalmente pessoal deles. Nunca pra lhes dar, propriamente um modelo, quero que sejam eles a darem o que querem ser. (...). Construírem eles, não vou ser eu nunca a dizer-lhes: olha eu fazia assim. Posso perguntar é: o que é que vocês acham se pudesse ser de outra maneira? Que é para podermos manter, portanto, sempre muito, muito na base da reflexão. Tenho um grupo que coopera completamente com esse tipo de..., estratégias, pronto.

[*Considera que existem diferenças entre os elementos do grupo*] É um grupo bastante homogéneo, por acaso. Este grupo é bastante homogéneo, porque..., se, se, uns são mais afectivos, outros são mais determinados, logo, e portanto, quer dizer, complementam-se muito bem a nível, porque estruturam as aulas que planificam, as sugestões que também querem ver, postas em dia...

[*Considera que os supervisandos estão motivados*] Completamente.

[*Como reage face às diferenças de atitudes*] Tento que eles aprendam uns com os outros, também, a maneira de superarem qualquer dificuldade sentida e eles fazem-no muito bem, felizmente.

[*Para ser um bom professor um supervisor deverá*] Aprender que não está aqui para transmitir, só, conhecimento, não é (?), porque senão não vale a pena tirar o curso. Ah..., portanto, devem aprender que vão ser mediadores, entre os alunos que vão ter, ah..., nas turmas que vão trabalhar e o conhecimento que querem que eles adquiram, portanto, têm que aprender que tudo vai partir, muitas das, das competências que querem ver desenvolvidas nos alunos, têm de partir de experiências, primeiro que os

alunos, os alunos das turmas, certo, ah..., e a partir daí desenvolver, otimizar o sucesso educativo, por que é para isso que nós estamos cá. Não quero que eles, à priori pensem olha este aluno não é capaz, mas sim, tentarem desenvolver as potencialidades, ah..., ao máximo, que tenham. Para isso não podem pensar em turmas homogêneas, mas têm de pensar nos alunos como um todo e, eventualmente, e em grupo, ok (?). Mais ou menos por aí.

[*Sente-se motivada para ter aquele grupo dentro da sua sala*] Estou, estou. Em qualquer dos níveis estou, quer com a turma, quer com os professores estagiários, com certeza, gosto.

[*Relação que estabelece com os alunos, em contexto de PP*] Não é uma atitude diretiva, jamais. Portanto, tenho, tento ganhar ..., entre eles, estabelecer com eles um clima de confiança, para que..., possamos crescer juntos. Portanto, eu aprendo com eles e eles podem aprender comigo, mais ou menos nessa base.

[*Relação fora da prática pedagógica*] É boa, é boa. Eu não quis dizer que era boa a anterior porque é um bocado redutivo, não é (?). É bastante boa, mesmo. A relação estabelecida nos dois casos, não é(?), eu não quis logo dizer que era boa no outro para não ser subjectiva, não é(?).

[*Se a relação fora da prática fosse diferente, isso influenciaria a prática*] Não, não, porque ..., quer dizer, nós temos que saber em que campos nos movemos, não é(?), e temos que ter a atitude certa para o ambiente certo, não deixando, propriamente, transparecer ou influenciar-nos por situações subjectivas, quer dizer, se eu não achasse que fossem pessoas..., ah..., que estivessem muito de acordo com o que eu gosto de ser, desde que a prática estivesse correcta não influenciaria em nada a minha postura. Tentaria, não é(?).

[*Como caracteriza o clima de supervisão que preconiza*] É uma supervisão, se eu pudesse dizer que é uma supervisão reflexiva, acima de tudo, eu diria, eu empregaria essa palavra. Tento otimizar, ao máximo, o sentido desta prática, é só.

[*Considera que esse clima influencia a prática dos supervisandos ou poderia ser diferente*] Penso que sim, penso que sim. (...) “Ai, as actividades que desenvolve são inovadoras”. São inovadoras não, já fazem prática da minha vida, tento é crescer um bocadinho todos os dias, é só isso. E com eles, realmente, tenho essa hipótese, não é (?). É um género de reciclagem que a gente faz, já são muitos anos de curso, de docência.

[*Representações acerca dos efeitos da sua acção nos supervisandos*] Penso que contribui para que gostem do ensino como eu gosto.

[*Dificuldades encontradas enquanto professora cooperante*] Não tenho, não tenho encontrado. Para além desses 4 dias, eh..., que é do, do currículo do próprio curso, que tem a ver com o currículo do próprio curso, eu não tenho dificuldades com nenhuma das outras coisas, até agora, ou com qualquer dos supervisores da ESE. Mesmo em relação ao trabalho.

[*Dos supervisandos*] Completamente mesmo em relação a essas práticas. Há alturas, há, há conteúdos que talvez lhes sejam mais difícil desenvolver, difíceis de desen-

volver, ah..., sei lá, nomeadamente a Matemática que é uma área em que eles talvez se sintam menos à vontade. Não me tou a reportar, propriamente, a este ano, tou a pensar em anos anteriores, ah..., mas, por acaso, este grupo que eu tenho este ano, inclusive, se não sabe como, tenta procurar junto de professores da ESE, ah..., junto de mim para chegarmos a um acordo antes de, na planificação claro, antes da actuação.

[*Como entende o seu papel na supervisão da PP*] O meu papel? Também é de mediadora.

[*Aspectos positivos e/ou negativos que considera resultarem das suas práticas supervisivas*] Olhe eu penso que posso contribuir e tento passar a mensagem a todos, se, se isto, e isto é o que se deve, é o recado a transmitir, a ideia que estamos aqui todos para crescer e que estamos aqui todos para aprender uns com os outros, portanto, não somos detentores de todo, nenhum de nos é nunca, nunca é detentor da, da totalidade do conhecimento. Portanto, eu tento ..., que todos façamos, é que crescamos um bocado, dia a dia, para podermos otimizar o sucesso educativo de quem temos em crescimento também.

[*Nas reuniões que estabelece com os supervisandos, promove ou propõe o desenvolvimento de competências educativas*] Sugerir a partir da reflexão deles, portanto, eu pergunto: o que achariam correcto, ou mais vantajoso, fazer face a determinada situação? A, B ou C ou o aluno A, B ou C depois das..., das ideias deles terem sido..., postas em mesa, aí podemos chegar a um consenso, mas, mas é mais por sugestão, não minha, mas das experiências também deles.

[*Estratégias utilizadas para promover formas de actuação em situações de desempenho difíceis*] Que eles estejam atentos, essencialmente, que..., que eles sejam muito reflexivos, portanto, que não concluam que todos os dias acabou da melhor maneira. Que perguntem sempre porquê, o que é que falhou, onde é que eu posso ser melhor, se não falhou nada, tanto melhor, mas onde poderá ser melhor, ah..., verá, com certeza, as estratégias e as respostas necessárias a uma boa actuação no dia seguinte. Por aí.

[*Os supervisandos, face a situações difíceis, têm reagido bem*] Muito bem. Muito bem.

[*Iniciativas promovidas no sentido de ajudar os supervisandos a desenvolverem-se pessoal e profissionalmente*] Tento ..., tento mostrar-lhes ..., este, este..., tento que eles sejam activos, tento mostrar-lhes desde ..., livros, a materiais, a recursos que podem utilizar, dentro das diferentes temáticas, tento levá-los a um conhecimento bom do meio onde estão a exercer, e tento essa história, e tento que aprendam todos os dias um bocadinho.

[*Orientações dadas aos supervisandos que se deparam com problemas na sua prática lectiva*] Dou-lhes ânimo, encorajo-os e que sejam interventivos, porque se não forem não vale a pena cá estarem.

FIM

1º TRATAMENTO DA ENTREVISTA C 3

[*Habilitações académicas*] Tenho o curso de formação de Professores de 2º ciclo, variante Português/Inglês, Ensino Básico, (...).

[*Tempo de Serviço*] Tou no sétimo ano de serviço.

[*Situação profissional*] Professora do Quadro de Zona Pedagógica.

[*Tempo de serviço como professora cooperante*] É o primeiro ano.

[*Número de supervisandos na sala*] 2.

[*Como caracterizaria esse grupo de supervisandos, ao nível do desempenho*] Os dois são muito distintos. Um empenha-se muito nas situações e integrou-se perfeitamente na turma e está perfeita à vontade, perfeitamente à vontade com a turma, com a escola, com a coordenadora, com, com toda a gente. O outro elemento do grupo nem por isso, tá muito distanciado da escola, é só mesmo fazer o trabalhinho de casa e pronto, sair. E então eles têm um comportamento muito distante. Um também muito mais próximo de mim, trocamos muitas opiniões, ah..., digamos, tá a trabalhar com rede, trabalhamos em conjunto pra, prá coisas correrem bem. e, com o outro elemento do grupo isso não está a acontecer.

[*Número de vezes que reúne/articula com os supervisores da ESE*] (...) com a colega que está agora como orientadora, que veio auxiliar o professor “S 0” , fizemos, quer dizer, formalmente, um encontro, uma reunião, para reflectirmos sobre a prática. Ah..., depois, ocasionalmente, quando a colega vem observar, pronto, observar os alunos em prática pedagógica, que nós trocamos algumas impressões.

[*Esse tempo é suficiente para apoiarem os alunos*] Não. Mais vezes era bom, provavelmente, as coisas correriam melhor.

[*Clima que se estabelece entre o supervisor da ESE e os alunos*] Eu acredito que seja de abertura, a todas as situações. Eu também estou predisposta a tudo, mas acho que não consegui chegar lá, pelo menos a um dos elementos do grupo. Ao outro, perfeitamente à vontade. Eu tentei, mas acho que não consegui chegar, a um deles.

[*Número de vezes que reúne com os supervisandos*] Com um dos elementos semanalmente, normalmente ficamos sempre a reflectir. Com a outra, pronto, com o outro elemento ..., do grupo..., ah..., muito pontualmente e às vezes durante mesmo o dia da prática é que eu interfiro alguma coisa, digo e dou feedback de alguma coisa, porque raramente tem tempo.

[*Assuntos tratados na reunião*] Nesses encontros portanto, situações ah, que foram..., pronto, bem exploradas na sala, ou que, houve algum, situações menos positivas, é..., basicamente, reflectir sobre o trabalho que foi feito.

[*O ambiente onde estão a desenvolver a prática parece-lhe propício para o desenvolvimento deles, a nível profissional*] Eu acredito, esta turma, eu acho que..., inseriu, é uma turma, que ..., não há turmas perfeitas e tem sempre casos especiais, mas

acho que é uma turma que..., é perfeitamente acessível para se fazer, para se trabalhar a PP. São alunos do 1º ano e que ..., não há alunos mal comportados, ah..., e o contexto sala de aula, até agora, não houve problemas. E acho que a relação que a escola gosta de estabelecer com os alunos da PP também é excelente, partindo muito da coordenadora que sempre foi uma colega que enquanto teve..., turma, também foi sempre professora cooperante. E, como eu disse, um dos elementos do grupo envolveu-se perfeitamente com a escola, integrou-se e está perfeitamente à vontade com as colegas, com a coordenadora, com os alunos, com este meio todo, e o outro não, o outro elemento nem por isso. Mas eu acredito que o problema não é da escola.

[*Como caracteriza o grupo de supervisandos, o seu trabalho*] (...) Quer dizer, um dos elementos, ah..., que está a fazer PP, tem corrido melhor, eu acredito porque eu tenho conhecimento daquilo que ele vai fazer, não é (?), nós falamos tudo, eu, eu recebo a planificação antecipadamente, todos os trabalhos que ele pretende desenvolver, e então, acaba por correr melhor porque há mais coerência, nós falamos sobre o assunto e as coisas acabam por correr bem. Com o outro elemento do grupo, acabo por ter que interferir muitas vezes porque as coisas não correm da melhor maneira, por falta de informação, minha, acerca do trabalho que iria ser feito, que eu não concordo, pelo menos, eu não tenho experiência como professora cooperante, é o 1º ano, e, francamente, não estou satisfeita. Porque eu faz, eu recorde-me da minha PP, do que eu trabalhei na minha PP e da forma, não quer dizer que as coisas não evoluem e não se tenha que melhorar, não se tenha que dar mais autonomia aos alunos que estão em PP, mas nós temos uma turma, eu tenho uma turma, que sou responsável por ela, certo (?). Eles estão aqui, eu sou responsável. E eu não posso entregar nas mãos de um professor em PP, assim, toma, a turma é tua, faz o que quiseres. As coisas têm que ser, tem que haver coerência no trabalho, tem que haver uma lógica, tem, tem que haver uma trabalho por trás um pouco em conjunto, não é um trabalho só autónomo, e faz, e..., porque há muitas coisas a aprender, eu também estou a aprender e eles também estão a aprender. Não tenho muita experiência, muitos anos de serviço, mas provavelmente há coisas que eu, já sei que, antecipadamente, não podem ser feitas de determinada maneira e que se eu conseguir passar essa informação é desnecessário esse erro ser cometido. E ..., e com um dos elementos do grupo isso não, isso tem acontecido frequentemente, e, então, tem havido situações pontualmente menos agradáveis.

[*Como reage face a essas diferenças*] Eu tenho uma maneira de pensar e de ver as coisas (...) o aluno em PP, pronto, o futuro professor, estão prestes a concluir a licenciatura, que, até agora, tem-se mostrado empenhado, integrado na escola, na turma, participa em visitas de estudo, ah..., vai até À cantina com os miúdos, ajudados, integrou-se perfeitamente, tá perfeitamente integrado. Eu com ele tenho um relacionamento diferente que não tenho com o outro elemento do grupo, que se distancia de tudo, eu tento chamar à atenção, mas o feedback que eu tenho é que eu sou intransigente, e então, eu considero que não tenho que estar a dizer as coisas muitas vezes, porque somos adultos e acho que é desnecessário estar-me a repetir, eu, eu dou opiniões, dou a minha opinião, manifesto-me, pontualmente, se as coisas não são, não alteram o rumo, eu não vou estar, constantemente, a bater na mesma tecla, como se costuma dizer.

[*Quais as características necessárias para se ser um bom professor*] Ah..., pra já, ter um espírito aberto, sensível, porque..., numa sala de aula nem sempre aquilo que se

planifica é aquilo que se acaba por fazer, não é (?). (...) Ah..., deve ser, eu acho que a amizade também, é um valor que se, que deve estar sempre presente na sala de aula, entre os alunos e o professor. Pronto, basicamente por aí.

[*Para ser um bom professor um supervisor deverá*] Sim. E claro, ter as competências científicas e académicas necessárias.

[*Considera que os supervisandos possuem essas competências*] É assim, concretamente em relação aos dois, dois supervisandos que eu tenho, um deles é muito empenhado, muito esforçado, ah..., pronto, tem algumas lacunas, ah..., que não foram preenchidas, portanto, é um aluno de um meio socialmente, social, um pouco distante, um meio rural, não é urbano, mas às vezes em termos, ah..., ah..., há alguns erros gramaticais que são aplicados, que são, a falar na sala de aula e ele sabe e eu corrijo e ele está perfeitamente à vontade com isso. É, é muito humilde, é uma pessoa muito humilde, e assume os erros e assume, digamos, a capacidade, não é limites, não vou chamar limites que as pessoas não são limitadas, não é (?), mas pronto, as capacidades que tem, mas trabalha e empenha-se muito, esforça-se muito e consegue valorizar aquilo que, que sabe. O outro lado, pode ser uma..., uma aluna com muitas capacidades, mas que pra mim, não passam tudo, não passa da teoria, do saber escrever, do saber utilizar as palavras para descrever situações, mas a relação dela com a turma, com a escola, com o saber estar aqui, pra mim, deixa muito a desejar. E ela própria já admitiu que não tinha jeito pra isto.

[*Sente-se motivada para ter aquele grupo dentro da sua sala*] Não, tenho vindo a ficar muito desmotivada ao longo deste ano lectivo. Realmente, o que me dá mais motivação é realmente o trabalho que estou a fazer com um dos elementos do grupo, sim. Ainda ontem ele veio cá mostrar-me aquilo tudo que tinha pra fazer se, se..., se eu achava que ele tinha alguma coisa que podia melhorar, mostrar planificação, tudo. Tenho conhecimento sempre das coisas e tivemos a conversar. Ah..., do outro lado não... Tem sido muito complicado gerir algumas situações.

[*Relação que estabelece com os alunos, em contexto de PP*] Eu esperava que fosse uma boa relação, pelo menos com um dos elementos do grupo não tenho problemas e não temos tido. Com o outro elemento do grupo, pelo que eu já li, algumas reflexões, alguns apontamentos, eu sou, intransigente, abuso da autoridade e interrompo demasiado.

[*Relação fora da prática pedagógica*] Com um deles acabamos por ter uma relação cordial, de amizade, e, e..., pronto. Com o outro, não se aplica. Não há relação fora da PP.

[*Considera a relação que estabelece com a outra supervisanda um ponto negativo no desenvolvimento dela*] Quer dizer, nós não tínhamos, necessariamente, de estabelecer uma relação fora deste contexto, para..., agora dentro do contexto da sala de aula e do contexto da PP as coisas não estão a correr bem, não sei se seria necessário ter essa relação fora deste contexto, para melhorar o que está cá dentro, mas se calhar, ajudava. Se houvesse um relacionamento diferente, de maior compreensão, diálogo e tudo, realmente ajudaria e alteraria o comportamento e as atitudes dentro da sala de aula. Mas, não sei, nunca houve abertura pra tal. Pois, eu não considero que seja erro meu, pois uma vez que tenho uma relação aberta com o outro elemento

do grupo, não acredito que seja um problema meu, porque eu estive, mostrei-me disponível, prós dois.

[*Como caracteriza o clima de supervisão que preconiza*] Eu sinto-me perfeitamente à vontade com eles. Eu esperava que eles sentissem o mesmo. Acredito que, que um dos elementos sim mas, pelo que eu me apercebo, não que me seja dito directamente, mas por aquilo que eu li, ah..., que se sente pressionada, que se sente, não é pressionada, que eu abuso da autoridade, acabo por interferir e, e pronto, que não sou aberta a..., a novidades, mas eu, recuso-me a aceitar, que uma aluno em PP, aliás, recuso-me a aceitar que qualquer colega meu ou qualquer colega, que, a trabalhar com crianças, de seis anos, e estamos, é um ano de escolaridade onde eles, eles absorvem tudo, é tudo novo, é tudo novidade, e se as coisas forem trabalhadas com uma forma lúdica, uma forma interessante, as coisas correm muito melhor. Eu recuso-me a aceitar, de vir praqui e tar, trabalhar com eles um algarismo novo, uma quantidade nova e chegar aqui de braços cruzados e: ó meus meninos, hoje vamos aprender um número novo, hoje é o numero nove, vamos contar até nove. Eu acho isso ridículo, perfeitamente ridículo, e foi isso que aconteceu, em contexto sala de aula, uma aluna em PP. E isto é um exemplo, que eu estou pronto, pra concretizar a situação, pra conseguir compreender. E já me perdi, que já não sei qual foi a pergunta que me fez. Pois, isso tudo, e depois, como eu acabo por interferir, porque eu não considere essa, foi um exemplo, ah..., que ela estivesse a ir por um bom caminho, acabo por interferir, como não sabia, não fazia a mais pequena ideia como é que ela iria fazer, iria trabalhar alguns conteúdos, acabo por interferir mais, mas ela considera isso um aspecto negativo. Que eu interfiro de mais, que eu abuso da autoridade e que sou intransigente.

[*Considera que esse clima influencia a prática dos supervisandos ou poderia ser diferente*] É obvio que sim.

[*Representações acerca dos efeitos da sua acção nos supervisandos*] É como eu digo, eu tenho, como só tenho 2, acabo, ponho-os sempre numa balança e comparo, ah..., eu não sou detentora do saber e..., e..., e de tudo aquilo que se faz dentro da sala, mas, ah..., quando há um erro tento corrigir, tento que eles façam da melhor possível, da melhor maneira possível, para melhorar a situação. Agora, ah..., de um lado eu vejo, há um feedback e eu vejo que as coisas são perfeitamente aceitáveis e há essa hipótese. Do outro lado, não consigo ver isso. Não consigo chegar lá.

[*Dificuldades encontradas enquanto professora cooperante*] Essa é uma das dificuldades, portanto, tem sido o trabalho a realizar com um dos elementos, com um dos supervisandos. Depois, eu considerava que seria essencial, mais encontros, mais reuniões, mais reflexões sobre a prática concreta, sobre os dias de prática que são realizados com o orientador da ESE, com o professor, neste caso seria o professor "...” até então, ou agora com a colega, porque provavelmente se tivesse havido mais diálogo, as coisas até poderiam ter, ter melhorado, com o outro supervisando, porque, se calhar, se ela ouvisse de um lado e doutro talvez conseguisse compreender que o erro ou problema não será meu, porque acho que ela já pensa que eu impliquei com ela ou coisa do género, não sei, talvez a falta de, de, de comunicação, a falta de encontros concretos, portanto formais com o professor, o formador da ESE, seria, acho que é uma, uma das falhas.

[*Reacção face a situações de supervisão difíceis*] Ah..., por norma, ah..., ou se..., se, se o, se o aluno, portanto se o futuro professor estiver a falar directamente com os alunos, ah, normalmente, não o interpele, assim, falo com o colega e digo, olha, já passas pelo colega e dizes para desdizer o que disse ou para dizer isso de outra maneira, tento passar a mensagem, assim, de forma a que os alunos não se apercebam, para eles não caírem em descrédito, nem serem desautorizados, ah..., mas, às vezes, há situações assim mais graves ou mais drásticas que acabo por interferir directamente, mesmo à frente dos alunos, confesso.

[*Como entende o seu papel na supervisão da PP*] Eu parece-me que tive dois papéis distintos (*risos*), porque consegui, acho que da melhor forma, trabalhar com um dos alunos, um dos supervisandos, conseguimos que as coisas corressem razoavelmente bem. Ah..., com a outra supervisanda, não sei o que é que aconteceu, não sei o que fiz de mal, não sei, provavelmente se tivesse mais experiência nestas andanças, como as colegas que estão cá na escola, eu conversava bastante com os colegas que já têm tido grupos em PP e não consegui chegar..., não conseguimos estabelecer uma relação, digamos, eficaz de forma a que ela depois pudesse produzir um trabalho, também realmente eficaz dentro da sala de aula, mas, não sei. Eu tentei fazer o melhor, mas acho que não consegui.

[*Aspectos positivos e/ou negativos que considera resultarem das suas práticas supervisivas*] (...) eu acho que, nós tamos, nós tamos aqui então, como professores estamos sempre a aprender e, ah..., três pessoas numa sala de aula acabam por poder, se souberem trabalhar em conjunto até, conseguir fazer um trabalho muito mais diversificado e, então, principalmente o apoio directo aos alunos é muito positivo, porque somos mais e os alunos com dificuldades, conseguimos gerir este espaço e conseguimos apoiá-los, portanto, isso será o aspecto positivo. O aspecto negativo tem sido provavelmente a dificuldade de, digamos de relacionamento, não é assim, não nos damos mal, não andamos aqui sempre, mas, com um dos supervisandos, que depois acaba por, originar situações na sala de aula menos positivas.

[*Nas reuniões que estabelece com os supervisandos, promove ou propõe o desenvolvimento de competências educativas*] Eu gosto muito de fazer a reflexão com eles, ah..., depois do dia de, de, de prática porque é importante olharmos aquilo que se fez, aquilo que se podia ter feito melhor, aquilo que se podia ter feito de maneira diferente e porquê e fazer com que eles cheguem lá por eles próprios, descobrir os erros, gosto de fazer isso no final do dia, porque acho que é uma forma de promover, de melhorar a..., a..., e, provavelmente ter consciência daquilo que se fez, às vezes, inconscientemente, coisas que se fazem, e acho que seria a melhor maneira, a única maneira de tratarmos, portanto, de chegarmos ao desenvolvimento, não é (?), das competências deles. Mas, com um deles consigo fazer isso, com o outro raramente, nunca tem tempo.

[*Como é que os supervisandos reagem face a situações difíceis que vão encontrando*] Situações difíceis, também até agora não tem sido geradas situações assim, muito complicadas, situações graves, dentro da sala de aula, mas a..., a..., um acaba por se exaltar mais e trata das coisas assim sob ameaças, faz isto senão, o outro, por via do diálogo e do..., a..., do reforço positivo. Ele utiliza muito o reforço positivo com os alunos. Acaba por conseguir gerir melhor estas situações, mais confusas na sala de aula, ele apela aos sentimentos dos alunos, tipo “vê lá, então eu sou teu amigo, então



fizemos as coisas ali fora, e tivemos a brincar e agora”, chega por esse lado. Do outro lado as coisas não acontecem assim.

[Estratégias costuma promover para desenvolver formas de actuação dos supervisandos nas situações difíceis] Nós conversamos sobre isso depois das situações ocorrerem, normalmente, não é(?), depois conversamos para tentar chegar à conclusão de qual seria a melhor forma de gerir essas situações. Cada situação é uma situação e às vezes, pontualmente, temos de ter comportamentos diferentes, o resto é pela via do diálogo.

[Situações que acha que podem dificultar o desempenho dos supervisandos] Eu acredito que, que a falta de comunicação entre o supervisando e o professor cooperante a..., é uma falha muito grave, porque, eu como disse, eu sinto-me responsável pela turma, eu não vou entregar a turma como “olha toma, a turmas é tua estes dois dias”, agora são dois dias, eram quatro dias, “faz o que quiseres”. Eu não posso permitir que isso aconteça de dar a um aluno em PP, 4 dias, à sua responsabilidade, sem eu ter conhecimento daquilo que se vai passar, mas a supervisanda acredita que sim, que tem que fazer e eu não tenho que dizer e então isso tem sido complicado. Se me interessava muito ser professora cooperante, estava curiosa, curiosíssima como é que as coisas se iam passar, acabei por perder a vontade de voltar a experimentar.

[O que considera ser mais importante para um supervisando que se depara com situações difíceis] Saber gerir, gerir a situação dentro da sala de aula, do contexto da sala de aula, o saber gerir a..., saber, digamos, desvencilhar-se de uma situação a..., eu apelo sempre pela via do diálogo, sem se exaltar, que é o que acontece às vezes.

[Alguma coisa em relação aos supervisandos que queira dizer] Acho que já disso tudo. São muito distintos, os dois, efectivamente.

FIM



1º TRATAMENTO DA ENTREVISTA C 4

[*Habilitações académicas*] Licenciatura em 1º CEB. Primeiro fiz o Bacharelato, depois fiz o Complemento de Formação em 1º CEB.

[*Tempo de Serviço*] 11 anos.

[*Situação profissional*] QZP, isto é Quadro de Zona Pedagógica.

[*Tempo de serviço como professora cooperante*] 3 anos não consecutivos. Foram dois anos seguidos, há 3 anos atrás e agora mais 1 ano. 3 anos.

[*Número de supervisandos na sala*] 3, 3 supervisandos.

[*Número de vezes que reúne/articula com os supervisores da ESE*] Este ano está a ser muito complicado, pela primeira vez. Nunca aconteceu, tem sido muito complicado. De início era o “S 0” e não aparecia nunca, era uma articulação complicada, ele nunca veio à sala nem fez reuniões de articulação. Agora com a nova supervisora já tem havido mais conversas e já se tem tentado articular as coisas.

[*Esse tempo é suficiente para apoiarem os alunos*] É sempre pouco porque o tempo que temos não é muito. É melhor do que a anterior, porque não era nada. A “S 1” passa apenas 10 minutos na sala o que é pouco.

[*Número de vezes que reúne com os supervisandos, assuntos tratados na reunião*] Sempre que vêm dar aula, ao final do dia reunimos um pouco. No final da semana reúno com os que vão dar aulas na semana seguinte. Reunimos cerca de três vezes.

[*Assuntos tratados na reunião*] Conteúdos a trabalhar, actividades, isto na 3ª reunião. Nos dias em que dão as aulas falamos sobre o que correm bem, o que correu mal. Faço uma reflexão com elas para tentar melhorar.

[*O ambiente, onde estão a desenvolver a prática, parece-lhe propício para o desenvolvimento deles, a nível profissional*] É um bom ambiente. Têm todos os recursos é só pedirem. É uma boa turma para elas trabalharem. Tem alunos com dificuldades de aprendizagem o que é óptimo para elas trabalharem e perceberem que nem tudo é um mar de rosas.

[*Como caracteriza o grupo de supervisandos, o seu trabalho*] Trabalhadoras, empenhadas, mas diferentes entre elas. Um bocadinho diferentes. Vários aspectos. Tem uma com maior capacidade de comunicação com as crianças. Outra é mais tímida mas na teoria é muito boa, na preparação dos materiais, mas é muito tímida com as crianças. A terceira tem muitas dificuldades em aceitar o que lhe é dito, não aceita críticas, tem dificuldades em chegar às crianças. Desorienta-se com pouco e tem dificuldades em lidar com as crianças. Tem uma personalidade difícil.

[*Acha que as supervisandas estão motivadas*] Sim, as minhas estão.

[*Atitudes que costuma tomar face às diferenças existentes entre elas, se existem*] Eu costumo conversar com elas no final e aquilo que esteve mal dizer-lhes que esteve



mal. A atitude é a mesma para com as três, a diferença está nelas. Duas ouvem e tentam melhorar, a outra diz que sim mas não muda nada, é persistente.

[*Como se sente face a essas diferenças*] Sei lá. Vejo e falo com elas para melhorarem. As duas mais novas não é que tenham ... , a que comunica melhor com as crianças trabalha bem. A mais tímida tento dar-lhe força, animá-la, dizer o que deve corrigir e melhorar. Com a outra sinto-me desesperada, porque é uma pessoa teimosa e persistente e faz o que quer fazer. As outras mandam a planificação por mail ou vêm cá entregar para eu ver e corrigir. A mais velha não a consigo ajudar porque ela não entrega nada, nem materiais, nem planificação.

[*Quais as características necessárias para um supervisor ser um bom professor*] Deverá saber aceitar, ser aberta a mudanças, ter boa capacidade de comunicação, ser activa, dinâmica, ...

[*Estratégias que costuma utilizar para ajudar os supervisandos quando se encontram em situações difíceis*] Incentivá-las, ..., motivá-las, ...

[*Relação que estabelece com os alunos, em contexto de PP*] Boa, dou-me bem com elas, sabem que podem contar comigo para tudo. Estou sempre à disposição pra ajudar, dar ideias, ...

[*Relação fora da prática pedagógica*] Também é boa. Pouco me relaciono com elas fora da prática, mas também é boa.

[*Como caracteriza o clima de supervisão que preconiza*] Elas vêem-me como alguém com mais experiência que está aqui para ajudá-las, partilhar com elas o que sabe.

[*Dificuldades encontradas enquanto professora cooperante*] Ao nível, Sentir-me um pouco desamparada em relação à ESE. Recebi estágio mais ou menos ao longo de 6 meses, elas sempre a virem e não havia contacto nenhum, ninguém vinha observar, fala. Se soubesse que era assim nem sequer tinha pedido estágio.

[*Como entende o seu papel na supervisão da PP*] É um papel activo (...).

[*Aspectos positivos e/ou negativos que considera resultarem das suas práticas supervisivas*] Os aspectos positivos é que é muito gratificante receber estágio, na medida em que proporciono aos estagiários o contacto com a realidade. Outro aspecto positivo é porque são pessoas novas com novas ideias. Um aspecto negativo é por vezes prejudicar a turma por causa do estágio.

[*Nas reuniões que estabelece com os supervisandos, promove ou propõe o desenvolvimento de competências educativas*] Sim.

[*Reacções dos supervisandos face a situações difíceis de desempenho*] Depende, ..., depende. Há novamente umas diferenças. Uma consegue dar a volta às situações, adapta-se e resolve. As outras perdem-se um pouco, ficam atrapalhadas.



[*Como reage nessas situações*] Tento ajudá-las, chamo-as à parte, tento orientar, arranjar uma solução alternativa.

[*Iniciativas promovidas no sentido de ajudar os supervisandos a desenvolverem-se pessoal e profissionalmente*] Ah... Não sei. Alerto para materiais, indico materiais, pergunto se querem participar nas formações...

[*Orientações dadas aos supervisandos que se deparam com problemas na sua prática lectiva*] Depende da situação. Tento contornar essa, ..., é preciso ter flexibilidade para alterar as coisas e ultrapassar. Temos que improvisar.

FIM

1º TRATAMENTO DA ENTREVISTA C 5

[*Habilitações académicas*] Tenho o Magistério Primário, depois tenho, na altura fiz o 11º, o complemento. Na altura fiz o Magistério Primário só com o 9º ano, depois vim pró Liceu, vim fazer o 1º ano, antigo 7º ano dos liceus, e..., agora, mais tarde, (...) fiz um curso, fiz na Universidade Aberta, fiz um completamento de habilitações de 2º ciclo, Português/História.

[*Tempo de Serviço*] 31 anos.

[*Situação profissional*] Professora do quadro, (...) agora é do Quadro de Escola (...).

[*Tempo de serviço como professora cooperante*] (...) 6 anos, 6.

[*Número de supervisandos na sala*] 3.

[*Concorda com esse número de alunos por grupo, acha vantajoso*] Concordo, sim. Tá bom. Acho que é um bom número.

[*Número de vezes que reúne/articula com os supervisores da ESE*] Portanto, neste momento, (...) aqui supervisionar, ele costuma vir aí uma vez por semana, às vezes não vem. Vem de quinze em quinze dias talvez, também, por exemplo, eles também, eles também não ..., agora desde, agora nesta segunda fase, neste segundo semestre os dias têm sido muito poucos, esta semana é um dia, a semana passada foi um dia, outra semana foi um dia, outra semana foi um dia, também, como é que é possível reunir (?), não dá. Este segundo semestre tem sido muito difícil para reuniões e tem sido muito, portanto, tem sido muito reduzido o número de aulas, o número de horas. Tem sido só uma semana, desde a Páscoa, tem sido só um dia por semana.

[*Esse tempo é suficiente para apoiarem os alunos*] Sim, são.

[*Número de vezes que reúne com os supervisando, assuntos tratados na reunião*] Com eles, eu todos os dias falo com eles. Todos os dias falo com eles, assim, no fim do trabalho, falamos, trocamos impressões logo, assim no momento, não se guarda. Quer dizer, depois há outras, depois vêm aqui à quinta-feira ou à sexta-feira, porque se há qualquer assunto pendente, também, fora desses dias também, normalmente, também encontro-me com eles, pronto, mas não é assim os três reunidos e ali a falar sobre as aulas.

[*Costuma falar só sobre as aulas nesses momentos*] Ah..., sim. Sobre as aulas ou sobre outro, pois sobre os projectos, por exemplo, (...). Por exemplo, na sexta-feira, quinta, quinta foram à Universidade, vieram buscar os alunos foram..., foram gravar, depois tivemos aqui a conversar um bocadinho. Ai tem sido assim, tem sido muito trabalho fora do dia, desse, do dia.

[*O ambiente, onde estão a desenvolver a prática, parece-lhe propício para o desenvolvimento deles, a nível profissional*] Sim, sim. Acho que a turma é uma turma boa e que a escola tem todas as condições para, para a prática, para o estágio.

[*Como caracteriza o grupo de supervisandos, o seu trabalho*] São pessoas responsáveis, portanto, são responsáveis, agora já noto mais maturidade, no princípio achava pouca maturidade, agora já são pessoas, já noto com mais maturidade, a dominarem melhor a turma, mas são pessoas responsáveis. São pessoas, são pessoas responsáveis.

[*Existem diferenças entre os supervisandos*] (...)todas as três são diferentes, (...). As três são diferentes. (...) em vários aspectos, por exemplo (...) uma miúda que não é portuguesa, não sei se ela é argentina, portanto, tem, às vezes, alguma dificuldade, quer dizer, dificuldade em pronunciar porque ainda tem um bocado a pronuncia espanhola, (...), aquela pronuncia, (...) que é um bocadinho diferente. Ah..., além disso, cada uma tem a sua maneira (...) de estar perante os alunos, (...). (...) elas são ligeiramente diferentes mas são pessoas que trabalham, que se interessam, são pessoas muito interessadas e são pessoas responsáveis. São pessoas que, que preparam sempre os materiais, trazem sempre as aulas preparadas e a nível disciplina, por exemplo, com os alunos (...) nas três, pois, pode haver uma que seja assim um bocadinho melhor para, uma talvez que segure melhor nos alunos, as outras têm um bocadinho mais de dificuldade em segurar os alunos.

[*Como reage face a essas diferenças*] (...) principio, portanto chamei à atenção para elas tentarem corrigir, porque, se elas têm dificuldade em controlar os alunos, pois se arranjam actividades ou estratégias em que os alunos, em que há trabalhos de grupo, em que as aulas são muito movimentadas, se elas já têm essa lacuna, portanto, elas, elas é que vão fazer, elas fazem aquilo que querem (...) mas eu pelo menos eu sugeria logo. Olha, pois, fujam dessas actividades, façam outro, utilizem outro método, outra estratégia pra resolver o assunto. Até que, a ver se eles ficam um bocadinho mais calmos e a ver se conseguem controlar, senão, às vezes, não era fácil. Alerto, alerta para as dificuldades e tento que elas resolvam as dificuldades. E se vir alguma dificuldade assim grande, no momento, discretamente, (...), pois tento, não, tento que elas não, não caiam nos erros e não se afundem, não, não deixo de maneira nenhuma que, a existência de problemas.

[*Quais as características necessárias para se ser um bom professor*] Ai, ai, pra ser um bom professor, ai, ai, há tantas coisas. Há muitas, mesmo muitas, pronto, para já é ter os conhecimentos, ser capaz de transmitir e ter os conhecimentos para os transmitir, pra já e esses, e depois é sabê-los transmitir, mas ter empatia com os alunos, portanto saber, ter empatia com os alunos. Portanto, primeiro que tudo é ter empatia com os alunos. a partir desse momento, de ter empatia com os alunos, depois é tentar ir-lhe dando, ir passando a mensagem e ir levando-os a adquirir as competências que, do programa, pronto. E deve ser uma pessoa, portanto, os instrumentos devem ser o mais variados possível, portanto, devem mudar o máximo, devem e..., devem tentar desenvolvê-los a todos os níveis.

[*As supervisandas que tem na sala estão nesse caminho*] Eu acho que sim, mas pronto, ainda têm um longo caminho a percorrer, (...), mas eu acho que sim, acho que elas são pessoas que..., pronto, são pessoas que são responsáveis no, no aspecto de, de criar um bom ambiente, de haver um bom ambiente na turma e tentar também ensinar-lhe, a passar, tentar que eles adquiram as competências que são necessárias. Que é isso que também que é obrigatório, (...). as competências a todos os níveis, não é só, a todos os níveis, e forma-los uns cidadãos completos, (...), e porque nós

aqui, eu aqui na minha sala trabalho muito esse aspecto. (...) nós trabalhamos assim, à base de motivações e coisas diferentes, portanto, aqui elas vão preparadas e as minhas aulas são assim. São aulas assim, sempre com motivações, sempre com coisas diferentes e ir aproveitando tudo aquilo que vai aparecendo.

[*Para além de estar motivada dentro da turma, as supervisandas também estão*] Claro, exactamente, elas também tem de trabalhar, elas têm de trabalhar, mas toda a gente tem de trabalhar, mas quem é que não trabalha comigo (?). Ai, trabalha-se sempre. E elas trabalham, trabalham, eu acho que este tipo de trabalho é um tipo de trabalho que motiva, porque às tantas, por exemplo elas agora, embora, de principio podem tar um bocadinho com dificuldade, mas às tantas eu chego ao mês de Novembro, Dezembro e elas começam a entrar neste mundo da turma. E então começamos a ser todas a puxar para o mesmo sítio. E é necessário ser um, portanto, para se trabalhar é necessário ser uma equipa, é necessário que todas as pessoas puxem para o mesmo lado e que elas estejam também interessadas. E eu penso que este tipo de trabalho, para mim é mais fácil no tipo de avaliação, porque eu tar a dar avaliação com as aulas só dadas aqui na sala de aula para mim é muito pouco, eu quero criatividade, porque sem criatividade não se vai a lado nenhum. Eu penso que uma professor que não tenha criatividade não, não, é muito, pode apanhar uma nota altíssima aí e podem-lhe dar aí na Universidade, podem lhe dar na ESE, um 17, mas eu, como vejo tantos 17's que não têm valido nenhum, como eu vejo alguns que valem muito, mas vejo outros que são, que não valem nada, que só são pessoas que aprenderam ali meia dúzia de coisas e pronto e que sabem ou dar um bocado de gracha ou não sei que mais, e como eu detesto isso, sou muito contra isso, portanto, a minha maneira de trabalhar é assim. E como é assim, elas vêm pra aqui e pra provarem aquilo que valem elas têm de fazer coisas criativas. E elas têm correspondido. Eu acho que as pessoas, todas as pessoas gostam deste tipo de coisas, gostam os alunos e gostam as supervisandas, gostam todas as pessoas gotas. Porque às vezes as pessoas gostam, começam-se a meter nas coisas e depois as coisas vão aparecendo e depois gostamos, (...)

[*Uma turma dinâmica*] Uma turma dinâmica e uma turma à base, sempre, de projectos e de concursos, nós praticamente o trabalho é sempre feito à volta dessas coisas, sempre.

[*Relação que estabelece com os alunos, em contexto de PP*] É boa. Eu considero como umas pessoas minhas amigas e tou à vontade com elas e penso que elas estão à vontade comigo, penso eu. Pelo menos eu esforço-me por isso.

[*Relação fora da prática pedagógica*] Fora da PP não há muita, fora da PP não há assim muita. Portanto, eu não, não vou lanchar com elas, não vou almoçar com elas, portanto, fora da PP praticamente nenhuma, pelo menos até ao momento.

[*A relação estabelecida em contexto da PP favorece o desenvolvimento profissional delas*] Sim. Sim, sim, sim. Eu sempre fui..., até porque eu gosto que as pessoas, as pessoas devem ser livres, (...), mas pronto, se vejo alguns erros ou algumas coisas que considero erros, pois também perco a consistência, gosto de aconselhar. Se bem que as pessoas devem seguir sempre o caminho que elas entenderem não, não tou aqui pra indicar soluções, não é(?), isso se depois surgir certas atitudes que considere

mais correctas ou certas..., certas estratégias, mas elas são livres de seguir aquilo que elas entenderem, não é(?).

[*Como caracteriza o clima de supervisão que preconiza*] O meu clima. Eu pra já, pra já é o..., é o prazer que tenho em poder ajudar as pessoas a, portanto, baseado na minha experiência, porque já tenho muitos anos de experiência e penso que tenho tido algum sucesso, felizmente, tenho tido algum sucesso, portanto, penso transmitir esse sucesso e partilhar a minha experiência, portanto, dá-me prazer em partilhar a minha experiência com outras pessoas e poder ajudar outras pessoas. Poder passar a mensagem (...) e pra evitar que elas errem como eu já errei assim em certas coisas pois, se puder ajudar pois tanto melhor. (...) sinto prazer em ajudá-las. E também, quando vejo e, se, se vir que as coisas não tão a correr bem, pois gosto que elas também reflectam sobre isso e que sigam o seu caminho. Não quer que elas me vão seguir a mim. Elas cada uma segue o seu caminho, à sua maneira.

[*Representações acerca dos efeitos da sua acção nos supervisandos*] Eu não sei, sinceramente não sei. Não sei. Não sei. Não sei.

[*Como é que acha que a sua forma de actuar se reflecte nos supervisandos*] Pois, eu penso que..., tem influência. (...) Eu penso que isto depois acaba por ser assim, uma certa cumplicidade, (...) até porque, se elas sabem que eu gosto de determinadas maneiras de actuar, pois elas, de certas maneiras, pois elas, irão procurar fazer assim desse modo, (...). Mas, eu penso, eu tento dar-lhes a maior liberdade possível, (...) pois, pode ser que influencie. É natural que influencie, mas, assim muito não sei. Não sei o que é que influencio.

[*Como entende o seu papel na supervisão da PP*] Penso que o meu papel é muito importante, porque tou aqui as horas todas com elas e sou eu que vejo aqui as muitas horas e..., vejo as programações antes, e vejo as folhas, todos os trabalhos que elas dão aos alunos, todas as fichas de trabalho que elas dão aos alunos e eu antes vejo-as sempre. Eu penso que o meu trabalho é muito importante, muito importante mesmo, ah..., pra elas. Eu penso que é muito importante, penso que é um trabalho muito importante, um trabalho de muita responsabilidade e penso que é um trabalho muito importante, porque é preciso, portanto, ter muita atenção e, e é necessário a pessoa se dedicar um bocado, não, não. Portanto, é necessário haver dedicação porque se não as coisas nem sempre poderão funcionar tão bem, pronto, poderão funcionar, elas poderão não aproveitar aquilo que deve, que podem aproveitar.

[*Aspectos positivos e/ou negativos que considera resultarem das suas práticas supervisivas*] Olhe, eu pra já penso, uma coisa que eu costumo exigir muito delas, exigir, exigir ou, pronto, ou ver que realmente dou muita importância a isso é a pontualidade, acima de tudo, pontualidade. As pessoas têm de ser pontuais. Pra mim pontualidade é chegar 5 minutos antes. Chegar 5 minutos antes e pronto, pra já, acima de tudo, pontualidade. São aspectos, e que eu tento que elas se habituem logo a fazer essas coisas e se, quando não fazem pronto, se não fazem, ou se vir que as coisas andam assim a, pronto, não andam assim tão bem, também chamo logo à atenção e gosto de fazer, e gosto de ser logo muito franca com elas e gosto de dizer tudo, quer dizer, eu acho até um aspecto positivo. Portanto, eu digo logo aquilo que penso, digo, digo, digo as coisas todas, não fico com as coisas em caixinha nem nada disso. Eu digo logo as coisas todas, digo logo, digo logo tudo e digo logo pela frente. Eu digo

logo, aquilo que acho eu digo logo, digo. Como aspectos negativos não sei mas, não sei quais são. Poderão ser, eventualmente, alguns, não sei. Às vezes posso ser um bocadinho exigente à, e sou, e sou, muito..., de trabalhar muito. Muito dinâmica. Muito, muito, para não perder tempo. Para mim o tempo é muito importante e então sou sempre terrível para exigir muito. Sou muito exigente no aspecto de, portanto, do tempo, do aproveitamento do tempo, não gosto de tempos mortos, não gosto de ter pessoas a, os alunos que não estejam a trabalhar, eles têm que tar sempre a trabalhar, e então aí posso ser um bocadinho po tipo, posso ser um bocadinho chata. Assim, nesse aspecto, posso ser um bocadinho chata, porque, sou muito exigente, nesse aspecto e não gosto, não gosto dos tempos mortos, não gosto, nunca gosto que os alunos estejam parados, eles têm que arranjar, tem que haver sempre trabalho pra eles e..., pronto, e posso ser aí, posso talvez aí exagerar algum bocadinho. Se calhar exagero.

[Nas reuniões que estabelece com os supervisandos, promove ou propõe o desenvolvimento de competências educativas] Nelas o que, notei mais na troca de impressões ou nas criticas que faço à actuação delas, como a nível de estratégias a nível de, da sua postura. Porque há a que dá aulas, há a que não dá, porque por exemplo, isto às vezes também depende da outra supervisora, porque por exemplo, este ano com o profº S 0” ele veio aqui logo de inicio e disse logo “a pessoa que tá a dar a aula, os outros não podem intervir, ninguém pode intervir e não sei quê”, pronto, por exemplo. No entanto, chegou a profª “S 2” e já diz “olha, têm de fazer um trabalho de grupo, depois os outros podem dar uma ajudazinha”, pronto. (...) No entanto, este ano, com o profº “S 0” isso foi cortado. Portanto, foi uma actuação assim diferente, (...), e o que acontece é que depois o aluno, numa turma destas de 25, e só com uma, assim com uma professora e sem que os outros estejam a intervir e ainda por cima estejam aqui ao cantinho com conversa, é difícil consegui, (...). É difícil, estar 5horas aqui plantada numa sala sem dizer alguma coisa, (...), acho que só com um adesivo na boca, ninguém é capaz. E então os alunos a ver, as outras pessoas ali ao lado a conversar e não sei que mais, acho que não dá bom aspecto, mas isto é um aparte, porque foi este ano com o profº “...” o que eu discordo, pronto, discordo mas aceitei, já que aceitei ser supervisora tenho que aceitar, (...), aceitar estas condições, mas a..., mas agora no fim pois até já tá melhor, com a profª “S 2” porque, porque ela já, já deu um bocadinho mais de abertura nessa sentido. E eu nunca conseguia ter 25 alunos como tenho e ter 25 alunos mais ou menos a nível de 4º ano, (...) com o estágio, se eu não pudesse ter, antes, assim dado umas ajudazinhas. Se tivesse deixado, só o dia, só pó professor e ninguém pudesse intervir, de maneira nenhuma que eu conseguia chegar ao fim dos 4 anos e ter todos os alunos a nível de passar, de transitar para o 5º ano. (...) Melhorar a turma, foi um elemento para me ajudar aqui a trabalhar na turma e enriquecedor, mas ao nível do 1º ciclo, com 4 dias no 1º semestre, se a pessoa realmente, se, se não há a hipótese dos outros poderem dar uma ajuda, não, a turma não vai enriquecer. É preferível o professor tar com os alunos, consegue explorar mais, consegue tirar mais partido das horas do que tira uma pessoa que não tem ainda experiência. (...).

[Reacções dos supervisandos face a situações difíceis] Ah, isso reagem de qualquer maneira, olhe, às vezes até, às vezes choram, quando se enervam assim um bocadinho mais, (...) outras vezes pedem ajuda ou, normalmente aqui pois sabem que se me pedirem ajuda eu dou ajuda. Normalmente, eu não saio da sala de aula e tou sempre aqui com eles, e..., se vejo logo que está alguma coisa que eu vejo logo que não

tá a correr muito bem, pois sou capaz de intervir ou qualquer coisa, dou assim uma ajuda, ou passo-lhe a ele, pronto, faço de maneira a que as coisas não dêem assim muito nas vistas, mas a não deixar ir assim muito po fundo. Não gosto de deixar que as coisas...., quer dizer, eu acho que é, pronto, não utilizo a técnica de deixar mesmo correr mal, mal, para depois ir corrigir, para depois tar a, pra corrigir depois de ter, depois de deixar, mesmo que as coisas corram muito mal pra depois ver o que é que pode corrigir. Tenho dificuldade em aceitar isso, em deixar isso.

[*Orientações dadas aos supervisandos que se deparam com problemas na sua prática lectiva*] (...) discretamente vou ao pé da pessoa de costas, voltada de costas, pois pos alunos e digo “olha que é melhor ver isto ou aquilo” ou “aquilo não tar a sair bem” ou às vezes a nível ..., a nível..., ai a nível..., intelectual, portanto, a nível mesmo de, de, de conhecimentos mesmo, de, de, falta-me a palavra. A nível mesmo de conhecimento científico, a nível mesmo de às vezes de conhecimento científico, às vezes as coisas não estão, o 4º ano já exige um, já exige e, às vezes, as pessoas não estão suficientemente preparadas para as perguntas dos alunos. e depois não, não têm aquele conhecimento científico páquele momento, pa responder àquela situação. Portanto, é a situação pra mim que considero mais delicada. Aí ou faço algum sinal pa avançar, depois logo se volta ao assunto e depois logo se alerta para aquele assunto e, e..., portanto, e diz-se olha, realmente não era bem assim, (...), ou não se volta a tocar naquele assunto e depois vamos tocar outra vez e para tentar esclarecer aquele que não ficou bem esclarecido. Portanto, voltar outra vez aquele assunto, para esquecer aquele, não lhe dar importância, não ficar registos, registos escritos. Fique só assim no ar, fique só assim no ar para depois se poder dar a volta. Eu normalmente faço assim, a não ser discretamente, tento ajudar, tento ajudar sem que os alunos se apercebam, não gosto que os alunos se apercebam disso, não gosto de por as pessoas em cheque, não sabem, nunca faço isso. E tento, e vou tentando sempre, e tento sempre protegê-las e nunca me ponho do lado dos alunos, contra, contra as supervisandas, nunca.

[*Iniciativas promovidas no sentido de ajudar os supervisandos a desenvolverem-se pessoal e profissionalmente*] Olhe, as iniciativas são estas, estas a participação nos projectos, participação nos projectos e participação nos concursos. São essas que eu tenho feito. São essas ao longo do ano, que são várias e são diversificadas e são a todos os níveis, envolvendo todas as áreas e sempre a envolver todas as áreas.

[*Orientações dadas aos supervisandos, nas reflexões, no sentido de reagirem sempre que se deparam com situações complicadas na sala de aula*] Sim, sim, depois reflectimos. Ou reflectimos se tivermos no intervalo a seguir, reflectimos no intervalo. Às vezes, reflecto no intervalo, não espero pra hora da saída até porque depois já saí daquele contexto e pode ser mais difícil. Se não, no fim depois falamos sobre isso. Falamos sobre esse assunto e conversámos como é que, portanto, a melhor maneira para resolver aquele assunto, se assunto não ficou logo resolvido e se ficou alguma coisa pendente que não ficou correctamente dada ou alguma coisa, como às vezes como são só assim coisas orais, aquilo passa, porque se eles aprendessem tudo o que nós dizemos, olha sim tá bem. Ah..., se for assim só oral ta, ta, tara, aquilo passa e depois a pessoa alerta e depois no outro dia corrige e não sei que mais, é porque não percebeste bem ou qualquer coisa, pa dar a volta à situação. Ah..., pronto, é, eu faço assim.



[*Não tenho mais nada a perguntar, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa*] Pois, mais ou menos é o que eu lhe disse. Foi tudo dito, pois eu, eu gosto de ter estágio, só isso. Pois sinto-me bem com o estágio, sinto-me bem, porque..., serve de complemento, às minhas actividades, (...). Pra já porque são pessoas mais novas, (...), têm outra maneira de ver, penso que é muito enriquecedor para os alunos, eles terem outras professoras dentro, pois quando forem pró 5º ano, pois agora já tiveram 4 professoras, é diferente de terem só uma professora penso que, eu penso que a nível de 1º ciclo terem só uma professora durante os 4 anos é muito monótono e eu acho que não é bem, não é bom, não é o melhor para os alunos. Penso que assim, penso que com o estágio é melhor pra eles e também é melhor pra mim, porque as aulas são diferentes, porque, pronto, também descanso mais um bocadinho, no aspecto de robustez física, porque já evita tar a falar sempre, também me poupo um bocadinho assim, quem já tem os 50 anos já começa a sentir assim um bocadinho de necessidade. E..., e penso que é mais agradável, que as aulas são mais agradáveis. Há sempre coisas novas e por exemplo, aqui tem, tenho tido sempre ajuda da Universidade, a Universidade tem ajudado muito, principalmente a Drª "...", tem sido uma pessoa que se tem sempre disponibilizado pás canções. Por exemplo, eles se vão gravar, (...), são vivências que os alunos não tinham se não tivessem o estágio. De qualquer maneira há sempre outras coisas, há, tenho possibilidades de fazer mais aquilo que gosto que são mais saídas. Se tiver mais, se tiver assim ajudas é mais fácil. Por exemplo, eu vou ali à fábrica não preciso tar a pedir a uma auxiliar para ir comigo, assim, como tenho estágio, pois vamos todas.

[*As alunas se disponibilizam para mais coisas*] Sim, exactamente. E as alunas também se disponibilizam e é enriquecedor, portanto, é enriquecedor para a turma. E tem sido sempre, eu tenho considerado, tenho tido sempre ah..., tenho ficado sempre satisfeita. Portanto, nunca tive nenhum momento em que decepção e depois preferia não ter o estágio, ou tivesse momentos de arrependimento. Acho que tem sido sempre proveitoso e tenho conseguido sempre tirar partido das pessoas que tenho na sala de aula.

FIM

1º TRATAMENTO DA ENTREVISTA C 6

[*Habilitações académicas*] (...) é o Magistério Primário e o Complemento de Formação em Línguas Estrangeiras – Inglês.

[*Tempo de Serviço*] 17 completos, tou no 18º.

[*Situação profissional*] (...) Quadro de Zona (...).

[*Tempo de serviço como professora cooperante*] (...) consecutivos há 5 anos. Entretanto tive uma interrupção, porque tive dois anos em Loulé e três na Direcção Regional antes já tinha tido 2 anos, na formação antiga.

[*Sete*] Sim.

[*Número de supervisandos na sala*] 3.

[*Concorda com esse número de alunos por grupo, acha vantajoso*] Sim. Acho, mais é demais, menos não chega a ser grupo, portanto há questões que se pedem, acho que sim, acho que os grupos devem ter numero impar.

[*Como caracteriza a escola e a turma em que os supervisandos estão a trabalhar*] A minha turma é minha desde o 1º ano, são meus alunos, pela 1ª vez consegui ter alunos da minha, da minha lavra (...), em termos de escola, portanto, isto é uma escola com características um pouco especiais, é a escola da baixa da cidade. Portanto, as pessoas que põem cá os meninos não são bem as pessoas que moram aqui, são as pessoas que trabalham aqui perto. Portanto, são sobretudo quadros dos serviços aqui das redondezas, tribunal, todos os consultórios aí da baixa, portanto, acabamos por receber aqui um publico que não tem propriamente a ver com a área de residência, mas sobretudo o local de trabalho.

[*O ambiente, onde estão a desenvolver a prática, parece-lhe propício para o desenvolvimento deles, a nível profissional*] Sim, acho que sim. Este grupo tá habituadíssimo porque já tem estagiarios desde o 1º ano. Portanto, já entrou, para eles é normal, entrou nas rotinas. (...) Mas como já tinham alguns hábitos, isso não, não constitui, é assim, eu costumo impor – me um bocadinho, e..., portanto, eles não se sentem sozinhos ou perdidos ou assim, porque eu sou um bocadinho autoritária. E quando é preciso marco a minha posição eu costumo avisar os, os estagiários de que não se choquem se eu interferir, muitas vezes não é por mal, é para não deixar perder situações que eu acho que não se devem nunca deixar perder. Portanto, sou um bocado incisiva em determinadas questões. (...) eu acho que, os alunos da prática, deveriam passar por determinadas situações que lhes fossem facilitadoras em termos futuros (...). Por exemplo, a questão do 1º ano, de haver sempre estagiários que tivessem uma experiência qualquer com o 1º ano de escolaridade, independentemente do método, porque aí depois disso há questões emergentes em relação às metodologias de aprendizagem da leitura e da escrita, mas de qualquer forma até penso que por aí se poderia evoluir mais do que se tem evoluído a esse nível. Ah..., eu achava que era importante eles passarem pelos 1ºs anos de aprendizagem, sobretudo, porque o 3º e o 4º ano, o 3º é um ano muito difícil, é um ano muito trabalhoso, é um ano com muitos conteúdos novos, é um salto muito grande na vida dos meninos e sobretudo na vida escolar

e faz muita diferença, e é uma pressão muito grande em cima do estágio porque são muito conteúdos novos que têm que entrar. Este ano foi um ano particularmente difícil e a turma é bastante boa. Esta turma tem um bom ritmo de aprendizagem, eles tão comigo desde o princípio e estão todos no 3º ano, portanto, não há meninos que tenham alguma vez ficado retidos. Há um ou outro mais fracote mas pronto, a turma em si é boa, mesmo assim é, pronto, são meninos muito exigentes e não é, se calhar, o mais..., é um desafio muito grande pa estágio. Acho que há outro tipo de situações que lhes seriam mais favoráveis, se calhar, uma turma mais difícil, com mais níveis, que é o que elas vão encontrar nos próximos anos, (...), apesar de eu achar que, em termos de estratégias de, novas estratégias de aprendizagem ou diversidade de estratégias, o estágio é um elemento fundamental, e eu noto que estas minhas estagiárias têm graves lacunas a esse nível, há questões, e que têm na generalidade, porque as pessoas normalmente têm, trabalho de projecto faz-lhes confusão, trabalho de texto nunca fizeram, se isso for proveitoso, tudo bem, ah..., em termos de experiência de aprendizagem para elas próprias, porque há uma série de actividades que elas não usam habitualmente, porque as turmas por onde têm andado e onde têm observado e feito práticas nunca utilizaram esse tipo de metodologias. As pessoas, habitualmente não usam muito ...

[*Quanto mais diversificados os métodos*] Não. Sim, sim, sim, sobretudo quanto mais adequados ao currículo melhor, que a maior parte não são.

[*Número de vezes que reúne/articula com os supervisores da ESE*] Todas as semanas. Ah..., o supervisor da ESE vem cá uma vez por semana.

[*Assuntos tratados na reunião*] Sim, sim. Conversamos sobre o decurso da prática, não sei se com os outros será assim mas, pronto, eu tenho algum à vontade com eles, já os conheço há muito tempo. Ah... não, são pessoas que já conheço, que já me conhecem...

[*Esse tempo é suficiente para apoiarem os alunos*] Sim, porque de certa forma eles conhecem o meu trabalho, portanto, também sabem como é que eu vou orientando o estágio, (...), e depois quando há questões mínimas a aferir rapidamente se resolvem.

[*Número de vezes que reúne com os supervisandos, assuntos tratados na reunião*] Todas as semanas também. Eu, eu reúno com eles sempre, eu sei que não é prática, que já foi e depois deixou de ser, mas eu acho que é fundamental. Tenho pena que se tenha perdido, institucionalmente, esse tempo, porque acho que é muito importante. Portanto, eu reúno com eles, planificou e/ou avalio, portanto, avalio a semana em curso e combinamos logo os conteúdos para a semana seguinte.

[*Como caracteriza o grupo de supervisandos, o seu trabalho*] Isso é complicado. Tava agora assim a fazer uma avaliação deles às pressas. (...) na generalidade, eu noto que eles cada vez são menos disponíveis. Tenho pena, mas noto que cada vez eles sentem menos o que os espera. (...) não sei, se calhar, (...), a profissão deixou de ter graça, (...), se calhar as pessoas vão para os cursos porque não..., não tiveram outras alternativas, (...), cada vez sinto que há mais pessoas que estão sem vontade de estar ou sem motivação suficiente pra isto, que eu considero que é fundamental para ser professor.

[*Existem diferenças entre os supervisandos*] Sim. Sim, sempre. Eles são completamente diferentes, depois reagem de maneira diferente, completamente. Há desde o mais dinâmico, o mais desenrascado, o mais revoluto, aos mais tímido, ao mais inibido, com mais fragilidades ou menos fragilidades científicas. (...) por exemplo, há pessoas que têm uma ótima relação com os miúdos, mas depois em termos de conteúdos científicos muito inseguros, (...), aí sim, sobretudo na adequação naquilo que se aprende na teoria para a prática com os alunos. Isso, isso eu noto. (...) As coisas entram na teoria mas depois não são aplicadas na prática.

[*Como reage face a essas diferenças*] Pois, conforme aquilo que acontecer eu reajo, mas reajo sempre. Porque eu reajo de imediato, porque é assim, acima de tudo a turma é da minha responsabilidade. Os alunos são meus e é sobre a aprendizagem deles que eu tenho que dar contas aos pais em primeira instância, (...). E o estágio também tem que perceber isso, que eu acho, isso é uma aprendizagem que se também faz em estágio. É de que os alunos são da nossa responsabilidade, nós não estamos cá para brincar nem para experimentar grande coisa, temos de ter absoluta consciência daquilo que se vai fazer. Eu acho que eles são muito apoiados, quer aqui, quer na ESE, não são mais, quando não pedem, portanto, eu tenho alguma dificuldade em permitir brincadeiras.

[*Quais as características necessárias para se ser um bom professor*] Disponibilidade, (...) algum rigor científico, que há muito pouco, (...), há muitas lacunas a esse nível, e sobretudo o perceber, que eu acho que ainda não entrou na cabeça das pessoas, (...) de que os tempos mudaram, as coisas, a sociedade mudou, portanto, as práticas também têm que mudar. (...) Portanto, as pessoas têm que tar disponível, disponíveis e têm que se adequar à realidade, (...), nós temos que nos adequar a isso. Há determinadas características que têm que se cumprir e eles têm que tar disponíveis, sobretudo, para perceber isso, e é essa mensagem que eu tento passar continuamente, é agir em função do grupo.

[*Sente-se motivada para ter o grupo dentro da sua sala*] Este grupo não tem sido fácil, nada, nada, (...) não tem sido nada fácil, porque, precisamente por isso, porque eu acho que são pessoas que têm boa relação com os miúdos, sem dúvida, não, são pessoas com alguma disponibilidade, (...), mas é assim um bocadinho à força, é, sempre que for possível escapar-me, escapo-me. Sempre que for possível chegar à uma da tarde e não ter que ficar muito mais tempo pa reunião, escapo-me. Ah., não, portanto tem sido um bocado sistemática a minha, a minha insistência no rigor em determinados aspectos. Ah..., depois eu insisto continuamente em relação às planificações, porque, porque eu gostava de as ver com alguma antecedência, apesar de combinar com elas depois, às vezes as coisas não correm bem e eu tenho que interferir, quando já deveria ter interferido antes, se isso fosse possível, portanto, há questões que eu acho que ..., que a própria escola superior deveria tomar a pulso e têm piorado.

[*Relação que estabelece com os alunos, em contexto de PP*] (...) elas, digo elas porque são três raparigas, (...), cumprem mais ou menos, em termos de conteúdos, aquilo que combinaram comigo, em termos de uma ou outra estratégia. Depois há questões que quando correm bem, tanto melhor, quando não correm tão bem, (...), é assim, se for grave, em termos de grupo, em termos de aprendizagem, eu tenho que interferir, ou mais discretamente, este ano ainda não foi preciso interferir ostensiva-

mente, portanto, parar a aula e dizer: tem calma, tás a dizer uma asneira dos diabos, (...) eu não, nunca deixo de interferir, nem que seja discretamente. Às vezes, um erro no quadro, uma palavra mal escrita num cartaz, uma coisa que, isso não posso deixar passar, como é evidente, (...), portanto, mesmo discretamente, às vezes digo a uma das outras: olha vai avisá-la que aquilo não sei quê. Dou assim um jeitinho, um toque, mas eu nunca deixo de interferir. Em primeiro lugar de imediato e depois quando se faz o balanço, portanto, quando se faz a avaliação. É engraçado que eu noto que elas não têm muitas vezes, eu ainda no outro dia lhes dizia: vocês agora. Elas agora tão a ficar, tão a achar que as coisas lhe tão a correr pior e que tão mais nervosas. E eu disse-lhes: não, não, é exactamente o contrário, vocês agora é que tão a tomar consciência daquilo que andam a fazer. Portanto, como tão mais conscientes descobrem mais coisas, porque já começaram a reflectir sobre o que fazem e já conseguem perceber e já conseguem ficar mais ansiosas, porque já começaram a responsabilizar-se um pouco mais também, também se aprende. É difícil porque eu acho que é uma aprendizagem que elas fazem.

[*Relação fora da prática pedagógica*] Eu raramente as encontro porque elas não são de cá, portanto, encontro-as, este grupo encontro-as exclusivamente aqui. (...) Este grupo não, porque elas não moram aqui em Faro, portanto eu moro aqui, é um bocadinho difícil. E não são disponíveis, não.

[*Como caracteriza o clima de supervisão que preconiza*] Este ano eu sinto que é mais, é mais supervisão directiva. Tenho pena mas sinto que é um bocadinho mais directiva do que tem sido, precisamente por isso, porque eu as achei muito, muito “verdinhas”, muito tímidas, muito inexperientes para quem tá em, em início de carreira praticamente, (...), portanto, deveriam ter tido mais, ou outro tipo de experiências ou mais experiências ou mais estratégias, (...), eu tenho que dar muitas pistas e eu acho que não deveria.

[*Considera que esse clima é o mais propício para o desenvolvimento dos supervi-sandos*] Não, não, não. Acho que a esta altura já não deveria acontecer. Nós, eu já combinei com elas e tinham combinado com elas quando acabou o 1º semestre, com elas e com o meu colega supervisor da ESE, que no 2º semestre eu não gostaria de interferir tanto, mas depois acabei por ter necessidade de fazer, de dar ainda algumas pistas. Agora já combinei outra vez com a supervisora que a substitui, ah..., que nas próximas sessões, que são a última semana de cada uma, (...), que não interferia absolutamente nada a não ser em termos de dizer é o conteúdo tal, tal e tal que é preciso trabalhar. Portanto, vou deixá-las completamente sozinhas, sem interferir absolutamente nada, já numa perspectiva de perceber o que é que aprenderam ao longo do ano, não é (?), de que é que são capazes porque elas vão ter que ser capazes. Mas eu sinto muitas fragilidades.

[*Representações acerca dos efeitos da sua acção nos supervi-sandos*] Eu acho que é muito importante. Elas ouvem-me, às vezes têm medo daquilo que vou dizer, mesmo, lá está, por insegurança, mas, mas eu penso que tem, que se tem reflectido no, na forma de agirem com a turma, e têm havido algumas conquistas a esse nível. Lá está, até pela questão da consciencialização, que eu acho que é muito importante, porque elas agora fazem comentários, acerca da sua atitude e da sua acção, enquanto, enquanto professoras da turma, ah..., que eu não vejo, muitas vezes, colegas minhas serem capazes de fazer.

[*Evoluíram*] Eu penso que sim.

[*Aspectos positivos e/ou negativos que considera resultarem das suas práticas supervisivas*] (...) Positivos (...) que eu acho que é alguma evolução em termos de atitude e sobretudo em termos de estratégias porque acabam de certa forma por serem um bocadinho diferentes. E depois, tava-me a lembrar do 1º ano que elas vinham aterradas porque vinham pra uma turma em que se ia usar um método completamente diferente, porque eu faço processo inter-activo, portanto, era completamente diferente e elas não tinham referencias nenhuma e tavam assustadíssimas. No entanto, resultou lindamente, foi dos melhores grupos que já tive até hoje. (...), a questão negativa, pois lá está, pode ser um bocadinho assustador no inicio, ah..., pronto, porque eu também gosto de sacudir as hostes e sou um bocado provocadora nessas questões, porque eu acho que temos de ser conscientes no que andamos a fazer, sobretudo.

[*Que iniciativas promove ou propõe o desenvolvimento de competências educativas nos supervisandos*] São essas chamadas de atenção todas, são os balanços que se faz em relação às actividades e ao decurso de toda a actividade que elas planearam, cada uma, ah..., esse balanços são muito importantes, o que eu lhes proponho, normalmente, é auto-avaliações e hetero-avaliações que se fazem continuamente, todas as semanas, que, de certa forma, lhes permitem ir crescendo um pouco, ir reflectindo, aprender a reflectir sobre elas e são as planificações. Também, não há tempo para muito mais.

[*Reacções dos supervisandos face a situações difíceis*] Elas pedem ajuda. Se têm alguma dificuldade pedem ajuda. São, isso, têm essa vantagem, este grupo, apesar de ser um bocadinho inseguro, mas também é humilde, portanto, não são pessoas que arrisque, muito e agora vamos ver o que é que dá. Elas perguntam, perguntam muito como fazer.

[*Diferenças entre elas nas atitudes*] São todas completamente diferentes. Sim, sim, sim. É curioso que aquela que pergunta mais é a mais segura, das três.

[*Orientações dadas aos supervisandos que se deparam com problemas na sua prática lectiva*] Eu acho que tem um bocado a ver com a circunstância em si, com o tipo de situação. (...), também não têm acontecido assim momentos muito complicados, a não ser o inesperado, pronto, haver uma situação qualquer inesperada, temos que parar, parar as coisas porque, porque surge um evento qualquer na escola e então é preciso alterar e não houve tempo para planificar, uma actividade na biblioteca, por exemplo, nós temos este mês, o mês da mãe, portanto, as mães vêm contar histórias cá, e, às vezes, as mães marcam com a biblioteca e eu só fico a saber praticamente na véspera, portanto, se isso coincide com um dia de estágio sempre há assim alguma alteração a fazer a esse nível, mas é mais em termos de organização e isso acontece sempre, portanto, elas têm que tar preparadas para isso. É sobretudo a esse nível, agora uma situação muito grave que requeira uma grande intervenção também não há propriamente.

[*Iniciativas promovidas no sentido de ajudar os supervisandos a desenvolverem-se pessoal e profissionalmente*] (...) são os balanços constantes das actividades e das suas próprias aprendizagens, das suas angústias, eu, eu, muitas vezes, quando nós



falamos, também clarificamos o nosso pensamento (...). Às vezes, temos ideias na nossa cabeça que quando tentamos explicar a outra pessoa se arrumam, e eu acho que é muito importante o explicar aos outros, conseguir contar aos outros porque também nos ajuda a reflectir um pouco sobre o que fazemos e o que pensamos, portanto, isso para mim é fundamental e eu tento promover, é claro que me gasta tempo, (...), e esse tempo não é compensado e as pessoas por vezes não têm esse tipo de disponibilidade, compreende-se. Podia perfeitamente almoçar à 1 da tarde e vou às 2.

[*Por mim é tudo, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa*] Não, acho que não.

[*Da situação da prática*] Tenho pena porque acho que há questões que deveriam ser repensadas, em termos de estrutura da prática, do tempo das práticas, sobretudo, a ideia, passam, elas, por exemplo, no 1º semestre elas estão com a turma 4 dias por semana e depois no 2º semestre só estão 2, se calhar, ao contrario era bastante mais proveitoso. Fazia mais sentido.

[*Porque ficam mais próximo da actuação*] Exacto, passar mais tempo ou então ser um esquema mais continuo, por exemplo, em vez de ser 4, 2, ser 3 ao longo do ano. Era preferível, à segunda, terça e quarta. Para nós não era tão complicado em termos de turma, porque eu no 1º semestre tive muita dificuldade com a turma porque, quer dizer, tinha os miúdos no 3º ano e só ficavam comigo um dia por semana, que é a sexta-feira, que é o dia que têm o conselho de turma, é o dia que têm as actividades de educação física ou educação artística, digo expressão artística porque eles têm dança com outro colega que vem cá, portanto, quer dizer, em termos de programa e a tensão social e o peso que tem o programa do 3º ano, não, andava um bocadinho atrapalhada já, com a coisa porque tava a ver os meus alunos a ficar, não se aproveita tanto, porque elas querem experimentar, elas querem fazer muitos cartazes bonitos, muitas coisas. Elas tão a experimentar, agora eles é que têm que avança, não é fácil.

FIM

1º TRATAMENTO DA ENTREVISTA C 7

[*Habilitações académicas*] (...) tenho Licenciatura em, na variante Português/Francês.

[*Situação profissional*] (...)sou professora do Quadro de Zona.

[*Tempo de Serviço*] 10 anos.

[*Tempo de serviço como professora cooperante*] Eu é o 2º ano.

[*Número de supervisandos na sala*] 3.

[*Concorda com esse número de alunos por grupo, acha vantajoso*] Sim, acho que é..., não são muito, nem são, é, tá bem, tá é intermédio.

[*O ambiente, escola/turma, onde estão a desenvolver a prática, parece-lhe propício para o desenvolvimento deles, a nível profissional*] (...) a escola é assim, não tem todas as condições, (...), como todas as escolas do 1º Ciclo, infelizmente, a maior parte delas. A turma é uma turma ótima pra eles, acho eu, porque é uma turma com 20 alunos, com um com, que trabalha com a professora de educação especial, portanto, não há um trabalho que seja desenvolvido deles, que tenham que planificar e pensar actividades/estratégias, é uma turma que está no 3º ano e toda acompanha o 3º ano, portanto, e para eles acho que é ótimo, é o ideal.

[*Número de vezes que reúne com os supervisandos, assuntos tratados na reunião*] (...) no 1º semestre digamos que para eles, reuníamos sempre depois, (...), agora como eles passaram a reunir-se só duas, (...), a intervir duas vezes por semana só, portanto, quando não há assim grande coisa para reflectir ou tenho a atenção de me reunir com as pessoas no intervalo ou depois ou quando qualquer coisa tá a correr mal, portanto, mas não tem sido tão assiduamente como deveria. Portanto, esse é, essa última fase.

[*Acha que poderia ser mais insistente*] Sim, deve-se dizer que sim. Não que se justifique, eu acho que não se justifica, porque, pronto, houve aquela reunião do 1º semestre que foi como sempre, daquelas reuniões depois da intervenção deles, todas as quintas-feiras à tarde reuníamos e falávamos daquilo que correu melhor, depois da planificação para a semana seguinte e assim sucessivamente.

[*Número de vezes que reúne/articula com os supervisores da ESE*] (...)nunca tivemos uma reunião, assim entre nós. A primeira sim, para a distribuição, depois das vezes porque eu reuni, porque houve uma mudança, (...), primeiro foi o professor, depois veio outra a substituir o primeiro. Nunca houve assim uma reunião que fosse assim uma reunião para falar, (...), da evolução dos estagiários, o que estava a correr melhor ou pior, pior não, menos bem, (...), a única vez que eu falo com, com ele e com ela, e quando ela vem, ela sempre fala, portanto, é das únicas vezes que...

[*Esse tempo é suficiente para apoiarem os alunos*] Foi das, das críticas não, mas das, das coisas que eu realcei que deveria ter sido feito, porque eles prometiam, vamos

fazer uma reunião, vamos fazer uma reunião, mas nunca aconteceu, portanto, que eu acho que todas nós, aqui na escola, sentimos essa falta.

[*Como caracteriza o grupo de supervisandos, o seu trabalho*] Não, eu trabalho, há ali o grupo. De início era um grupo que trabalhava em grupo, portanto eles partilhavam experiências, as actividades. Depois ao longo do tempo viu-se que começou a surgir uma, surgiu uma individualidade, ficaram mais individuais, o trabalho, as críticas, a interajuda foi desaparecendo, eu acho que sim, notou-se mais ali, não sei, talvez ali, a necessidade de trabalhar individualmente.

[*Existem diferenças entre os supervisandos*] (...) Há, há, sem dúvida. A nível da planificação, (...) é mínima, pronto. Há uns que abordam que ..., que planificam, há, certas actividades são mais ricas, são diferentes, pronto. Há outras que são sempre monótonas, pronto, que..., não me surpreendem, pronto, não é, temos sempre há espera que alguma coisa nos surpreenda, mas não. A nível da actuação na sala, do estar, do contacto com os alunos, pronto, do contacto, da relação, é boa, é excelente, eles têm uma boa relação com a turma, porque a turma também o permite. (...), agora o desempenho, a forma de dar os conteúdos e a, há um certo nível, há um que se destaca e há os outros dois que estão ali intermédios.

[*Como reage face a essas diferenças, dá orientações*] Sim, sempre, sempre. Nunca destaco essas diferenças, nunca faço comparações eles, olha ela esteve melhor, não. Em cada caso é, falo de cada um, dentro, também eu, eu, é uma coisa que eu tenho em conta, eles, há um feedback, eu aprendo com eles e eu acho que eles também aprendem comigo, porque não é só dar ordens e fazer, é também conversar, tenho sempre a, ah...tenho sempre o cuidado de perguntar o que correu bem, o que correu mal e também perguntar aos colegas, o que é que eles acharam e adá acho que há uma construção, de qualquer coisa, não sempre, tenho sempre o cuidado de não fazer críticas, mas de..., enriquecer um bocadinho, de ..., são eles próprios que vão dizer onde é que falharam, falharam, não é uma questão de falhar, é o que correu mal, e eles vão construindo próprio, a avaliação, eles próprios, sei lá...

[*Reflectindo sobre a própria acção*] Exactamente.

[*Quais as características necessárias para se ser um bom professor*] (...) que tenha consciência daquilo que está a fazer, se os alunos tão a..., evoluir positivamente, a fazer uma evolução, sei lá, reflectir sobre o próprio trabalho, há tantas coisas, sei lá. Ser uma pessoa que queira sempre conhecer mais e mais, pesquisa, (...), a diversidade de actividades, não só fichas e assim, tentar outro, também ser curioso, tentar novas experiências, há aí tanta coisa, eu acho que é não estagnar, sou professora e pronto, acabou. Não, não é bem assim, tem de se evoluir, aprender com outras coisas, com outras pessoas, que eu acho que isso é fundamental.

[*Sente-se motivada para ter o grupo dentro da sua sala*] Tou, tou motivada, porque há..., portanto, quer dizer, eu sou, estou ali e faço o meu papel, mas eles também fazem o deles, acho que se criou uma empatia aqui, há uma boa relação, por acaso, no meu grupo, agora, exis, agora, desde o primeiro dia existe uma boa relação. Acho eu, não sei se eles dizem que não.

[*Relação que estabelece com os alunos, em contexto de PP*] Acho que é boa, sim, sim.

[*Relação fora da prática pedagógica*] (...) não há assim uma relação, não há assim uma relação, é uma relação que saímos da escola, acabou, (...), porque nunca tivemos oportunidade de nos conhecermos lá fora, claro que cumprimento e, mas nunca...

[*Como caracteriza o clima de supervisão que preconiza*] (...) acho que é boa, é positiva.

[*O clima estabelecido*] Sim, sim. De facto há necessidade de orientação de dizer aquilo que é necessário fazer. Depois, a nível de estratégias, no princípio houve uma orientação, depois deixei aquela abertura, mas eu acho que, agora falando, pensando sobre isso, as dificuldades que eles têm é em ser capaz de, quer dizer, há, até agora houve sempre uma orientação muito específica, eles não conseguem libertarem-se de mim, e dizer, então ó professora, o que é que fazemos, olhe, e eu vou dando, às vezes só dou o conteúdo e eles ficam ali, então e que é que fazemos.

[*Para si o clima que deveria ser criado era relacionado com o de mais liberdade no trabalho. E não é o que eles conseguem*] É exactamente. Não é mais liberdade, porque eu a liberdade dou, por exemplo, estas ultimas semanas...

[*Era serem mais autónomos*] Exactamente. Ser capaz de definir estratégias assim muito..., olha eu vou fazer assim, assim e assim, professora, acha bem. E eu, com certeza, pois sim. Tão sempre à espera que eu diga, olha faça assim, assim e assim. Agora eu não sei se é por eles não saberem, ou pensam, é uma coisa que também tenho questionar, ou será que eles pensam que eu não quero (?). (...)

[*Representações acerca dos efeitos da sua acção nos supervisandos*] (...) eu acho que eu, eles copiam-nos sempre um bocadinho, portanto, a postura diante da turma, a maneira de trabalhar, ah..., a nível de..., as actividades que são realizadas na turma, portanto, daí. E eu acho que mais tarde se vai reflectir um bocadinho no trabalho deles, portanto acho, há sempre. Comigo foi assim, acho que com eles também vai ser.

[*Reacção face a situações de supervisão difíceis*] Portanto, quando acontece na turma, assim (...) faço uma intervenção mas naturalmente, ajudo, mas naturalmente porque, mas nunca mando parar, ah..., não, é natural. Chamo, posso chamar é assim, olhe venha cá, faça assim, vai ver que é melhor, vai ver que resulta sempre. Enriquecer, não cortando aquele, sendo rígida porque isso faria com que a pessoa que tivesse à frente da turma ficasse um bocadinho nervosa, e no meu grupo há essa à vontade, há..., se eu intervenho eles não ficam nervosos, antes pelo contrário, acho que., pronto, acho, eles, nas reflexões que nós fizemos, eles realçaram isso.

[*Como entende o seu papel na supervisão da PP*] Não sei. Eu acho que faz sempre sentido, (...), porque nós é que estamos ali e conhecemos a turma, conhecemos aquilo que é, que é melhor, o trabalho a desenvolver, (...) portanto a nível de orientação.

[*Aspectos positivos e/ou negativos que considera resultarem das suas práticas supervisivas*] (...) positivo, eu acho que, a nível geral, é tudo positivo. Eu sou positi-

va, é a minha maneira de estar, portanto, ah..., pelo menos esse ano, é o segundo ano e nos 2 anos que eu tive estagiários, sempre foi positivo. Não vejo assim uma coisa negativa, não. Eu tive sorte também.

[*Iniciativas que promove ou propõe para o desenvolvimento de competências educativas nos supervisandos*] Não sei, agora não tou a ver, (...) uma das coisas que eu lhes chamo sempre a atenção é a nível geral da planificação, das actividades e das estratégias, eles sempre, irem pesqui, fazerem um estudo, (...), pesquisar, ah..., partilhar entre eles, é, acho que é fundamental a partilha, é entre eles, isto é, com os colegas, não ficar, estar na sala e não sair da sala, é o manual, não. (...), é necessário ..., sair, pronto, pesquisar, tentar encontrar outras formas, outras maneiras.

[*Reacções dos supervisandos face a situações difíceis*] Pois ficam nervosos, (...), normalmente eles ficam, (...), mais atrapalhados, quando vêm (...) o supervisor. (...) quando estão comigo não ficam nervosos.

[*Reagem normalmente*] Sim, sim. No princípio havia, pronto, depois acho de deixaram de tar, porque eles estão a crescer, estão a aprender, (...) e, portanto, acho que o meu papel também, voltando atrás, é orientar e ajudar, não é criticar e..., e ser negativa e levá-los a que eles fiquem estagnados, (...), desmotivados, pelo contrário, acho que a crítica deve ser motivadora para se ultrapassar e ser capaz de ultrapassar essas dificuldades.

[*Iniciativas promovidas no sentido de ajudar os supervisandos a desenvolver-se pessoal e profissionalmente, falou-me já da pesquisa*] Sim, sim. Talvez as reuniões que temos com eles, (...), com eles, se houvesse com os supervisores também seria, mas esqueçamos, eu nunca tive, eu tou a ser sincera, e as únicas vezes, e a professora anterior, a professora C 6, deve ter referido isso, nunca tivemos aquele contacto, portanto, que deveria ser, é fundamental. Acho que é fundamental, porque agora chega o tempo da avaliação e há muitas dúvidas, muitas coisas, que se houvesse essas tais reuniões, hoje não eram, não eram um problema.

[*Situações que acha que podem ser mais difíceis para os supervisandos*] (...) eu acho que é o stresse, (...), ser observado, avaliado, saber que estão a ser observados, avaliados, (...), e é a nota. (...) desde que haja uma boa relação, facilita um bocadinho, embora, quando há uma má, má não é(?); tão boa relação connosco, já não será tão, mas também depende deles, depende deles.

[*Orientações dadas aos supervisandos que se deparam com problemas na sua prática lectiva*] Pra já, mostro-me disponível, que é isso, é importante, pra ajuda, pra qualquer coisa, e..., e não fico no pedestal ali em cima, não, fico ao mesmo nível, tentando transmitir aquilo que eu sei da minha experiência e também vice versa, porque eles também vão desenvolvendo actividades/estratégias que eu vou achar, que eu achei fantásticas, pronto, olha já, uma, é uma ideia que tenho que ficar com ela. E eu também aconselho, olha podes fazer assim, olha, que é que achas ou eles poderão desenvolver essa actividade de outra maneira. E acho que é assim, mantendo essa maneira, essa relação, que é de trabalho, mas que também é um bocadinho mais do que só aquela relação de amizade, de empatia, ah..., tu olha, se eu tiver qualquer coisa ela está ali e ela vai-me apoiar. Acho que isso é importante, eles sentirem isso, e eu acho que eu fui capaz de transmitir isso. Não sei o que é que eles dirão.



[Não tenho mais perguntas a fazer, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa]
Não, eu só, pronto, para finalizar eu acho que é, eles estão a estagiar, (...), ou já estagiaram, e é fundamental, se nós aceitamos essa tarefa, essa pronto, acho que a nossa obrigação á ajudar, tentar orientar o melhor possível. Agora, se as pessoas querem estágio para se libertar de trabalho então estão, é, é, mas se o trabalho for bem orientado, acho que só enriquece a turma, a turma e a mim, eu acho. Não sei, estava, é a minha maneira de ver as coisas.

FIM

1º TRATAMENTO DA ENTREVISTA A 3

[*Como caracteriza o ambiente em que se encontra a desenvolver a PP*] A nível do ambiente ..., considero que..., é favorável, tendo em vista proporcionar um bom ambiente de aprendizagem, acho que sim.

[*A nível de turma*] (...)a nossa professora costuma dizer que é uma boa turma, que estão todos ao mesmo nível, mas, nós sabemos que não é bem assim, não estão todos ao mesmo nível. Apesar, se nós formos pensar um bocadinho sim, eles não estão, não são daqueles alunos que têm assim muitos problemas, muitas dificuldades, por isso, normalmente, até é, como nós costumamos dizer, uma boa turma. Apesar de nem todos estarem ao mesmo nível.

[*Como vê o seu supervisor*] (...), tem-nos apoiado muito, mesmo muito e, logo ao início estávamos muito reticentes, mas afinal, porque ele tem uma maneira de nos ensinar um bocadinho diferente daquilo a que nós estamos habituadas. Mas eu, afinal, achei que ele é um ótimo supervisor e aprendi muito, acho que eu não tivesse tido aquele supervisor não tinha chagado a muitas conclusões que cheguei depois por mim própria.

[*Como vê o seu professor cooperante*] (...) a nossa professora cooperante existe assim umas divergências de opiniões, entre nós e a nossa professora cooperante. A..., e nós, acho que ele é boa professora, mas..., falta ali qualquer coisa, acho que ela preocupa-se mais em mostrar que os alunos fazem muita coisa, quando, se calhar, muita coisa daquilo que eles fazem, é mais feito por nós, é mais, à, vamos participar em muitos projectos, mas, muitas vezes, são tantos projectos que nós é que temos que concluí-los. E acho que isso não trás grandes benefícios, só dizer que receberam um premio, é mais a esse nível, que não, achamos que falha ali qualquer coisa, na nossa professora cooperante. Deveria preocupar-se mais em trazer esses benefícios dos projectos, dos concursos para os alunos, não apenas o reconhecimento, como ganham prémios.

[*Sente que existem diferenças entre as orientações/práticas do supervisor e do professor cooperante*] Muito, noto muito isso, ah..., por exemplo, acontece muitas vezes nós termos a fazer uma planificação e, o nosso supervisor preferir as coisas de uma forma e a nossa supervisora, a nossa professora cooperante, peço desculpa, referir que como ela faz que é melhor, que na teoria é tudo muito bonito mas que na prática as coisas são muito diferentes. A professora disse que não podíamos levar em consideração tudo aquilo que é dito na teoria, ela refere muito isso.

[*Em questões de planificação do dia a dia*] Sim.

[*Como se sente face a essas diferenças, em situação de PP*] Para nós é um bocadinho complicado, porque depois tentamos conciliar, porque não podemos levar tudo para um lado ou só para o outro, temos que conciliar, um bocadinho daqui, um bocadinho dali, para que isso se torne possível.

[*Quais as características que considera mais pertinentes para se vir a tornar um bom profissional*] (...) acho que, acima de tudo..., é fundamental não olhar para

aquelas questões de educação como algo fechado porque, muitas vezes, é isso que acontece, os professores centram-se demasiado no que estão a fazer e, e esquecem-se do que está à volta, outras questões educacionais e, e acho que, o essencial é mesmo ter conta que é um contexto educativo, que não se resume tudo à sala de aula e à prática que o professor quer, impõe, que muitas vezes nem é adaptada aos alunos que tem.

[*Sente-se motivado para desenvolver a PP*] (...) sim, mas eu acho que essa motivação, não sei se acontece só comigo, acho que é um bocadinho geral, tem assim alguns altos e baixos, porque, eu acho, às vezes temos conhecimento de certas situações mais complicadas, já sabemos que nem tudo é bonito, mas ..., por exemplo, agora a questão da violência que está aí muito a ser falada e assusta um bocadinho, mas, há que procurar estratégias para resolver todos os problemas com que nos deparamos (...).

[*Como classifica a relação que estabelece com o supervisor em contexto de PP*] Classifico como uma boa relação. Sim, é boa, é positiva.

[*Como classifica a relação que estabelece com o professor cooperante em contexto de PP*] Não é uma má relação mas devido a algumas divergências de opiniões, poderá não ser a melhor.

[*Fora do contexto da PP, como classificaria a relação com os 2, supervisor e professor cooperante*] É similar à relação que mantemos durante a prática.

[*Como caracteriza o clima de supervisão criado pelo supervisor*] Não, não tenho..., assim, defeitos a apontar. Acho que é um bom clima.

[*E o clima do professor cooperante*] (...) acho que a nossa professora cooperante até nos dá bastante liberdade para nós desenvolvermos algumas actividades, só que ela depois não as valoriza tanto como nós, pelo menos achamos, que ela deveria valorizar. Nós preocupamo-nos, às vezes, em fazer qualquer coisa diferente, estar mais de acordo com aquilo, que o nosso supervisor preconiza, e no entanto, ela por vezes nem está presente na sala de aula, nós desenvolvemos a prática e ela por vezes nem está presente. E muitas vezes nem sabe, ela tem a planificação ao pé e não sabe o que é que nós estamos a fazer. É assim um clima, às vezes, e não é só isso, às vezes também acontece que..., nós estamos..., a dar a aula e já lhe mostramos a planificação e ela concordou com tudo e, no entanto, durante a aula, ela chega lá e, olha vamos, às vezes nem nos avisa, não, diz aos alunos, não, não façam assim, façam doutra forma, desautoriza-nos um pouco. E acho que isso também cria um clima de insegurança e instabilidade, porque os alunos num dado momento é-lhes transmitido uma coisa, logo a seguir a outra professora diz-lhes outra e eles já estão, às tantas já não sabem o que hão-de fazer.

[*Quais as suas representações acerca do efeito da acção do supervisor no desenvolvimento da sua PP*] (...)A acção é positiva.

[*Quais as situações que considera que facultam e/ou dificultam o desempenho da sua prática lectiva*] (...) tem a ver com o facto de a professora nos dar alguma liberdade para seleccionar as actividades. E depois, os constrangimentos, prendem-se

mais com o facto de, de durante a actividade, a qual ela já autorizou ou já deu o parecer positivo, ela a meio, muda completamente de ideias, num, não submete a opinião dela ao nosso parecer e simplesmente altera no momento e nós...

[Com os alunos, qual é a dificuldade/facilidade que encontra] (...) facilidade, acho que é uma turma que..., como é que hei-de explicar, ah..., está muito dentro dos assuntos actuais, e então, é sempre fácil pegar num assunto qualquer que seja uma notícia de jornal, eles estão sempre muito preocupados e eles têm vários projectos relacionados, por exemplo, com as questões do ambiente e isso, e então é sempre fácil pegar nesses temas porque..., porque eles estão sempre bastante actualizados. A nível de dificuldades, se calhar o comportamento.

[*Como entende o seu papel no desempenho da PP*] (...) noto uma grande diferença porque ..., antigamente parece que não tinha bem a percepção do que era exactamente ser professora, noto uma grande diferença nesse aspecto. Parece que agora percebo mais que não é importante que eles vão transmitir aquilo que nós dissemos porque nós sabemos que, hoje em dia, já não existe aquele ensino dirigido pelo professor e isso, mas mesmo assim, apesar de sabermos disso, muitas vezes, fazemos isso, sem nos apercebermos. E acho que só quando eu me apercebi realmente do que é que, do que é que era ser professora é que alterei completamente a minha maneira de ver muitos aspectos relacionados com a educação. (...) por exemplo, isso que eu disse, que ..., não é eles transmitirem aquilo que nós dizemos, muitas vezes, é mais, eles conseguem aper, é o chamado aprender a aprender, mais nesse sentido.

[*Iniciativas que reconhece que o supervisor, professor cooperante promoveram no sentido do seu desenvolvimento pessoal e profissional*] (...) há muita coisa que nós fazíamos e que pensávamos que estava correcto e que, se calhar, não era bem isso, muitos aspectos relacionados com a educação, que estão à nossa frente e nós parece que não nos apercebemos.

[*Foram alertadas pelo supervisor ou pelo professor cooperante*] É isso, exactamente, pelo supervisor, porque, ele não nos diz concretamente os aspectos, mas eu acho que aí é que está a importância, porque nós é que nos conseguimos aperceber. E eu acho que isso foi mais importante do que, propriamente, chagar ao pé de nós e alertar-nos para aqueles problemas específicos.

[*Como reage quando se depara com uma situação de PP difícil*] (...) uma situação assim mais difícil, acho que, no 1º momento ficamos sempre um bocadinho sem saber o que fazer. Mas eu acho que, em tudo, se nós procurarmos pensar no assunto com alguma clareza e definir sempre as estratégias previamente é sempre mais fácil para depois organizarmos, procurarmos resolver esses problemas.

[*Quais as estratégias que costuma utilizar para resolver a situação*] (...) a nível dos comportamentos, que é uma das grandes dificuldades com que nós já nos deparamos, ah..., foram realizadas mesmo muitas estratégias. Desde jogos, ah..., alterar a disposição das mesas, pronto, aquele tipo de jogos, então vamos fazer, vamos combinar assim, ou só fala desta forma, planearmos assim tipo diversas formas de evitar bater com o apagador no quadro ou falar mais alto porque antes era essa a tendência, tínhamos mais, falar mais alto mas a um dado momento não se percebe já nada porque eles começam a querer falar mais alto e pronto, é experimentando, eu acho que



assim é que, só assim é que nós vamos conseguir aperfeiçoar. É utilizando diversas estratégias e avaliando esses impactos.

[Indicações que recebe do supervisor/professor cooperante nessas situações] (...) a nossa professora cooperante não nos dá qualquer feedback, acerca do nosso desempenho. É uma das maiores dificuldades com que nos deparamos este ano lectivo. O nosso supervisor falou-nos, deu-nos algumas ideias, mas grande parte dessas estratégias têm partido mesmo de nós.

[A professora cooperante não orienta nesse sentido] Não, rigorosamente nada, dá o conteúdo, nem nos fala em competências, dá-nos o conteúdo, pronto, vão dar, como ela diz, vão dar este conteúdo. E depois, e pronto, e façam o que quiserem, depois, lá vai acontecer a mesma situação, queremos, às vezes, experimentar estratégias mais dinâmicas, aí não, isso assim não funciona, e ela altera no momento.

[Que orientações recebe do seu supervisor ou professor cooperante que considere contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e profissional no futuro] (...) orientações concretas não existem mesmo. É a tal questão do, ele orienta o nosso pensamento para nós chegarmos a esses aspectos, é mais assim, não nos dá mesmo. A professora cooperante, não mesmo. Só nos diz tal da teoria que é muito bonita, como eu já disse, mas agora assim orientações, às vezes, se calhar, o pouco que ela nos diz, não sabemos se vá, até que ponto será aplicável, mas pronto, acho que, pertinente mesmo algumas orientações dadas pelo nosso supervisor.

[Acabei, não tenho mais perguntas a fazer, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa] (...) no global eu acho que, a nível dos professores cooperantes que deveria haver uma selecção mais rigorosa, pronto, eu não sei até que ponto, como é que isso funciona, melhor dizendo, mas sei que existe, mesmo os meus colegas, quando nós conversamos acerca desse assunto, eu noto que, às vezes, deveria haver uma selecção mais rigorosa, porque há muitos colegas nosso e no nosso caso também, notamos que, às vezes, nos dificulta mais do que propriamente nos ajuda.

FIM

1º TRATAMENTO DA ENTREVISTA A 4

[*Como caracteriza o ambiente em que se encontra a desenvolver a PP*] Gostava mais do ambiente que tinha no ano passado. Este é um bocado complicado, às vezes, a gente sente-se sem apoio. A professora dá-nos os conteúdos, nós tentamos fazer mostramos a ela, ela concorda com tudo, e mesmo assim a gente pergunta, sim, sim, façam, façam, quando chega a hora de apresentar aí é que ela começa a baralhar as coisas, não é assim, faça assado, pronto, já começa a fazer as suas trocas e depois começa, nunca sabe nada do que a gente apresenta, não é(?). O ano passado nós tínhamos isso, tínhamos mais uma ligação com a outra professora. Este ano é mais distância, só mesmo na prática. Em relação à turma, eu acho que sou um bocado nervosa, tenho muita dificuldade em controlar e eu acho que a turma é uma turma muito, como é que se diz, é uma turma muito dinâmica, e eu já por si sou assim, então acho que trespasso também a minha, como é que se diz, a minha aí, como se diz, tipo, é...

[*Agitação*] Agitação e também é...

[*Nervosismo*] Sim, e outra palavra que já não me lembro, tou a recordar agora, ansiedade, a minha ansiedade também passa pra eles, então isso gera um bocado de confusão. Se calhar, o ambiente também não é o mais propício, né(?), pra dar aula, porque eles, eu acho que eles são muito participativos, né(?), e acho que não consigo também, conseguir dar conta deles, como se costuma dizer. Eu tento bem mas não consigo muito. A professora poderia ter trabalhado mais em conjunto do que propriamente ter-nos deixado assim, vai-se embora e nós temos de tar aí a tentar conseguir, pronto, controlar a turma. E não é como, eu acho que ainda não temos muita experiência nisso, e poderia, se calhar, dar mais um apoio em relação a isso. E também vai ser, parte também de nós fazer uma reflexão, mesmo agir quando está a acontecer algo que não gostamos, agir logo na hora, não deixar que aquilo continue, porque chega a uma certa altura em que eles se habituem e depois e..., até chegar a um certo ponto que não, que não se consegue controlar.

[*E o ambiente da escola*] É, pois, aí é um bocado mais complicado. Nós, em relação aos funcionários, por exemplo, achamos, por exemplo, quando nós pedimos alguma coisa, uma televisão, um material, se precisamos, já começam, ah, não temos isso ou a professora foi buscar e não sei quê. É tipo, não nos tratam como se fossemos professoras, parecemos mais um. Uma vez pedimos uma televisão e ela demorou muito a chegar, se não fossemos nós a insistir, insistir, insistir, pronto, não havia. A nível de materiais temos muito pouco e quando nós precisamos tem, que tem fornecido ou (risos), ou lá vem elas outra vez a chatear-nos com isto ou... Acho que não tem uma disponibilidade assim muito, pronto, pra nós não, não têm.

[*Não estão abertos*] Não.

[*Como vê o seu supervisor*] Pois, nós tivemos dois, tivemos o professor “S 0” e a professora S 1.

[*A última, ou dos dois se preferir*] No início, por exemplo, eu tinha muito medo do “S 0”, porque acho que ele é uma pessoa que intimida. E já pelos nervos, os nervos que eu tenho, pronto, ele entrava na sala e pronto, já eu começava a tremer. E agora a

professora S 1 dá-nos mais segurança, porque é uma pessoa mais calma, né(?), e ao entrar na sala de aula dá aquela segurança, tou aqui mas não tou aqui, é como que ela está presente mas tipo, nos deixa mais à vontade. É também a maneira como ela se dirige a nós, como fala connosco, a maneira como, é diferente de, se calhar é também é aquela ideia que nós temos do “S 0”, porque ele também é homem, né(?), ele entre lá e olha, esta lá é mais excessiva, a professora S 1, sei lá, a maneira como ela tem de falar, de ver as coisas, tipo, tem um olhar mais de segurança. Nós poderemos tar a fazer algo que não temos a certeza, né(?), mas temos a olhar para ela e ela tipo, olha pra nós com mais segurança. O professor “S 0” já começava a fazer umas caras que a gente se desconcentrava (*risos*), fazia aquelas caras a gente já ficava muito perdidos. Eu acho que a relação, eu acho que é..., é bom, tivemos dois diferentes também é bom para ver a ideia que eles têm de nós também é diferente. E acho que é, é bom, ter alguém, outro professor é bom, porque já não temos o apoio da professora, temos, o feedback da professora S 1 é muito bom.

[*Como vê o seu professor cooperante*] E, não sei dizer, eu acho que depende das luas, também. Ela é muito boa, como é muito má. Depende das luas, como ela acordar. Também muitas vezes é, fala connosco de uma maneira também é como se fosse mais um aluno do que, propriamente, um colega dela. E muitas vezes, também, a gente não consegue perceber. Ela é, gosto muito dela, né(?), há dias que gosto, outros dias que não gosto, às vezes, ela nos tenta dar umas dicas mas tipo, não nos dá aquelas dicas necessárias, propriamente, mas, não sei, acho que gostava mais no ano passado. Nós tínhamos maior ligação com a do ano passado do que com a deste ano. Se bem que também a nível de idades também é diferente, esta já está quase de saída, então é mais tipo, no despacho, ah, faça isso, faça isso, tipo para passar mais o tempo do que para passar o nosso, desenvolvem toda aquela teoria, é mais para passar o tempo. Façam, façam, é isso.

[*Sente que existem diferenças entre as orientações/práticas do supervisor e do professor cooperante*] Pois, nós, falo mais é, a professora só nos dá o feedback quando está a professora S 1 por perto. Quando a professora S 1 pergunta, a, o que é que acha(?), e muitas vezes a professora faz referencia a muitas coisas que nunca nos tinha dito. E nós também nos apercebemos, então isso aí que nós vemos, que muitas vezes a professora vê coisas que não nos diz. Ela podia nos dizer para nós tentar mudar, só quando tá a professora S 1 é que ela diz. E, às vezes, tem uma visão diferente, a nossa professora é mais, ela não gosta muito dessa coisa de teorias, à inclusão, do trabalho de pares, a professora é mais tradicional, tipo, faz tudo, é mais o professor e o aluno, e enquanto professor ela tenta não, fazer outras coisas, tipo, mais o aluno que o professor é mais orientador. E muitas vezes, acho que não, não condiz muito, acho que há diferenças, entre o que a professora cooperante diz e o que a professora S 1 diz.

[*Como se sente face a essas diferenças, em situação de PP*] É complicado porque a gente depende da nota deles, tipo, se a gente agrada a um estamos a tentar, pronto, agradar a um estamos a virar as costas a outro. E depende muito, também, da ligação que nós temos. E acho que é complicado porque a gente nunca agrada a toda a gente. É complicado.

[*Quais as características que considera mais pertinentes para se vir a tornar um bom profissional*] Penso que é não centrar tanto em mim, centrar mais nos alunos.

Acho que isso é o principal. É, não, acho que um bom professor não deve tentar preocupar-se com aquilo que vai fazer mas com sim como vai fazer para que os seus alunos possam atingir os tais objectivos ou as tais competências, simular competências. E também ter uma postura, porque eu sou muito, acho que não tenho muita confiança em mim, isso também passa muito para eles, então eles abusam disso. Se calhar eu mostra que sou mais uma pessoa, mais um colega, mais um colega, mais um orientador, nunca propriamente alguém que sabe mais do que eles e tentar impor o que é que eu sei, mas sim, se calhar, acho que uma das características tem que ser ser paciente, não é(?), e..., talvez, acho..., pois, eu não sei dizer mas acho que devem ser pacientes, devem tentar orientar e devem tentar também ter..., trabalhar em conjunto, tanto o trabalho dele, como o trabalho dos alunos, não ser só ele, gostasse entrar mais em algo, tentar desenvolver algo nos alunos. Em primeiro lugar pensar no aluno e depois como é que eu vou fazer, depois como é que ele pode trabalhar as duas coisas.

[*Sente-se motivado para desenvolver a PP*] É, pois, eu tou, gosto muito, acho que, sempre quis ser professora. Problema é que, dificuldades económicas, trabalho e vem, é muito cansativo estar a trabalhar e, às vezes, não tenho tempo suficiente também para fazer melhor as coisas, porque acho que é, não basta só planear as coisas, ah, vou fazer isto, isto, isto, mas quando se chega lá acho que tem que ter também uma carta, né(?), para tentar melhorar e que a actividade decorra da melhor maneira. Eu acho que sim, se calhar é..., a motivação também poderia ser mais um bocadinho, tipo ter mais apoio, por aí, da professora ou..., falta sempre o apoio da professora, porque o lado dela eu acho que é muito importante, porque nós não sabemos em que ponto nós estamos, o que é que nós estamos a fazer mal. Porque nós chegamos lá e fazemos, por e, com o apoio dela pois a gente tem, tem mais motivação, porque a nível daqui, da escola da ESE nós temos, porque o professor, nós podemos recorrer a materiais da escola, a professores que nós já tivemos, podemos recorrer para a gente pedir ajuda, actividades, porque a nossa professora é tudo bem, sempre tá tudo bem. e motivação acho que sim.

[*Como classifica a relação que estabelece com o supervisor em contexto de PP*] É muito boa, a professora S 1 é muito acessível, mesmo a nível, qualquer duvida que nós tenhamos podemos mandar mail, temos o contacto, acho que é muito boa. Com o "...” agora já tá melhor. Eu acho que é bom.

[*Como classifica a relação que estabelece com o professor cooperante em contexto de PP*] É, aí já, acho que também não é muito boa, né(?), é boa, a gente tem aquelas conversas né(?), mas...

[*Podia ser melhor*] Isso mesmo. Tem aquela distancia, muitas coisas que nós falamos com ela e ela tenta desviar ou, sim, sim, a despachar né(?), e há muita coisa que nós precisávamos mais aquele apoio, aquela, mas acho que é melhor não forçar que é melhor.

[*Fora do contexto da PP, como classificaria a relação com os 2, supervisor e professor cooperante*] É, pois, com a professora S 1 só..., não, mas sempre, são perguntas sempre de, tem a ver com a planificação ou com, de outras conversas não. Com a professora cooperante também, só se há alguma alteração que ela nos liga, pode-nos

ligar fora do horário, pode-nos ligar à afinal podem fazer isto, façam assim ou coisas assim mas de resto não, não tenho nenhuma ligação.

[*Como caracteriza o clima de supervisão criado pelo supervisor*] (...) acho que não nos põe muito à vontade. Só que somos nós que já temos aquele medo, não é(?). Acho que a nível da professora S 1 ela nos põe muito à vontade e sempre tem aquela..., à o que é que tu achas, o que nós acha, o que é um clima, pronto, dá pra tar , tar aí, a pessoa sente-se bem. Com o “S 0” se calhar era um bocado mais complicado, eu falo por mim (*risos*), porque eu tenho os nervos e ele, ele me intimida muito. E acho que agora já tá melhor, mas acho que ele também não deixava muito à vontade, ele via logo quando nós tavamos a ficar muito nervosas, na presença dele, ele tentava ou ia-se embora e depois voltava, tipo não haver aquela coisa de continuar a, a pôr-me, acho que, acho que, por acaso até, a gente tivemos sorte com estes professores, tanto o “...” como a professora S 1 acho que criaram um clima, facilitam muito pra nós conseguir realizar-mos a nossa prática e a noss, acho que sim.

[*E o clima do professor cooperante*] Às vezes, acho que ela não deveria intervir tanto, não quando a gente tá a falar, mas sim, muitas vezes ela troca, à, vamos fazer isto e ela, à, não façam isto, façam assim. Se calhar, também cria mais instabilidade, as crianças vêm, à, elas não mandam aqui, então tipo, também, acho que ela não deve fazer isso, deveria nos deixar ver as coisas, né(?), e depois tentar, chamar-nos à parte e dizer olha faz isto, mas tenta fazer, para não intervir. Muitas vezes nós tamos a falar de..., tamos a trabalhar uma coisa qualquer e ela, à, e não se esqueçam de amanhã, e então os alunos já perdem a concentração toda em nós e..., ficam centrados no que ela tá a dizer e depois pra mandar, pronto, pra à concentração em nós e demora muito tempo, a gente perde muito tempo, outra vez, para eles voltarem a concentrar-se no que estão a fazer. Ela acho que poderia..., não digo não intervir, porque acho que muitas vezes é necessário, né(?), mas fazer a intervenção doutra maneira, não ser tão..., ligar as coisas, uma coisa não tem nada a ver com a outra e ela dizer e a gente depois fica baralhados. E a nível de ..., muitas vezes ela sai fora da sala e depois aparece assim do nada (*risos*) e também intervêm, tipo, não está muito encaixado no contexto.

[*Quais as suas representações acerca do efeito da acção do supervisor no desenvolvimento da sua PP*] Acho que..., acho que foi muito bom, por exemplo, o “S 0” no início nos incentivou para nós sermos críticos, sempre reflectir sobre o nosso trabalho, o nosso empenho. E tentar ver sempre com os outros olhos, né(?), tentar sempre dar a volta. Acho que isso é muito bom porque nós tamos lá e não é só ver, à, vou fazer isto por isto, mas sempre temos que ver a razão por que vamos fazer. E acho que..., a nível crítico, isso é muito bom porque assim nós podemos ver o que é que estamos a fazer mal e porquê e reflectir sobre isso. E a nossa professora S 1 também acho que muitos conselhos que já nos tem dado nós aplicamos e agora estamos a ver resultados, ela disse que a longo prazo vai-se ver o resultado e acho que é muito importante ter, pronto, ter aquela..., aquele, como é que se diz, que ele nos pode dizer para nos ajudar.

[*E o professor cooperante*] Aí já, acho que é igual, só que não temos tanto, não temos o..., não nos ajuda muito porque nunca nos dá algo que, que possamos mudar, que possamos aplicar. Ela só se preocupa mais, à, dêem-lhes trabalho que eles ficam quietos. Ela mesma acha isso, então está sempre a dizer, dêem-lhes trabalho que eles

ficam quietos. Não é isso que nós aprendemos aqui, nos estamos a utilizar actividades mais práticas, mais, e vemos que as crianças não estão muito habituadas a isso, então nós sentimos muitas dificuldades em encontrar outra vez.

[Quais as situações que considera que facultam e/ou dificultam o desempenho da sua prática lectiva] Facilitar, para mim, o trabalho em equipa e em grupo. Muitas vezes, quando nós, pedimos ao colega, é melhor, porque dá para ter uma circulação de sala melhor e dá para controlar melhor e apoiar mais as crianças, penso que facilita mais o trabalho de equipa. E por aí o feedback sempre do professor. E o que dificulta, muitas vezes, são aquelas intervenções, da, da professora, porque muitas vezes eles desligam-se muito, eles têm um respeito muito grande por ela, e acho que, muitas vezes, quando ela fala eles desligam-se de nós e (*risos*) colocam a atenção toda nela e então nós demoramos muito tempo, nisso. E acho que, talvez, ela também nos poderia ajudar também um bocadinho a nível de ..., de controlo, ter mais controlo sobre eles, porque muitas vezes, quando nós não conseguimos controlar ela é que intervêm, ela é que controla. Mas se nos desse mais um bocadinho de autoridade, a nós, poderia, facilitava melhor, mais.

[Como entende o seu papel no desempenho da PP] Eu pois, aí é mais complicado. Acho que eu poderia ter feito muito mais, também o facto de tempo e não sei quê também não ajudou muito. Mas acho que, a minha auto-confiança não é muita. Acho que tenho que acreditar mais nas minhas competências, do que eu consigo fazer do que aquilo que eu faço. Acho que eu poderia ter feito melhor, é que, sei que não foi total, acho que foi um bocadinho mais de médio, poderia ser, poderia ter sido melhor, porque há muita coisa que eu me apercebo que tá mal mas no momento não, não consigo reagir ou porque tenho medo, primeiro pareceu, mas depois, à, se calhar não tá assim tau mau, né (?). E só depois é que eu vejo que deveria ter agido logo porque depois aquilo é tipo uma bola de neve (*risos*), depois, a gente quando quer reagir já é muito tarde. Acho que o, o meu desempenho poderia ter sido muito melhor do que foi.

[Iniciativas que reconhece que o supervisor, professor cooperante promoveram no sentido do seu desenvolvimento pessoal e profissional] O meu espírito crítico, acho que..., foi, foi o principal. E depois a reflexão. Muitas vezes nós estamos a agir e, às vezes, é bom a gente parar um bocadinho e pensar o que tamos a fazer e porquê. Isso foi o principal que ele promoveu foi isso. E depois é pensar não só em..., não centrar tanto as coisas em nós, mas sim preocupar-nos mais nos alunos, acho que foi, foi o principal.

[E a professora cooperante] Pois, aí já, acho que há muita coisa que é, é, como se diz (?), há muita coisa que ela faz que acho que ela não deveria ser modelo. E muita coisa que ela disse que eu concordo com ela e muita coisa que eu não concordo. Por e, naquele aspecto de, de dar-lhe trabalho para eles estarem calmos acho que não é muito, não é (*risos*) uma boa solução e acho que não deve ser feito. Mas ela muitas vezes nos diz que é por aí, tentarmos ser muito amigos deles, o principal é ter eles do nosso lado, os alunos e os pais do nosso lado. E acho que nisso ela tem razão, uma coisa que ela nos disse que eu acho que é importante ter. Muitas vezes, também nos diz que temos de ter sempre o apoio dos pais, devemos procurar sempre o apoio dos pais porque eles são a principal coisa, porque se não temos o apoio dos pais também não

vamos ter o apoio dos alunos. Então acho que isso também foi um dos efeitos, se calhar, que penso que é importante.

[Como reage quando se depara com uma situação de PP difícil] Pois, aí está, eu sou uma pessoa muito nervosa, e mesmo, em qualquer situação que eu consiga eu acho que eu fico a, ah..., parece que não tenho solução, não tenho mãos para resolver. Então sempre tento ou, eu acho que, ou me afastar ou sempre tentar virar a situação, pronto, querem fazer isto então vamos tentar, dei-lhe 5 minutos para fazer isto e depois tento tomar outra vez. Penso que eles ficam mais relaxados, muitas vezes, eles estão sempre a falar, a falar, por mais que eu grite depois é pior, se eu grito, eles gritam, depois ninguém se entende. Então eu tento que eles, pronto, mais confusão, temos esses 5 minutos de confusão e depois tento ou tentar fazer outra actividade que os deixa mais calmos, se eu tou mais calma, ou tento dar a volta, pronto, não querem fazer isto, vamos fazer isto. Mas fazemos isto e mais não sei quê, e temos de fazer isto que tem que ser feito, se não, estabelecer limites, pronto. Agora querem fazer isto, têm meia hora para fazer isto mas a seguir já fazemos outra coisa. Estabelecer limites.

[Indicações que recebe do supervisor/professor cooperante nessas situações] (...) a professora nunca disse ou é melhor a gente se afastar e esperar, não é(?), e só depois de nos afastar é que nós podemos, se nós gritamos é porque entramos no jogo deles, se nós continuamos a gritar, gritar, gritar, eles vão continuar a elevar o tom de voz. E outra coisa que ela disse é sempre para reflectir, se nós vemos que algo está errado agir logo na hora. Pensarmos e depois agir, não deixar que aquilo seja pior, se não depois não conseguimos.

[Que orientações recebe do seu supervisor ou professor cooperante que considere contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e profissional no futuro] O “S 0” disse que tenho que construir um xanax natural, mesmo de mim porque eu sou muito nervosa, então ele disse que eu tenho que construí um xanax para me acalmar mais. Acho que isso, acho que..., algo que eu, algo a seguir, porque acho que apesar de tudo eu já fico muito nervosa e como, a cabeça bloqueia, né(?), e não consigo reagir. E eu acho que se nós estivermos mais calmos, com a cabeça mais fresca consegue reagir e também muitas coisas que a professora S 1 disse para reflectir sobre o nosso, o que estamos a fazer e também de se afastar um bocadinho, ver, tipo, fazer ver que a presença do professor que está lá, né(?), fazer-nos ver. Agora não é que vai reparar, então ela não está aqui, então temos que procurar, então vai procurar o professor, se calhar, se afastar daquelas confusões, não sei.

[Eu acabei, não tenho mais perguntas a fazer, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa] Eu não, eu acho que, também é um bocado complicado, o supervisor vai lá 10 minutos, 15 minutos e então o que vê não é propriamente a prática toda. E muitas vezes pode ficar com ideia não tão boa daquela pessoa e, não sei, se calhar deveria ter não digo mais horas, né(?), mas se calhar outra orientação, né(?), outro tipo de avaliação poderia ser feita ou de observação poderia ser feita, não (?). Não só as reflexões nem, porque muitas vezes a planificação pode estar feita mas quando se chega lá aquela planificação não foi, não pode ser aplicada, então tem que ser alterada. E isso o professor não vê e o supervisor não vê, e muitas vezes, pode ter uma ideia errada, não, não, não fica, acho que não fica com uma ideia certa do trabalho e do desempenho do aluno nesses 15 ou 10 minutos que passa lá. Porque em cada dia



mostra-se diferente e um dia pode estar a correr melhor, outro dia pode estar a correr pior. A professora só vê aqueles minutos e é com aquela impressão que fica. Não digo que não seja aquela impressão correcta, porque pode ser, não é(?), mas acho que não, se calhar, muitas vezes, não é a mais correcta.

FIM

1º TRATAMENTO DA ENTREVISTA A 15

[*Como caracteriza o ambiente em que se encontra a desenvolver a PP*] (...) A escola que estamos a trabalhar é, temos feito sempre a comparação, (...), com o ano passado de estágio, é totalmente diferente, mas por um lado até nos dá mais experiência. A nível de ..., cooperação com a professora cooperante este ano não temos tido muito, infelizmente, porque nós queríamos, o ano passado tivemos mais, também depende dos professores, (...), da maneira de trabalhar deles. Ao nível da escola, nunca tivemos muito contacto com outros professores, só mais com a coordenadora da escola, e porque tínhamos também trabalhos a desenvolver e então pedíamos auxílio e informação. (...)

[*A nível de turma*] (...) são aluno a nível de comportamento, nós quando entramos assustamo-nos um pouco, porque, (...) para já são 4º ano, mais crescidos, (...), tinham um comportamento péssimo, eles eram mesmo reconhecidos na escola mesmo outras professoras com actividades extra-curriculares tinham muitas queixas em relação a esta turma, porque tem muitos elementos perturbadores, há alunos também já, temos duas alunas identificadas com alínea i), que são as que estão no 3º ano, mas dentro da turma, o grande, o grande numero também existem alunos com problemas, temos um aluno hiperactivo que já está identificado, outro que também tem comportamentos muito desajustados, ao nível de atitudes, de fazer as actividades, eles recusam-se, mas já, o professor levou-os a frequentar o psicólogo, (...), e identificou-os mas não, não os identificaram com nada. Disseram para continuar a fazer o mesmo trabalho, com os alunos, não dando mais nenhum apoio, só com a professora titular, e depois connosco acontece a mesma coisa. E então foi mais ao nível do comportamento que foi um bocadinho difícil a adaptação e também a coordenação entre actividades com o 4º ano e com o 3º ano, (...)

[*Como vê o seu supervisor*] Nós tivemos, nós supervisor tivemos um no 1º semestre. A última, (...), acho, deu-nos mais feedback, do que tínhamos anteriormente, porque ia sempre à aulas, apesar de só tarem lá um bocadinho, (...), só fica um momento, mas gostei que ela ficasse sempre no fim de cada aula, desse a sua opinião, o que é que devíamos melhorar, o que é que tavamos bem, o que é que tínhamos feito mal, ajudava-nos nos materiais, dava-nos opiniões, o que é que poderíamos fazer bem, o que poderíamos fazer mal,

[*Como vê o seu professor cooperante*] (...) gostava de ter tido mais ..., da opinião dela, gostava que ela tivesse-nos ajudado mais, poderíamos até não concordar com algumas coisas que ela dissesse mas seria sempre bom, pelo menos eu sempre pensei que fosse assim, nós depois de cada aula, ou pelo menos, quando tavamos os 4 dias, uma vez, (...), no fim dos 4 dias, reunir sempre no fim das aulas e dar a sua opinião e fazer criticas positivas ou negativas, para nos ir ajudando a construir, a superar algumas dificuldades. Senti que ela apen, e fiquei um bocado desmotivada, porque ela (...), só nos falava, só dizia alguma coisas quando era para dizer algo negativo, fizeram isto mal, não devem fazer assim, devem melhorar, não pode ser, tá tudo muito mal. E até no inicio do ano, nós ficamos muito assustadas porque ela nunca falou connosco, depois chegou uma altura que..., disse ah, vocês têm que mudar a vossa maneira de, de planificar ou algumas actividades porque eu chego ao fim da semana não estou a conseguir extrair nenhuma informação deles, e nós ficamos um pouco

desiludidas porque se isso tava a acontecer gostávamos que ir sabendo, (...), pra ir corrigindo. E então acho que foi mais, é professora cooperante mas não cooperou muito, porque ela dava-nos os conteúdos, o único trabalho que tínhamos com ela era, dava-nos os conteúdos a trabalhar durante a semana ou durante os dias e depois nós planeava-mos as actividades e mostrava-mos. Ela dizia sim, sim e depois era só isso, não tínhamos mais...E depois no final criticava, e antes, quando mostrava-mos a planificação dizia que tava tudo bem, (...), depois acontecem sempre coisas.

[*Sente que existem diferenças entre as orientações/práticas do supervisor e do professor cooperante*] Sim, eu penso que sim. E também é, o trabalho é total, eu acho que é diferente, porque a cooperante tá sempre connosco, observa-nos, é muito diferente do que o professor supervisor, vai lá, tá lá um momento da aula, (...), tá bem que também depois na universidade nos ajuda nas planificações, nas reflexões, mas em termos de actividades e de prática mesmo acho que..., o professor cooperante penso que tem um papel, pelo menos em termos de ajudar e de nos evoluir mais. (...) no que dizem pra fazer sim, às vezes existiam, mas, nós achávamos engraçado que..., a professora cooperante nunca nos tinha dito certas coisas e depois quando a professora supervisora, porque mudou, vem já referir estes pontos, a professora cooperante já estava também a entender que sim, eu sempre achei isso, mas nós nunca sabíamos nada, (...), porque ela não nos dizia e nós não poderíamos saber. (...) por exemplo, nós no início foi muito difícil fazer a coordenação entre o 2º e o 3º ano, até porque era, as duas alunas estavam identificadas com alínea i), eram duas alunas de etnia, cigana, e, e era muito complicado e elas tinham um professor de apoio, mas a professora de apoio o trabalho que desenvolvia é mais ao nível de trazer fichas de trabalho, trabalha com elas e depois vai aquele bocadinho embora. E então o que é que nós começamos a desenvolver por exemplo que nos foi dado e por pensarmos que seria assim que deveríamos agir com elas, era, também trazíamos trabalhos, não iguais à turma, (...), porque elas estavam noutra nível, no que poderíamos actuar em coisas iguais era na área das expressões mas, muitas vezes, elas também se recusavam, e o que é que fazíamos, enquanto o, uma aluna estava a ter aula individual, tentava dar mais a aula ao grande grupo e depois ia, de vez em quando, tentava fazer trabalho também com as outras duas alunas, mas muitas vezes recebia cooperação das duas alunas, porque somos três no grupo de estágio, das outras duas alunas que não estavam em prática nesse dia. E então a professora supervisora disse-nos para nós tentarmos mais, para conseguirmos mesmo integrá-las nas actividades da aula e fazer-mos uma planificação só pra elas. Porque nós preparava-mos actividades, mas essas actividades estavam incluídas na planificação do 4º ano. E depois, quando a professora supervisora nos disse que deveríamos fazer um acompanhamento mais de perto e a pessoa que tava a dar a aula, responsável pela aula nesse dia deveria fazer um acompanhamento mais, mais forte, a, aí é que a outra professora nos disse, sim eu sempre quis que vocês fizessem planificação, podem fazer uma pó 3º ano e outra pó 4º ano, porque eu também sempre fiz no meu estágio e gostava que vocês fizessem, sempre vos disse, mas, nós na altura não quisemos contrapor, (...), porque tamos numa situação delicada, mas sabíamos perfeitamente, éramos três, que não tinha sido assim.

[*Como se sente face a essas diferenças, em situação de PP*] Eu sinto-me, às vezes, sinto-me um bocado desmotivada, porque muita coisa também do estágio, (...), que é um momento muito importante do curso, depende das professoras, (...), dos professores que temos, muitas vezes, também, a maior parte é da turma, (...), da turma com

que também calhamos, mas, se tivermos uma professora cooperante que seja mesmo cooperante e nos ajude e motive, porque acho que a motivação é importante, acho que funciona melhor.

[*Quais as características que considera mais pertinentes para se vir a tornar um bom profissional*] É difícil, penso que, acima de tudo, temos que pensar nos alunos, (...), no contexto, porque o que funciona pra uma turma não funciona pra outra, temos visto isso, (...), em estágio, e..., tentar adequar os conteúdos, muitas vezes nós também sentimo-nos frustradas porque queremos utilizar outras actividades com eles e muitas das professoras, pelo menos que nos têm saído no estágio a, seguem muito à risca o programa e tem que ser aquilo e tem que se dar os conteúdos que tão no livro, e nós sentimo-nos um bocadinho limitadas, (...) e queremos experimentar, temos na universidade, aprendemos a teoria toda e queremos pô-la em prática, mas depois, quando chegamos ao estágio, temos um pouco limitadas. É mesmo isso que importa, não é preciso seguir o programa à risca, é pensar na turma e a partir daí desenvolver, sei que é difícil, (...) mas...

[*Sente-se motivado para desenvolver a PP*] Neste momento estou um bocadinho desiludida, pensava que era diferente, até mesmo, mas se calhar, acho que é mesmo porque temos tado em situação de avaliação e temos que fazer as actividades sempre de acordo com outro professor, (...), acho que isso nos limita um pouco. Mas espero, tenho esperança que, quando estiver sozinha ou com outros colegas, consiga desenvolver outro trabalho.

[*Como classifica a relação que estabelece com o supervisor em contexto de PP*] Eu penso que é boa porque ..., como nós mudamos, (...), a última supervisora que temos num tivemos logo grande, não tivemos grande contacto com ela, só agora a partir deste último tempo, mas o que tivemos gostei e gostei dela nos ter ajudado, dela nos ter motivado e continue e dê ideias porque nós afinal estamos aqui mas também estamos a aprender, (...), na maior parte. E então gostei desse aspecto que não tinha visto ainda nos outros professores.

[*Como classifica a relação que estabelece com o professor cooperante em contexto de PP*] Eu acho que é só mesmo..., a nível de..., nós chegamos lá, ela dá-nos os conteúdos, apresentamos a planificação, ela diz sim, tá tudo bem, ou então faz a crítica, no fim da aula, mas não passa disso. Podia ser, eu sinto que podia ser uma relação mais de confiança e de entreajuda e, até porque nós tamos a aprend, precisamos de mais apoio, poderia ser uma relação mais de..., mais de apoio, mais próxima.

[*É uma relação fria*] Sim, é, é. Podia ser mais próxima, é muito distante.

[*Fora do contexto da PP, como classificaria a relação com os 2, supervisor e professor cooperante*] Não há nenhum contacto com a professora cooperante, nem, com a supervisora também não porque penso que também tem outras funções e...

[*Como caracteriza o clima de supervisão criado pelo supervisor*] (...) nós com esta última supervisora, nós só temos uma relação na prática, não é desenvolvida depois cá, só temos, temos desenvolvido depois com o outro professor supervisor, a, e também gostávamos, eu pelo menos aqui na universidade, quando falamos das práticas, gostava de ter falado mais mesmo sobre as práticas, não de temas que estejam rela-

cionados, mas sobre o que nós realmente fizemos, partilhar ideias entre os colegas e assim.

[*Quais as suas representações acerca do efeito da acção do supervisor no desenvolvimento da sua PP*] (...) acho que deveria de ser..., de auxílio, (...), de apoio, ao que estamos a desenvolver e (...) Penso que deveria ser..., penso que não é tão..., tão motivante, deveria nos dar mais..., mais motivação, não, não se deveria

[*Essa motivação de que fala é essencialmente do professor cooperante*] Sim, mas penso que também com o professor supervisor. Sim, acho que é importante, se nós partilhássemos também o que acontece no estágio, o que também não tem acontecido, ah..., e deparássemos como temos falado, mas falamos mais com os colegas, de problemas que acontecem assim, ah..., penso que poderiam-nos dar mais apoio, mais auxílio, motivar.

[*Quais as situações que considera que facultam e/ou dificultam o desempenho da sua prática lectiva*] Eu acho que..., o momento em que o supervisor tá lá, também, apesar de ser um momento de pressão, (...), porque estamos a ser avaliadas, acho que é importante para termos preparadas. (...), penso que também o momento de reflexão, também nos ajuda, por um lado o momento em que ele está lá, que o supervisor vai à prática, ajuda, não é(?), porque precisamos disso e temos que tar preparadas, mas ao mesmo tempo, acrescento o nervosismo, que já temos, não é(?), acrescenta o nervosismo à actuação e às vezes penso que se não tivesse lá até seria melhor ou até faria de outra maneira, mas por vezes por tar lá, o nervosismo às vezes é maior. E depois acho que também, acho que ajuda bastante o momento de reflexão, de partilha de ideias, a reunião com os professores.

[*Iniciativas que reconhece que o supervisor, professor cooperante promoveram no sentido do seu desenvolvimento pessoal e profissional*] Penso que é o momento de..., de reflexão é importante, não é(?), onde nós falamos das nossas práticas e dos erros que..., que cometemos, penso..., acho que é mais isso da reflexão e também na preparação da planificação, acho que também era importante, acho que é importante o ...

[*Outro tipo de actividades extra-lectivas sugeridas*] (...), por estes professores, na universidade é que sabemos, por professores de outras cadeiras ou porque afixam na universidade. Já fomos a algumas acções de formação mas específicas de uma área, de matemática, outra sobre artes.

[*Nada promovido pelos supervisores ou pelo professor cooperante*] Não, não.

[*Como reage quando se depara com uma situação de PP difícil*] Eu acho que cedo, o início é sempre aquele momento de adaptação que nós ..., foi o que aconteceu este ano, deparamo-nos com uma turma com um comportamento grave, não é(?), mau comportamento, e..., o que nós fizemos foi tentar em acordo com a professora cooperante, tentar-mos encontrar nós estratégias para ..., para que eles aprendessem a respeitar-nos, nós chegamos ali mas só trabalhamos um mês, só começamos a trabalhar com eles agora, assim, como são crianças que já tão no 4º ano, já tiveram acompanhados sempre por aquela professora, às vezes é difícil que eles nos respeitem ou

que..., que ajam, claro que nunca vão agir, como agem, como agem com a professora titular, não é(?).

[*Quais as estratégias que costuma utilizar para resolver a situação*] Nós no início, com esta turma, a..., utilizamos, em relação ao mau comportamento, começamos a utilizar tabelas, de registo de comportamento, o registo semanal, para ver se eles tentavam..., melhorar mais e depois quem tivesse melhor comportamento tentávamos encontrar ou durante as actividades estratégias de..., não é premiar mas motivação para que continuassem o bom comportamento, e depois eu acho que mesmo o respeito, o clima de confiança acho que vai sendo adquirido, né(?), ao longo da prática, porque agora já, penso que já está melhor, prontos, chega ao fim eles já têm mais respeito, mas, é confiança mas já nos vão respeitando mais.

[*Indicações que recebe do supervisor/professor cooperante nessas situações*] Nós no início, quando ficamos preocupadas, né(?), e fomos falar com o professor supervisor, até porque a professora cooperante nos tinha feito aquela apreciação, negativa, e ficamos preocupadas, como é que íamos agir, mas o professor não nos indicou nenhuma estratégia, disse-nos foi para também não ficarmos tão nervosas, tão preocupadas, ir tentando lidar com a situação, porque, também se a turma era assim, também não seria por nossa culpa que tínhamos chegado à pouco tempo, né(?), ainda por cima sendo uma turma do 4º ano, para nós não nos culpabilizarmos tanto como tavamos, não nos chatearmos e preocupar-nos. Tentou, pronto, aliviar a situação, a tensão e..., pra nós pensarmos em actividades que também os cativasse mais porque podia ser que assim eles nos respeitassem e ganhasse a confiança.

[*Que orientações recebe do seu supervisor ou professor cooperante que considere contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e profissional no futuro*] (...) a última que temos tido, pois o que ela tem insistido mais é que nós tentemos não, como normalmente, tem sido feito na, que é feito na turma, que a professora supervisora também vê, chegar lá, dar as actividades fora do contexto, ela tem-nos aconselhado a qualquer conteúdo que nós iremos trabalhar venha sempre com um fio condutor, tenha sempre, seja sempre relacionado com algo, que eles saib, que eles conheçam, acho que isso foi uma das coisas importantes que ..., que ela referiu. E a professora cooperante, o que ela referiu logo no início, que da parte dela, ela pensa e pensava que seria importante, também para nos auxiliar é ter sempre recursos materiais, visuais, para eles não se distraírem tanto, também mesmo por causa do comportamento deles, ficarem mais atentos e porque nós também não temos muita experiência, e então os recursos sempre nos auxiliam, pra não ser sempre o professor a falar.

FIM

1º TRATAMENTO DA ENTREVISTA A 17

[*Como caracteriza o ambiente em que se encontra a desenvolver a PP*] (...) considero um ambiente complicado, ahm, não, de todo, bem organizado, que não há um grande trabalho de equipa, pelo menos é assim que percepciono. Na escola, tem que ter em conta, isto fazendo comparação com o ano passado (...). Essencialmente isso. Considero muito complicado.

[*A nível de turma, escola*] Escola e turma, sim. Até porque fica numa zona, penso, pelo que eu conheço ou pelo que me disseram, é uma zona difícil, em Faro, fica numa zona..., e o nível de toda a comunidade, mesmo o meio envolvente, é caracterizado por ser, tem umas características muito peculiares.

[*Como vê o seu supervisor*] (...) A supervisora da ESE, portanto, só começou depois no 2º semestre, (...). Do dia a dia, portanto, é uma pessoa que só está muito pouco tempo connosco, não está, é a supervisora não é a professora cooperante, é diferente, eu não junto. É uma pessoa que não está muito tempo, está pouco tempo, eu não sei, eu, às vezes, tenho a sensação de que está um pouco desligada de, da prática diária, não é(?). Acho que é uma pessoa com bastantes conhecimentos da área, mas pra mim, nem sempre, acho que está um pouco desfasado do contexto mesmo de prática. A nível mais teórico, pronto, prático, não sei.

[*Como vê o seu professor cooperante*] (...) não tenho mui, não posso, não há muito que eu possa dizer porque não tem sido assim uma ajuda muito grande. Nós, por exemplo, que reflecta connosco, que fale sobre o nosso trabalho, no fim da prática, que é óptimo pra, se há alguma coisa que não funciona bem, nada melhor do que fazer evidenciar, isso para podermos melhorar, se não há depois um trabalho nesse sentido, é complicado. Até porque nós só, é-nos dito quais são os conteúdos s desenvolver, muitas vezes depois há, nós planificamos e quando, na altura está tudo muito bem e depois, de repente, não concorda, acha que deveria ter sido de outra maneira, devia ter-nos dito antes, não é (?), se nós falássemos, se tivéssemos um diálogo mais aberto, portanto não..., não é de todo muito positiva, digamos.

[*Sente que existem diferenças entre as orientações/práticas do supervisor e do professor cooperante*] Agora não tanto, porque a professora cooperante agora está um pouco mais inclinada para aceitar, talvez, as orientações da professora supervisora, portanto, agora há mais concordância. Só que agora também já estamos no final do ano, da prática.

[*Quais as características que considera mais pertinentes para se vir a tornar um bom profissional*] (...) eu acho que isso é complicado, não sei. (...) eu acho que, a pessoa tem que ser, primeiro tem que ter, tem que ser uma pessoa que tenha um espírito bastante aberto. Ah..., tem que se dar, não só dar, doar mesmo à profissão, acho que é essencial, acho que é muito difícil e cada vez mais, acho que uma pessoa tem que ter um..., uma boa relação interpessoal com os outros, e ser bastante sociável, ah..., mas estar muito convicta daquilo que ..., portanto, segura de si. Acho que é fundamental, isso, acho que tudo mais, há tanta coisa que se poderia dizer, acho que isso advém depois com a prática.

[*Como classifica a relação que estabelece com o supervisor em contexto de PP*] (...) talvez não muito aberta, mas pela minha parte, porque, isso tem a ver com o meu carácter, penso eu. É uma pessoa que eu não conheço muito bem, também, e eu depois, talvez devido, vou dizer mas (*risos*), talvez a minha falta, forma de, acho que ainda sou um pouco tradicional, pelo que me têm dito e pelo que eu já tenho percebido um pouco, e então há uns choques, não é (?), eu tento, a minha lógica talvez não seja aquela que é mais, ou que seria, ou que toda a gente esteja à espera, e, por isso, de vez em quando, há assim uns, uns choques de mentalidades, não é(?), eu tento ser aberta mas sempre cria uma certa barreira, não é(?). eu não sou totalmente ..., aberta digamos, para com, então o relacionamento não poderá ser tão positivo quanto deveria.

[*Como classifica a relação que estabelece com o professor cooperante em contexto de PP*] (...) é mais talvez, é mais pessoal, um pouco mais aberto, mas também, não há, não há assim um grande relacionamento com os professores cooperante, nem supervisor. Eu sei, tento, portanto, analisar aquilo que me dizem se eu realmente concordo, muitas vezes concordo, outras vezes, por muito que eu tente não, não, a minha lógica não me diz isso, mas pronto, ainda aceito, porque se for a professora cooperante é uma pessoa que já tem, já tem um, portanto, está com as crianças à bastante mais tempo, conhece-os melhor, saberá melhor, talvez, como lidar com eles. Se for a professora supervisora, muitas vezes tenho a sensação de que, realmente, pois, na prática sim, mas que na teoria nem sempre aquilo que é dito se verifica.

[*Fora do contexto da PP, como classificaria a relação com os 2, supervisor e professor cooperante, se existe*] Não.

[*Como caracteriza o clima de supervisão criado pelo supervisor*] (...) cria sempre um clima um pouco, é um pouco constrangido, digamos. Eu fico sempre um pouco, a pessoa não sei, isto de ter a sensação ou ter a certeza de que se está a ser avaliado, mesmo que não seja em termos de avaliação, assim formal, mas se está a ser observado e ..., é diferente, não é(?), cria-se sempre um ambiente um pouco..., talvez de insegurança, não sei.

[*Quais as suas representações acerca do efeito da acção do supervisor no desenvolvimento da sua PP*] (...) talvez, não..., faça com que eu não consiga desenvolver sempre tudo de acordo com aquilo com que eu possa pensar. Pode ser que por um lado vá ao encontro daquilo que seja melhor, para um dia na prática, pode ser que sim, mas por outro lado, depois, faz com que eu não seja tão espontânea, não seja tão à vontade, para reagir perante o que tenho para desenvolver, um dia.

[*E a acção do professor cooperante*] Não, não foi assim, não sinto..., qualquer, digamos que, barreira ou, não há nada que transtorne.

[*Quais as situações que considera que facultam e/ou dificultam o desempenho da sua prática lectiva*] O meu desenvolvimento, sobretudo, uma coisa que eu tenho bastante dificuldade é gerir o tempo. No início..., tinha demasiadas actividades, planificava de uma forma muito exaustiva, depois, tentei modificar sim, depois há certas alturas em que já fui de menos, também já aconteceu, eu ficar, chegar ao fim da aula e ter que inventar ou um jogo ou uma coisa qualquer pra que os miúdos não ficassem muito eufóricos, depois começam a olhar prás horas e está na hora quase, e quanto é

que falta. Pra mim, o pior de tudo é gerir o tempo, conseguir conciliar o tempo que devo levar, por exemplo, a ver um conteúdo qualquer com eles, depois com as actividades que eles fazem, é o meu problema, é o meu problema principal, é esse. Pra mais que..., se houver crianças com outros níveis de ensino, na sala, torna mais complicado. Aspectos que facilitam..., talvez o relacionamento, com, com os alunos, ahm... Tenho um relacionamento, portanto, um pouco, eu não sou, num, eu não consigo criar um envolvimento muito grande com as crianças, nem sempre consigo, tento mas não consigo. Acho que não consigo com ninguém, se calhar, não sei. Mas, se eu noto, por exemplo, que está, por exemplo, a haver alguma dificuldade eu tento mudar e então nesse momento eu consigo desbloquear, digamos e então relaciono-me, consigo criar um bom ambiente com eles. Por um lado facilita o facto de os por um pouquinho mais longe, não é (?), mas, às vezes, preciso de, e consigo nessas alturas, e nesse aspecto é fácil então conseguir que eles tenham atenção e que percebam, consigam ouvir e estejam calmos.

[*Como entende o seu papel no desempenho da PP*] (...) Como é que eu me vejo, pois, como um pessoa que ainda tem muito, um longo caminho, pela frente, até porque, a mentalidade dos jovens que estão nas escolas, é um pouco diferente daquilo que eu esperava, que eu..., não pensei que ..., que fosse da forma como é. acho que ainda tenho muito para... para andar, muito, é verdade.

[*Quais os aspectos positivos e/ou negativos resultantes das práticas supervisivas do supervisor e do professor cooperante*] (...) Positivos, ora vejamos, positivos pode ser, por exemplo, nem sempre, depende, a, mas às vezes, pode ser positivo o facto de nós sabermos que há alguém que está a..., supervisionar o nosso trabalho, faz com que a pessoa, talvez, seja mais acurada naquilo que faz, mas por outro lado pode constrangir, também, não, sobretudo isso.

[*Iniciativas que reconhece que o supervisor, professor cooperante promoveram no sentido do seu desenvolvimento pessoal e profissional*] (...) Só o facto de eu ter que questionar a forma como desenvolvo o meu trabalho, porque já fui criticada, por duas vezes, e..., e eu aceito bem quando me criticam com, considero sempre que é sempre pra melhorar, mas ser por duas vezes, só espero que não haja mais nenhuma vez, também só temos uma vez mais prática, e ainda por cima foram, digamos, se fosse um caso de, judicial, teria, estaria a ser renitente naquilo que fiz. E não foi, a intenção não foi essa, só que é, tem a ver com a lógica de pensar, eu já cheguei à conclusão que, realmente, a minha forma de pensar não será tão lógico quanto o usual, isso talvez tenha a ver com a minha vida, portanto, toda a vivência do passa, anterior e, mas só mais nesse sentido. Portanto, o que o professor supervisor ou o cooperante terá contribuído para o meu, sim, mais a questão do questionamento do meu próprio trabalho.

[*Como reage quando se depara com uma situação de PP difícil*] Paro, deixo, nem que eles façam barulho, paro e tento fazer com que a tal já, tento a, pois, interrogarme, não é(?), mas tenho que parar mesmo. Se houver qualquer coisa, já tem acontecido, porque já me tem acontecido situações muito imprevistas, coisas que nós temos que fazer assim de repente e que eu não estava nada à espera, ou temos que mudar ou qualquer coisa, então, tenho mesmo que parar, deixo, nem que eles falem, conversem, e como se alguém entrasse no momento, pensaria, bem, isto aqui o que será que



está a acontecer, mas tenho que parar, pensar e depois então reagir (*risos*). Se não, não consigo.

[*É essa a sua estratégia*] Tem que ser. E depois quando começam digo assim, pronto, vamos lá. E então volta tudo, ao normal. Tem que ser assim, de outra forma não, não consigo.

[*Pára para reagir*] Sim.

[*Indicações que recebe do supervisor/professor cooperante nessas situações*] Até agora penso que, pelo menos quando aconteceu não, não, não recebi qualquer indicação.

[*Que orientações recebe do seu supervisor ou professor cooperante que considere contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e profissional no futuro*] (...) seria, precisamente, a questão da projecção de voz, (...), porque..., é mais difícil depois conseguir chamar à atenção, (...), de alguém, quando uma pessoa tem uma voz, do que um tom de voz mais baixo. Uma coisa que eu deveria fazer, que nem sempre faço, mas isto tá relacionado com o facto de haver um grupinhos que muitas vezes precisam de mais atenção do que outros, então a minha tendência é sempre, quer dizer, quase sou destacada prali, mas fico mais tempo, (...), perto pra ver como é que as coisas vão, se vão andando, e muitas vezes deixo, quer dizer, ou olho à distancia, (...), em vez de me movimentar e também de ir ao pé de outros alunos, fico-me sempre mais por um, há ali um, uma parte da sala que eu normalmente me centro mais. Isso também já me foi dito que não deveria fazer. Mas assim, propriamente, noutro aspecto não tanto. Gerir o tempo, também, mais não me estou a lembrar assim...

FIM

1º TRATAMENTO DA ENTREVISTA A 19

[*Como caracteriza o ambiente em que se encontra a desenvolver a PP, escola e turma*] É assim, a minha professora cooperante, eu tou a gostar muito do trabalho dela. Eu acho que, o trabalho dela, acho, nós não temos receitas, bem conseguidas, não é(?), gosto muito da maneira que ela trabalha, acho que ela tem uma relação muito próxima dos alunos, e acho que isso é essencial, não, é, vai, como futuros professores também deveremos ter essa relação. Pralém disso acho que as metodologias que ela utiliza, as estratégias, acho que ela é muito dinâmica, cativa muito os alunos, tenta motivá-los para a aprendizagem, o que, o que faz com que estes alunos sejam, pelo menos nesta altura do campeonato, já quase no fim do ano, que eles estão no 3º ano de escolaridade, faz com que eles sejam mais desenvolvidos, e isto comparando em relação ao ano passado, mais desenvolvidos que outros alunos, do mesmo nível.

[*Acha que se cria um bom ambiente em questões de turma e de escola para o desenvolvimento da PP*] Sim, eu acho que, pelo menos, ela dá-nos oportunidade de assistir a varias reuniões, dá-nos oportunidade de utilizar várias estratégias, ela dá-nos muita liberdade. Pralém disso, ah..., é uma professora que a nível de relação com as outras professoras também e a nível de toda a comunidade, vá, é muito aberta, é muito ..., dá-se bem com toda a gente, o que faz com a gente tenha facilidade, se calhar em conhecer outras coisas que, se calhar, outras professoras, à partida, não dão essa oportunidade.

[*Como vê o seu supervisor*] É assim, nós temos, tivemos dois. No início tivemos o professor “S 0” e agora temos a professora S 2. O professor “S 0”, a nossa relação com ele, neste momento já é mais próxima, mas no início acho que era uma proximidade, ou se calhar nem sequer era proximidade, ele era uma pessoa mais distante, não nos, não nos acompanhava tanto, não nos dava, se calhar, as bases que nós precisamos para, pra, pronto, para sermos uns bons professores. A professora S 2 já nos acompanha mais porque já diz: olha, faz isto, eu acho que deverias seguir por este caminho, porque se calhar é melhor para os alunos ou, se calhar, tu sentes-te melhor. E esse trabalho não era feito, se calhar, com o professor “S 0”. Embora na parte final já tenha notado que esse trabalho, pronto, já havia uma preocupação.

[*Como vê o seu professor cooperante*] (...) acho que é uma pessoa muito..., fácil, de, de, de comunicar, acho que é uma pessoa muito dinâmica, uma pessoa muito..., aberta à inovação, não é, não pensa só nela, pensa, preocupa-se muito não só com os alunos, a..., os alunos que ela acompanha ao longo do ano inteiro mas connosco também. Preocupa-se muito com as nossas dificuldades, o que é que nós sentimos, o que é que devíamos fazer, basicamente é isso.

[*Sente que existem diferenças entre as orientações/práticas do supervisor e do professor cooperante*] (...) eu acho que a nossa professora cooperante eu acho que tem, acho que ela fala mais connosco do que a própria professora, pronto, a supervisora, porque, para além de estar lá mais tempo, ah..., conhece-nos melhor, ela, mais do que ninguém, sabe-nos dar as, vá, indicações do que é que está bem, do que é que está mal, do que é que deveríamos fazer, do que é que não foi feito, do que é que foi feito e deveria ser repensado, e..., e a nossa supervisora tá lá, tá 15 minutos lá, claro que não tem tanto, tanto, se calhar, à vontade connosco, para dizer certas coisas ou se calhar não..., não tem conhecimento suficiente pra dizer aquilo que deve ser. Porque,

às vezes, chega lá num determinado instante e nem sabe o que é que veio para trás, o trabalho que veio pra trás e, se calhar, não sabe o trabalho que vem à frente, sabe naquele momento. E aquele momento é insuficiente, se calhar, pra dizer determinadas coisas essenciais se calhar para nós. Esse trabalho deve ser feito pela, pela professora da turma, mais do que ninguém conhece o nosso trabalho.

[Quais as características que considera mais pertinentes para se vir a tornar um bom profissional] Eu acho que, um bom profissional deve estar sempre a mudar as estratégias, as metodologias, consoante os alunos que tem. Não deve usar os mesmos materiais ao longo de anos e anos a fio. Deve inovar, consoante aquilo que vê, na televisão, ler livros, ver novas formas de trabalhar, noutros países, não só noutros países mas mesmo no próprio país, por exemplo, Vale das Aves está, tem uma metodologia super diferente, eu acho que, à professores que, se calhar, não concordam por completo com aquela forma de trabalhar, mas ao menos, tirar certas coisas essenciais e aproveitá-las para aplicar na sala de aula. Há tanta, tantas coisas, noutros países, que podem que podem ser aproveitadas. É assim, não, não quer dizer que sejam ligadas à educação, mas, por exemplo, ligadas a outras áreas, por exemplo, a nível de..., das novas tecnologias, podem ser aproveitadas, a nível da matemática pode ser aproveitado, das engenharias há uma, há um projecto, que é da LEGO, que eu, por acaso, fui ver numa exposição em Silves, que eles dizem que, eu não sei, acho que é na Inglaterra, que, dizem que, a partir, acho que é do 1º Ciclo, se for trabalhado aqueles, a construção daqueles projectos de Lego, normalmente a partir dessa idade, chegam a ser engenheiros. É um estudo que foi efectuado mesmo que ..., se trabalharem a partir dos 8 anos até, até longa data, não é, fase adulta, com esses projectos da Lego, chegam, uma grande parte, chegam a engenheiros mesmo. Eu acho que, é coisas tão pequenas mas que podem ser aproveitadas, não é(?). É isso que eu penso.

[Sente-se motivado para desenvolver a PP] Sim, eu. É assim, tenho, gosto muito daquilo que tou a fazer. Mas tenho pena, prontos, quando sair daqui não vou ter emprego, como é obvio, não é(?), e tenho muito pena da gente adquirir tantos conhecimentos, não digo tanto na teoria, mas a nível de..., de prática, e tive oportunidade, prontos, este ano ofereceram-nos muitos seminários, aprendemos tanta coisa nova, vimos tanta coisa nova, tamos sempre a aprender a ver, na televisão, nas revistas, nos livros, tamos a aprender tanta coisa e depois no fim, a motivação, temos motivação pra quê (?), para ir pó desemprego.

[Como classifica a relação que estabelece com o supervisor em contexto de PP] (...) neste momento temos a professora S 2, (...), e eu acho que, que ela é uma pessoa também muito aberta. Muito aberta no sentido que, tudo o que, vá, duvidas, aquilo que nós achamos que devíamos fazer ou que não está tão bem quanto isso, ela é uma pessoa perfeitamente aberta, nós podemos falar com ela o melhor possível. Tínhamos o professor “S 0”, se calhar, certas vezes, nós não tínhamos o à vontade suficiente ou essencial para, para dizer determinadas coisas, ou sentimos estas duvidas ou aquelas, porque, se calhar, às vezes, éramos levados assim um bocadinho, um bocadinho na brincadeira, pronto. É o que eu acho.

[Como classifica a relação que estabelece com o professor cooperante em contexto de PP] É, é boa. Eu gosto muito dela. Acho que ela é uma pessoa, é assim, eu aconselho-a como professora cooperante acho que ela é, é o, é o, é a professora modelo, vá.

[*Fora do contexto da PP, como classificaria a relação com os 2, supervisor e professor cooperante*] A nossa professora cooperante, é assim, ela é, pralém de ser nossa professora, lá na sala de aula, dentro daquele espaço, ela é nossa amiga, ficou nossa amiga. Eu acho que isso é muito importante. Ela ficou nossa amiga no sentido, qualquer coisa que a gente precise, ela está lá, qualquer coisa, mesmo problemas pessoais, ela está lá também. Ah..., e ela própria também se sente nossa amiga, não é(?), ela é uma pessoa que conversa connosco como conversa, se calhar, com outra pessoa qualquer que conhece, se calhar há muitos anos.

[*Como caracteriza o clima de supervisão criado pelo supervisor*] (...) eu acho que, é bom, neste momento acho que é muito bom, acho que, tudo o que temos a dizer, dizemos, não há, não há receio.

[*E o clima do professor cooperante*] Tamém, na mesma.

[*Quais as suas representações acerca do efeito da acção do supervisor no desenvolvimento da sua PP*] Eu acho que, que o professor supervisor, não é(?), é essencial para nos acompanhar ao longo, vá, deste processo, né(?), acho que é essencial. Ah..., no entanto, considero que, que a professora cooperante é aquela que deve assumir mais responsabilidades a nível da nossa avaliação, ao nível do nosso progresso ou retrocesso, porque é aquela que tá mais tempo, passa mais tempo connosco na sala de aula.

[*A acção deles promove alterações ou ajuda ao desenvolvimento da sua prática*] Claro que sim. Eu acho que se nós não tivéssemos um acompanhamento não éramos professores, não é(?). Acho que deve haver sempre o acompanhamento de pessoas ligadas à área, pessoas que conhecem o trabalho que deve ser feito na, naquele campo, para nos dar, se calhar, vá, certas indicações do trabalho que deve ser feito ou, pelo menos, encaminhar-nos, porque nós não temos bases nenhuma. Tem que ser alguém que conheça.

[*Quais as situações que considera que facultam e/ou dificultam o desempenho da sua prática lectiva*] (...) eu acho que os conhecimentos que adquirimos ao longo do curso, ah..., facilitaram, se calhar, um pouco a nossa, facilitaram a nossa prática, não é(?). Ah..., aquilo que nos dificulta, acho que, não houve assim nada. Acho que, uma coisa importante, eu acho que, deveria ter havido mais uma interligação entre a prática e a teoria. Acho que, o nosso curso foi muita teoria no 1º e no 2º ano e depois, só no 3º ano é que houve uma preocupação, óh eles vão pá prática, e, houve mais essa preocupação. Quando isso devia de haver logo, logo no 1º ano.

[*Como entende o seu papel no desempenho da PP*] Eu acho que, acho que mais é impossível. Acho que mais dedicação, acho que é impossível. Eu acho que, apostei tudo na prática.

[*Quais os aspectos positivos e/ou negativos resultantes das práticas supervisivas do supervisor e do professor cooperante*] (...) eu acho que é essencial, não é(?), apesar disso nos intimidar, se calhar, por vezes, um bocado. Ah..., mas acho que, eu acho que, temos que temos que conviver bem com essas situações de observação porque, ao fim ao cabo, temos tantos alunos, temos sempre a ser observados. Acho que isso é importante, é essencial.

[*Não considera ser um aspecto negativo*] Não.

[*Iniciativas que reconhece que o supervisor, professor cooperante promoveram no sentido do seu desenvolvimento pessoal e profissional*] Eu acho que a professora cooperante, nesse sentido, teve um papel muito importante porque sempre que a gente fez alguma coisa errada ou até bem, ela teve sempre a preocupação de, de elogiar ou, pelo menos, tentar que a gente repensasse naquilo que fizemos, não é(?). Quanto ao professor supervisor, ah..., eu acho que, não houve tanto essa preocupação, a, de, de tentar ver, pelo menos aconselhar-nos mas, pelo menos da experiência que eu tenho do ano passado, eu acho que isso foi feito, o meu professor supervisor teve um papel mesmo, eu gostei muito dele porque ele dizia olha, isto deve ser, este aspecto deve ser melhorado, este deves repensar melhor, pensa melhor nesta estratégia, apesar desse papel não ter sido feito este ano, pelo menos até, vá, com o professor “S 0”, a..., foi feito com a professora S 2, mas o ano passado isso também foi feito.

[*Como reage quando se depara com uma situação de PP difícil*] (...) eu, normalmente, quando isso acontece, pelo menos na sala de aula, eu tento resolver o melhor possível, até, às vezes, até numa actividade que eu não tenha pensado, eu reformulo e tento adequar de forma a que os alunos não deixem pelo, pelo menos pela, não deixem pela minha fraqueza. Mas, quando estou um bocadinho mais falita, não é(?), neste momento ainda tou numa situação, posso ainda recorrer à professora, faço-o, claro. Vou logo ter com a professora e digo logo, olhe professora, o que é que eu faço nesta situação (?), e a professora acompanha.

[*Indicações que recebe do supervisor/professor cooperante nessas situações*] (...) isso raramente acontece. Já me aconteceu, este ano, uma, uma vez. Uma ou duas, foi duas vezes que aconteceu. E a professora é sempre muito prestável, diz mesmo, calma, não te exaltes e faz assim, assim e assim. E depois, normalmente, a pessoa sente-se mais segura e..., e as coisas correm bem. (...) pelo menos com o supervisor, ele só sabe a partir das reflexões, as vezes que soube foi só através da reflexão, que houve, quando isso aconteceu. E, pelo menos, o professor não falou nada sobre isso.

[*Que orientações recebe do seu supervisor ou professor cooperante que considere contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e profissional no futuro*] (...) eu relativamente à professora cooperante, acho que ela dá-nos, dá-nos os conhecimentos essenciais para, para nós fazermos uma, uma boa carreira, porque, ela mais do que ninguém, com 18 anos de experiência, acho que, 18 anos de experiência sabe determinadas coisas que nós, nem pouco mais ou menos, estamos lá perto de saber, não é(?), só daqui a nos é que, se calhar, sabemos, né(?). Mas relativamente, por exemplo, ao professor, ao supervisor, eu acho que..., ele dá-nos mais conhecimentos ao nível, se calhar, da psicologia, mais conhecimentos ao nível, se calhar, do conhecimento escolar e nem tanto ao nível da prática. É essa a ideia que eu tenho. A professora cooperante é mais ao nível da prática e o professor supervisor é mais ao nível do conhecimento escolar. É a ideia que eu tenho.

[*Acabei, não tenho mais perguntas a fazer, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa*] Não. Não, eu, pelo menos este ano, aprendi muita coisa, é a única coisa que tenho a dizer. Mais nada.[*Evolui*] Sim. Como o professor “...” diz, cresci muito.

FIM

1º TRATAMENTO DA ENTREVISTA A 20

[*Como caracteriza o ambiente em que se encontra a desenvolver a PP*] (...) acho que não é um bom ambiente de trabalho.

[*A nível de turma, escola*] Tou a falar a nível de escola. Acho que não há muita cooperação entre os professores, uns querem brilhar à custa do trabalho dos outros, como é o caso da Directora do Conselho Executivo. Ah..., penso que..., desta forma como ela é os alunos saem sempre prejudicados porque podiam usufruir de materiais de outras salas, dos conhecimentos de outros professores que dão, pronto, às vezes tão formados noutra área, são doutras áreas mas estão a leccionar ao 1º Ciclo, como é o caso, há lá um professor que é das ciências, tá dar ao 1º Ciclo, tá muito mais a par das actividades experimentais relacionadas com certas matérias que damos, que a professora lá da minha turma que é mesmo só do 1º Ciclo. E pelo facto de ser assim não há um ambiente de trabalho bom.

[*Para vocês, sente também esse afastamento, em geral*] No nosso caso, a nível da professora titular de turma tamos muito bem, muito atenciosa connosco, tem uma maneira de trabalhar que achamos que é muito dinâmica para os alunos, promove muito a autonomia, o espírito crítico, é, tivemos muita sorte. A nível da escola em geral, os professores, sentimos também, não sentimos só o afastamento, como sente a nossa professora, o isolamento, tipo os professores fecharem a porta da sala, quase à chave é um..., é obvio que querem, pretendem pronto, isolar-se com os alunos, praticamente, e também sentimos por ser estagiários.

[*Como vê o seu supervisor*] (...) acho que ainda não conheço bem porque não temos contactado assim tanto como tudo isso, já que ela começou a tar connosco a..., só no 2º semestre e não foi no início, mas a impressão que tenho é, tenho uma boa impressão dela. É atenciosa, preocupa-se e..., é atenta, quando tá lá é mesmo atenta, se vê algo que acho que não tá bem, corrige-nos depois, diz, e diz umas coisas de uma maneira que não, que não desmotiva e que ajuda a crescer, é importante.

[*Como vê o seu professor cooperante*] O professor cooperante, (...), não acho que tive muitas sorte, acho que o meu grupo teve muita sorte com o professor cooperante e tamos muito, muito satisfeitos por ter ficado com ele, porque é uma forma de trabalhar completamente diferente de quase todos os professores daquela escola, pelo que me tenho apercebido.

[*Como é que o professor cooperante reage com os supervisandos*] É uma relação muito boa, muito, muito, muito, muito boa. Ela, tudo o que faz é em função do nosso crescimento já a pensar também, que é muito importante, nos meninos que nos vão passar pelas mãos. Porque ela sabe que, se fizer um bom trabalho connosco nós, de certa maneira, vamos fazer também com as crianças com que iremos trabalhar.

[*Sente que existem diferenças entre as orientações/práticas do supervisor e do professor cooperante*] Não, agora não, de momento não. Penso que são pessoas, elas já se conheciam, e têm formas de trabalhar, imagino eu, semelhantes, porque nunca vi trabalhar a supervisora, mas, pelas conversas que têm e pela escola onde a superviso-

ra trabalha, deduzo que tenham formas de trabalhar muito semelhantes e não há afastamento nenhum entre elas, pronto, nem a nível das orientações, nem a nível...

[*Quais as características que considera mais pertinentes para se vir a tornar um bom profissional*] (...) temos que tentar desenvolver os alunos de modo, de uma forma global. (...) há quem se preocupe muitos ou poucos conteúdos programáticos, transmitir a matemática, a língua portuguesa, fazer uma grande exploração entre as disciplinas e tudo, e esquecem muitas vezes o desenvolvimento do espírito crítico, de valores, princípios, a educação (...), é fundamental para mudar alguma coisa na sociedade e se se limitar a transmitir apenas os conteúdos acaba por não sortir o efeito desejado. (...)

[*Como definiria um bom professor*] (...) acho que as características que um bom professor deve ter, deve, por exemplo, deve ter uma grande abertura ou diálogo com os alunos, às ideias deles, ah..., rentabilizar tudo aquilo que eles digam, porque cada criança é uma criança e pode ter um contexto diferente, (...), de forma a que todas se sintam que a vida delas não fica estagnada, portanto, não fica retida ao portão da escola, lá dentro também tem valor e há pessoas que se preocupam e têm atenção às vivências dela e só através de, o professor deve tentar ter um conhecimento significativo da vida dos alunos mesmo, de forma a trazê-lo cá para a escola, para dentro da sala e trabalhar de forma diferente com as diferentes crianças. Não pode ser um professor que sofra daquela doença do pensamento único.

[*Sente-se motivado para desenvolver a PP*] Sim, senti-me motivado ao longo de..., de todo o ano.

[*Como classifica a relação que estabelece com o supervisor em contexto de PP*] É boa. Posso, acho que é, temos, não há problema nenhum, não fico intimidade com ele e ele não tem problemas em dizer aquilo que pensa e, não, há muito à vontade, e isso é bom pra podermos expressar as ideias, ele ouvir-nos a nós e nós ouvirmo-lo a ele, não há, ...

[*Como classifica a relação que estabelece com o professor cooperante em contexto de PP*] Falamos sempre muito. (...) Falamos sempre muito, sempre muito, muito, muito. É o que não se passa com muitos dos meus colegas que observo na escola é que nós, sempre, no recreio, vamos sempre com ela, beber um cafezinho e falar do que acontece e após o dia lectivo ter terminado voltamos novamente ao café e tamos ali a cerca de meia hora, ou mais se for preciso, a falar sobre como correu sim, é por isso que eu digo e acho que, deviam, devia haver uma maior, uma maior selecção dos professores cooperantes. Sei que isso não é possível, porque ...

[*Fora do contexto da PP, como classificaria a relação com os 2, supervisor e professor cooperante*] Fora do contexto de prática a relação também é muito boa porque sobre a prática, da professora cooperante, não só já sou estagiário dela mas também amigo. E com o professor de, com os muitos professores estagiários este ano aconteceu, com o supervisor aconteceu o mesmo, e acho que a professora “S 1” também, com a professora “S 2” que também é supervisora também, acho que fora das aulas, fora do contexto de trabalho a relação é boa, nós falamos e...

[*Como caracteriza o clima de supervisão criado pelo supervisor*] Acho que é adequado, é bom, não, acho que não intimida os alunos, permite que expressem as suas ideias, que fiquem à vontade, dentro dos possíveis, quando ele entra na sala de aula, acho que não há assim problemas de maior nesse aspecto. Neste ano, neste ano.

[*E o clima do professor cooperante*] Também, também é muito bom. Neste ano, porque no ano passo isso já não se passava com o supervisor.

[*Quais as suas representações acerca do efeito da acção do supervisor no desenvolvimento da sua PP*] (...), eu neste caso acho que me posso referir mais ao supervisor do 1º semestre e um pouco do 2º, porque é com ele que reflectimos, semanalmente, acerca do que aconteceu na prática, e acho que nesse aspecto ele ajuda muito no nosso crescimento, porque é uma pessoa que tem o espírito crítico muito afinado, (...), e tenta nos fazer as coisas de pontos de vista, nas perspectivas que nós às vezes temos dificuldades em chegar lá. E acho que ele ajudou-nos muito, a minha ideia é que nos ajudou muito no crescimento.

[*Quais as situações que considera que facultam e/ou dificultam o desempenho da sua prática lectiva*] Uma situação, um aspecto que nos dificulta bastante o desenvolvimento da prática e pode limitar bastante depois no acesso à profissão por causa da nota, é (...) o professor cooperante, e o próprio supervisor também pode ter alguma influencia, mas acho que neste caso, falando no actual ano lectivo, é sem dúvida, tenho conhecimento que grupos meus de colegas, ficaram muito limitados, a nível de trabalho, por causa de terem ficado com um professor cooperante bastante tradicional, nada aberto à inovação, e acabaram por ser prejudicados, consequentemente, por causa da nota final.

[*Em questões de prática lectiva*] (...) os problemas que temos, que assim no meu caso em trabalhar com as crianças, passam pela indisciplina de alguns, poucos, mas que, às vezes, é o suficiente para destabilizar o ambiente. Mas pronto, o mesmo se passa com a professora cooperante (...), às vezes, também tem uma certa dificuldade. E depois, a forma de nós tentarmos colmatar essa situação, esses défices que eles apresentam a nível de comportamento, também ficamos um pouco limitados, por sermos estagiários e por causa dos pais. Já houve problemas com isso e não ...

[*Situações que facilitam, com os alunos*] (...) a situação que mais facilita a prática é motivar os alunos, mesmo até os mais, (...) desses mais indisciplinados, às vezes peço-lhes, dessa tarefas que têm a fazer, se hádem tar a falar um com o outro e a fazer mal e não sei quê, peço-lhes que me ajudem a distribuir materiais e não sei quê, como tão ocupados a fazer alguma coisa, já não têm tempo para fazer mal o problema, às vezes, é tarem sem fazer nada.

[*Como entende o seu papel no desempenho da PP*] Eu sinto-me bem e..., acho que me sinto com capacidade para desenvolver um bom trabalho com uma turma, no próximo ano. Admitindo que posso tar errado, claro.

[*Quais os aspectos positivos e/ou negativos resultantes das práticas supervisivas do supervisor e do professor cooperante*] Das práticas que eu observei nele, pois, uhm..., não tenho assim nada a salientar. Este ano claro. Se fosse no ano passado já tinha, no ano lectivo anterior.

[*Iniciativas que reconhece que o supervisor/professor cooperante promoveram no sentido do seu desenvolvimento pessoal e profissional*] As iniciativas (...) tenho a salientar apenas o facto dos supervisores, penso eu, terem assistido de onde, terem ido mais algum tempo à prática, porque acho que não tavam muito tempo, não sei se é por confiarem no grupo, se é por motivo, mas ficam, permanecem pouco tempo na nossa sala, a observar o grupo. (...) Olhe, por exemplo, esta de irmos fazer a visita agora à escola da Ponte, foi uma iniciativa muito importante para nós e seria ainda mais importante para mim se fosse no ano lectivo anterior em que tive com outra professora que não era tão, que era mais próximo do tradicional. Outras iniciativas, agora de momento não, alguns seminários, o professor supervisor da prática teve o cuidado de convidar algumas, algumas entidades de vários organismos, por exemplo, da Direcção Regional da Educação, da Câmara, das Câmaras Municipais, Vereadores de Cultura, que tão muito ligados à escola de 1º Ciclo, porque as escolas de 1º Ciclo passam muito pelo financiamento das autarquias, portanto, houve esse cuidado, eles foram...

[*Como reage quando se depara com uma situação de PP difícil*] (...) uma das características que (...) tem que fazer parte do perfil de um professor, que é, é a capacidade de improvisar.

[*Sente-se, neste momento, capaz disso*] Sinto, não talvez, poderei, não me sinto nervoso, porque eu também já estava habituado a trabalhar com crianças, não de uma faixa etária tão jovem mas, num...

[*Quais as estratégias que costuma utilizar para resolver a situação*] Pois, depende da situação, mas, por exemplo, como, a maneira, a gente estabelece uma, umas relações com os alunos que eles, diferentes com alguns, com alguns alunos, agora, por exemplo, com o facto de eu ficar calado e me sentar, às vezes é o suficiente para eles, por exemplo, no caso do comportamento, se calarem todos, porque quando eu me sento eles já sabem e alguns começam a dizer, olha o professor, calem-se já, olha o professor já se sentou, e..., e transformam. Às vezes negociar com eles, porque tamos numa democracia e às vezes somos obrigados a negociar, ...

[*Indicações que recebe do supervisor/professor cooperante nessas situações*] (...) no ano lectivo anterior às vezes diziam mais, diziam mais vezes como é que havíamos de reagir porque sabiam que éramos mais inexperientes. Este ano lectivo não notei tanto, houve algumas vezes que a professora concordou nesse aspecto de nos sentarmos numa aula cooperativa, os 4 professores sentarmo-nos e deixá-los à vontade a ver o que eles faziam. (...) às vezes, também é ele, falar com os pais, nalguns casos de, porque a situação com que nos deparamos lá mais vezes é, mesmo naquela turma, é alguns miúdos, a nível de indisciplina. No caso de perguntas que nós não tenhamos respostas logo lá na altura, normalmente, assim nesse aspecto, nessa perspectiva de situações que possam ocorrer, normalmente, (...) sempre podemos dizer, olha é um bom tema para vocês desenvolverem na Área de Projecto.

[*Uma boa estratégia para adiar o problema*] E eles aí acabem por ter, adquirir esse conhecimento de forma autónoma, e estamos sempre em ligação aos conteúdos que tamos a trabalhar.



[*Que orientações recebe do seu supervisor ou professor cooperante que considere contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e profissional no futuro*] (...) o que nós observamos é que eles são todos muito, o professor cooperante tá, por exemplo, muito desiludido com tudo o que se passa e mesmo assim, através disso, tenta-nos motivar. A dizer, apesar da situação tá como tá, e ela reflecte isso nas expressões dela, mas, pra não mostrar, tentando afastar disso diz-nos que, nós não vamos sentir grandes dificuldades, porque somos novos, é sangue novo para a escola e não sei quê, somos na idade de lutar e de, pronto, afecta mais professores com mais anos de serviço já e com uma certa idade. E assim nestes aspectos ela ajuda-nos muito, motiva-nos muito, na profissão, (...)

FIM



ANEXO D

No Anexo D apresenta-se a pré-categorização – unidades de sentido, dos dados das entrevistas realizadas às professoras cooperantes e aos supervisandos.

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA C 1

Unidades de sentido

- 1 - [*Habilitações académicas*] Licenciatura em Ensino, o curso é Professores do Ensino Básico, variante Português/Inglês.
- 2 - [*Tempo de Serviço*] 10 anos.
- 3 - [*Situação profissional*] QZP.
- 4 - [*Tempo de serviço como professora cooperante*] (...) é o primeiro ano.
- 5 - [*Número de supervisandos na sala*] 3.
- 6 - [*Concorda com esse número de alunos por grupo, acha vantajoso*] Sim, acho.
- 7 - [*Número de vezes que reúne/articula com os supervisores da ESE*] Ele vai à sala, normalmente, uma vez por semana, ou duas, (...) vai duas vezes (...)
- 8 - (...) mas reunir aconteceu ainda só uma vez. Só reunimos uma vez.
- 9 - [*Esse tempo é suficiente para apoiarem os alunos*] Não, talvez fosse desejável mais tempo.
- 10 - [*Assuntos tratados na reunião*] Falamos (...) sobre a prática, sobre as três semanas em que os três intervirão.
- 11- [*Clima que se estabelece entre o supervisor da ESE e os alunos*] Eu acho que é um bom clima, (...).
- 12 - [*Número de vezes que reúne com os supervisandos, assuntos tratados na reunião*] (...) agora, como são só 2 dias, (...) ao fim do dia, ao fim, à terça-feira, como é segunda e terça, à terça-feira (...) costumamos também fazer (...) essa mini-reflexão dos 2 dias.
- 13 - E para definir as actividades é com duas, três semanas de antecedência durante a aula, com outro, com o estagiário seguinte, com o supervisando seguinte que vai intervir.



14 - [*O ambiente, onde estão a desenvolver a prática, parece-lhe propício para o desenvolvimento dos supervisandos, a nível profissional*] Eu julgo que sim(...).

15 - (...) embora da parte deles, eles não sintam isso, porque eles..., afastam-se, (...) talvez porque não se sintam à vontade (...)

16 - (...) mas à hora do intervalo, por exemplo, não vêm para a sala dos professores, pronto. Quando podiam vir, mas não o fazem, não se sentem à vontade.

17 - [*Atitude tomada face à situação*] Eu já os convidei, convidei entre aspas, não tenho que os convidar, mas já lhes disse, no início dizia-lhes várias vezes que eles eram bem vindos aqui, que estavam à vontade(...)

18 - (...) ainda vieram uma ou duas vezes mas depois deixaram de vir.

19 - [*Caracterização da turma*] É uma boa turma, é uma boa turma, (...)

20 - (...) porque apresenta um bom nível de conhecimentos e de aproveitamento.

21 - (...) é muito boa, a nível de conhecimentos.

22 - Comportamento é um pouco, são mais, são faladores (...)

23 - (...) gostam muito de intervir, e é um pouco difícil (...) serem controlados.

24 - Porque o que eles querem é participar, participar, participar.

25 - [*Como caracteriza o grupo de supervisandos, o seu trabalho*] É um bom trabalho, no geral, os três. Acho que fazem um bom trabalho(...)

26 - (...) são criativas(...)

27 - (...) apresentam boas actividades, (...)

28 - (...) são empenhadas (...)

29 - (...) são trabalhadoras.

30 - [*Como é que os supervisandos reagem face aos problemas que vão encontrando*] Por vezes, não sabem, (...), contornar a situação, por vezes não sabem.

31 - Falta-lhes também experiência, (...)

32 - (...) com a experiência é que nós vamos conseguindo superar as dificuldades e contornar situações e elas, por vezes, ainda não o conseguem fazer.

33 - [*Existem diferenças entre os supervisandos*] Sim.

34 - Há duas que são mais ..., desenvoltas, que são mais extrovertidas(...)



35 – (...) há uma que se retrai mais, ah..., que é mais tímida e isso depois reflecte-se também dentro da sala de aula e na relação com as crianças.

36 - [*Como reage face a essas diferenças*] Eu não tenho um comportamento diferente(...)

37 – (...) eu falo é, (...) o meu diálogo com aquela que é mais tímida é diferente do que com as outras, (...)

38 – (...) porque eu tento sempre puxar, ir ao encontro daquilo que ela sente e tentar que ela perceba (...) que deve ser diferente, que não há problema nenhum em, em se abrir, em, (...) mostrar aquilo que vale porque ela depois acaba (...) por não mostrar aquilo que é capaz de fazer.

39 – E é nesse sentido que o meu diálogo é diferente para com ela.

40 - [*Quais as características necessárias para se ser um bom professor*] É preciso ser compreensivo com as crianças (...)

41 – (...) é preciso, (...), ouvir, essencialmente ouvir acho, na minha opinião, acho que é preciso ouvir, saber ouvir os pontos de vista (...)

42 – (...)saber, perceber que eles são pessoas, (...), embora sejam crianças, mas são pessoas e têm, e cada um deles já tem a sua personalidade definida e é preciso ter sempre isso em consideração(...)

43 - [*Que estratégias utiliza para que os supervisandos se tornem uns bons profissionais*] Observação, observação, (...)

44 – (...) quando é uma delas que está a leccionar, as outras duas devem observar, devem perceber o que é que se passa na turma, o que é que se passa entre eles, (...) a relação deles com o professor estagiário, a relação deles com a professora titular de turma, porque é sempre diferente. Tento que elas percebam isso, e, e no fundo, percebam que eles são pessoas, são crianças, pessoas pequenas.

45 - [*Sente-se motivada para ter o grupo dentro da sua sala*] Sim.

46 - [*Relação que estabelece com os alunos, em contexto de PP*] Acho que é (...) uma relação, (...) de cooperação, cooperamos umas com as outras.

47 - Eu também aprendo com elas, elas aprendem, podem aprender comigo e eu também estou a aprender com elas.

48 - Sempre que há alguma coisa elas telefonam-me ou eu telefono sempre que necessito de alguma coisa, (...), também eu lhes ligo (...)

49 - [*Como caracteriza o clima de supervisão que preconiza*] (...) é o primeiro ano que estou a supervisionar. (...)

50 – (...)eu sinto-me bem neste papel (...)



51 – (...) considero que as possa, que as possa estar a ajudar naquilo que elas necessitam.

52 - Acho que, essencialmente, o que é necessário, (...) é a, ajudar, naquilo que elas necessitam, naquilo que elas precisam.

53 - [*Representações acerca dos efeitos da sua acção nos supervisandos*] Eu acho que, de uma forma ou de outra, eles acabam sempre por seguir (...).

54 - Acho que, de uma forma ou de outra, a forma como eu ajo, eu ajo, acaba por influenciá-los e poder, e poderão crer imitar-me, no fundo, eu acabo por ser o modelo, eu assim como qualquer outro professor cooperante, acabo por ser um modelo para eles.

55 - [*Qual a sua reacção face a situações de supervisão difíceis*] Converso com eles para tentarem perceber ou para eu, se for o caso de ser eu a estar errada, para que eles me expliquem em que é que ou, ou, o porquê de agirem de determinada forma (...)

56 – (...) então se eu estiver errada são eles que vão ter que me explicar o ponto de vista deles para eu tentar perceber.

57 - Se for ao contrário pois (...) são eles que estão errados também eles terão de explicar o ponto de vista deles e eu depois vou ter que explicar a forma certa.

58 - [*Dificuldades encontradas enquanto professora cooperante*] Portanto, relativamente a essa, (...) supervisionando que tou mais dificuldades é o facto de eu não ter conseguido, de não estar a conseguir ajudá-la da forma que ela necessita.

59 - Embora eu perceba que ela já esteja melhor, mas mesmo assim ainda está aquém (...) daquilo que é necessário.

60 - [*Como entende o seu papel na supervisão da PP*] (...) o meu papel, assim como o de qualquer outro professor é sempre importante, porque estamos a contribuir para que aqueles formandos sejam bons profissionais.

61 - [*Aspectos positivos e/ou negativos que considera resultarem das suas práticas supervisivas*] (...) pra mim é sempre positivo, (...) é positivo porque há sempre uma troca de experiências.

62 - Elas que saem agora, que estão a terminar agora o curso, vêm com novas ideias e depois também (...) é a troca de experiências, (...) delas que saem agora, que têm novas ideias e de mim que, já estou aqui há 10 anos e já tenho alguma, alguma experiência que lhes possa transmitir.

63 - [*Nas reuniões que estabelece com os supervisandos, promove ou propõe o desenvolvimento de competências educativas*] Sempre.

64 - A relação com as crianças é fundamental.

65 - Claro que se elas não tiverem uma boa relação com os alunos, depois a prática nunca lhes pode correr bem. (...)



66 - Por vezes é necessário, (...) sugerir outro tipo de actividades que vão de encontro, que se adequem mais aquilo que é, que é pedido, aos conteúdos que se estão a leccionar no momento.

67 - [*Reacções dos supervisandos face a situações difíceis*] Muitas vezes olham pra mim, para tentar perceber o que é que, o que é que deverão fazer.

68 - Outras vezes, (...) já tentam resolver as situações por elas próprias. Contornar a situação, (...) dar uma resposta à (...) dificuldade com que se deparam no momento.

69 - [*Diferenças entre elas nas atitudes*] Sim, há alguma.

70 - (...) a formanda que neste momento tem mais dificuldades, (...) a resposta que ela dá, não é talvez a mais adequada, (...) porque por vezes não dá resposta, (...), ou vira as costas, ou (...)

71 - [*Situações que acha que podem ser mais difíceis para os supervisandos*] As situações dentro da sala de aula é (...), o barulho, o barulho que as crian, in, não posso considerar que seja barulho, mas, (...) o ambiente da sala de aula. Quando os alunos estão mais agitados elas (...) não sabem como acalmá-los.

72 - [*E os que poderão facilitar*] (...) a exposição (...) de conteúdos (...)

73 - (...) quando elas utilizam, (...), os power points, (...), o retroprojector, (...), a televisão, o vídeo, essas tecnologias ajudam-nas, facilitam-lhes o trabalho, porque as crianças gostam e elas também se sentem seguras.

74 - [*Costuma planificar com elas no sentido de recorrer à utilização desses materiais*] Sim, são elas próprias que os sugerem.

75 - [*Iniciativas promovidas no sentido de ajudar os supervisandos a desenvolverem-se pessoal e profissionalmente*] Sobretudo, eu privilegio muito o diálogo. Portanto, é sempre a partir do diálogo, (...)

76 - (...)a partir do diálogo nós, (...) eu tento conversar bastante com elas, e a partir daí, outras iniciativas, (...)

77 - (...) apresentação de manuais, que elas também se inscrevem, acções de formação que elas também vão, (...) o movimento da Escola Moderna, que também, já foram, (...)

78 - (...)elas não têm muito mais tempo (...), porque têm aulas na ESE, têm os trabalhos, não têm muito mais tempo.

79 - Alguns por vontade própria, outros por minha sugestão, mas elas também têm tido conhecimento desses eventos através da ESE.

80 - [*Orientações dadas aos supervisandos que se deparam com problemas na sua prática lectiva*] (...) costume lhes dizer para, (...), por vezes parar, (...) quando acham (...) que o ambiente está muito agitado, eu digo-lhes para pararem (...)



81 – (...) para falarem pausadamente, para não elevarem o tom de voz, quanto mais elevam o tom de voz, mais as crianças depois têm tendência a falar alto.

83 - (...), as crianças também têm dificuldades nalguma, (...), que não percebiam alguma coisa que elas estejam, (...), a explicar, para voltarem atrás, para terem sempre atenção e perceberem, olhar sempre para eles para perceberem se eles estão a perceber, se eles estão a entender o que elas estão a explicar, terem uma percepção global da turma (...)

84 – (...) não olhar pra cima, não olhar prás paredes, mas olhar directamente pra eles, (...) essencialmente.

85 - [*Neste momento, a supervisora vem à sala duas vezes por semana*] Sim.

86 - [*Costuma falar nesses momentos*] Sobre as (...) supervisandas não.

87 - [*Sobre a prática delas*] Não.

88 - [*A supervisora não dá orientações nenhuma*] A mim não.

89 - A elas sim, porque elas reúnem-se também (...)

90 – (...) elas reúnem-se comigo para definirmos os conteúdos, eu dou-lhe os conteúdos.

91 - Elas, depois, apresentam-me as actividades, posteriormente, (...), eu depois, se achar que elas não estão adequadas, pois digo-lhe e elas reformulam e depois disso vão à professora, à supervisora e (...) reúnem com ela.

92 - [*Não há ligação entre a supervisão e a professora cooperante*] Não. Não, não.

93 - O que acontece é ..., nós temos (...) uma grelha, com vários itens e (...) por cada semana, cada semana é preenchida uma grelha dessas referente à (...) supervisanda que esteve a leccionar.

94 - [*Considera isso vantajoso para as supervisandas*] Não.

95 - [*Entre os três, supervisandos, supervisora e cooperante*] Entre os cinco. Sim. Que só aconteceu uma vez. Que só aconteceu uma vez, com a nova supervisora.

FIM

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA C 2

Unidades de sentido

- 1 - [*Habilitações académicas*] (...) tenho o Curso de Bacharelato, do Magistério Primário, que equivale a um Bacharelato, (...) e tenho Licenciatura em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores (...).
- 2 - [*Tempo de Serviço*] (...) 18 anos.
- 3 - [*Situação profissional*] Professora do 1º Ciclo do QZP (...).
- 4 - [*Tempo de serviço como professora cooperante*] (...) não foi seguido, mas já pelo menos há uns 10 anos que eu tenho vindo a cooperar com a ESE, nesse sentido.
- 5 - [*Número de supervisandos na sala*] (...) 3 alunos do 4º ano (...).
- 6 - [*Concorda com esse número de alunos por grupo, acha vantajoso*] Com a composição concordo, sim.
- 7 - Vantajoso, quer dizer, não vejo nada contraproducente na composição.
- 8 - Posso ver, (...) contrariedades a nível dos dias que ocupam, que ocupam com as actividades.
- 9 - [*Número de vezes que reúne/articula com os supervisores da ESE*] Semanalmente eu estou com eles, uma vez por semana, com ele.
- 10 - [*Assuntos que costuma tratar nessa reunião*] Desde a prática, aos conteúdos que foram abordados, há planificação para a semana seguinte, aspectos que, em princípio, serão os positivos(...)
- 11 - (...) sugestões, questionamento colaborativo entre os 2, qual é a melhor de, se obter determinado fim, em termos do objectivo do professor, para desenvolver competências nos alunos, nestes da ESE e nos nossos(...).
- 12 - [*Clima que se estabelece entre o supervisor da ESE e os alunos*] (...) é um clima de confiança, essencialmente, em que (...) os supervisandos sabem que estão a ser supervisionados, claro, mas é um clima em que se está perfeitamente à vontade seja para o que for.
- 13 - [*Número de vezes que reúne com os supervisandos*] Todos os dias da prática deles, todos, todos, todos, às vezes mesmo sem ser os dias da prática deles costumámo-nos reunir.
- 14 - [*Assuntos tratados na reunião*] Variadíssimos, variadíssimos, desde a prática deles aos problemas individuais dos alunos que eventualmente possam ocorrer, metodologias que tenhamos de aplicar em relação a casos, pronto, às melhores estratégias para a diferenciação pedagógica (...).



15 - [*O ambiente onde estão a desenvolver a prática parece-lhe propício para o desenvolvimento deles, a nível profissional*] Penso que sim, sim.

16 - [*Caracterização da turma e da escola*] É uma turma muito dinâmica (...)

17 - (...) uma escola que também é dinâmica, portanto, em princípio, não há nada (...) que eu possa apontar. (...) tá tudo a decorrer muito bem, envolvemo-nos em agrupamentos de projectos e..., lá vamos.

18 - [*Como caracteriza o grupo de supervisandos, o seu trabalho*] Eu estou muito satisfeita com este grupo, muito satisfeita (...)

19 - (...) são alunos, supervisandos, que.., primeiro aceitam perfeitamente qualquer crítica, no sentido da construção claro, porque eu tão pouco sou pessoa de tar a criticar só pelo prazer de criticar, tento é questionar, tento intervir, tento sugerir, mas (...) no sentido da construção profissional e principalmente pessoal deles. Nunca pra lhes dar, propriamente um modelo, quero que sejam eles a darem o que querem ser.

20 - (...). Construïrem eles, não vou ser eu nunca a dizer-lhes: olha eu fazia assim. Posso perguntar é: o que é que vocês acham se pudesse ser de outra maneira? Que é para podermos manter, portanto, sempre muito, muito na base da reflexão.

21 - Tenho um grupo que coopera completamente com esse tipo de..., estratégias (...).

22 - [*Considera que existem diferenças entre os elementos do grupo*] É um grupo bastante homogéneo, por acaso.

23 - Este grupo é bastante homogéneo, porque (...) se uns são mais afectivos, outros são mais determinados, logo (...) complementam-se muito bem a nível, porque estruturam as aulas que planificam, as sugestões que também querem ver, postas em dia...

24 - [*Considera que os supervisandos estão motivados*] Completamente.

25 - [*Como reage face às diferenças de atitudes*] Tento que eles aprendam uns com os outros, também, a maneira de superarem qualquer dificuldade sentida e eles fazem-no muito bem, felizmente.

26 - [*Para ser um bom professor um supervisando deverá*] Aprender que não está aqui para transmitir, só, conhecimento, (...), porque senão não vale a pena tirar o curso.

27 - (...) devem aprender que vão ser mediadores, entre os alunos que vão ter, (...), nas turmas que vão trabalhar e o conhecimento que querem que eles adquiram(...)

28 - (...) têm que aprender que tudo vai partir, muitas das (...) competências que querem ver desenvolvidas nos alunos, têm de partir de experiências, primeiro que os alunos, os alunos das turmas, (...) e a partir daí desenvolver, otimizar o sucesso educativo, por que é para isso que nós estamos cá.



29 - Não quero que eles, à priori pensem olha este aluno não é capaz, mas sim, tentarem desenvolver as potencialidades (...) ao máximo, que tenham. Para isso não podem pensar em turmas homogêneas, mas têm de pensar nos alunos como um todo e, eventualmente, e em grupo, (...).

30 - [*Sente-se motivada para ter aquele grupo dentro da sua sala*] Estou, estou. Em qualquer dos níveis estou, quer com a turma, quer com os professores estagiários, com certeza, gosto.

31 - [*Relação que estabelece com os alunos, em contexto de PP*] Não é uma atitude directiva, jamais.

32 - (...) tento ganhar (...) estabelecer com eles um clima de confiança, para que..., possamos crescer juntos.

33 - (...) eu aprendo com eles e eles podem aprender comigo (...).

34 - [*Relação fora da prática pedagógica*] É boa, é boa.

35 - É bastante boa, mesmo.

36 - A relação estabelecida nos dois casos (...), eu não quis logo dizer que era boa no outro para não ser subjectiva (...).

37 - [*Se a relação fora da prática fosse diferente, isso influenciaria a prática*] Não, não, porque (...) nós temos que saber em que campos nos movemos, (...) temos que ter a atitude certa para o ambiente certo, não deixando, propriamente, transparecer ou influenciar-nos por situações subjectivas(...)

38 - (...) se eu não achasse que fossem pessoas (...) que estivessem muito de acordo com o que eu gosto de ser, desde que a prática estivesse correcta não influenciaria em nada a minha postura. Tentaria, não é(?).

39 - [*Como caracteriza o clima de supervisão que preconiza*] É uma supervisão, se eu pudesse dizer que é uma supervisão reflexiva, acima de tudo, eu diria, eu empregaria essa palavra.

40 - Tento otimizar, ao máximo, o sentido desta prática, é só.

41 - [*Considera que esse clima influencia a prática dos supervisandos ou poderia ser diferente*] Penso que sim, penso que sim. (...).

42 - [*Representações acerca dos efeitos da sua acção nos supervisandos*] Penso que contribuí para que gostem do ensino como eu gosto.

43 - [*Dificuldades encontradas enquanto professora cooperante*] Não tenho, não tenho encontrado.

44 - (...) eu não tenho dificuldades com nenhuma outras coisas, até agora, ou com qualquer dos supervisores da ESE. Mesmo em relação ao trabalho.

- 45 - [*Dos supervisandos*] Completamente mesmo em relação a essas práticas.
- 46 - (...) há conteúdos que talvez lhes sejam mais difícil desenvolver, (...) nomeadamente a Matemática que é uma área em que eles talvez se sintam menos à vontade.
- 47 - (...) por acaso, este grupo que eu tenho este ano, inclusive, se não sabe como, tenta procurar junto de professores da ESE, (...) junto de mim para chegarmos a um acordo antes de, na planificação claro, antes da actuação.
- 48 - [*Como entende o seu papel na supervisão da PP*] Também é de mediadora.
- 49 - [*Aspectos positivos e/ou negativos que considera resultarem das suas práticas supervisivas*] (...) eu penso que posso contribuir e tento passar a mensagem a todos, (...) é o recado a transmitir, a ideia que estamos aqui todos para crescer e que estamos aqui todos para aprender uns com os outros, portanto, não somos detentores de todo, nenhum de nos é nunca, nunca é detentor da, da totalidade do conhecimento.
- 50 - (...) eu tento ..., que todos façamos, é que cresçamos um bocado, dia a dia, para podermos otimizar o sucesso educativo de quem temos em crescimento também.
- 51 - [*Nas reuniões que estabelece com os supervisandos, promove ou propõe o desenvolvimento de competências educativas*] Sugerir a partir da reflexão deles, portanto, eu pergunto: o que achariam correcto, ou mais vantajoso, fazer face a determinada situação? A, B ou C ou o aluno A, B ou C depois das..., das ideias deles terem sido..., postas em mesa, aí podemos chegar a um consenso, mas, mas é mais por sugestão, não minha, mas das experiências também deles.
- 52 - [*Estratégias utilizadas para promover formas de actuação em situações de desempenho difíceis*] Que eles estejam atentos, essencialmente (...)
- 53 - (...) que eles sejam muito reflexivos (...)
- 54 - (...) que não concluem que todos os dias acabou da melhor maneira.
- 55 - Que perguntem sempre porquê, o que é que falhou, onde é que eu posso ser melhor, se não falhou nada, tanto melhor, mas onde poderá ser melhor, (...) verá, com certeza, as estratégias e as respostas necessárias a uma boa actuação no dia seguinte.
- 56 - [*Os supervisandos, face a situações difíceis, têm reagido bem*] Muito bem. Muito bem.
- 57 - [*Iniciativas promovidas no sentido de ajudar os supervisandos a desenvolverem-se pessoal e profissionalmente*] (...) tento que eles sejam activos (...)
- 58 - (...) tento mostrar-lhes desde ..., livros, a materiais, a recursos que podem utilizar, dentro das diferentes temáticas (...)
- 59 - (...) tento levá-los a um conhecimento bom do meio onde estão a exercer (...)
- 60 - (...) tento que aprendam todos os dias um bocadinho.



61 - [*Orientações dadas aos supervisandos que se deparam com problemas na sua prática lectiva*] Dou-lhes ânimo, encorajo-os e que sejam interventivos, porque se não forem não vale a pena cá estarem.

FIM



PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA C 3

Unidades de sentido

- 1 - [*Habilitações académicas*] Tenho o curso de formação de Professores de 2º ciclo, variante Português/Inglês, Ensino Básico, (...).
- 2 - [*Tempo de Serviço*] Tou no sétimo ano de serviço.
- 3 - [*Situação profissional*] Professora do Quadro de Zona Pedagógica.
- 4 - [*Tempo de serviço como professora cooperante*] É o primeiro ano.
- 5 - [*Número de supervisandos na sala*] 2.
- 6 - [*Como caracterizaria esse grupo de supervisandos, ao nível do desempenho*] Os dois são muito distintos.
- 7 - Um empenha-se muito nas situações e integrou-se perfeitamente na turma e está perfeita à vontade, perfeitamente à vontade com a turma, com a escola, com a coordenadora, com, com toda a gente.
- 8 - O outro elemento do grupo nem por isso, tá muito distanciado da escola, é só mesmo fazer o trabalhinho de casa e pronto, sair.
- 9 - E então eles têm um comportamento muito distante.
- 10 - Um também muito mais próximo de mim, trocamos muitas opiniões, (...) digamos, tá a trabalhar com rede, trabalhamos em conjunto pra, prá's coisas correrem bem.
- 11 - E, com o outro elemento do grupo isso não está a acontecer.
- 12 - [*Número de vezes que reúne/articula com os supervisores da ESE*] (...) com a colega que está agora como orientadora, (...) fizemos, quer dizer, formalmente, um encontro, uma reunião, para reflectirmos sobre a prática.
- 13 - (...) ocasionalmente, quando a colega vem observar, pronto, observar os alunos em prática pedagógica, que nós trocamos algumas impressões.
- 14 - [*Esse tempo é suficiente para apoiarem os alunos*] Não.
- 15 - Mais vezes era bom, provavelmente, as coisas correriam melhor.
- 16 - [*Clima que se estabelece entre o supervisor da ESE e os alunos*] Eu acredito que seja de abertura, a todas as situações.
- 17 - Eu também estou predisposta a tudo, mas acho que não consegui chegar lá, pelo menos a um dos elementos do grupo.
- 18 - Ao outro, perfeitamente à vontade.



- 19 - Eu tentei, mas acho que não consegui chegar, a um deles.
- 20 - [*Número de vezes que reúne com os supervisandos*] Com um dos elementos semanalmente, normalmente ficamos sempre a reflectir.
- 21 - (...) com o outro elemento (...) do grupo (...) muito pontualmente e às vezes durante mesmo o dia da prática é que eu interfiro alguma coisa, digo e dou feedback de alguma coisa, porque raramente tem tempo.
- 22 - [*Assuntos tratados na reunião*] Nesses encontros portanto, situações (...) que foram (...) bem exploradas na sala, ou que, houve algum, situações menos positivas, é..., basicamente, reflectir sobre o trabalho que foi feito.
- 23 - [*O ambiente onde estão a desenvolver a prática parece-lhe propício para o desenvolvimento dos supervisandos, a nível profissional*] Eu acredito, esta turma, eu acho que (...) inseriu, é uma turma, que ..., não há turmas perfeitas e tem sempre casos especiais, mas acho que é uma turma que..., é perfeitamente acessível para se fazer, para se trabalhar a PP.
- 24 - São alunos do 1º ano (...)
- 25 - (...) não há alunos mal comportados, (...)
- 26 - (...) o contexto sala de aula, até agora, não houve problemas.
- 27 - E acho que a relação que a escola gosta de estabelecer com os alunos da PP também é excelente (...)
- 28 - (...) um dos elementos do grupo envolveu-se perfeitamente com a escola, integrou-se e está perfeitamente à vontade com as colegas, com a coordenadora, com os alunos, com este meio todo (...)
- 29 - (...) o outro não, o outro elemento nem por isso. Mas eu acredito que o problema não é da escola.
- 30 - [*Como caracteriza o grupo de supervisandos, o seu trabalho*] (...) um dos elementos, (...) que está a fazer PP, tem corrido melhor, eu acredito porque eu tenho conhecimento daquilo que ele vai fazer, (...), nós falamos tudo, eu, eu recebo a planificação antecipadamente, todos os trabalhos que ele pretende desenvolver, e então, acaba por correr melhor porque há mais coerência, nós falamos sobre o assunto e as coisas acabam por correr bem.
- 31 - Com o outro elemento do grupo, acabo por ter que interferir muitas vezes porque as coisas não correm da melhor maneira, por falta de informação, minha, acerca do trabalho que iria ser feito, que eu não concordo (...)
- 32 - (...) eu não tenho experiência como professora cooperante, é o 1º ano, e, francamente, não estou satisfeita.
- 33 - Eles estão aqui, eu sou responsável.



34 - As coisas têm que ser, tem que haver coerência no trabalho, tem que haver uma lógica, tem, tem que haver um trabalho por trás um pouco em conjunto, não é um trabalho só autónomo, e faz, (...) porque há muitas coisas a aprender, eu também estou a aprender e eles também estão a aprender.

35 - Não tenho muita experiência, muitos anos de serviço, mas provavelmente há coisas que eu, já sei que, antecipadamente, não podem ser feitas de determinada maneira e que se eu conseguir passar essa informação é desnecessário esse erro ser cometido.

36 - (...) com um dos elementos do grupo isso não, isso tem acontecido frequentemente, e, então, tem havido situações pontualmente menos agradáveis.

37 - [*Como reage face a essas diferenças*] (...) o aluno em PP, (...) o futuro professor (...) tem-se mostrado empenhado, integrado na escola, na turma, participa em visitas de estudo, (...) vai até à cantina com os miúdos, ajuda-os, integrou-se perfeitamente, tá perfeitamente integrado.

38 - Eu com ele tenho um relacionamento diferente que não tenho com o outro elemento do grupo, que se distancia de tudo, eu tento chamar à atenção, mas o feedback que eu tenho é que eu sou intransigente (...)

39 - (...) eu considero que não tenho que estar a dizer as coisas muitas vezes, porque somos adultos e acho que é desnecessário estar-me a repetir(...)

40 - (...) eu dou opiniões, dou a minha opinião, manifesto-me, pontualmente, se as coisas não são, não alteram o rumo, eu não vou estar, constantemente, a bater na mesma tecla (...).

41 - [*Quais as características necessárias para se ser um bom professor*] (...) ter um espírito aberto, sensível, porque..., numa sala de aula nem sempre aquilo que se planifica é aquilo que se acaba por fazer, (...).

42 - (...) eu acho que a amizade também, é um valor que se, que deve estar sempre presente na sala de aula, entre os alunos e o professor.

43 - [*Para ser um bom professor um supervisorando deverá*] (...) ter as competências científicas e académicas necessárias.

44 - [*Considera que os supervisorandos possuem essas competências*] É assim, concretamente em relação aos dois, dois supervisorandos que eu tenho, um deles é muito empenhado, muito esforçado (...)

45 - (...) tem algumas lacunas, (...), que não foram preenchidas, portanto, é um aluno de um meio socialmente, social, um pouco distante, um meio rural, não é urbano, mas às vezes em termos, (...), há alguns erros gramaticais que são aplicados, que são, a falar na sala de aula e ele sabe e eu corrijo e ele está perfeitamente à vontade com isso.



46 - É, é muito humilde, é uma pessoa muito humilde, e assume os erros e assume (...) as capacidades que tem, mas trabalha e empenha-se muito, esforça-se muito e consegue valorizar aquilo que, que sabe.

47 - O outro lado, pode ser (...) uma aluna com muitas capacidades, mas que pra mim, não passam tudo, não passa da teoria, do saber escrever, do saber utilizar as palavras para descrever situações, mas a relação dela com a turma, com a escola, com o saber estar aqui, pra mim, deixa muito a desejar.

48 - E ela própria já admitiu que não tinha jeito pra isto.

49 - [*Sente-se motivada para ter aquele grupo dentro da sua sala*] Não, tenho vindo a ficar muito desmotivada ao longo deste ano lectivo.

50 - Realmente, o que me dá mais motivação é realmente o trabalho que estou a fazer com um dos elementos do grupo, sim.

51 - Ainda ontem ele veio cá mostrar-me aquilo tudo que tinha pra fazer se, se..., se eu achava que ele tinha alguma coisa que podia melhorar, mostrar planificação, tudo. Tenho conhecimento sempre das coisas e tivemos a conversar.

52 - (...) do outro lado não... Tem sido muito complicado gerir algumas situações.

53 - [*Relação que estabelece com os alunos, em contexto de PP*] Eu esperava que fosse uma boa relação, pelo menos com um dos elementos do grupo não tenho problemas e não temos tido.

54 - Com o outro elemento do grupo, pelo que eu já li, algumas reflexões, alguns apontamentos, eu sou, intransigente, abuso da autoridade e interrompo demasiado.

55 - [*Relação fora da prática pedagógica*] Com um deles acabamos por ter uma relação cordial, de amizade (...).

56 - Com o outro, não se aplica. Não há relação fora da PP.

57 - [*Considera a relação que estabelece com a outra supervisanda um ponto negativo no desenvolvimento dela*] (...) nós não tínhamos, necessariamente, de estabelecer uma relação fora deste contexto, para (...)

58 - (...) dentro do contexto da sala de aula e do contexto da PP as coisas não estão a correr bem, não sei se seria necessário ter essa relação fora deste contexto, para melhorar o que está cá dentro, mas se calhar, ajudava.

59 - Se houvesse um relacionamento diferente, de maior compreensão, diálogo e tudo, realmente ajudaria e alteraria o comportamento e as atitudes dentro da sala de aula. Mas, não sei, nunca houve abertura pra tal.

60 - (...) eu não considero que seja erro meu, pois uma vez que tenho uma relação aberta com o outro elemento do grupo, não acredito que seja um problema meu, porque eu estive, mostrei-me disponível, prós dois.



61 - [*Como caracteriza o clima de supervisão que preconiza*] Eu sinto-me perfeitamente à vontade com eles.

62 - Eu esperava que eles sentissem o mesmo.

63 - Acredito que, que um dos elementos sim (...)

64 - (...) pelo que eu me apercebo, não que me seja dito directamente, mas por aquilo que eu li, (...) que se sente pressionada, que se sente, não é pressionada, que eu abuso da autoridade, acabo por interferir e, e pronto, que não sou aberta a..., a novidades (...)

65 - (...) mas eu, recuso-me a aceitar, que uma aluno em PP, aliás, recuso-me a aceitar que qualquer colega meu ou qualquer colega, que, a trabalhar com crianças, de seis anos, e estamos, é um ano de escolaridade onde eles, eles absorvem tudo, é tudo novo, é tudo novidade, e se as coisas forem trabalhadas com uma forma lúdica, uma forma interessante, as coisas correm muito melhor.

66 - Eu recuso-me a aceitar, de vir praqui e tar, trabalhar com eles um algarismo novo, uma quantidade nova e chegar aqui de braços cruzados e: ó meus meninos, hoje vamos aprender um número novo, hoje é o número nove, vamos contar até nove. Eu acho isso ridículo, perfeitamente ridículo, e foi isso que aconteceu, em contexto sala de aula, uma aluna em PP.

67 - (...) depois, como eu acabo por interferir, porque eu não considerei essa (...) que ela estivesse a ir por um bom caminho, acabo por interferir, como não sabia, não fazia a mais pequena ideia como é que ela iria fazer, iria trabalhar alguns conteúdos, acabo por interferir mais, mas ela considera isso um aspecto negativo.

68 - Que eu interfiro de mais, que eu abuso da autoridade e que sou intransigente.

69 - [*Considera que esse clima influencia a prática dos supervisandos ou poderia ser diferente*] É obvio que sim.

70 - [*Representações acerca dos efeitos da sua acção nos supervisandos*] (...) como só tenho 2, acabo, ponho-os sempre numa balança e comparo (...)

71 - (...) eu não sou detentora do saber (...) e de tudo aquilo que se faz dentro da sala (...)

72 - (...) quando há um erro tento corrigir, tento que eles façam da melhor possível, da melhor maneira possível, para melhorar a situação.

73 - (...) de um lado eu vejo, há um feedback e eu vejo que as coisas são perfeitamente aceitáveis e há essa hipótese.

74 - Do outro lado, não consigo ver isso. Não consigo chegar lá.

75 - [*Dificuldades encontradas enquanto professora cooperante*] (...) tem sido o trabalho a realizar com um dos elementos, com um dos supervisandos.

76 – (...) eu considerava que seria essencial, mais encontros, mais reuniões, mais reflexões sobre a prática concreta, sobre os dias de prática que são realizados com o orientador da ESE (...)

77 – (...) provavelmente se tivesse havido mais diálogo, as coisas até poderiam ter, ter melhorado, com o outro supervisionando (...)

78 – (...) se calhar, se ela ouvisse de um lado e doutro talvez conseguisse compreender que o erro ou problema não será meu (...)

79 – (...) acho que ela já pensa que eu impliquei com ela ou coisa do género (...)

80 – (...) não sei, talvez a falta de, de, de comunicação, a falta de encontros concretos, portanto formais com o professor, o formador da ESE, seria, acho que é uma, uma das falhas.

81 - [*Reacção face a situações de supervisão difíceis*] (...) se o futuro professor estiver a falar directamente com os alunos, ah, normalmente, não o interpele, assim, falo com o colega e digo, olha, já passas pelo colega e dizes para desdizer o que disse ou para dizer isso de outra maneira, tento passar a mensagem, assim, de forma a que os alunos não se apercebam, para eles não caírem em descrédito, nem serem desautorizados (...)

82 – (...) às vezes, há situações assim mais graves ou mais drásticas que acabo por interferir directamente, mesmo à frente dos alunos, confesso.

83 - [*Como entende o seu papel na supervisão da PP*] Eu parece-me que tive dois papéis distintos, porque consegui, acho que da melhor forma, trabalhar com um dos alunos, um dos supervisandos, conseguimos que as coisas corressem razoavelmente bem.

84 – (...) com a outra supervisanda, não sei o que é que aconteceu, não sei o que fiz de mal, não sei(...)

85 – (...) provavelmente se tivesse mais experiência nestas andanças, (...) não conseguimos estabelecer uma relação, digamos, eficaz de forma a que ela depois pudesse produzir um trabalho, também realmente eficaz dentro da sala de aula, mas, não sei.

86 - Eu tentei fazer o melhor, mas acho que não consegui.

87 - [*Aspectos positivos e/ou negativos que considera resultarem das suas práticas supervisivas*] (...) eu acho que, (...), como professores estamos sempre a aprender (...)

88 – (...) três pessoas numa sala de aula acabam por poder, se souberem trabalhar em conjunto até, conseguir fazer um trabalho muito mais diversificado e, então, principalmente o apoio directo aos alunos é muito positivo, porque somos mais e os alunos com dificuldades, conseguimos gerir este espaço e conseguimos apoiá-los, portanto, isso será o aspecto positivo.



89 - O aspecto negativo tem sido provavelmente a dificuldade de, digamos de relacionamento, não é assim, não nos damos mal, não andamos aqui sempre, mas, com um dos supervisandos, que depois acaba por, originar situações na sala de aula menos positivas.

90 - [*Nas reuniões que estabelece com os supervisandos, promove ou propõe o desenvolvimento de competências educativas*] Eu gosto muito de fazer a reflexão com eles, (...), depois do dia (...) de prática porque é importante olharmos aquilo que se fez, aquilo que se podia ter feito melhor, aquilo que se podia ter feito de maneira diferente e porquê e fazer com que eles cheguem lá por eles próprios, descobrir os erros, gosto de fazer isso no final do dia, porque acho que é uma forma de promover, de melhorar (...) e, provavelmente ter consciência daquilo que se fez, às vezes, inconscientemente, coisas que se fazem, e acho que seria a melhor maneira, a única maneira de tratarmos, portanto, de chegarmos ao desenvolvimento, (...), das competências deles.

91 - (...) com um deles consigo fazer isso, com o outro raramente, nunca tem tempo.

92 - [*Como é que os supervisandos reagem face a situações difíceis que vão encontrando*] Situações difíceis, também até agora não tem sido geradas situações assim, muito complicadas, situações graves, dentro da sala de aula (...)

93 - (...) um acaba por se exaltar mais e trata das coisas assim sob ameaças, faz isto senão (...)

94 - (...) o outro, por via do diálogo e (...) do reforço positivo.

95 - Ele utiliza muito o reforço positivo com os alunos.

96 - Acaba por conseguir gerir melhor estas situações, mais confusas na sala de aula, ele apela aos sentimentos dos alunos (...) chega por esse lado.

97 - Do outro lado as coisas não acontecem assim.

98 - [*Estratégias costuma promover para desenvolver formas de actuação dos supervisandos nas situações difíceis*] Nós conversamos sobre isso depois das situações ocorrerem, normalmente, (...) depois conversamos para tentar chegar à conclusão de qual seria a melhor forma de gerir essas situações.

99 - Cada situação é uma situação e às vezes, pontualmente, temos de ter comportamentos diferentes, o resto é pela via do diálogo.

100- [*Situações que acha que podem dificultar o desempenho dos supervisandos*] Eu acredito que, que a falta de comunicação entre o supervisando e o professor cooperante (...) é uma falha muito grave (...)

101 - (...) eu sinto-me responsável pela turma (...)

102 - (...) eu não vou entregar a turma (...)



103 - Eu não posso permitir que isso aconteça de dar a um aluno em PP, 4 dias, à sua responsabilidade, sem eu ter conhecimento daquilo que se vai passar, mas a supervisanda acredita que sim, que tem que fazer e eu não tenho que dizer e então isso tem sido complicado.

104 - Se me interessava muito ser professora cooperante, estava curiosa, curiosíssima como é que as coisas se iam passar, acabei por perder a vontade de voltar a experimentar.

105 - [*O que considera ser mais importante para um supervisando que se depara com situações difíceis*] Saber gerir, gerir a situação dentro da sala de aula, do contexto da sala de aula, o saber gerir (...)

106 - (...) saber, (...) desenvencilhar-se de uma situação (...) eu apelo sempre pela via do diálogo, sem se exaltar, que é o que acontece às vezes.

107 - São muito distintos, os dois, efectivamente.

FIM



PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA C 4

Unidades de sentido

- 1 - [*Habilitações académicas*] Licenciatura em 1º CEB. Primeiro fiz o Bacharelato, depois fiz o Complemento de Formação em 1º CEB.
- 2 - [*Tempo de Serviço*] 11 anos.
- 3 - [*Situação profissional*] (...) Quadro de Zona Pedagógica.
- 4 - [*Tempo de serviço como professora cooperante*] 3 anos não consecutivos.
- 5 - Foram dois anos seguidos, há 3 anos atrás e agora mais 1 ano.
- 6 - 3 anos.
- 7 - [*Número de supervisandos na sala*] (...) 3 supervisandos.
- 8 - [*Número de vezes que reúne/articula com os supervisores da ESE*] Este ano está a ser muito complicado, pela primeira vez.
- 9 - Nunca aconteceu, tem sido muito complicado.
- 10 - De início (...) era uma articulação complicada, (...) nem fez reuniões de articulação.
- 11 - Agora (...) já tem havido mais conversas e já se tem tentado articular as coisas.
- 12 - [*Esse tempo é suficiente para apoiarem os alunos*] É sempre pouco porque o tempo que temos não é muito.
- 13 - A “S 1” passa apenas 10 minutos na sala o que é pouco.
- 14 - [*Número de vezes que reúne com os supervisandos, assuntos tratados na reunião*] Sempre que vêm dar aula, ao final do dia reunimos um pouco.
- 15 - No final da semana reúno com os que vão dar aulas na semana seguinte.
- 16 - Reunimos cerca de três vezes.
- 17 - [*Assuntos tratados na reunião*] Conteúdos a trabalhar, actividades, isto na 3ª reunião.
- 18 - Nos dias em que dão as aulas falamos sobre o que correm bem, o que correu mal.
- 19 - Faço uma reflexão com elas para tentar melhorar.
- 20 - [*O ambiente, onde estão a desenvolver a prática, parece-lhe propício para o desenvolvimento deles, a nível profissional*] É um bom ambiente.



- 21 - Têm todos os recursos é só pedirem.
- 22 - É uma boa turma para elas trabalharem.
- 23 - Tem alunos com dificuldades de aprendizagem o que é ótimo para elas trabalharem e perceberem que nem tudo é um mar de rosas.
- 24 - [*Como caracteriza o grupo de supervisandos, o seu trabalho*] Trabalhadoras, empenhadas, mas diferentes entre elas.
- 25 - Um bocadinho diferentes. Vários aspectos.
- 26 - Tem uma com maior capacidade de comunicação com as crianças.
- 27 - Outra é mais tímida mas na teoria é muito boa, na preparação dos materiais, mas é muito tímida com as crianças.
- 28 - A terceira tem muitas dificuldades em aceitar o que lhe é dito, não aceita críticas, tem dificuldades em chegar às crianças.
- 29 - Desorienta-se com pouco e tem dificuldades em lidar com as crianças.
- 30 - Tem uma personalidade difícil.
- 31 - [*Acha que as supervisandas estão motivadas*] Sim, as minhas estão.
- 32 - [*Atitudes que costuma tomar face às diferenças existentes entre elas, se existem*] Eu costumo conversar com elas no final e aquilo que esteve mal dizer-lhes que esteve mal.
- 33 - A atitude é a mesma para com as três, a diferença está nelas.
- 34 - Duas ouvem e tentam melhorar, a outra diz que sim mas não muda nada, é persistente.
- 35 - [*Como se sente face a essas diferenças*] Sei lá.
- 36 - Vejo e falo com elas para melhorarem.
- 37 - (...) a que comunica melhor com as crianças trabalha bem.
- 38 - A mais tímida tento dar-lhe força, animá-la, dizer o que deve corrigir e melhorar.
- 39 - Com a outra sinto-me desesperada, porque é uma pessoa teimosa e persistente e faz o que quer fazer.
- 40 - As outras mandam a planificação por mail ou vêm cá entregar para eu ver e corrigir.
- 41 - A mais velha não a consigo ajudar porque ela não entrega nada, nem materiais, nem planificação.



- 42 - [*Quais as características necessárias para um supervisando ser um bom professor*] Deverá saber aceitar, ser aberta a mudanças, ter boa capacidade de comunicação, ser activa, dinâmica, ...
- 43 - [*Estratégias que costuma utilizar para ajudar os supervisandos quando se encontram em situações difíceis*] Incentivá-las,..., motivá-las,...
- 44 - [*Relação que estabelece com os alunos, em contexto de PP*] Boa, dou-me bem com elas, sabem que podem contar comigo para tudo.
- 45 - Estou sempre à disposição pra ajudar, dar ideias, ...
- 46 - [*Relação fora da prática pedagógica*] Também é boa. Pouco me relaciono com elas fora da prática, mas também é boa.
- 47 - [*Como caracteriza o clima de supervisão que preconiza*] Elas vêm-me como alguém com mais experiência que está aqui para ajudá-las, partilhar com elas o que sabe.
- 48 - [*Dificuldades encontradas enquanto professora cooperante*] (...) Sentir-me um pouco desamparada em relação à ESE.
- 49 - Se soubesse que era assim nem sequer tinha pedido estágio.
- 50 - [*Como entende o seu papel na supervisão da PP*] É um papel activo, (...).
- 51 - [*Aspectos positivos e/ou negativos que considera resultarem das suas práticas supervisivas*] Os aspectos positivos é que é muito gratificante receber estágio, na medida em que proporciono aos estagiários o contacto com a realidade.
- 52 - Outro aspecto positivo é porque são pessoas novas com novas ideias.
- 53 - Um aspecto negativo é por vezes prejudicar a turma por causa do estágio.
- 54 - [*Nas reuniões que estabelece com os supervisandos, promove ou propõe o desenvolvimento de competências educativas*] Sim.
- 55 - [*Reacções dos supervisandos face a situações difíceis de desempenho*] Depende, ..., depende. Há novamente umas diferenças.
- 56 - Uma consegue dar a volta às situações, adapta-se e resolve.
- 57 - As outras perdem-se um pouco, ficam atrapalhadas.
- 58 - [*Como reage nessas situações*] Tento ajudá-las, chamo-as à parte, tento orientar, arranjar uma solução alternativa.
- 59 - [*Iniciativas promovidas no sentido de ajudar os supervisandos a desenvolverem-se pessoal e profissionalmente*] Não sei.
- 60 - Alerta para materiais, indico materiais, pergunto se querem participar nas formações...



61 - [*Orientações dadas aos supervisandos que se deparam com problemas na sua prática lectiva*] Depende da situação. Tento contornar (...) é preciso ter flexibilidade para alterar as coisas e ultrapassar.

62 - Temos que improvisar.

FIM

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA C 5

Unidades de sentido

- 1 - [*Habilitações académicas*] Tenho o Magistério Primário (...) fiz um completamento de habilitações de 2º ciclo, Português/História.
- 2 - [*Tempo de Serviço*] 31 anos.
- 3 - [*Situação profissional*] Professora do quadro, (...) agora é do Quadro de Escola (...).
- 4 - [*Tempo de serviço como professora cooperante*] (...) 6 anos, 6.
- 5 - [*Número de supervisandos na sala*] 3.
- 6 - [*Concorda com esse número de alunos por grupo, acha vantajoso*] Concordo, sim. Tá bom. Acho que é um bom número.
- 7 - [*Número de vezes que reúne/articula com os supervisores da ESE*] Portanto, neste momento, (...) aqui supervisionar, ele costuma vir aí uma vez por semana, às vezes não vem. Vem de quinze em quinze dias talvez (...)
- 8 - (...) agora nesta segunda fase, neste segundo semestre os dias têm sido muito poucos, esta semana é um dia, a semana passada foi um dia, outra semana foi um dia, outra semana foi um dia, também, como é que é possível reunir (?), não dá.
- 9 - Este segundo semestre tem sido muito difícil para reuniões (...) tem sido muito reduzido o número de aulas, o número de horas. Tem sido só uma semana, desde a Páscoa, tem sido só um dia por semana.
- 10 - [*Esse tempo é suficiente para apoiarem os alunos*] Sim, são.
- 11 - [*Número de vezes que reúne com os supervisando, assuntos tratados na reunião*] Com eles, eu todos os dias falo com eles. Todos os dias falo com eles, assim, no fim do trabalho, falamos, trocamos impressões logo, assim no momento, não se guarda.
- 12 - (...) depois vêm aqui à quinta-feira ou à sexta-feira, porque se há qualquer assunto pendente, também, fora desses dias também, normalmente, também encontro-me com eles, pronto, mas não é assim os três reunidos e ali a falar sobre as aulas.
- 13 - [*Costuma falar só sobre as aulas nesses momentos*] (...) sim. Sobre as aulas ou sobre outro, pois sobre os projectos, por exemplo, (...).
- 14 - Ai tem sido assim, tem sido muito trabalho fora do dia, desse, do dia.
- 15 - [*O ambiente, onde estão a desenvolver a prática, parece-lhe propício para o desenvolvimento deles, a nível profissional*] Sim, sim.



- 16 - Acho que a turma é uma turma boa (...)
- 17 - (...) a escola tem todas as condições para, para a prática, para o estágio.
- 18 - [*Como caracteriza o grupo de supervisandos, o seu trabalho*] São pessoas responsáveis, portanto, são responsáveis (...)
- 19 - (...) agora já noto mais maturidade, no princípio achava pouca maturidade, agora já são pessoas, já noto com mais maturidade, a dominarem melhor a turma (...)
- 20 - (...) são pessoas responsáveis.
- 21 - [*Existem diferenças entre os supervisandos*] (...) todas as três são diferentes, (...). As três são diferentes. (...) em vários aspectos (...)
- 22 - (...) uma miúda que não é portuguesa, (...) tem, às vezes, alguma dificuldade, quer dizer, dificuldade em pronunciar porque ainda tem um bocado a pronuncia espanhola, (...), aquela pronuncia, (...) que é um bocadinho diferente.
- 23 - (...) além disso, cada uma tem a sua maneira (...) de estar perante os alunos, (...).
- 24 - (...) elas são ligeiramente diferentes mas são pessoas que trabalham, que se interessam, são pessoas muito interessadas e são pessoas responsáveis.
- 25 - São pessoas que, que preparam sempre os materiais, trazem sempre as aulas preparadas (...)
- 26 - (...) a nível disciplina, por exemplo, com os alunos (...) nas três, pois, pode haver uma que seja assim um bocadinho melhor para, uma talvez que segure melhor nos alunos, as outras têm um bocadinho mais de dificuldade em segurar os alunos.
- 27 - [*Como reage face a essas diferenças*] (...) princípio, portanto chamei à atenção para elas tentarem corrigir (...)
- 28 - (...) se elas têm dificuldade em controlar os alunos, pois se arranjam actividades ou estratégias em que os alunos, em que há trabalhos de grupo, em que as aulas são muito movimentadas, se elas já têm essa lacuna, (...) elas fazem aquilo que querem (...)
- 29 - (...) eu sugeria logo: Olha, pois, fuja dessas actividades, façam outro, utilizem outro método, outra estratégia pra resolver o assunto. (...) a ver se eles ficam um bocadinho mais calmos e a ver se conseguem controlar, senão, às vezes, não era fácil.
- 30 - Alerta, alerta para as dificuldades e tento que elas resolvam as dificuldades.
- 31 - E se vir alguma dificuldade assim grande, no momento, discretamente, (...) tento que elas não, não caiam nos erros e não se afundem, não, não deixo de maneira nenhuma que, a existência de problemas.



32 – [*Quais as características necessárias para se ser um bom professor*] (...) há tantas coisas. Há muitas, mesmo muitas (...)

33 – (...) ter os conhecimentos, ser capaz de transmitir e ter os conhecimentos para os transmitir, (...) sabê-los transmitir (...)

34 – (...) ter empatia com os alunos, portanto saber, ter empatia com os alunos. (...) primeiro que tudo é ter empatia com os alunos.

35 – A partir desse momento, de ter empatia com os alunos, depois é tentar ir-lhe dando, ir passando a mensagem e ir levando-os a adquirir as competências que, do programa, pronto.

36 - (...) os instrumentos devem ser o mais variados possível, portanto, devem mudar o máximo, (...) devem tentar desenvolvê-los a todos os níveis.

37 - [*As supervisandas que tem na sala estão nesse caminho*] Eu acho que sim, mas pronto, ainda têm um longo caminho a percorrer, (...) mas eu acho que sim (...)

38 – (...) acho que elas (...) são pessoas que são responsáveis no, no aspecto de, de criar um bom ambiente, de haver um bom ambiente na turma e tentar também ensinar-lhe, a passar, tentar que eles adquiram as competências que são necessárias.

39 - (...) nós trabalhamos assim, à base de motivações e coisas diferentes, portanto, aqui elas vão preparadas e as minhas aulas são assim. São aulas assim, sempre com motivações, sempre com coisas diferentes e ir aproveitando tudo aquilo que vai aparecendo.

40 - [*Para além de estar motivada dentro da turma, as supervisandas também estão*] Claro, exactamente, elas também tem de trabalhar, elas têm de trabalhar, mas toda a gente tem de trabalhar, mas quem é que não trabalha comigo (?). Ai, trabalha-se sempre.

41 - E elas trabalham, trabalham, eu acho que este tipo de trabalho é um tipo de trabalho que motiva, (...) embora, de principio podem tar um bocadinho com dificuldade, mas às tantas eu chego ao mês de Novembro, Dezembro e elas começam a entrar neste mundo da turma. E então começamos a ser todas a puxar para o mesmo sítio.

42 - E é necessário ser um, portanto, para se trabalhar é necessário ser uma equipa, é necessário que todas as pessoas puxem para o mesmo lado e que elas estejam também interessadas.

43 - E eu penso que este tipo de trabalho, para mim é mais fácil no tipo de avaliação, porque eu tar a dar avaliação com as aulas só dadas aqui na sala de aula para mim é muito pouco, eu quero criatividade, porque sem criatividade não se vai a lado nenhum.

44 – Eu penso que uma professor que não tenha criatividade não, não, é muito, (...) a minha maneira de trabalhar é assim.



45 - (...) elas vêm pra aqui e pra provarem aquilo que valem elas têm de fazer coisas criativas.

46 - E elas têm correspondido.

47 - [*Uma turma dinâmica*] Uma turma dinâmica e uma turma à base, sempre, de projectos e de concursos, nós praticamente o trabalho é sempre feito à volta dessas coisas, sempre.

50 - [*Relação que estabelece com os alunos, em contexto de PP*] É boa.

51 - Eu considero como umas pessoas minhas amigas e tou à vontade com elas e penso que elas estão à vontade comigo, penso eu. Pelo menos eu esforço-me por isso.

52 - [*Relação fora da prática pedagógica*] Fora da PP não há muita, fora da PP não há assim muita. (...) fora da PP praticamente nenhuma, pelo menos até ao momento.

53 - [*A relação estabelecida em contexto da PP favorece o desenvolvimento profissional delas*] Sim. Sim, sim, sim.

54 - (...) as pessoas devem ser livres, (...) se vejo alguns erros ou algumas coisas que considero erros, pois também perco a consistência, gosto de aconselhar.

55 - (...) as pessoas devem seguir sempre o caminho que elas entenderem não, não tou aqui pra indicar soluções, (...) isso se depois surgir certas atitudes que considere mais correctas ou certas (...) estratégias, mas elas são livres de seguir aquilo que elas entenderem (...).

56 - [*Como caracteriza o clima de supervisão que preconiza*] (...) é o prazer que tenho em poder ajudar as pessoas (...) baseado na minha experiência, porque já tenho muitos anos de experiência e penso que tenho tido algum sucesso, felizmente, tenho tido algum sucesso, (...) penso transmitir esse sucesso e partilhar a minha experiência (...)

57 - (...) dá-me prazer em partilhar a minha experiência com outras pessoas e poder ajudar outras pessoas.

58 - Poder passar a mensagem (...) e pra evitar que elas errem como eu já errei assim em certas coisas pois, se puder ajudar pois tanto melhor. (...) sinto prazer em ajudá-las.

59 - (...) se vir que as coisas não tão a correr bem, pois gosto que elas também reflectam sobre isso e que sigam o seu caminho.

60 - Não quer que elas me vão seguir a mim.

61 - Elas cada uma segue o seu caminho, à sua maneira.

62 - [*Representações acerca dos efeitos da sua acção nos supervisandos*] Eu não sei, sinceramente não sei. Não sei. Não sei. Não sei.



63 - [*Como é que acha que a sua forma de actuar se reflecte nos supervisandos*] Pois, eu penso que..., tem influência.

64 - (...) Eu penso que isto depois acaba por ser assim, uma certa cumplicidade, (...) até porque, se elas sabem que eu gosto de determinadas maneiras de actuar, pois elas, de certas maneiras, pois elas, irão procurar fazer assim desse modo, (...).

65 - (...) eu tento dar-lhes a maior liberdade possível, (...) pois, pode ser que influencie. É natural que influencie, mas, assim muito não sei.

66 - Não sei o que é que influencio.

67 - [*Como entende o seu papel na supervisão da PP*] Penso que o meu papel é muito importante, porque tou aqui as horas todas com elas e sou eu que (...) vejo as programações antes, e vejo as folhas, todos os trabalhos que elas dão aos alunos, todas as fichas de trabalho que elas dão aos alunos e eu antes vejo-as sempre. Eu penso que o meu trabalho é muito importante, muito importante mesmo, (...) pra elas.

68 - Eu penso que é muito importante, penso que é um trabalho muito importante, um trabalho de muita responsabilidade e penso que é um trabalho muito importante, porque é preciso (...) ter muita atenção e, e é necessário a pessoa se dedicar um bocado (...).

69 - (...) é necessário haver dedicação porque se não as coisas nem sempre poderão funcionar tão bem (...) elas poderão não aproveitar aquilo que deve, que podem aproveitar.

70 - [*Aspectos positivos e/ou negativos que considera resultarem das suas práticas supervisivas*] (...) uma coisa que eu costumo exigir muito delas (...) ou ver que realmente dou muita importância a isso é a pontualidade, acima de tudo, pontualidade. As pessoas têm de ser pontuais. Pra mim pontualidade é chegar 5 minutos antes. Chegar 5 minutos antes e pronto, pra já, acima de tudo, pontualidade.

71 - (...) eu tento que elas se habituem logo a fazer essas coisas e (...) se não fazem, ou se vir que as coisas (...) não andam assim tão bem, também chamo logo à atenção e gosto de fazer, e gosto de ser logo muito franca com elas e gosto de dizer tudo, quer dizer, eu acho até um aspecto positivo.

72 - (...) eu digo logo aquilo que penso, digo, digo, digo as coisas todas, não fico com as coisas em caixinha nem nada disso. Eu digo logo as coisas todas, digo logo, digo logo tudo e digo logo pela frente. Eu digo logo, aquilo que acho eu digo logo, digo.

73 - Como aspectos negativos não sei mas, não sei quais são. Poderão ser, eventualmente, alguns, não sei.

74 - Às vezes posso ser um bocadinho exigente (...) sou (...) de trabalhar muito. Muito dinâmica. Muito, muito, para não perder tempo.

75 - Para mim o tempo é muito importante e então sou sempre terrível para exigir muito. Sou muito exigente no aspecto (...) do tempo, do aproveitamento do tempo,

não gosto de tempos mortos, não gosto de ter pessoas a, os alunos que não estejam a trabalhar, eles têm que tar sempre a trabalhar, e então aí posso ser um bocadinho (...) chata. (...) posso talvez aí exagerar algum bocadinho.

76 - Se calhar exagero.

77 - [*Nas reuniões que estabelece com os supervisandos, promove ou propõe o desenvolvimento de competências educativas*] Nelas o que, notei mais na troca de impressões ou nas críticas que faço à actuação delas, como a nível de estratégias a nível de, da sua postura.

78 - (...) Melhorar a turma, foi um elemento para me ajudar aqui a trabalhar na turma e enriquecedor (...).

79 - É preferível o professor tar com os alunos, consegue explorar mais, consegue tirar mais partido das horas do que tira uma pessoa que não tem ainda experiência. (...).

80 - [*Reacções dos supervisandos face a situações difíceis*] (...) reagem de qualquer maneira, (...)

81 - (...) às vezes choram, quando se enervam assim um bocadinho mais, (...)

82 - (...) outras vezes pedem ajuda ou, normalmente aqui pois sabem que se me pedirem ajuda eu dou ajuda.

83 - Normalmente, eu não saio da sala de aula e tou sempre aqui com eles, e..., se vejo logo que está alguma coisa (...) que não tá a correr muito bem, pois sou capaz de intervir (...), dou assim uma ajuda, ou passo-lhe a ele, pronto, faço de maneira a que as coisas não dêem assim muito nas vistas, mas a não deixar ir assim muito po fundo.

84 - (...) não utilizo a técnica de deixar mesmo correr mal, mal, para depois ir corrigir, (...) mesmo que as coisas corram muito mal pra depois ver o que é que pode corrigir. Tenho dificuldade em aceitar isso, em deixar isso.

85 - [*Orientações dadas aos supervisandos que se deparam com problemas na sua prática lectiva*] (...) discretamente vou ao pé da pessoa de costas, voltada de costas, pois pós alunos e digo (...) ou às vezes a nível (...) intelectual (...)

86 - A nível mesmo de conhecimento científico (...) às vezes as coisas não estão (...) as pessoas não estão suficientemente preparadas para as perguntas dos alunos. (...) não têm aquele conhecimento científico páquele momento, pa responder àquela situação. Portanto, é a situação pra mim que considero mais delicada. Aí ou faço algum sinal pa avançar, depois logo se volta ao assunto e depois logo se alerta para aquele assunto (...) e diz-se olha, realmente não era bem assim, (...) ou não se volta a tocar naquele assunto e depois vamos tocar outra vez e para tentar esclarecer aquele que não ficou bem esclarecido. (...) não lhe dar importância, não ficar registos, registos escritos. Fique só assim no ar, fique só assim no ar para depois se poder dar a volta.



87 - Eu normalmente faço assim, a não ser discretamente, tento ajudar, tento ajudar sem que os alunos se apercebam, não gosto que os alunos se apercebam disso, não gosto de por as pessoas em cheque, não sabem, nunca faço isso.

88 - (...) vou tentando sempre, e tento sempre protegê-las e nunca me ponho do lado dos alunos, (...) contra as supervisandas, nunca.

89 - [*Iniciativas promovidas no sentido de ajudar os supervisandos a desenvolverem-se pessoal e profissionalmente*] (...) participação nos projectos e participação nos concursos. São essas que eu tenho feito. São essas ao longo do ano, que são várias e são diversificadas e são a todos os níveis, envolvendo todas as áreas e sempre a envolver todas as áreas.

90 - [*Orientações dadas aos supervisandos, nas reflexões, no sentido de reagirem sempre que se deparam com situações complicadas na sala de aula*] Sim, sim, depois reflectimos. Ou reflectimos se tivermos no intervalo a seguir, reflectimos no intervalo. Às vezes, reflecto no intervalo, não espero pra hora da saída até porque depois já saí daquele contexto e pode ser mais difícil.

91 - Se não, no fim depois falamos sobre isso. Falamos sobre esse assunto e conversámos como é que, portanto, a melhor maneira para resolver aquele assunto, se assunto não ficou logo resolvido e se ficou alguma coisa pendente que não ficou correctamente dada (...)

92 - [*Não tenho mais nada a perguntar, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa*] Eu gosto de ter estágio, só isso. Pois sinto-me bem com o estágio, sinto-me bem, porque..., serve de complemento, às minhas actividades, (...).

93 - Pra já porque são pessoas mais novas, (...), têm outra maneira de ver, penso que é muito enriquecedor para os alunos, eles terem outras professoras dentro, (...) é diferente de terem só uma professora (...)

94 - (...) penso que com o estágio é melhor pra eles e também é melhor pra mim, porque as aulas são diferentes (...)

95 - (...) penso que é mais agradável, que as aulas são mais agradáveis. Há sempre coisas novas (...) se tiver assim ajudas é mais fácil.

96 - [*As alunas disponibilizam-se para mais coisas*] E as alunas também se disponibilizam e é enriquecedor, portanto, é enriquecedor para a turma.

97 - (...) tenho ficado sempre satisfeita.

98 - (...) nunca tive nenhum momento em que decepciono e depois preferia não ter o estágio, ou tivesse momentos de arrependimento.

99 - Acho que tem sido sempre proveitoso e tenho conseguido sempre tirar partido das pessoas que tenho na sala de aula.

FIM

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA C 6

Unidades de sentido

1 - [*Habilitações académicas*] (...) é o Magistério Primário e o Complemento de Formação em Línguas Estrangeiras – Inglês.

2 - [*Tempo de Serviço*] 17 completos, tou no 18º.

3 - [*Situação profissional*] (...) Quadro de Zona (...).

4 - [*Tempo de serviço como professora cooperante*] (...) consecutivos há 5 anos.

5 - Entretanto tive uma interrupção (...) antes já tinha tido 2 anos, na formação antiga.

6 - [*Sete*] Sim.

7 - [*Número de supervisandos na sala*] 3.

8 - [*Concorda com esse número de alunos por grupo, acha vantajoso*] Sim. Acho, mais é demais, menos não chega a ser grupo, portanto há questões que se pedem, acho que sim, acho que os grupos devem ter número ímpar.

9 - [*Como caracteriza a escola e a turma em que os supervisandos estão a trabalhar*] (...) é uma escola com características um pouco especiais, é a escola da baixa da cidade. (...) acabamos por receber aqui um público que não tem propriamente a ver com a área de residência, mas sobretudo o local de trabalho.

10 - [*O ambiente, onde estão a desenvolver a prática, parece-lhe propício para o desenvolvimento deles, a nível profissional*] Sim, acho que sim.

11 - Este grupo tá habituadíssimo porque já tem estagiários desde o 1º ano. Portanto, já entrou, para eles é normal, entrou nas rotinas.

12 - (...) eu costumo impor – me um bocadinho, (...) eles não se sentem sozinhos ou perdidos ou assim, porque eu sou um bocadinho autoritária.

13 - E quando é preciso marco a minha posição eu costumo avisar os, os estagiários de que não se choquem se eu interferir, muitas vezes não é por mal, é para não deixar perder situações que eu acho que não se devem nunca deixar perder.

14 – (...) sou um bocado incisiva em determinadas questões.

15 - (...) eu acho que, os alunos da prática, deveriam passar por determinadas situações que lhes fossem facilitadoras em termos futuros (...) a questão do 1º ano, de haver sempre estagiários que tivessem uma experiência qualquer com o 1º ano de escolaridade, independentemente do método, porque aí depois disso há questões emergentes em relação às metodologias de aprendizagem da leitura e da escrita, mas



de qualquer forma até penso que por aí se poderia evoluir mais do que se tem evoluído a esse nível.

16 – (...) eu achava que era importante eles passarem pelos 1ºs anos de aprendizagem, sobretudo, porque o 3º e o 4º ano, o 3º é um ano muito difícil, é um ano muito trabalhoso, é um ano com muitos conteúdos novos, é um salto muito grande na vida dos meninos e sobretudo na vida escolar e faz muita diferença, e é uma pressão muito grande em cima do estágio porque são muito conteúdos novos que têm que entrar.

17 - Este ano foi um ano particularmente difícil (...)

18 – (...) a turma é bastante boa.

19 - Esta turma tem um bom ritmo de aprendizagem, eles tão comigo desde o princípio e estão todos no 3º ano, portanto, não há meninos que tenham alguma vez ficado retidos.

20 - Há um ou outro mais fracote mas pronto, a turma em si é boa, (...) são meninos muito exigentes e não é, se calhar, o mais..., é um desafio muito grande pa estágio.

21 - Acho que há outro tipo de situações que lhes seriam mais favoráveis, se calhar, uma turma mais difícil, com mais níveis, que é o que elas vão encontrar nos próximos anos (...)

22 - (...) apesar de eu achar que, em termos de estratégias de, novas estratégias de aprendizagem ou diversidade de estratégias, o estágio é um elemento fundamental, e eu noto que estas minhas estagiárias têm graves lacunas a esse nível, (...)

23 - (...) trabalho de projecto faz-lhes confusão, trabalho de texto nunca fizeram, se isso for proveitoso, tudo bem, (...), em termos de experiência de aprendizagem para elas próprias (...)

24 – (...) há uma série de actividades que elas não usam habitualmente, porque as turmas por onde têm andado e onde têm observado e feito práticas nunca utilizaram esse tipo de metodologias.

25 - [*Quanto mais diversificados os métodos*] Não. Sim, sim, sim, sobretudo quanto mais adequados ao currículo melhor, que a maior parte não são.

26 - [*Número de vezes que reúne/articula com o supervisor da ESE*] Todas as semanas.

27 – (...) o supervisor da ESE vem cá uma vez por semana.

28 - [*Assuntos tratados na reunião*] Conversamos sobre o decurso da prática (...)

29 - [*Esse tempo é suficiente para apoiarem os alunos*] Sim, porque de certa forma eles conhecem o meu trabalho, portanto, também sabem como é que eu vou orientando o estágio, (...), e depois quando há questões mínimas a aferir rapidamente se resolvem.



30 - [*Número de vezes que reúne com os supervisandos, assuntos tratados na reunião*] Todas as semanas também.

31 - (...) eu reúno com eles sempre (...)

32 - (...) eu sei que não é prática, que já foi e depois deixou de ser, mas eu acho que é fundamental.

33 - Tenho pena que se tenha perdido, institucionalmente, esse tempo, porque acho que é muito importante.

34 - (...) eu reúno com eles, planifico e/ou avalio (...) avalio a semana em curso e combinamos logo os conteúdos para a semana seguinte.

35 - [*Como caracteriza o grupo de supervisandos, o seu trabalho*] (...) na generalidade, eu noto que eles cada vez são menos disponíveis.

36 - Tenho pena, mas noto que cada vez eles sentem menos o que os espera.

37 - (...) cada vez sinto que há mais pessoas que estão sem vontade de estar ou sem motivação suficiente pra isto, que eu considero que é fundamental para ser professor.

38 - [*Existem diferenças entre os supervisandos*] Sim. Sim, sempre.

39 - Eles são completamente diferentes, depois reagem de maneira diferente, completamente.

40 - Há desde o mais dinâmico, o mais desenrascado, o mais revoluto, aos mais tímido, ao mais inibido, com mais fragilidades ou menos fragilidades científicas.

41 - (...) há pessoas que têm uma ótima relação com os miúdos, mas depois em termos de conteúdos científicos muito inseguros, (...) sobretudo na adequação naquilo que se aprende na teoria para a prática com os alunos. Isso, isso eu noto.

42 - As coisas entram na teoria mas depois não são aplicadas na prática.

43 - [*Como reage face a essas diferenças*] Pois, conforme aquilo que acontecer eu reajo, mas reajo sempre. Porque eu reajo de imediato (...)

44 - (...) acima de tudo a turma é da minha responsabilidade. Os alunos são meus e é sobre a aprendizagem deles que eu tenho que dar contas aos pais em primeira instância, (...).

45 - E o estágio também tem que perceber isso, que eu acho, isso é uma aprendizagem que se também faz em estágio. É de que os alunos são da nossa responsabilidade, nós não estamos cá para brincar nem para experimentar grande coisa, temos de ter absoluta consciência daquilo que se vai fazer.

46 - Eu acho que eles são muito apoiados, quer aqui, quer na ESE, não são mais, quando não pedem (...)

47 - (...) eu tenho alguma dificuldade em permitir brincadeiras.



48 - [*Quais as características necessárias para se ser um bom professor*] Disponibilidade, (...)

49 - (...) algum rigor científico, que há muito pouco, (...), há muitas lacunas a esse nível (...)

50 - (...) e sobretudo o perceber (...) de que os tempos mudaram, as coisas, a sociedade mudou, portanto, as práticas também têm que mudar.

51 - Portanto, as pessoas têm que tar disponível, disponíveis e têm que se adequar à realidade, (...), nós temos que nos adequar a isso.

52 - Há determinadas características que têm que se cumprir e eles têm que tar disponíveis, sobretudo, para perceber isso, e é essa mensagem que eu tento passar continuamente, é agir em função do grupo.

53 - [*Sente-se motivada para ter o grupo dentro da sua sala*] Este grupo não tem sido fácil, nada, nada, (...)

54 - (...) não tem sido nada fácil, (...) porque eu acho que são pessoas que têm boa relação com os miúdos, sem dúvida, não, são pessoas com alguma disponibilidade, (...), mas é assim um bocadinho à força, é, sempre que for possível escapar-me, escapo-me. Sempre que for possível chegar à uma da tarde e não ter que ficar muito mais tempo pa reunião, escapo-me.

55 - (...) tem sido um bocado sistemática a minha, a minha insistência no rigor em determinados aspectos.

56 - (...) depois eu insisto continuamente em relação às planificações, (...) porque eu gostava de as ver com alguma antecedência, apesar de combinar com elas depois, às vezes as coisas não correm bem e eu tenho que interferir, quando já deveria ter interferido antes, se isso fosse possível (...)

57 - (...) há questões que eu acho que (...) a própria escola superior deveria tomar a pulso e têm piorado.

58 - [*Relação que estabelece com os alunos, em contexto de PP*] (...) elas, digo elas porque são três raparigas, (...), cumprem mais ou menos, em termos de conteúdos, aquilo que combinaram comigo, em termos de uma ou outra estratégia.

59 - Depois há questões que quando correm bem, tanto melhor, quando não correm tão bem, (...), é assim, se for grave, em termos de grupo, em termos de aprendizagem, eu tenho que interferir, ou mais discretamente (...)

60 - (...) este ano ainda não foi preciso interferir ostensivamente, portanto, parar a aula e dizer: tem calma, tás a dizer uma asneira dos diabos, (...)

61 - (...) eu não, nunca deixo de interferir, nem que seja discretamente.



62 - Às vezes, um erro no quadro, uma palavra mal escrita num cartaz, uma coisa que, isso não posso deixar passar, como é evidente, (...), portanto, mesmo discretamente, às vezes digo a uma das outras: olha vai avisá-la que aquilo não sei quê.

63 - Dou assim um jeitinho, um toque, mas eu nunca deixo de interferir.

64 - Em primeiro lugar de imediato e depois quando se faz o balanço, portanto, quando se faz a avaliação.

65 - Elas agora tão a ficar, tão a achar que as coisas lhe tão a correr pior e que tão mais nervosas.

66 - E eu disse-lhes: não, não, é exactamente o contrário, vocês agora é que tão a tomar consciência daquilo que andam a fazer.

67 - (...) como tão mais conscientes descobrem mais coisas, porque já começaram a reflectir sobre o que fazem e já conseguem perceber e já conseguem ficar mais ansiosas, porque já começaram a responsabilizar-se um pouco mais também, também se aprende.

68 - É difícil porque eu acho que é uma aprendizagem que elas fazem.

69 - [*Relação fora da prática pedagógica*] Eu raramente as encontro porque elas não são de cá, (...) este grupo encontro-as exclusivamente aqui.

70 - Este grupo não, (...) é um bocadinho difícil. E não são disponíveis, não.

71 - [*Como caracteriza o clima de supervisão que preconiza*] Este ano eu sinto que é mais, é mais supervisão directiva.

72 - Tenho pena mas sinto que é um bocadinho mais directiva do que tem sido, precisamente por isso, porque eu as achei muito, muito “verdinhas”, muito tímidas, muito inexperientes para quem tá em, em início de carreira praticamente, (...)

73 - (...) deveriam ter tido mais, ou outro tipo de experiências ou mais experiências ou mais estratégias, (...)

74 - (...) eu tenho que dar muitas pistas e eu acho que não deveria.

75 - [*Considera que esse clima é o mais propício para o desenvolvimento dos supervisandos*] Não, não, não. Acho que a esta altura já não deveria acontecer.

76 - (...) eu já combinei com elas (...), com elas e com o meu colega supervisor da ESE, que no 2º semestre eu não gostaria de interferir tanto, mas depois acabei por ter necessidade de fazer, de dar ainda algumas pistas.

77 - Agora já combinei outra vez com a supervisora que a substituí, (...), que nas próximas sessões, que são a última semana de cada uma, (...), que não interferia absolutamente nada a não ser em termos de dizer é o conteúdo tal, tal e tal que é preciso trabalhar.



78 – (...) vou deixá-las completamente sozinhas, sem interferir absolutamente nada, já numa perspectiva de perceber o que é que aprenderam ao longo do ano, (...), de que é que são capazes porque elas vão ter que ser capazes.

79 - Mas eu sinto muitas fragilidades.

80 - [*Representações acerca dos efeitos da sua acção nos supervisandos*] Eu acho que é muito importante.

81 - Elas ouvem-me, às vezes têm medo daquilo que vou dizer, mesmo, lá está, por insegurança, mas, mas eu penso que tem, que se tem reflectido no, na forma de agirem com a turma, e têm havido algumas conquistas a esse nível. (...) até pela questão da consciencialização, que eu acho que é muito importante, porque elas agora fazem comentários, acerca da sua atitude e da sua acção, enquanto, enquanto professoras da turma, (...)

82 - [*Evoluíram*] Eu penso que sim.

83 - [*Aspectos positivos e/ou negativos que considera resultarem das suas práticas supervisivas*] (...) Positivos (...) que eu acho que é alguma evolução em termos de atitude e sobretudo em termos de estratégias porque acabam de certa forma por serem um bocadinho diferentes.

84 – (...) a questão negativa, pois lá está, pode ser um bocadinho assustador no início, (...) pronto, porque eu também gosto de sacudir as hostes e sou um bocado provocadora nessas questões (...)

85 – (...) porque eu acho que temos de ser conscientes no que andamos a fazer, sobretudo.

86 - [*Que iniciativas promove ou propõe para o desenvolvimento de competências educativas nos supervisandos*] São essas chamadas de atenção todas, são os balanços que se faz em relação às actividades e ao decurso de toda a actividade que elas planearam, cada uma, (...), esse balanços são muito importantes (...)

87 – (...) o que eu lhes proponho, normalmente, é auto-avaliações e hetero-avaliações que se fazem continuamente, todas as semanas, que, de certa forma, lhes permitem ir crescendo um pouco, ir reflectindo, aprender a reflectir sobre elas e são as planificações.

88 - Também, não há tempo para muito mais.

89 - [*Reacções dos supervisandos face a situações difíceis*] Elas pedem ajuda. Se têm alguma dificuldade pedem ajuda.

90 - São, isso, têm essa vantagem, este grupo, apesar de ser um bocadinho inseguro, mas também é humilde, portanto, não são pessoas que arrisque, muito e agora vamos ver o que é que dá.

91 - Elas perguntam, perguntam muito como fazer.



92 - [*Diferenças entre elas nas atitudes*] São todas completamente diferentes. Sim, sim, sim.

03 - É curioso que aquela que pergunta mais é a mais segura, das três.

94 - [*Orientações dadas aos supervisandos que se deparam com problemas na sua prática lectiva*] Eu acho que tem um bocado a ver com a circunstância em si, com o tipo de situação. (...)

95 - (...) também não têm acontecido assim momentos muito complicados, a não ser o inesperado, pronto, haver uma situação qualquer inesperada, temos que parar, parar as coisas porque, porque surge um evento qualquer na escola e então é preciso alterar e não houve tempo para planificar (...) se isso coincide com um dia de estágio sempre há assim alguma alteração a fazer a esse nível, mas é mais em termos de organização e isso acontece sempre, portanto, elas têm que tar preparadas para isso.

96 - É sobretudo a esse nível, agora uma situação muito grave que requeira uma grande intervenção também não há propriamente.

97 - [*Iniciativas promovidas no sentido de ajudar os supervisandos a desenvolverem-se pessoal e profissionalmente*] (...) são os balanços constantes das actividades e das suas próprias aprendizagens, das suas angústias, eu, eu, muitas vezes, quando nós falamos, também clarificamos o nosso pensamento (...).

98 - Às vezes, temos ideias na nossa cabeça que quando tentamos explicar a outra pessoa se arrumam, e eu acho que é muito importante o explicar aos outros, conseguir contar aos outros porque também nos ajuda a reflectir um pouco sobre o que fazemos e o que pensamos, portanto, isso para mim é fundamental e eu tento promover (...)

99 - (...) é claro que me gasta tempo, (...), e esse tempo não é compensado e as pessoas por vezes não têm esse tipo de disponibilidade, compreende-se.

100 - (...) elas querem experimentar, elas querem fazer muitos cartazes bonitos, muitas coisas. Elas tão a experimentar, agora eles é que têm que avançar, não é fácil.

FIM



PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA C 7

Unidades de sentido

- 1 - [*Habilitações académicas*] (...) tenho Licenciatura em, na variante Português/Francês.
- 2 - [*Situação profissional*] (...) sou professora do Quadro de Zona.
- 3 - [*Tempo de Serviço*] 10 anos.
- 4 - [*Tempo de serviço como professora cooperante*] Eu é o 2º ano.
- 5 - [*Número de supervisandos na sala*] 3.
- 6 - [*Concorda com esse número de alunos por grupo, acha vantajoso*] Sim, acho que é..., não são muito, nem são, é, tá bem, tá é intermédio.
- 7 - [*O ambiente, escola/turma, onde estão a desenvolver a prática, parece-lhe propício para o desenvolvimento deles, a nível profissional*] (...) a escola é assim, não tem todas as condições, (...), como todas as escolas do 1º Ciclo, infelizmente, a maior parte delas.
- 8 - A turma é uma turma ótima pra eles, acho eu, porque é uma turma com 20 alunos, com um (...) que trabalha com a professora de educação especial, portanto, não há um trabalho que seja desenvolvido deles, que tenham que planificar e pensar actividades/estratégias, é uma turma que está no 3º ano e toda acompanha o 3º ano, portanto, e para eles acho que é ótimo, é o ideal.
- 9 - [*Número de vezes que reúne com os supervisandos, assuntos tratados na reunião*] (...) agora como eles passaram a reunir-se só duas, (...), a intervir duas vezes por semana só, portanto, quando não há assim grande coisa para reflectir ou tenho a atenção de me reunir com as pessoas no intervalo ou depois ou quando qualquer coisa tá a correr mal, portanto, mas não tem sido tão assiduamente como deveria.
- 10 - [*Acha que poderia ser mais insistente*] Sim, deve-se dizer que sim.
- 11 - Não que se justifique, eu acho que não se justifica (...)
- 12 - [*Número de vezes que reúne/articula com os supervisores da ESE*] (...) nunca tivemos uma reunião, assim entre nós.
- 13 - A primeira sim, para a distribuição(...)
- 14 - Nunca houve assim uma reunião que fosse assim uma reunião para falar, (...), da evolução dos estagiários, o que estava a correr melhor ou pior, pior não, menos bem, (...)
- 15 - (...) a única vez que eu falo com, com ele e com ela, e quando ela vem, ela sempre fala, portanto, é das únicas vezes (...)



16 - [*Esse tempo é suficiente para apoiarem os alunos*] Foi das, das críticas não, mas das, das coisas que eu realcei que deveria ter sido feito (...)

17 - (...) eles prometiam, vamos fazer uma reunião, vamos fazer uma reunião, mas nunca aconteceu (...)

18 - (...) eu acho que todas nós, aqui na escola, sentimos essa falta.

19 - [*Como caracteriza o grupo de supervisandos, o seu trabalho*] (...) há ali o grupo.

20 - De início era um grupo que trabalhava em grupo, portanto eles partilhavam experiências, as actividades.

21 - Depois ao longo do tempo viu-se que começou a (...) surgiu uma individualidade, ficaram mais individuais, o trabalho, as críticas, a interajuda foi desaparecendo, eu acho que sim, notou-se mais ali, não sei, talvez ali, a necessidade de trabalhar individualmente.

22 - [*Existem diferenças entre os supervisandos*] (...) Há, há, sem dúvida.

23 - A nível da planificação, (...) é mínima, pronto. Há uns que abordam (...) que planificam, há, certas actividades são mais ricas, são diferentes, pronto.

24 - Há outras que são sempre monótonas, (...) não me surpreendem (...) temos sempre há espera que alguma coisa nos surpreenda, mas não.

25 - A nível da actuação na sala, do estar, do contacto com os alunos, pronto, do contacto, da relação, é boa, é excelente, eles têm uma boa relação com a turma, porque a turma também o permite. (...)

26 - (...) agora o desempenho, a forma de dar os conteúdos (...) há um certo nível, há um que se destaca e há os outros dois que estão ali intermédios.

27 - [*Como reage face a essas diferenças, dá orientações*] Sim, sempre, sempre. Nunca destaco essas diferenças, nunca faço comparações eles, olha ela esteve melhor, não.

28 - (...) falo de cada um, (...) é uma coisa que eu tenho em conta, eles, há um feedback (...)

29 - (...) eu aprendo com eles e eu acho que eles também aprendem comigo (...)

30 - (...) não é só dar ordens e fazer, é também conversar, (...)

31 - (...) tenho sempre o cuidado de perguntar o que correu bem, o que correu mal e também perguntar aos colegas, o que é que eles acharam e daí acho que há uma construção, de qualquer coisa, não sempre (...)

32 - (...) tenho sempre o cuidado de não fazer críticas, mas de..., enriquecer um bocadinho, (...)

33 – (...) são eles próprios que vão dizer onde é que falharam, (...) não é uma questão de falhar, é o que correu mal, e eles vão construindo próprio, a avaliação, eles próprios (...)

34 - [*Quais as características necessárias para se ser um bom professor*] (...) que tenha consciência daquilo que está a fazer, se os alunos tão a..., evoluir positivamente, a fazer uma evolução, (...) reflectir sobre o próprio trabalho, há tantas coisas (...).

35 - Ser uma pessoa que queira sempre conhecer mais e mais, pesquisa, (...), a diversidade de actividades, não só fichas e assim, tentar outro, também ser curioso, tentar novas experiências, há aí tanta coisa (...)

36 – (...) eu acho que é não estagnar, sou professora e pronto, acabou. Não, não é bem assim, tem de se evoluir, aprender com outras coisas, com outras pessoas, que eu acho que isso é fundamental.

37 - [*Sente-se motivada para ter o grupo dentro da sua sala*] Tou, tou motivada, (...)

38 – (...) estou ali e faço o meu papel, mas eles também fazem o deles, acho que se criou uma empatia aqui, há uma boa relação, por acaso, no meu grupo, (...) agora, desde o primeiro dia existe uma boa relação.

39 - [*Relação que estabelece com os alunos, em contexto de PP*] Acho que é boa, sim, sim.

40 - [*Relação fora da prática pedagógica*] (...) não há assim uma relação, é uma relação que saímos da escola, acabou, (...), porque nunca tivemos oportunidade de nos conhecermos lá fora, claro que cumprimento e, mas nunca ...

41 - [*Como caracteriza o clima de supervisão que preconiza*] (...) acho que é boa, é positiva.

42 - De facto há necessidade de orientação de dizer aquilo que é necessário fazer.

43 - Depois, a nível de estratégias, no princípio houve uma orientação, depois deixei aquela abertura (...)

44 – (...) as dificuldades que eles têm é em ser capaz de, quer dizer, há, até agora houve sempre uma orientação muito específica, eles não conseguem libertarem-se de mim, e dizer, então ó professora, o que é que fazemos, olhe, e eu vou dando, às vezes só dou o conteúdo e eles ficam ali, então e que é que fazemos.

45 - [*Para si o clima que deveria ser criado era relacionado com o de mais liberdade no trabalho. E não é o que eles conseguem*] Não é mais liberdade, porque eu a liberdade dou (...)

46 - [*Era serem mais autónomos*] Ser capaz de definir estratégias assim muito..., olha eu vou fazer assim, assim e assim, professora, acha bem. E eu, com certeza, pois sim.

47 - Tão sempre à espera que eu diga, olha faça assim, assim e assim.



48 – (...) eu não sei se é por eles não saberem, ou pensam, é uma coisa que também tenho questionar, ou será que eles pensam que eu não quero (...)

49 - [*Representações acerca dos efeitos da sua acção nos supervisandos*] (...) eles copiam-nos sempre um bocadinho, portanto, a postura diante da turma, a maneira de trabalhar, (...), as actividades que são realizadas na turma (...) eu acho que mais tarde se vai reflectir um bocadinho no trabalho deles, portanto acho, há sempre.

50 - [*Reacção face a situações de supervisão difíceis*] (...) quando acontece na turma (...) faço uma intervenção mas naturalmente, ajudo, mas naturalmente (...) mas nunca mando parar, (...), não, é natural.

51 - Chamo, posso chamar é assim, olhe venha cá, faça assim, vai ver que é melhor, vai ver que resulta sempre. Enriquecer, não cortando aquele, sendo rígida porque isso faria com que a pessoa que tivesse à frente da turma ficasse um bocadinho nervosa, e no meu grupo há essa à vontade, (...) se eu intervenho eles não ficam nervosos, antes pelo contrário, acho que., pronto, acho, eles, nas reflexões que nós fizemos, eles realçaram isso.

52 - [*Como entende o seu papel na supervisão da PP*] Não sei. Eu acho que faz sempre sentido, (...), porque nós é que estamos ali e conhecemos a turma, conhecemos aquilo que é, que é melhor, o trabalho a desenvolver, (...) portanto a nível de orientação.

53 - [*Aspectos positivos e/ou negativos que considera resultarem das suas práticas supervisivas*] (...) positivo, eu acho que, a nível geral, é tudo positivo.

54 - Eu sou positiva, é a minha maneira de estar (...)

55 – (...) pelo menos esse ano, é o segundo ano e nos 2 anos que eu tive estagiários, sempre foi positivo.

56 - Não vejo assim uma coisa negativa, não.

57 - [*Iniciativas que promove ou propõe para o desenvolvimento de competências educativas nos supervisandos*] (...) uma das coisas que eu lhes chamo sempre a atenção é a nível geral da planificação, das actividades e das estratégias, eles sempre (...) fazerem um estudo, (...), pesquisar, (...), partilhar entre eles (...)

58 – (...) acho que é fundamental a partilha, é entre eles, isto é, com os colegas, não ficar, estar na sala e não sair da sala, é o manual, não.

59 - (...), é necessário ..., sair, pronto, pesquisar, tentar encontrar outras formas, outras maneiras.

60 - [*Reacções dos supervisandos face a situações difíceis*] Pois ficam nervosos, (...), normalmente eles ficam, (...), mais atrapalhados, quando vêm (...) o supervisor.

61 - (...) quando estão comigo não ficam nervosos.



62 - No princípio havia, pronto, depois acho de deixaram de tar, porque eles estão a crescer, estão a aprender, (...)

63 - (...) acho que o meu papel também, (...), é orientar e ajudar, não é criticar e..., e ser negativa e levá-los a que eles fiquem estagnados, (...), desmotivados, pelo contrário, acho que a critica deve ser motivadora para se ultrapassar e ser capaz de ultrapassar essas dificuldades.

64 - [*Iniciativas promovidas no sentido de ajudar os supervisandos a desenvolverem-se pessoal e profissionalmente, falou-me já da pesquisa*] Talvez as reuniões que temos com eles, (...) se houvesse com os supervisores também seria, mas esqueçamos, eu nunca tive, eu tou a ser sincera, (...), nunca tivemos aquele contacto, portanto, que deveria ser, é fundamental.

65 - Acho que é fundamental, porque agora chega o tempo da avaliação e há muitas dúvidas, muitas coisas, que se houvesse essas tais reuniões, hoje (...) não eram um problema.

66 - [*Situações que acha que podem ser mais difíceis para os supervisandos*] (...) eu acho que é o stresse, (...)

67 - (...) ser observado, avaliado, saber que estão a ser observados, avaliados, (...)

68 - (...) e é a nota. (...)

69 - (...) desde que haja uma boa relação, facilita um bocadinho (...)

70 - (...) embora, quando há uma má, má não é(?); tão boa relação connosco, já não será tão, mas também depende deles, depende deles.

71 - [*Orientações dadas aos supervisandos que se deparam com problemas na sua prática lectiva*] (...) mostro-me disponível, que é isso, é importante, pra ajuda, pra qualquer coisa (...)

72 - (...) não fico no pedestal ali em cima, não, fico ao mesmo nível, tentando transmitir aquilo que eu sei da minha experiência e também vice versa, porque eles também vão desenvolvendo actividades/estratégias que eu vou achar, que eu achei fantásticas, pronto, olha já, uma, é uma ideia que tenho que ficar com ela.

73 - (...) também aconselho, olha podes fazer assim, olha, que é que achas ou eles poderão desenvolver essa actividade de outra maneira.

74 - E acho que é assim, mantendo essa maneira, essa relação, que é de trabalho, mas que também é um bocadinho mais do que só aquela relação de amizade, de empatia, (...) se eu tiver qualquer coisa ela está ali e ela vai-me apoiar. Acho que isso é importante, eles sentirem isso, e eu acho que eu fui capaz de transmitir isso.

75 - (...) eles estão a estagiar, (...), ou já estagiaram, e é fundamental, se nós aceitamos essa tarefa, (...) acho que a nossa obrigação é ajudar, tentar orientar o melhor possível.



76 - (...) mas se o trabalho for bem orientado, acho que só enriquece a turma, a turma e a mim, eu acho.

FIM

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA A 3

Unidades de sentido

1 - [*Como caracteriza o ambiente em que se encontra a desenvolver a PP*] A nível do ambiente ..., considero que..., é favorável, tendo em vista proporcionar um bom ambiente de aprendizagem, acho que sim.

2 - [*A nível de turma*] (...) a nossa professora costuma dizer que é uma boa turma, que estão todos ao mesmo nível, mas, nós sabemos que não é bem assim, não estão todos ao mesmo nível.

3 - (...) se nós formos pensar um bocadinho sim, eles não estão, não são daqueles alunos que têm assim muitos problemas, muitas dificuldades, por isso, normalmente, até é, como nós costumamos dizer, uma boa turma. Apesar de nem todos estarem ao mesmo nível.

4 - [*Como vê o seu supervisor*] (...), tem-nos apoiado muito, mesmo muito e, logo ao início estávamos muito reticentes, mas afinal, porque ele tem uma maneira de nos ensinar um bocadinho diferente daquilo a que nós estamos habituadas.

5 - (...) achei que ele é um óptimo supervisor e aprendi muito, acho que eu não tivesse tido aquele supervisor não tinha chegado a muitas conclusões que cheguei depois por mim própria.

6 - [*Como vê o seu professor cooperante*] (...) a nossa professora cooperante existe assim umas divergências de opiniões, entre nós e a nossa professora cooperante.

7 - (...) acho que ele é boa professora, mas..., falta ali qualquer coisa, acho que ela preocupa-se mais em mostrar que os alunos fazem muita coisa, quando, se calhar, muita coisa daquilo que eles fazem, é mais feito por nós, é mais, (...) vamos participar em muitos projectos, mas, muitas vezes, são tantos projectos que nós é que temos que concluí-los.

8 - (...) acho que isso não trás grandes benefícios, só dizer que receberam um prémio, é mais a esse nível, que não, achamos que falha ali qualquer coisa, na nossa professora cooperante.

9 - Deveria preocupar-se mais em trazer esses benefícios dos projectos, dos concursos para os alunos, não apenas o reconhecimento, como ganham prémios.

10 - [*Sente que existem diferenças entre as orientações/práticas do supervisor e do professor cooperante*] Muito, noto muito isso, (...)

11 - (...) acontece muitas vezes nós termos a fazer uma planificação e, o nosso supervisor preferir as coisas de uma forma e a nossa (...) professora cooperante, (...) referir que como ela faz que é melhor, que na teoria é tudo muito bonito mas que na prática as coisas são muito diferentes.

12 - A professora disse que não podíamos levar em consideração tudo aquilo que é dito na teoria, ela refere muito isso.

13 - [*Como se sente face a essas diferenças, em situação de PP*] Para nós é um bocadinho complicado, porque depois tentamos conciliar, porque não podemos levar tudo para um lado ou só para o outro, temos que conciliar, um bocadinho daqui, um bocadinho dali, para que isso se torne possível.

14 - [*Quais as características que considera mais pertinentes para se vir a tornar um bom profissional*] (...) acho que, acima de tudo..., é fundamental não olhar para aquelas questões de educação como algo fechado porque, muitas vezes, é isso que acontece, os professores centram-se demasiado no que estão a fazer e, e esquecem-se do que está à volta, outras questões educacionais (...)

15 - (...) o essencial é mesmo ter conta que é um contexto educativo, que não se resume tudo à sala de aula e à prática que o professor quer, impõe, que muitas vezes nem é adaptada aos alunos que tem.

16 - [*Sente-se motivada para desenvolver a PP*] (...) sim, mas eu acho que essa motivação, (...) tem assim alguns altos e baixos, porque, (...) às vezes temos conhecimento de certas situações mais complicadas, já sabemos que nem tudo é bonito, mas ..., por exemplo, agora a questão da violência que está aí muito a ser falada e assusta um bocadinho, mas, há que procurar estratégias para resolver todos os problemas com que nos deparamos (...).

17 - [*Como classifica a relação que estabelece com o supervisor em contexto de PP*] Classifico como uma boa relação.

18 - Sim, é boa, é positiva.

19 - [*Como classifica a relação que estabelece com o professor cooperante em contexto de PP*] Não é uma má relação mas devido a algumas divergências de opiniões, poderá não ser a melhor.

20 - [*Fora do contexto da PP, como classificaria a relação com os 2, supervisor e professor cooperante*] É similar à relação que mantemos durante a prática.

21 - [*Como caracteriza o clima de supervisão criado pelo supervisor*] Não, não tenho..., assim, defeitos a apontar.

22 - Acho que é um bom clima.

23 - [*E o clima do professor cooperante*] (...) acho que a nossa professora cooperante até nos dá bastante liberdade para nós desenvolvermos algumas actividades, só que ela depois não as valoriza tanto como nós, pelo menos achamos, que ela deveria valorizar.

24 - Nós preocupamo-nos, (...), em fazer qualquer coisa diferente, estar mais de acordo com aquilo, que o nosso supervisor preconiza, e no entanto, ela por vezes nem está presente na sala de aula, nós desenvolvemos a prática e ela por vezes nem está presente.

25 - E muitas vezes nem sabe, ela tem a planificação ao pé e não sabe o que é que nós estamos a fazer.

26 - (...) às vezes também acontece que..., nós estamos..., a dar a aula e já lhe mostramos a planificação e ela concordou com tudo e, no entanto, durante a aula, ela chega lá e, olha vamos, às vezes nem nos avisa, (...) diz aos alunos, não, não façam assim, façam doutra forma, desautoriza-nos um pouco. E acho que isso também cria um clima de insegurança e instabilidade, porque os alunos num dado momento é-lhes transmitido uma coisa, logo a seguir a outra professora diz-lhes outra e eles já estão, às tantas já não sabem o que hão-de fazer.

27 - [*Quais as suas representações acerca do efeito da acção do supervisor no desenvolvimento da sua PP*] (...) A acção é positiva.

28 - [*Quais as situações que considera que facultam e/ou dificultam o desempenho da sua prática lectiva*] (...) tem a ver com o facto de a professora nos dar alguma liberdade para seleccionar as actividades.

29 - (...) os constrangimentos, prendem-se mais com o facto de, de durante a actividade, a qual ela já autorizou ou já deu o parecer positivo, ela a meio, muda completamente de ideias (...) não submete a opinião dela ao nosso parecer e simplesmente altera no momento e nós...

30 - [*Com os alunos, qual é a dificuldade/facilidade que encontra*] (...) facilidade, acho que é uma turma que (...) está muito dentro dos assuntos actuais, e então, é sempre fácil pegar num assunto qualquer que seja uma noticia de jornal, eles estão sempre muito preocupados e eles têm vários projectos relacionados, por exemplo, com as questões do ambiente e isso, e então é sempre fácil pegar nesses temas (...) porque eles estão sempre bastante actualizados.

31 - A nível de dificuldades, se calhar o comportamento.

32 - [*Como entende o seu papel no desempenho da PP*] (...) noto uma grande diferença porque ..., antigamente parece que não tinha bem a percepção do que era exactamente ser professora, noto uma grande diferença nesse aspecto.

33 - Parece que agora percebo mais que não é importante que eles vão transmitir aquilo que nós dissemos porque nós sabemos que, hoje em dia, já não existe aquele ensino dirigido pelo professor e isso, mas mesmo assim, apesar de sabermos disso, muitas vezes, fazemos isso, sem nos apercebermos.

34 - (...) acho que só quando eu me apercebi realmente do que é que, do que é que era ser professora é que alterei completamente a minha maneira de ver muitos aspectos relacionados com a educação.

35 - (...) não é eles transmitirem aquilo que nós dizemos, muitas vezes, é mais, eles conseguem aper, é o chamado aprender a aprender, mais nesse sentido.

36 - [*Iniciativas que reconhece que o supervisor/ professor cooperante promoveram no sentido do seu desenvolvimento pessoal e profissional*] (...) há muita coisa que nós fazíamos e que pensávamos que estava correcto e que, se calhar, não era bem isso, muitos aspectos relacionados com a educação, que estão à nossa frente e nós parece que não nos apercebemos.

37 - [*Foram alertadas pelo supervisor ou pelo professor cooperante*] (...) pelo supervisor, porque, ele não nos diz concretamente os aspectos, mas eu acho que aí é que está a importância, porque nós é que nos conseguimos aperceber. (...) acho que isso foi mais importante do que, propriamente, chegar ao pé de nós e alertar-nos para aqueles problemas específicos.

38 - [*Como reage quando se depara com uma situação de PP difícil*] (...) uma situação assim mais difícil, acho que, no 1º momento ficamos sempre um bocadinho sem saber o que fazer.

39 - (...) eu acho que, em tudo, se nós procurarmos pensar no assunto com alguma clareza e definir sempre as estratégias previamente é sempre mais fácil para depois organizarmos, procurarmos resolver esses problemas.

40 - [*Quais as estratégias que costuma utilizar para resolver a situação*] (...) a nível dos comportamentos, que é uma das grandes dificuldades com que nós já nos deparamos, (...) foram realizadas mesmo muitas estratégias. Desde jogos, (...) alterar a disposição das mesas, pronto, aquele tipo de jogos, então vamos fazer, vamos combinar assim, ou só fala desta forma, planeamos assim tipo diversas formas de evitar bater com o apagador no quadro ou falar mais alto porque antes era essa a tendência, tínhamos mais, falar mais alto mas a um dado momento não se percebe já nada porque eles começam a querer falar mais alto e pronto, é experimentando, eu acho que assim é que, só assim é que nós vamos conseguir aperfeiçoar.

41 - É utilizando diversas estratégias e avaliando esses impactos.

42 - [*Indicações que recebe do supervisor/professor cooperante nessas situações*] (...) a nossa professora cooperante não nos dá qualquer feedback, acerca do nosso desempenho. É uma das maiores dificuldades com que nos deparamos este ano lectivo.

43 - O nosso supervisor falou-nos, deu-nos algumas ideias, mas grande parte dessas estratégias têm partido mesmo de nós.

44 - [*A professora cooperante não orienta nesse sentido*] Não, rigorosamente nada, dá o conteúdo, nem nos fala em competências, dá-nos o conteúdo, pronto, vão dar, como ela diz, vão dar este conteúdo. (...) e façam o que quiserem, depois, lá vai acontecer a mesma situação, queremos, às vezes, experimentar estratégias mais dinâmicas, aí não, isso assim não funciona, e ela altera no momento.

45 - [*Que orientações recebe do seu supervisor ou professor cooperante que considere contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e profissional no futuro*] (...) orientações concretas não existem mesmo.

46 - (...) ele orienta o nosso pensamento para nós chegarmos a esses aspectos, é mais assim, não nos dá mesmo.

47 - A professora cooperante, não mesmo. Só nos diz tal da teoria que é muito bonita, (...) mas agora assim orientações, às vezes, se calhar, o pouco que ela nos diz, não sabemos se vá, até que ponto será aplicável (...)



48 – (...) acho que, pertinente mesmo algumas orientações dadas pelo nosso supervisor.

FIM

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA A 4

Unidades de sentido

1 - [*Como caracteriza o ambiente em que se encontra a desenvolver a PP*] (...) é um bocado complicado, às vezes, a gente sente-se sem apoio.

2 - A professora dá-nos os conteúdos, nós tentamos fazer mostramos a ela, ela concorda com tudo, e mesmo assim a gente pergunta, sim, sim, façam, façam, quando chega a hora de apresentar aí é que ela começa a baralhar as coisas, não é assim, faça assado, pronto, já começa a fazer as suas trocas e depois começa, nunca sabe nada do que a gente apresenta, (...).

4 - Este ano é mais distância, só mesmo na prática.

5 - Em relação à turma, eu acho que sou um bocado nervosa, tenho muita dificuldade em controlar e eu acho que a turma (...) é uma turma muito dinâmica (...) eu já por si sou assim, então acho que trespasso também a minha (...) ansiedade, a minha ansiedade também passa pra eles, então isso gera um bocado de confusão.

6 - Se calhar, o ambiente também não é o mais propício, (...), pra dar aula, (...)

7 - (...) eu acho que eles são muito participativos, (...)

8 - (...) e acho que não consigo também, conseguir dar conta deles (...). Eu tento bem mas não consigo muito.

9 - A professora poderia ter trabalhado mais em conjunto do que propriamente termos deixado assim, vai-se embora e nós temos de tar aí a tentar conseguir, pronto, controlar a turma.

10 - (...) eu acho que ainda não temos muita experiência nisso, e poderia, se calhar, dar mais um apoio em relação a isso.

11 - (...) parte também de nós fazer uma reflexão, mesmo agir quando está a acontecer algo que não gostamos, agir logo na hora, não deixar que aquilo continue, porque chega a uma certa altura em que eles se habituem e depois (...) não se consegue controlar.

12 - [*E o ambiente da escola*] É, pois, aí é um bocado mais complicado.

13 - Nós, em relação aos funcionários (...) quando nós pedimos alguma coisa, uma televisão, um material, se precisamos, já começam, ah, não temos isso ou a professora foi buscar e não sei quê. É tipo, não nos tratam como se fossemos professoras, parecemos mais um. Uma vez pedimos uma televisão e ela demorou muito a chegar, se não fossemos nós a insistir, insistir, insistir, pronto, não havia.

14 - A nível de materiais temos muito pouco e quando nós precisamos tem, que tem fornecido (...) Acho que não tem uma disponibilidade assim muito, pronto, pra nós não, não têm.



15 - [*Como vê o seu supervisor*] No início (...) eu tinha muito medo do “S 0”, porque acho que ele é uma pessoa que intimida. E já pelos nervos, os nervos que eu tenho, pronto, ele entrava na sala e pronto, já eu começava a tremer.

16 - E agora a professora S 1 dá-nos mais segurança, porque é uma pessoa mais calma, (...) e ao entrar na sala de aula dá aquela segurança, tou aqui mas não tou aqui, é como que ela está presente mas tipo, nos deixa mais à vontade.

17 - É também a maneira como ela se dirige a nós, como fala connosco (...)

18 - (...) a professora S 1, sei lá, a maneira como ela tem de falar, de ver as coisas, tipo, tem um olhar mais de segurança. Nós poderemos tar a fazer algo que não temos a certeza, (...), mas tamos a olhar para ela e ela tipo, olha pra nós com mais segurança.

19 - Eu acho que a relação, (...) é bom, tivemos dois diferentes também é bom para ver a ideia que eles têm de nós também é diferente.

20 - (...) é bom, ter alguém, outro professor é bom, porque já não temos o apoio da professora, temos, o feedback da professora S 1 é muito bom.

21 - [*Como vê o seu professor cooperante*] Ela é muito boa, como é muito má.

22 - Também muitas vezes é, fala connosco de uma maneira também é como se fosse mais um aluno do que, propriamente, um colega dela. E muitas vezes, também, a gente não consegue perceber.

23 - (...) gosto muito dela, (...), há dias que gosto, outros dias que não gosto, às vezes, ela nos tenta dar umas dicas mas tipo, não nos dá aquelas dicas necessárias, propriamente, mas, não sei (...)

24 - (...) esta já está quase de saída, então é mais tipo, no despacho, (...) faça isso, tipo para passar mais o tempo do que para passar o nosso, desenvolvem toda aquela teoria, é mais para passar o tempo. Façam, façam, é isso.

25 - [*Sente que existem diferenças entre as orientações/práticas do supervisor e do professor cooperante*] (...) a professora só nos dá o feedback quando está a professora S 1 por perto. Quando a professora S 1 pergunta, (...) o que é que acha, e muitas vezes a professora faz referência a muitas coisas que nunca nos tinha dito.

26 - E nós também nos apercebemos, então isso aí que nós vemos, que muitas vezes a professora vê coisas que não nos diz.

27 - Ela podia nos dizer para nós tentar mudar, só quando tá a professora S 1 é que ela diz.

28 - (...) às vezes, tem uma visão diferente, a nossa professora é mais, ela não gosta muito dessa coisa de teorias, à inclusão, do trabalho de pares, a professora é mais tradicional, tipo, faz tudo, é mais o professor e o aluno, e enquanto professor ela tenta não, fazer outras coisas, tipo, mais o aluno que o professor é mais orientador.



29 - E muitas vezes, acho que não, não condiz muito, acho que há diferenças, entre o que a professora cooperante diz e o que a professora S 1 diz.

30 - [*Como se sente face a essas diferenças, em situação de PP*] É complicado porque a gente depende da nota deles, tipo, se a gente agrada a um estamos a tentar, pronto, agrada a um estamos a virar as costas a outro. (...) depende muito, também, da ligação que nós temos.

31 - E acho que é complicado porque a gente nunca agrada a toda a gente.

32 - É complicado.

33 - [*Quais as características que considera mais pertinentes para se vir a tornar um bom profissional*] Penso que é não centrar tanto em mim, centrar mais nos alunos. Acho que isso é o principal.

34 - (...) acho que um bom professor não deve tentar preocupar-se com aquilo que vai fazer mas com sim como vai fazer para que os seus alunos possam atingir os tais objectivos ou as tais competências, simular competências.

35 - (...) ter uma postura, porque eu sou muito, acho que não tenho muita confiança em mim, isso também passa muito para eles, então eles abusam disso.

36 - Se calhar eu mostra que sou mais uma pessoa, mais um colega (...), mais um orientador, nunca propriamente alguém que sabe mais do que eles e tentar impor o que é que eu sei (...)

37 - (...) acho que uma das características tem que se ser paciente, (...) acho que devem ser pacientes (...)

38 - (...) devem tentar orientar e devem tentar também (...), trabalhar em conjunto, tanto o trabalho dele, como o trabalho dos alunos, não ser só ele, gostasse entrar mais em algo, tentar desenvolver algo nos alunos.

39 - Em primeiro lugar pensar no aluno e depois como é que eu vou fazer, depois como é que ele pode trabalhar as duas coisas.

40 - [*Sente-se motivado para desenvolver a PP*] (...) eu tou, gosto muito, acho que, sempre quis ser professora.

41 - Problema é que, dificuldades económicas, trabalho e vem, é muito cansativo estar a trabalhar e, às vezes, não tenho tempo suficiente também para fazer melhor as coisas, porque acho que é, não basta só planear as coisas, ah, vou fazer isto, isto, isto, mas quando se chega lá acho que tem que ter também uma carta, (...), para tentar melhorar e que a actividade decorra da melhor maneira.

42 - Eu acho que sim, (...) a motivação também poderia ser mais um bocadinho, tipo ter mais apoio, por aí, da professora ou..., falta sempre o apoio da professora, porque o lado dela eu acho que é muito importante, porque nós não sabemos em que ponto nós estamos, o que é que nós estamos a fazer mal.

43 - Porque nós chegamos lá e fazemos, (...) com o apoio dela pois a gente tem, tem mais motivação, porque a nível daqui, da escola da ESE nós temos, porque o professor, nós podemos recorrer a materiais da escola, a professores que nós já tivemos, podemos recorrer para a gente pedir ajuda, actividades, porque a nossa professora é tudo bem, sempre tá tudo bem.

44 - (...) motivação acho que sim.

45 - [*Como classifica a relação que estabelece com o supervisor em contexto de PP*] É muito boa, a professora S 1 é muito acessível, mesmo a nível, qualquer dúvida que nós tenhamos podemos mandar mail, temos o contacto, acho que é muito boa.

46 - Eu acho que é bom.

47 - [*Como classifica a relação que estabelece com o professor cooperante em contexto de PP*] (...) acho que também não é muito boa, (...), é boa, a gente tem aquelas conversas (...), mas...

48 - [*Podia ser melhor*] Isso mesmo.

49 - Tem aquela distância, muitas coisas que nós falamos com ela e ela tenta desviar ou, sim, sim, a despachar (...) e há muita coisa que nós precisávamos mais aquele apoio, aquela, mas acho que é melhor não forçar que é melhor.

50 - [*Fora do contexto da PP, como classificaria a relação com os 2, supervisor e professor cooperante*] É, pois, com a professora S 1 só (...) são perguntas sempre de, tem a ver com a planificação ou com, de outras conversas não.

51 - Com a professora cooperante também, só se há alguma alteração que ela nos liga, pode-nos ligar fora do horário, pode-nos ligar ah afinal podem fazer isto, façam assim ou coisas assim mas de resto não, não tenho nenhuma ligação.

52 - [*Como caracteriza o clima de supervisão criado pelo supervisor*] Acho que a nível da professora S 1 ela nos põe muito à vontade e sempre tem aquela..., à o que é que tu achas, o que nós acha, o que é um clima, (...) a pessoa sente-se bem.

53 - (...) a professora S 1 acho que criaram um clima, facilitam muito pra nós conseguir realizar-mos a nossa prática e a noss, acho que sim.

54 - [*E o clima do professor cooperante*] Às vezes, acho que ela não deveria intervir tanto, não quando a gente tá a falar, mas sim, muitas vezes ela troca, à, vamos fazer isto e ela, à, não façam isto, façam assim. (...) cria mais instabilidade, as crianças vêm, à, elas não mandam aqui (...) acho que ela não deve fazer isso, deveria nos deixar ver as coisas, (...), e depois tentar, chamar-nos à parte e dizer olha faz isto, mas tenta fazer, para não intervir.

55 - Muitas vezes nós tamos a falar (...), tamos a trabalhar uma coisa qualquer e ela, à, e não se esqueçam de amanhã, e então os alunos já perdem a concentração toda em nós e..., ficam centrados no que ela tá a dizer e depois pra mandar, pronto, pra à concentração em nós e demora muito tempo, a gente perde muito tempo, outra vez, para eles voltarem a concentrar-se no que estão a fazer.



56 - Ela acho que poderia..., não digo não intervir, porque acho que muitas vezes é necessário, (...), mas fazer a intervenção doutra maneira, não ser tão..., ligar as coisas, uma coisa não tem nada a ver com a outra e ela dizer e a gente depois fica baralhados.

57 - (...) muitas vezes ela sai fora da sala e depois aparece assim do nada e também intervêm, tipo, não está muito encaixado no contexto.

58 - [*Quais as suas representações acerca do efeito da acção do supervisor no desenvolvimento da sua PP*] (...) acho que foi muito bom (...)

59 - (...) o “S 0” no início nos incentivou para nós sermos críticos, sempre reflectir sobre o nosso trabalho, o nosso empenho. E tentar ver sempre com os outros olhos, (...), tentar sempre dar a volta.

60 - Acho que isso é muito bom porque nós tamos lá e não é só ver, à, vou fazer isto por isto, mas sempre temos que ver a razão por que vamos fazer.

61 - (...) a nível crítico, isso é muito bom porque assim nós podemos ver o que é que estamos a fazer mal e porquê e reflectir sobre isso.

62 - E a nossa professora S 1 também acho que muitos conselhos que já nos tem dado nós aplicamos e agora estamos a ver resultados, ela disse que a longo prazo vai-se ver o resultado e acho que é muito importante ter, (...) ele nos pode dizer para nos ajudar.

63 - [*E o professor cooperante*] Aí já, acho que é igual, só que não temos tanto, (...) não nos ajuda muito porque nunca nos dá algo (...) que possamos mudar, que possamos aplicar.

64 - Ela só se preocupa mais, à, dêem-lhes trabalho que eles ficam quietos. Ela mesma acha isso, então está sempre a dizer, dêem-lhes trabalho que eles ficam quietos.

65 - Não é isso que nós aprendemos aqui, nós estamos a utilizar actividades mais práticas, mais, e vemos que as crianças não estão muito habituadas a isso, então nós sentimos muitas dificuldades em encontrar outra vez.

66 - [*Quais as situações que considera que facultam e/ou dificultam o desempenho da sua prática lectiva*] Facilitar, para mim, o trabalho em equipa e em grupo.

67 - Muitas vezes, quando nós, pedimos ao colega, é melhor, porque dá para ter uma circulação de sala melhor e dá para controlar melhor e apoiar mais as crianças, penso que facilita mais o trabalho de equipa.

68 - (...) o feedback sempre do professor.

69 - (...) o que dificulta, muitas vezes, são aquelas intervenções (...) da professora, porque muitas vezes eles desligam-se muito, eles têm um respeito muito grande por ela, e acho que, muitas vezes, quando ela fala eles desligam-se de nós e colocam a atenção toda nela e então nós demoramos muito tempo, nisso.



70 – (...) ela também nos poderia ajudar também um bocadinho a nível (...) de controlo, ter mais controlo sobre eles, porque muitas vezes, quando nós não conseguimos controlar ela é que intervêm, ela é que controla. Mas se nos desse mais um bocadinho de autoridade, a nós, poderia, facilitava melhor, mais.

71 - [*Como entende o seu papel no desempenho da PP*] Eu pois, aí é mais complicado. Acho que eu poderia ter feito muito mais, também o facto de tempo e não sei quê também não ajudou muito.

72 – (...) acho que, a minha auto-confiança não é muita.

73 - Acho que tenho que acreditar mais nas minhas competências, do que eu consigo fazer do que aquilo que eu faço.

74 - Acho que eu poderia ter feito melhor, é que, sei que não foi total, acho que foi um bocadinho mais de médio, poderia ser, poderia ter sido melhor, porque há muita coisa que eu me apercebo que tá mal mas no momento não, não consigo reagir ou porque tenho medo, primeiro pareceu, mas depois, à, se calhar não tá assim tau mau (...). E só depois é que eu vejo que deveria ter agido logo porque depois aquilo é tipo uma bola de neve, depois, a gente quando quer reagir já é muito tarde.

75 – (...) o meu desempenho poderia ter sido muito melhor do que foi.

76 - [*Iniciativas que reconhece que o supervisor professor cooperante promoveram no sentido do seu desenvolvimento pessoal e profissional*] O meu espírito crítico, acho que..., foi, foi o principal.

77 - E depois a reflexão. Muitas vezes nós estamos a agir e, às vezes, é bom a gente parar um bocadinho e pensar o que tamos a fazer e porquê. Isso foi o principal que ele promoveu foi isso.

78 – (...) não centrar tanto as coisas em nós, mas sim preocupar-nos mais nos alunos, acho que foi, foi o principal.

79 - [*E a professora cooperante*] (...) há muita coisa que ela faz que acho que ela não deveria ser modelo.

80- E muita coisa que ela disse que eu concordo com ela e muita coisa que eu não concordo.

81 – (...) naquele aspecto (...) de dar-lhe trabalho para eles estarem calmos acho que não é muito, não é uma boa solução e acho que não deve ser feito.

82 - Mas ela muitas vezes nos diz que é por aí, tentarmos ser muito amigos deles, o principal é ter eles do nosso lado, os alunos e os pais do nosso lado. E acho que nisso ela tem razão, uma coisa que ela nos disse que eu acho que é importante ter.

83 - Muitas vezes, também nos diz que temos de ter sempre o apoio dos pais, devemos procurar sempre o apoio dos pais porque eles são a principal coisa, porque se não temos o apoio dos pais também não vamos ter o apoio dos alunos. Então acho que isso também foi um dos efeitos, se calhar, que penso que é importante.

84 - [*Como reage quando se depara com uma situação de PP difícil*] (...) eu sou uma pessoa muito nervosa, e mesmo, em qualquer situação que eu consiga eu acho que eu fico (...) parece que não tenho solução, não tenho mãos para resolver.

85 - (...) sempre tento (...) ou me afastar ou sempre tentar virar a situação, pronto, querem fazer isto então vamos tentar, dei-lhe 5 minutos para fazer isto e depois tento tomar outra vez. Penso que eles ficam mais relaxados, muitas vezes, eles estão sempre a falar, a falar, por mais que eu grite depois é pior, se eu grito, eles gritam, depois ninguém se entende. Então eu tento que eles, pronto, mais confusão, temos esses 5 minutos de confusão e depois tento ou tentar fazer outra actividade que os deixa mais calmos, se eu tou mais calma, ou tento dar a volta, pronto, não querem fazer isto, vamos fazer isto. Mas fazemos isto e mais não sei quê, e temos de fazer isto que tem que ser feito, se não, estabelecer limites, pronto. Agora querem fazer isto, têm meia hora para fazer isto mas a seguir já fazemos outra coisa.

86 - Estabelecer limites.

87 - [*Indicações que recebe do supervisor/professor cooperante nessas situações*] (...) a professora nunca disse ou é melhor a gente se afastar e esperar, (...) só depois de nos afastar é que nós podemos, se nós gritamos é porque entramos no jogo deles, se nós continuamos a gritar, gritar, gritar, eles vão continuar a elevar o tom de voz.

88 - (...) outra coisa que ela disse é sempre para reflectir, se nós vemos que algo está errado agir logo na hora. Pensarmos e depois agir, não deixar que aquilo seja pior, se não depois não conseguimos.

89 - [*Que orientações recebe do seu supervisor ou professor cooperante que considere contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e profissional no futuro*] O “S 0” disse que tenho que construir um “xanax” natural, mesmo de mim porque eu sou muito nervosa, então ele disse que eu tenho que construí um “xanax” para me acalmar mais. (...) algo a seguir, porque acho que apesar de tudo eu já fico muito nervosa e como, a cabeça bloqueia, (...), e não consigo reagir. E eu acho que se nós estivermos mais calmos, com a cabeça mais fresca consegue reagir (...)

90 - (...) muitas coisas que a professora S 1 disse para reflectir sobre o nosso, o que estamos a fazer e também de se afastar um bocadinho, ver, tipo, fazer ver que a presença do professor que está lá, (...), fazer-nos ver. Agora não é que vai reparar, então ela não está aqui, então temos que procurar, então vai procurar o professor, se calhar, se afastar daquelas confusões, não sei.

91 - [*Eu acabei, não tenho mais perguntas a fazer, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa*] (...) é um bocado complicado, o supervisor vai lá 10 minutos, 15 minutos e então o que vê não é propriamente a prática toda. E muitas vezes pode ficar com ideia não tão boa daquela pessoa e (...) se calhar deveria ter não digo mais horas, (...), mas se calhar outra orientação, (...) outro tipo de avaliação poderia ser feita ou de observação poderia ser feita, (...).

92 - Não só as reflexões nem, porque muitas vezes a planificação pode estar feita mas quando se chega lá aquela planificação não foi, não pode ser aplicada, então tem que ser alterada. E isso o professor não vê e o supervisor não vê, e muitas vezes,



pode ter uma ideia errada, não, não, não fica, acho que não fica com uma ideia certa do trabalho e do desempenho do aluno nesses 15 ou 10 minutos que passa lá. (...) em cada dia mostra-se diferente e um dia pode estar a correr melhor, outro dia pode estar a correr pior.

93 – A professora só vê aqueles minutos e é com aquela impressão que fica.

94 - Não digo que não seja aquela impressão correcta, porque pode ser (...) mas acho que não, se calhar, muitas vezes, não é a mais correcta.

FIM

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA A 15

Unidades de sentido

1 - [*Como caracteriza o ambiente em que se encontra a desenvolver a PP*] (...) A escola que estamos a trabalhar (...) é totalmente diferente, mas por um lado até nos dá mais experiência.

2 – (...) cooperação com a professora cooperante este ano não temos tido muito, infelizmente, porque nós queríamos (...) também depende dos professores, (...), da maneira de trabalhar deles.

3 - Ao nível da escola, nunca tivemos muito contacto com outros professores, só mais com a coordenadora da escola, e porque tínhamos também trabalhos a desenvolver e então pedíamos auxílio e informação. (...)

4 - [*A nível de turma*] (...) são alunos a nível de comportamento, nós quando entramos assustamo-nos um pouco (...)

5 – (...) para já são 4º ano, mais crescidos, (...)

6 – (...) tinham um comportamento péssimo, eles eram mesmo reconhecidos na escola mesmo outras professoras com actividades extra-curriculares tinham muitas queixas em relação a esta turma, porque tem muitos elementos perturbadores, (...)

7 – (...) temos duas alunas identificadas com alínea i), que são as que estão no 3º ano, mas dentro da turma, (...)

8 – (...) também existem alunos com problemas, temos um aluno hiperactivo que já está identificado, outro que também tem comportamentos muito desajustados, ao nível de atitudes, de fazer as actividades, eles recusam-se, mas já, o professor levou-os a frequentar o psicólogo, (...), e identificou-os mas não, não os identificaram com nada. Disseram para continuar a fazer o mesmo trabalho, com os alunos, não dando mais nenhum apoio, só com a professora titular, e depois connosco acontece a mesma coisa.

9 – (...) foi mais ao nível do comportamento que foi um bocadinho difícil a adaptação e também a coordenação entre actividades com o 4º ano e com o 3º ano, (...)

10 - [*Como vê o seu supervisor*] (...) deu-nos mais feedback, do que tínhamos anteriormente, porque ia sempre à aulas, apesar de só tarem lá um bocadinho, (...), só fica um momento, mas gostei que ela ficasse sempre no fim de cada aula, desse a sua opinião, o que é que devíamos melhorar, o que é que tavamos bem, o que é que tínhamos feito mal, ajudava-nos nos materiais, dava-nos opiniões, o que é que poderíamos fazer bem, o que poderíamos fazer mal (...)

11 - [*Como vê o seu professor cooperante*] (...) gostava de ter tido mais ..., da opinião dela, gostava que ela tivesse-nos ajudado mais, poderíamos até não concordar com algumas coisas que ela dissesse mas seria sempre bom, pelo menos eu sempre

pensei que fosse assim, nós depois de cada aula (...) reunir sempre no fim das aulas e dar a sua opinião e fazer críticas positivas ou negativas, para nos ir ajudando a construir, a superar algumas dificuldades.

12 – (...) fiquei um bocado desmotivada, porque ela (...), só nos falava, só dizia alguma coisas quando era para dizer algo negativo, fizeram isto mal, não devem fazer assim, devem melhorar, não pode ser, tá tudo muito mal.

13 – (...) no início do ano, nós ficamos muito assustadas porque ela nunca falou connosco, depois chegou uma altura que (...) disse ah, vocês têm que mudar a vossa maneira de, de planificar ou algumas actividades porque eu chego ao fim da semana não estou a conseguir extrair nenhuma informação deles, e nós ficamos um pouco desiludidas porque se isso tava a acontecer gostávamos que ir sabendo, (...), pra ir corrigindo.

14 – (...) é professora cooperante mas não cooperou muito, porque ela dava-nos os conteúdos, o único trabalho que tínhamos com ela era, dava-nos os conteúdos a trabalhar durante a semana ou durante os dias e depois nós planeava-mos as actividades e mostrava-mos. Ela dizia sim, sim e depois era só isso, não tínhamos mais...E depois no final criticava, e antes, quando mostrava-mos a planificação dizia que tava tudo bem, (...), depois acontecem sempre coisas.

15 - [*Sente que existem diferenças entre as orientações/práticas do supervisor e do professor cooperante*] Sim, eu penso que sim.

16 – (...) eu acho que é diferente, porque a cooperante tá sempre connosco, observamos, é muito diferente do que o professor supervisor, vai lá, tá lá um momento da aula, (...), tá bem que também depois na universidade nos ajuda nas planificações, nas reflexões, mas em termos de actividades e de prática mesmo acho que..., o professor cooperante penso que tem um papel, pelo menos em termos de ajudar e de nos evoluir mais.

17 - (...) no que dizem pra fazer sim, às vezes existiam, mas, nós achávamos engraçado que..., a professora cooperante nunca nos tinha dito certas coisas e depois quando a professora supervisora, (...) vem já referir estes pontos, a professora cooperante já estava também a entender que sim, eu sempre achei isso, mas nós nunca sabíamos nada, (...), porque ela não nos dizia e nós não poderíamos saber.

18 - (...) nós no início foi muito difícil fazer a coordenação entre o 2º e o 3º ano (...)

19 – (...) as duas alunas estavam identificadas com alínea i), eram duas alunas de etnia, cigana, e, e era muito complicado e elas tinham um professor de apoio, mas a professora de apoio o trabalho que desenvolvia é mais ao nível de trazer fichas de trabalho, trabalha com elas e depois vai aquele bocadinho embora. E então o que é que nós começamos a desenvolver por exemplo que nos foi dado e por pensarmos que seria assim que deveríamos agir com elas, era, também trazíamos trabalhos, não iguais à turma, (...), porque elas estavam noutra nível, no que poderíamos actuar em coisas iguais era na área das expressões mas, muitas vezes, elas também se recusavam, e o que é que fazíamos, enquanto o, uma aluna estava a ter aula individual, tentava dar mais a aula ao grande grupo e depois ia, de vez em quando, tentava fazer

trabalho também com as outras duas alunas, mas muitas vezes recebia cooperação das duas alunas, porque somos três no grupo de estágio, das outras duas alunas que não estavam em prática nesse dia.

20 – (...) a professora supervisora disse-nos para nós tentarmos mais, para conseguirmos mesmo integrá-las nas actividades da aula e fazer-mos uma planificação só pra elas.

21 - Porque nós preparava-mos actividades, mas essas actividades estavam incluídas na planificação do 4º ano.

22 – (...) quando a professora supervisora nos disse que deveríamos fazer um acompanhamento mais de perto e a pessoa que tava a dar a aula, responsável pela aula nesse dia deveria fazer um acompanhamento mais, mais forte, a, aí é que a outra professora nos disse, sim eu sempre quis que vocês fizessem planificação, podem fazer uma pó 3º ano e outra pó 4º ano, (...) gostava que vocês fizessem, sempre vos disse, mas, nós na altura não quisemos contrapor, (...), porque tamos numa situação delicada, mas sabíamos perfeitamente, éramos três, que não tinha sido assim.

23 - [*Como se sente face a essas diferenças, em situação de PP*] (...) às vezes, sinto-me um bocado desmotivada, porque muita coisa também do estágio, (...), que é um momento muito importante do curso, depende das professoras, (...), dos professores que temos, muitas vezes, também, a maior parte é da turma, (...), da turma com que também calhamos, mas, se tivermos uma professora cooperante que seja mesmo cooperante e nos ajude e motive, porque acho que a motivação é importante, acho que funciona melhor.

24 - [*Quais as características que considera mais pertinentes para se vir a tornar um bom profissional*] É difícil, penso que, acima de tudo, temos que pensar nos alunos, (...), no contexto, porque o que funciona pra uma turma não funciona pra outra, temos visto isso, (...), em estágio, e..., tentar adequar os conteúdos (...)

25 – (...) muitas vezes nós também sentimo-nos frustradas porque queremos utilizar outras actividades com eles e muitas das professoras, pelo menos que nos têm saído no estágio a, seguem muito à risca o programa e tem que ser aquilo e tem que se dar os conteúdos que tão no livro, e nós sentimo-nos um bocadinho limitadas, (...) e queremos experimentar, temos na universidade, aprendemos a teoria toda e queremos pô-la em prática, mas depois, quando chegamos ao estágio, tamos um pouco limitadas.

26 - É mesmo isso que importa, não é preciso seguir o programa à risca, é pensar na turma e a partir daí desenvolver, sei que é difícil, (...) mas...

27 - [*Sente-se motivado para desenvolver a PP*] Neste momento estou um bocadinho desiludida, pensava que era diferente, até mesmo, mas se calhar, acho que é mesmo porque temos tado em situação de avaliação e temos que fazer as actividades sempre de acordo com outro professor, (...), acho que isso nos limita um pouco.

28 - Mas espero, tenho esperança que, quando estiver sozinha ou com outros colegas, consiga desenvolver outro trabalho.



29 - [*Como classifica a relação que estabelece com o supervisor em contexto de PP*] Eu penso que é boa porque ..., como nós mudamos, (...)

30 - (...) a última supervisora que temos num tivemos logo grande, não tivemos grande contacto com ela, só agora a partir deste último tempo, mas o que tivemos gostei e gostei dela nos ter ajudado, dela nos ter motivado e continue e dê ideias porque nós afinal estamos aqui mas também estamos a aprender, (...), na maior parte. E então gostei desse aspecto que não tinha visto ainda nos outros professores.

31 - [*Como classifica a relação que estabelece com o professor cooperante em contexto de PP*] (...) nós chegamos lá, ela dá-nos os conteúdos, apresentamos a planificação, ela diz sim, tá tudo bem, ou então faz a critica, no fim da aula, mas não passa disso.

32 - (...) eu sinto que podia ser uma relação mais de confiança e de entreajuda e, até porque nós tamos a aprend, precisamos de mais apoio, poderia ser uma relação (...) mais de apoio, mais próxima.

33 - Podia ser mais próxima, é muito distante.

34 - [*Fora do contexto da PP, como classificaria a relação com os 2, supervisor e professor cooperante*] Não há nenhum contacto com a professora cooperante, nem, com a supervisora também não porque penso que também tem outras funções (...)

35 - [*Como caracteriza o clima de supervisão criado pelo supervisor*] (...) com esta última supervisora, nós só temos uma relação na prática, não é desenvolvida depois cá (...)

36 - (...) temos desenvolvido depois com o outro professor supervisor, (...) aqui na universidade, quando falamos das práticas, gostava de ter falado mais mesmo sobre as práticas, não de temas que estejam relacionados, mas sobre o que nós realmente fizemos, partilhar ideias entre os colegas e assim.

37 - [*Quais as suas representações acerca do efeito da acção do supervisor no desenvolvimento da sua PP*] (...) acho que deveria de ser..., de auxílio, (...), de apoio, ao que estamos a desenvolver (...)

38 - Penso que deveria ser..., penso que não é tão..., tão motivante, deveria nos dar mais..., mais motivação (...)

39 - [*Essa motivação de que fala é essencialmente do professor cooperante*] Sim, mas penso que também com o professor supervisor.

40 - Sim, acho que é importante, se nós partilhássemos também o que acontece no estágio, o que também não tem acontecido (...) e deparássemos como temos falado, mas falamos mais com os colegas, de problemas que acontecem assim (...) penso que poderiam-nos dar mais apoio, mais auxílio, motivar.

41 - [*Quais as situações que considera que facultam e/ou dificultam o desempenho da sua prática lectiva*] (...) o momento em que o supervisor tá lá, também, apesar de

ser um momento de pressão, (...), porque estamos a ser avaliadas, acho que é importante para termos preparadas.

42 - (...) penso que também o momento de reflexão, também nos ajuda, por um lado o momento em que ele está lá, que o supervisor vai à prática, ajuda, (...) porque precisamos disso e temos que estar preparadas, mas ao mesmo tempo, acrescento o nervosismo, que já temos, (...) acrescenta o nervosismo à actuação e às vezes penso que se não tivesse lá até seria melhor ou até faria de outra maneira, mas por vezes por estar lá, o nervosismo às vezes é maior.

43 - (...) acho que ajuda bastante o momento de reflexão, de partilha de ideias, a reunião com os professores.

44 - [*Iniciativas que reconhece que o supervisor/ professor cooperante promoveram no sentido do seu desenvolvimento pessoal e profissional*] Penso que é o momento (...) de reflexão é importante (...), onde nós falamos das nossas práticas e dos erros (...) que cometemos, (...) acho que é mais isso da reflexão e também na preparação da planificação, acho que também era importante (...)

45 - [*Outro tipo de actividades extra-lectivas sugeridas*] (...) na universidade é que sabemos, por professores de outras cadeiras ou porque afixam na universidade.

46 - [*Nada promovido pelos supervisores ou pelo professor cooperante*] Não, não.

47 - [*Como reage quando se depara com uma situação de PP difícil*] Eu acho que cedo (...)

48 - (...) o início é sempre aquele momento de adaptação que nós ..., foi o que aconteceu este ano, deparamo-nos com uma turma com um comportamento grave (...) mau comportamento (...) o que nós fizemos foi tentar em acordo com a professora cooperante, tentar-mos encontrar nós estratégias (...) para que eles aprendessem a respeitar-nos (...)

49 - (...) nós chegamos ali mas só trabalhamos um mês, só começamos a trabalhar com eles agora, assim, como são crianças que já estão no 4º ano, já tiveram acompanhados sempre por aquela professora, às vezes é difícil que eles nos respeitem ou que (...) ajam, claro que nunca vão agir, (...) como agem com a professora titular(...).

50 - [*Quais as estratégias que costuma utilizar para resolver a situação*] Nós no início, com esta turma (...) em relação ao mau comportamento, começamos a utilizar tabelas, de registo de comportamento, o registo semanal, para ver se eles tentavam..., melhorar mais e depois quem tivesse melhor comportamento tentávamos encontrar ou durante as actividades estratégias de..., não é premiar mas motivação para que continuassem o bom comportamento (...)

51 - (...) depois eu acho que mesmo o respeito, o clima de confiança acho que vai sendo adquirido, (...), ao longo da prática, porque agora já, penso que já está melhor, (...) chega ao fim eles já têm mais respeito, mas, é confiança mas já nos vão respeitando mais.

52 - [*Indicações que recebe do supervisor/professor cooperante nessas situações*] Nós no início, quando ficamos preocupadas, (...), e fomos falar com o professor supervisor, até porque a professora cooperante nos tinha feito aquela apreciação, negativa, e ficamos preocupadas, como é que íamos agir, mas o professor não nos indicou nenhuma estratégia, disse-nos foi para também não ficarmos tão nervosas, tão preocupadas, ir tentando lidar com a situação, porque, também se a turma era assim, também não seria por nossa culpa que tínhamos chegado à pouco tempo, (...), ainda por cima sendo uma turma do 4º ano, para nós não nos culpabilizarmos tanto como tavamos, não nos chatearmos e preocupar-nos.

53 - Tentou, pronto, aliviar a situação, a tensão e..., pra nós pensarmos em actividades que também os cativasse mais porque podia ser que assim eles nos respeitassem e ganhasse a confiança.

54 - [*Que orientações recebe do seu supervisor ou professor cooperante que considere contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e profissional no futuro*] (...) a última que temos tido, pois o que ela tem insistido mais é que nós tentemos não, (...) que é feito na turma, que a professora supervisora também vê, chegar lá, dar as actividades fora do contexto, ela tem-nos aconselhado a qualquer conteúdo que nós iremos trabalhar venha sempre com um fio condutor, tenha sempre, seja sempre relacionado com algo, que eles saib, que eles conheçam, acho que isso foi uma das coisas importantes (...) que ela referiu.

55 - (...) a professora cooperante, o que ela referiu logo no início, que da parte dela, ela pensa e pensava que seria importante, também para nos auxiliar é ter sempre recursos materiais, visuais, para eles não se distraírem tanto, também mesmo por causa do comportamento deles, ficarem mais atentos e porque nós também não temos muita experiência, e então os recursos sempre nos auxiliam, pra não ser sempre o professor a falar.

FIM

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA A 17

Unidades de sentido

1 - [*Como caracteriza o ambiente em que se encontra a desenvolver a PP*] (...) considero um ambiente complicado, (...) não, de todo, bem organizado, que não há um grande trabalho de equipa, pelo menos é assim que percepciono. (...). Considero muito complicado.

2 - [*A nível de turma, escola*] Até porque fica numa zona, penso, pelo que eu conheço ou pelo que me disseram, é uma zona difícil, em Faro, (...) e o nível de toda a comunidade, mesmo o meio envolvente, é caracterizado por ser, tem umas características muito peculiares.

3 - [*Como vê o seu supervisor*] (...) é uma pessoa que só está muito pouco tempo connosco, não está, é a supervisora não é a professora cooperante, é diferente, eu não junto.

4 - É uma pessoa que não está muito tempo, está pouco tempo, (...) às vezes, tenho a sensação de que está um pouco desligada de, da prática diária, (...).

5 - Acho que é uma pessoa com bastantes conhecimentos da área, mas pra mim, nem sempre, acho que está um pouco desfasado do contexto mesmo de prática. A nível mais teórico, pronto, prático, não sei.

6 - [*Como vê o seu professor cooperante*] (...) não há muito que eu possa dizer porque não tem sido assim uma ajuda muito grande. (...) que reflecta connosco, que fale sobre o nosso trabalho, no fim da prática, que é óptimo pra, se há alguma coisa que não funciona bem, nada melhor do que fazer evidenciar, isso para podermos melhorar, se não há depois um trabalho nesse sentido, é complicado.

7 - (...) é-nos dito quais são os conteúdos a desenvolver, muitas vezes depois há, nós planificamos e quando, na altura está tudo muito bem e depois, de repente, não concorda, acha que deveria ter sido de outra maneira, devia ter-nos dito antes (...)

8 - (...) se nós falássemos, se tivéssemos um diálogo mais aberto, (...) não é de todo muito positiva, digamos.

9 - [*Sente que existem diferenças entre as orientações/práticas do supervisor e do professor cooperante*] Agora não tanto, porque a professora cooperante agora está um pouco mais inclinada para aceitar, talvez, as orientações da professora supervisora, portanto, agora há mais concordância. Só que agora também já estamos no final do ano, da prática.

10 - [*Quais as características que considera mais pertinentes para se vir a tornar um bom profissional*] (...) eu acho que isso é complicado, não sei.

11 - (...) tem que ser uma pessoa que tenha um espírito bastante aberto.

12 - (...) tem que se dar, não só dar, doar mesmo à profissão, acho que é essencial, acho que é muito difícil e cada vez mais (...)

13 – (...) acho que uma pessoa tem que ter (...) uma boa relação interpessoal com os outros, e ser bastante sociável, (...) mas estar muito convicta daquilo que (...) segura de si.

14 – (...) há tanta coisa que se poderia dizer, acho que isso advém depois com a prática.

15 - [*Como classifica a relação que estabelece com o supervisor em contexto de PP*] (...) talvez não muito aberta, mas pela minha parte, porque, isso tem a ver com o meu carácter, penso eu.

16 - É uma pessoa que eu não conheço muito bem, também (...)

17 – (...) acho que ainda sou um pouco tradicional, pelo que me têm dito e pelo que eu já tenho percepcionado um pouco, e então há uns choques, (...) eu tento, a minha lógica talvez não seja aquela que é mais, ou que seria, ou que toda a gente esteja à espera, e, por isso, de vez em quando, há assim uns, uns choques de mentalidades, (...)

18 – (...) eu tento ser aberta mas sempre cria uma certa barreira (...). eu não sou totalmente (...) aberta digamos, para com, então o relacionamento não poderá ser tão positivo quanto deveria.

19 - [*Como classifica a relação que estabelece com o professor cooperante em contexto de PP*] (...) é mais pessoal, um pouco mais aberto, mas também, não há, não há assim um grande relacionamento com os professores cooperante, nem supervisor.

20 - Eu sei, tento, portanto, analisar aquilo que me dizem se eu realmente concordo, muitas vezes concordo, outras vezes, por muito que eu tente não, não, a minha lógica não me diz isso, mas pronto, ainda aceito, porque se for a professora cooperante é uma pessoa que já tem, já tem um, portanto, está com as crianças à bastante mais tempo, conhece-os melhor, saberá melhor, talvez, como lidar com eles. Se for a professora supervisora, muitas vezes tenho a sensação de que, realmente, pois, na prática sim, mas que na teoria nem sempre aquilo que é dito se verifica.

21 - [*Fora do contexto da PP, como classificaria a relação com os 2, supervisor e professor cooperante, se existe*] Não.

22 - [*Como caracteriza o clima de supervisão criado pelo supervisor*] (...) cria sempre um clima um pouco, é um pouco constrangido, digamos.

23 - Eu fico sempre um pouco, (...), isto de ter a sensação ou ter a certeza de que se está a ser avaliado, mesmo que não seja em termos de avaliação, assim formal, mas se está a ser observado (...), é diferente, (...), cria-se sempre um ambiente um pouco..., talvez de insegurança, não sei.

24 - [*Quais as suas representações acerca do efeito da acção do supervisor no desenvolvimento da sua PP*] (...) talvez, (...) faça com que eu não consiga desenvolver sempre tudo de acordo com aquilo com que eu possa pensar.



25 - Pode ser que por um lado vá ao encontro daquilo que seja melhor, para um dia na prática, pode ser que sim, mas por outro lado, depois, faz com que eu não seja tão espontânea, não teja tão à vontade, para reagir perante o que tenho para desenvolver, um dia.

26 - [*E a acção do professor cooperante*] Não, não foi assim, não sinto..., qualquer, digamos que, barreira ou, não há nada que transtorne.

27 - [*Quais as situações que considera que facultam e/ou dificultam o desempenho da sua prática lectiva*] O meu desenvolvimento, sobretudo, uma coisa que eu tenho bastante dificuldade é gerir o tempo.

28 - No início..., tinha demasiadas actividades, planificava de uma forma muito exaustiva, depois, tentei modificar sim, depois há certas alturas em que já fui de menos, também já aconteceu, eu ficar, chegar ao fim da aula e ter que inventar ou um jogo ou uma coisa qualquer pra que os miúdos não ficassem muito eufóricos, depois começam a olhar prás horas e está na hora quase, e quanto é que falta.

29 - Pra mim, o pior de tudo é gerir o tempo, conseguir conciliar o tempo que devo levar, por exemplo, a ver um conteúdo qualquer com eles, depois com as actividades que eles fazem, é o meu problema, é o meu problema principal, é esse.

30 - (...) se houver crianças com outros níveis de ensino, na sala, torna mais complicado.

31 - Aspectos que facilitam..., talvez o relacionamento, (...) com os alunos, (...)

32 - Tenho um relacionamento, (...) eu não consigo criar um envolvimento muito grande com as crianças, nem sempre consigo, tento mas não consigo.

33 - Acho que não consigo com ninguém, se calhar, não sei.

34 - Mas, se eu noto, (...) que está, (...) a haver alguma dificuldade eu tento mudar e então nesse momento eu consigo desbloquear, digamos e então relaciono-me, consigo criar um bom ambiente com eles.

35 - Por um lado facilita o facto de os por um pouquinho mais longe, (...), mas, às vezes, preciso de, e consigo nessas alturas, e nesse aspecto é fácil então conseguir que eles tenham atenção e que percebam, consigam ouvir e estejam calmos.

36 - [*Como entende o seu papel no desempenho da PP*] (...) Como é que eu me vejo, pois, como um pessoa que ainda tem muito, um longo caminho, pela frente, até porque, a mentalidade dos jovens que estão nas escolas, é um pouco diferente daquilo que eu esperava, (...), não pensei que (...) fosse da forma como é.

37 - Acho que ainda tenho muito para... para andar, muito, é verdade.

38 - [*Quais os aspectos positivos e/ou negativos resultantes das práticas supervisivas do supervisor e do professor cooperante*] (...) pode ser positivo o facto de nós sabermos que há alguém que está a..., supervisionar o nosso trabalho, faz com que a

peessoa, talvez, seja mais acurada naquilo que faz, mas por outro lado pode constrianger, também (...).

39 - [*Iniciativas que reconhece que o supervisor/ professor cooperante promoveram no sentido do seu desenvolvimento pessoal e profissional*] (...) Só o facto de eu ter que questionar a forma como desenvolvo o meu trabalho, porque já fui criticada, por duas vezes, (...)

40 – (...) eu aceito bem quando me criticam (...) considero sempre que é sempre pra melhorar (...)

41 – (...) ser por duas vezes, (...) e ainda por cima foram, digamos, se fosse um caso de, judicial, teria, estaria a ser renitente naquilo que fiz. (...) a intenção não foi essa, só que é, tem a ver com a lógica de pensar, eu já cheguei à conclusão que, realmente, a minha forma de pensar não será tão lógico quanto o usual, isso talvez tenha a ver com a minha vida, portanto, toda a vivência do passa, anterior e, mas só mais nesse sentido.

42 – (...) o que o professor supervisor ou o cooperante terá contribuído para o meu, sim, mais a questão do questionamento do meu próprio trabalho.

43 - [*Como reage quando se depara com uma situação de PP difícil*] Paro, deixo, nem que eles façam barulho, paro e tento (...) interrogar-me, (...), mas tenho que parar mesmo.

44 - Se houver qualquer coisa (...) já me tem acontecido situações muito imprevistas, coisas que nós temos que fazer assim de repente e que eu não estava nada à espera, ou temos que mudar ou qualquer coisa, então, tenho mesmo que parar, deixo, nem que eles falem, conversem, e como se alguém entrasse no momento, pensaria, bem, isto aqui o que será que está a acontecer, mas tenho que parar, pensar e depois então reagir. Se não, não consigo.

45 - [*É essa a sua estratégia*] Tem que ser. E depois quando começam digo assim, pronto, vamos lá. E então volta tudo, ao normal. Tem que ser assim, de outra forma não, não consigo.

46 - [*Indicações que recebe do supervisor/professor cooperante nessas situações*] Até agora penso que, pelo menos quando aconteceu não, não, não recebi qualquer indicação.

47 - [*Que orientações recebe do seu supervisor ou professor cooperante que considere contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e profissional no futuro*] (...) seria, precisamente, a questão da projecção de voz, (...), porque..., é mais difícil depois conseguir chamar à atenção, (...), de alguém, quando uma pessoa tem uma voz, do que um tom de voz mais baixo.

48 - Uma coisa que eu deveria fazer, que nem sempre faço, mas isto tá relacionado com o facto de haver um grupinhos que muitas vezes precisam de mais atenção do que outros, então a minha tendência é sempre (...), quase sou destacada prali, mas fico mais tempo, (...), perto pra ver como é que as coisas vão, se vão andando, e muitas vezes deixo, quer dizer, ou olho à distancia, (...), em vez de me movimentar e



também de ir ao pé de outros alunos, fico-me sempre mais por um, há ali um, uma parte da sala que eu normalmente me centro mais. Isso também já me foi dito que não deveria fazer.

49 - Gerir o tempo, também, mais não me estou a lembrar assim...

FIM

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA A 19

Unidades de sentido

1 - [*Como caracteriza o ambiente em que se encontra a desenvolver a PP, escola e turma*] (...) a minha professora cooperante, eu tou a gostar muito do trabalho dela.

2 – (...) nós não temos receitas, bem conseguidas, (...)

3 – (...) gosto muito da maneira que ela trabalha (...)

4 – (...) acho que ela tem uma relação muito próxima dos alunos, e acho que isso é essencial, (...)

5 – (...) como futuros professores também deveremos ter essa relação.

6 - Pralém disso acho que as metodologias que ela utiliza, as estratégias, acho que ela é muito dinâmica, cativa muito os alunos, tenta motivá-los para a aprendizagem, o que, o que faz com que estes alunos sejam, (...) já quase no fim do ano, que eles estão no 3º ano de escolaridade, faz com que eles sejam mais desenvolvidos, e isto comparando em relação ao ano passado, mais desenvolvidos que outros alunos, do mesmo nível.

7 - [*Acha que se cria um bom ambiente em questões de turma e de escola para o desenvolvimento da PP*] Sim, eu acho que, pelo menos, ela dá-nos oportunidade de assistir a várias reuniões, dá-nos oportunidade de utilizar várias estratégias, ela dá-nos muita liberdade.

8 – (...) é uma professora que a nível de relação com as outras professoras também e a nível de toda a comunidade, vá, é muito aberta, (...) dá-se bem com toda a gente, o que faz com a gente tenha facilidade, se calhar em conhecer outras coisas que, se calhar, outras professoras, à partida, não dão essa oportunidade.

9 - [*Como vê o seu supervisor*] O professor “S 0”, a nossa relação com ele, neste momento já é mais próxima, mas no início acho que era uma proximidade, ou se calhar nem sequer era proximidade, ele era uma pessoa mais distante, não nos, não nos acompanhava tanto, não nos dava, se calhar, as bases que nós precisamos para (...) sermos uns bons professores.

10 - A professora S 2 já nos acompanha mais porque já diz: olha, faz isto, eu acho que deverias seguir por este caminho, porque se calhar é melhor para os alunos ou, se calhar, tu sentes-te melhor. E esse trabalho não era feito, se calhar, com o professor “S 0”. Embora na parte final já tenha notado que esse trabalho, pronto, já havia uma preocupação.

11 - [*Como vê o seu professor cooperante*] (...) acho que é uma pessoa muito..., fácil, de (...) comunicar (...)

12 – (...) acho que é uma pessoa muito dinâmica (...)

13 – (...) uma pessoa muito..., aberta à inovação (...)

14 – (...) não pensa só nela, pensa, preocupa-se muito não só com os alunos, (...) os alunos que ela acompanha ao longo do ano inteiro mas conosco também. Preocupa-se muito com as nossas dificuldades, o que é que nós sentimos, o que é que devíamos fazer, basicamente é isso.

15 - [*Sente que existem diferenças entre as orientações/práticas do supervisor e do professor cooperante*] (...) eu acho que a nossa professora cooperante (...) fala mais conosco do que a própria professora, (...) a supervisora, porque, para além de estar lá mais tempo, (...) conhece-nos melhor, ela, mais do que ninguém, sabe-nos dar as (...) indicações do que é que está bem, do que é que está mal, do que é que deveríamos fazer, do que é que não foi feito, do que é que foi feito e deveria ser repensado, (...) e a nossa supervisora tá lá, tá 15 minutos lá, claro que não tem tanto, tanto, se calhar, à vontade conosco, para dizer certas coisas ou se calhar não..., não tem conhecimento suficiente pra dizer aquilo que deve ser. Porque, às vezes, chega lá num determinado instante e nem sabe o que é que veio para trás, o trabalho que veio pra trás e, se calhar, não sabe o trabalho que vem à frente, sabe naquele momento. E aquele momento é insuficiente, se calhar, pra dizer determinadas coisas essenciais se calhar para nós. Esse trabalho deve ser feito pela, pela professora da turma, mais do que ninguém conhece o nosso trabalho.

16 - [*Quais as características que considera mais pertinentes para se vir a tornar um bom profissional*] Eu acho que, um bom profissional deve estar sempre a mudar as estratégias, as metodologias, consoante os alunos que tem.

17 - Não deve usar os mesmos materiais ao longo de anos e anos a fio.

18 - Deve inovar, consoante aquilo que vê, na televisão, ler livros, ver novas formas de trabalhar, noutros países, não só noutros países mas mesmo no próprio país (...)

19 – (...) Vale das Aves está, tem uma metodologia super diferente, eu acho que, há professores que, se calhar, não concordam por completo com aquela forma de trabalhar, mas ao menos, tirar certas coisas essenciais e aproveitá-las para aplicar na sala de aula.

20 - Há tanta, tantas coisas, noutros países, que podem (...) ser aproveitadas. (...) não quer dizer que sejam ligadas à educação, mas (...), ligadas a outras áreas, (...) a nível (...) das novas tecnologias, podem ser aproveitadas, a nível da matemática pode ser aproveitado, das engenharias (...)

21 - Eu acho que, é coisas tão pequenas mas que podem ser aproveitadas (...). É isso que eu penso.

22 - [*Sente-se motivado para desenvolver a PP*] Sim, eu. É assim, tenho, gosto muito daquilo que tou a fazer.

23 – (...) tenho pena (...) quando sair daqui não vou ter emprego, como é óbvio, (...)

24 – (...) tenho muito pena da gente adquirir tantos conhecimentos, não digo tanto na teoria, mas a nível (...) de prática, e tive oportunidade, (...) este ano ofereceram-nos muitos seminários, aprendemos tanta coisa nova, vimos tanta coisa nova, temos sempre a aprender a ver, na televisão, nas revistas, nos livros, temos a aprender tanta

coisa e depois no fim, a motivação, temos motivação pra quê (?), para ir pó desemprego.

25 - [*Como classifica a relação que estabelece com o supervisor em contexto de PP*] (...) eu acho que, que ela é uma pessoa também muito aberta. Muito aberta no sentido que, tudo o que, vá, dúvidas, aquilo que nós achamos que devíamos fazer ou que não está tão bem quanto isso, ela é uma pessoa perfeitamente aberta, nós podemos falar com ela o melhor possível.

26 - [*Como classifica a relação que estabelece com o professor cooperante em contexto de PP*] É, é boa.

27 - Eu gosto muito dela.

28 - Acho que ela é uma pessoa, é assim, eu aconselho-a como professora cooperante acho que ela é (...) a professora modelo (...).

29 - [*Fora do contexto da PP, como classificaria a relação com os 2, supervisor e professor cooperante*] A nossa professora cooperante, é assim, ela é, pralém de ser nossa professora, lá na sala de aula, dentro daquele espaço, ela é nossa amiga, ficou nossa amiga. Eu acho que isso é muito importante.

30 - Ela ficou nossa amiga no sentido, qualquer coisa que a gente precise, ela está lá, qualquer coisa, mesmo problemas pessoais, ela está lá tamém.

31 - (...) ela própria também se sente nossa amiga, (...) ela é uma pessoa que conversa connosco como conversa, se calhar, com outra pessoa qualquer que conhece, se calhar há muitos anos.

32 - [*Como caracteriza o clima de supervisão criado pelo supervisor*] (...) eu acho que, é bom, neste momento acho que é muito bom, acho que, tudo o que temos a dizer, dizemos, não há, não há receio.

33 - [*E o clima do professor cooperante*] Tamém, na mesma.

34 - [*Quais as suas representações acerca do efeito da acção do supervisor no desenvolvimento da sua PP*] Eu acho que, que o professor supervisor, (...) é essencial para nos acompanhar ao longo, vá, deste processo, (...), acho que é essencial.

35 - (...) no entanto, considero que, que a professora cooperante é aquela que deve assumir mais responsabilidades a nível da nossa avaliação, ao nível do nosso progresso ou retrocesso, porque é aquela que tá mais tempo, passa mais tempo connosco na sala de aula.

36 - Eu acho que se nós não tivéssemos um acompanhamento não éramos professores, (...).

37 - Acho que deve haver sempre o acompanhamento de pessoas ligadas à área, pessoas que conhecem o trabalho que deve ser feito na, naquele campo, para nos dar, se calhar, vá, certas indicações do trabalho que deve ser feito ou, pelo menos, encaminhar-nos, porque nós não temos bases nenhuma. Tem que ser alguém que conheça.

38 - [*Quais as situações que considera que facultam e/ou dificultam o desempenho da sua prática lectiva*] (...) eu acho que os conhecimentos que adquirimos ao longo do curso, (...) facilitaram, se calhar, um pouco a nossa, facilitaram a nossa prática (...).

39 - (...) aquilo que nos dificulta, acho que, não houve assim nada.

40 - (...) uma coisa importante, eu acho que, deveria ter havido mais uma interligação entre a prática e a teoria.

41 - [*Como entende o seu papel no desempenho da PP*] (...) acho que mais é impossível. Acho que mais dedicação, acho que é impossível.

42 - Eu acho que, apostei tudo na prática.

43 - [*Quais os aspectos positivos e/ou negativos resultantes das práticas supervisivas do supervisor e do professor cooperante*] (...) eu acho que é essencial (...), apesar disso nos intimidar, se calhar, por vezes, um bocado.

44 - (...) temos que conviver bem com essas situações de observação porque, ao fim ao cabo, temos tantos alunos, temos sempre a ser observados.

45 - Acho que isso é importante, é essencial.

46 - [*Iniciativas que reconhece que o supervisor/professor cooperante promoveram no sentido do seu desenvolvimento pessoal e profissional*] Eu acho que a professora cooperante, nesse sentido, teve um papel muito importante porque sempre que a gente fez alguma coisa errada ou até bem, ela teve sempre a preocupação de, de elogiar ou, pelo menos, tentar que a gente repensasse naquilo que fizemos (...).

47 - Quanto ao professor supervisor, (...) eu acho que, não houve tanto essa preocupação, (...) de tentar ver, pelo menos aconselhar-nos mas, (...) eu acho que isso foi feito, o meu professor supervisor teve um papel mesmo, eu gostei muito dele porque ele dizia olha, isto deve ser, este aspecto deve ser melhorado, este deves repensar melhor, pensa melhor nesta estratégia (...)

48 - [*Como reage quando se depara com uma situação de PP difícil*] (...) eu, normalmente, quando isso acontece, pelo menos na sala de aula, eu tento resolver o melhor possível, até, às vezes, até numa actividade que eu não tenha pensado, eu reformulo e tento adequar de forma a que os alunos (...) não deixem pela minha fraqueza.

49 - (...) quando estou um bocadinho mais aflita, (...), neste momento ainda tou numa situação, posso ainda recorrer à professora, faço-o, claro. Vou logo ter com a professora e digo logo, olhe professora, o que é que eu faço nesta situação, e a professora acompanha.

50 - [*Indicações que recebe do supervisor/professor cooperante nessas situações*] (...) isso raramente acontece.



51 - Já me aconteceu, este ano, uma, uma vez. Uma ou duas, foi duas vezes que aconteceu. E a professora é sempre muito prestável, diz mesmo, calma, não te exaltes e faz assim, assim e assim. E depois, normalmente, a pessoa sente-se mais segura (...) e as coisas correm bem.

52 - (...) pelo menos com o supervisor, ele só sabe a partir das reflexões, as vezes que soube foi só através da reflexão, que houve, quando isso aconteceu. E, pelo menos, o professor não falou nada sobre isso.

53 - [*Que orientações recebe do seu supervisor ou professor cooperante que considere contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e profissional no futuro*] (...) eu relativamente à professora cooperante, acho que ela dá-nos (...) os conhecimentos essenciais (...) para nós fazermos (...) uma boa carreira, porque, ela mais do que ninguém, com 18 anos de experiência, (...) sabe determinadas coisas que nós, nem pouco mais ou menos, estamos lá perto de saber (...).

54 - Mas relativamente, (...) ao supervisor, eu acho que..., ele dá-nos mais conhecimentos ao nível, se calhar, da psicologia, mais conhecimentos ao nível, se calhar, do conhecimento escolar e nem tanto ao nível da prática. É essa a ideia que eu tenho.

55 - A professora cooperante é mais ao nível da prática e o professor supervisor é mais ao nível do conhecimento escolar.

56 - [*Acabei, não tenho mais perguntas a fazer, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa*] (...) eu, pelo menos este ano, aprendi muita coisa, é a única coisa que tenho a dizer.

57 - [*Evolui*] Sim. Como o professor “S 0” diz, cresci muito.

FIM

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA A 20

Unidades de sentido

1 - [*Como caracteriza o ambiente em que se encontra a desenvolver a PP*] (...) acho que não é um bom ambiente de trabalho. Tou a falar a nível de escola.

2 - [*A nível de turma, escola*] Acho que não há muita cooperação entre os professores, uns querem brilhar à custa do trabalho dos outros (...) desta forma (...) os alunos saem sempre prejudicados porque podiam usufruir de materiais de outras salas, dos conhecimentos de outros professores que dão, pronto, às vezes tão formados noutra área, são doutras áreas mas estão a leccionar ao 1º Ciclo(...). E pelo facto de ser assim não há um ambiente de trabalho bom.

3 - [*Para vocês, sente também esse afastamento, em geral*] No nosso caso, a nível da professora titular de turma tamos muito bem, muito atenciosa connosco, tem uma maneira de trabalhar que achamos que é muito dinâmica para os alunos, promove muito a autonomia, o espírito crítico, (...) tivemos muita sorte.

4 - A nível da escola em geral, os professores, (...) não sentimos só o afastamento, como sente a nossa professora, o isolamento, tipo os professores fecharem a porta da sala, quase à chave (...) é obvio que querem, pretendem pronto, isolar-se com os alunos, praticamente, e também sentimos por ser estagiários.

5 - [*Como vê o seu supervisor*] (...) acho que ainda não conheço bem porque não temos contactado assim tanto como tudo isso, já que ela começou a tar connosco (...) só no 2º semestre e não foi no início, (...) tenho uma boa impressão dela.

6 - É atenciosa, preocupa-se (...), é atenta, quando tá lá é mesmo atenta, se vê algo que acho que não tá bem, corrige-nos depois, diz, e diz umas coisas de uma maneira que não, que não desmotiva e que ajuda a crescer, é importante.

7 - [*Como vê o seu professor cooperante*] O professor cooperante, (...), não acho que tive muitas sorte, acho que o meu grupo teve muita sorte com o professor cooperante e tamos muito, muito satisfeitos por ter ficado com ele, porque é uma forma de trabalhar completamente diferente de quase todos os professores daquela escola, pelo que me tenho apercebido.

8 - [*Como é que o professor cooperante reage com os supervisandos*] É uma relação muito boa, muito, muito, muito, muito boa.

9 - Ela, tudo o que faz é em função do nosso crescimento já a pensar também, que é muito importante, nos meninos que nos vão passar pelas mãos.

10 - Porque ela sabe que, se fizer um bom trabalho connosco nós, de certa maneira, vamos fazer também com as crianças com que iremos trabalhar.

11 - [*Sente que existem diferenças entre as orientações/práticas do supervisor e do professor cooperante*] Não, agora não, de momento não.

12 – (...) elas já se conheciam, e têm formas de trabalhar, imagino eu, semelhantes, porque nunca vi trabalhar a supervisora, mas, pelas conversas que têm e pela escola onde a supervisora trabalha, deduzo que tenham formas de trabalhar muito semelhantes e não há afastamento nenhum entre elas, pronto, nem a nível das orientações, nem a nível...

13 - [*Quais as características que considera mais pertinentes para se vir a tornar um bom profissional*] (...) temos que tentar desenvolver os alunos de modo, de uma forma global.

14 - (...) há quem se preocupe muitos ou poucos conteúdos programáticos, transmitir a matemática, a língua portuguesa, fazer uma grande exploração entre as disciplinas e tudo, e esquecem muitas vezes o desenvolvimento do espírito crítico, de valores, princípios, a educação (...), é fundamental para mudar alguma coisa na sociedade e se se limitar a transmitir apenas os conteúdos acaba por não sortir o efeito desejado. (...)

15 - [*Como definiria um bom professor*] (...) acho que as características que um bom professor deve ter (...) uma grande abertura ou diálogo com os alunos, às ideias deles, (...), rentabilizar tudo aquilo que eles digam, porque cada criança é uma criança e pode ter um contexto diferente, (...), de forma a que todas se sintam que a vida delas não fica estagnada, portanto, não fica retida ao portão da escola, lá dentro também tem valor e há pessoas que se preocupam e têm atenção às vivências dela (...)

16 – (...) o professor deve tentar ter um conhecimento significativo da vida dos alunos mesmo, de forma a trazê-lo cá para a escola, para dentro da sala e trabalhar de forma diferente com as diferentes crianças.

17 - Não pode ser um professor que sofra daquela doença do pensamento único.

18 - [*Sente-se motivado para desenvolver a PP*] Sim, senti-me motivado ao longo (...) de todo o ano.

19 - [*Como classifica a relação que estabelece com o supervisor em contexto de PP*] É boa.

20 – (...) não há problema nenhum, não fico intimidade com ele e ele não tem problemas em dizer aquilo que pensa (...) há muito à vontade, e isso é bom pra podermos expressar as ideias, ele ouvir-nos a nós e nós ouvirmo-lo a ele, (...)

21 - [*Como classifica a relação que estabelece com o professor cooperante em contexto de PP*] Falamos sempre muito. (...) Falamos sempre muito, sempre muito, muito, muito.

22 – (...) nós (...) no recreio, vamos sempre com ela, beber um cafezinho e falar do que acontece e após o dia lectivo ter terminado voltamos novamente ao café e tamos ali a cerca de meia hora, ou mais se for preciso, a falar sobre como correu sim (...)

23 – [*Fora do contexto da PP, como classificaria a relação com os 2, supervisor e professor cooperante*] Fora do contexto de prática a relação também é muito boa

porque sobre a prática, da professora cooperante, não só já sou estagiário dela mas também amigo.

24 - (...) com a professora “S 2” que também é supervisora também, acho que fora das aulas, fora do contexto de trabalho a relação é boa, nós falamos e...

25 - [*Como caracteriza o clima de supervisão criado pelo supervisor*] Acho que é adequado, é bom (...) acho que não intimida os alunos, permite que expressem as suas ideias, que fiquem à vontade, dentro dos possíveis, quando ele entra na sala de aula, acho que não há assim problemas de maior nesse aspecto.

26 - [*E o clima do professor cooperante*] Também, também é muito bom.

27 - [*Quais as suas representações acerca do efeito da acção do supervisor no desenvolvimento da sua PP*] (...), eu neste caso acho que me posso referir mais ao supervisor do 1º semestre e um pouco do 2º, porque é com ele que reflectimos, semanalmente, acerca do que aconteceu na prática, e acho que nesse aspecto ele ajuda muito no nosso crescimento, porque é uma pessoa que tem o espírito crítico muito afinado, (...), e tenta nos fazer as coisas de pontos de vista, nas perspectivas que nós às vezes temos dificuldades em chegar lá.

28 - E acho que ele ajudou-nos muito, a minha ideia é que nos ajudou muito no crescimento.

29 - [*Quais as situações que considera que facultam e/ou dificultam o desempenho da sua prática lectiva*] (...) um aspecto que nos dificulta bastante o desenvolvimento da prática e pode limitar bastante depois no acesso à profissão por causa da nota, é (...) o professor cooperante, e o próprio supervisor também pode ter alguma influência (...)

30 - [*Em questões de prática lectiva*] (...) os problemas que temos, que assim no meu caso em trabalhar com as crianças, passam pela indisciplina de alguns, poucos, mas que, às vezes, é o suficiente para destabilizar o ambiente.

31 - (...) a forma de nós tentarmos colmatar essa situação, esses défices que eles apresentam a nível de comportamento, também ficamos um pouco limitados, por sermos estagiários e por causa dos pais.

32 - [*Situações que facilitam, com os alunos*] (...) a situação que mais facilita a prática é motivar os alunos, mesmo até os mais, (...) desses mais indisciplinados, às vezes peço-lhes, dessa tarefas que têm a fazer, se há-dem tar a falar um com o outro e a fazer mal e não sei quê, peço-lhes que me ajudem a distribuir materiais e não sei quê, como tão ocupados a fazer alguma coisa, já não têm tempo para fazer mal o problema, às vezes, é tarem sem fazer nada.

33 - [*Como entende o seu papel no desempenho da PP*] Eu sinto-me bem e..., acho que me sinto com capacidade para desenvolver um bom trabalho com uma turma, no próximo ano. Admitindo que posso tar errado, claro.



34 - [*Quais os aspectos positivos e/ou negativos resultantes das práticas supervisivas do supervisor e do professor cooperante*] Das práticas que eu observei nele, pois, (...), não tenho assim nada a salientar.

35 - [*Iniciativas que reconhece que o supervisor/ professor cooperante promoveram no sentido do seu desenvolvimento pessoal e profissional*] As iniciativas (...) tenho a salientar apenas o facto dos supervisores (...) terem ido mais algum tempo à prática, porque acho que não tavam muito tempo, não sei se é por confiarem no grupo, se é por motivo, mas ficam, permanecem pouco tempo na nossa sala, a observar o grupo.

36 - (...) esta de irmos fazer a visita agora à escola da Ponte, foi uma iniciativa muito importante para nós e seria ainda mais importante para mim se fosse no ano lectivo anterior (...).

37 - Outras iniciativas (...) alguns seminários, o professor supervisor da prática teve o cuidado de convidar (...) algumas entidades de vários organismos, por exemplo, da Direcção Regional da Educação, da Câmara, das Câmaras Municipais, Vereadores de Cultura, que tão muito ligados à escola de 1º Ciclo, porque as escolas de 1º Ciclo passam muito pelo financiamento das autarquias, portanto, houve esse cuidado (...)

38 - [*Como reage quando se depara com uma situação de PP difícil*] (...) uma das características que (...) tem que fazer parte do perfil de um professor, que é, é a capacidade de improviso.

39 - [*Sente-se, neste momento, capaz disso*] Sinto, (...) não me sinto nervoso, porque eu também já estava habituado a trabalhar com crianças, não de uma faixa etária tão jovem mas (...)

40 - [*Quais as estratégias que costuma utilizar para resolver a situação*] (...) depende da situação (...), a gente estabelece (...) umas relações com os alunos que eles, diferentes com alguns, com alguns alunos, agora, por exemplo, com o facto de eu ficar calado e me sentar, às vezes é o suficiente para eles, por exemplo, no caso do comportamento, se calarem todos, porque quando eu me sento eles já sabem e alguns começam a dizer, olha o professor, calem-se já, olha o professor já se sentou, e..., e transformam.

41 - Às vezes negociar com eles, porque tamos numa democracia e às vezes somos obrigados a negociar, ...

42 - [*Indicações que recebe do supervisor/professor cooperante nessas situações*] (...) no ano lectivo anterior às vezes diziam mais, diziam mais vezes como é que havíamos de reagir porque sabiam que éramos mais inexperientes.

43 - Este ano lectivo não notei tanto, houve algumas vezes que a professora concordou nesse aspecto de nos sentarmos numa aula cooperativa, os 4 professores sentarmo-nos e deixá-los à vontade a ver o que eles faziam. (...) às vezes, também é ele, falar com os pais, nalguns casos de, porque a situação com que nos deparamos lá mais vezes é, mesmo naquela turma, é alguns miúdos, a nível de indisciplina.

44 - No caso de perguntas que nós não tenhamos respostas logo lá na altura, normalmente, assim nesse aspecto, nessa perspectiva de situações que possam ocorrer,



normalmente, (...) sempre podemos dizer, olha é um bom tema para vocês desenvolverem na Área de Projecto.

45 - [*Uma boa estratégia para adiar o problema*] E eles aí acabem por ter, adquirir esse conhecimento de forma autónoma, e estamos sempre em ligação aos conteúdos que tamos a trabalhar.

47 - [*Que orientações recebe do seu supervisor ou professor cooperante que considere contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e profissional no futuro*] (...) o que nós observamos é que eles tão todos muito, o professor cooperante tá, (...) muito desiludido com tudo o que se passa e mesmo assim, através disso, tenta-nos motivar. (...) apesar da situação tar como tá, e ela reflecte isso nas expressões dela, mas, pra não mostrar, tentando afastar disso diz-nos que, nós não vamos sentir grandes dificuldades, porque somos novos, é sangue novo para a escola e não sei quê, tamos na idade de lutar e de, pronto, afecta mais professores com mais anos de serviço já e com uma certa idade. E assim nestes aspectos ela ajuda-nos muito, motiva-nos muito, na profissão, (...)

FIM



ANEXO E

Neste Anexo são apresentados os quadros de categorização da informação recolhida através das entrevistas efectuadas às professoras cooperantes e aos supervisandos.

CATEGORIZAÇÃO DAS UNIDADES DE SENTIDO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS ÀS PROFESSORAS COOPERANTES

1 – Caracterização do professor cooperante

1.1 – Tempo de serviço como professor cooperante

C 1	(...) é o primeiro ano. (4) (...) é o primeiro ano que estou a supervisionar. (...) (49)
C 2	(...) não foi seguido, mas já pelo menos há uns 10 anos que eu tenho vindo a cooperar com a ESE, nesse sentido. (4)
C 3	É o primeiro ano.(4)
C 4	3 anos não consecutivos. (4) Foram dois anos seguidos, há 3 anos atrás e agora mais 1 ano. (5) 3 anos. (6)
C 5	(...) 6 anos, 6. (4)
C 6	(...) consecutivos há 5 anos. (4) Entretanto tive uma interrupção (...) antes já tinha tido 2 anos, na formação antiga. (5) Sim. [Sete] (6)
C 7	Eu é o 2º ano. (4)

1.2 – Motivação para ser professor cooperante

C 1	Sim. (45)
C 2	Estou, estou. Em qualquer dos níveis estou, quer com a turma, quer com os professores estagiários, com certeza, gosto. (30)
C 3	(...) eu não tenho experiência como professora cooperante, é o 1º ano, e, francamente, não estou satisfeita. (32)



	<p>Não, tenho vindo a ficar muito desmotivada ao longo deste ano lectivo. (49) Realmente, o que me dá mais motivação é realmente o trabalho que estou a fazer com um dos elementos do grupo, sim. (50) (...) do outro lado não... Tem sido muito complicado gerir algumas situações. (52) Se me interessava muito ser professora cooperante, estava curiosa, curiosíssima como é que as coisas se iam passar, acabei por perder a vontade de voltar a experimentar. (104)</p>
C 4	
C 5	<p>Eu gosto de ter estágio, só isso. Pois sinto-me bem com o estágio, sinto-me bem, porque..., serve de complemento, às minhas actividades, (...). (92) (...) tenho ficado sempre satisfeita. (97) (...) nunca tive nenhum momento em que decepciono e depois preferia não ter o estágio, ou tivesse momentos de arrependimento. (99)</p>
C 6	
C 7	<p>Tou, tou motivada, (...) (37)</p>

1.3 – Clima de supervisão preconizado

C 1	<p>Acho que, essencialmente, o que é necessário, (...) é a, ajudar, naquilo que elas necessitam, naquilo que elas precisam. (52)</p>
C 2	<p>Não é uma atitude directiva, jamais. (31) (...) tento ganhar (...) estabelecer com eles um clima de confiança, para que..., possamos crescer juntos. (32) É uma supervisão, se eu pudesse dizer que é uma supervisão reflexiva, acima de tudo, eu diria, eu empregaria essa palavra. (39) Tento optimizar, ao máximo, o sentido desta prática, é só. (40)</p>
C 3	<p>Eu sinto-me perfeitamente à vontade com eles. (61) Eu esperava que eles sentissem o mesmo. (62) Acredito que, que um dos elementos sim (...) (63) É obvio que sim. (69)</p>
C 4	<p>Elas vêem-me como alguém com mais experiência que está aqui para ajudá-las, partilhar com elas o que sabe. (47)</p>



C 5	<p>(...) as pessoas devem ser livres, (...) se vejo alguns erros ou algumas coisas que considero erros, pois também perco a consistência, gosto de aconselhar. (54)</p> <p>(...) é o prazer que tenho em poder ajudar as pessoas (...) baseado na minha experiência, porque já tenho muitos anos de experiência e penso que tenho tido algum sucesso, felizmente, tenho tido algum sucesso, (...) penso transmitir esse sucesso e partilhar a minha experiência (...) (56)</p> <p>(...) dá-me prazer em partilhar a minha experiência com outras pessoas e poder ajudar outras pessoas. (57)</p> <p>Poder passar a mensagem (...) e pra evitar que elas errem como eu já errei assim em certas coisas pois, se puder ajudar pois tanto melhor. (...) sinto prazer em ajudá-las. (58)</p> <p>Elas cada uma segue o seu caminho, à sua maneira. (61)</p> <p>Normalmente, eu não saio da sala de aula e tou sempre aqui com eles, e..., se vejo logo que está alguma coisa (...) que não tá a correr muito bem, pois sou capaz de intervir (...), dou assim uma ajuda, ou passo-lhe a ele, pronto, faço de maneira a que as coisas não dêem assim muito nas vistas, mas a não deixar ir assim muito po fundo. (83)</p> <p>(...) não utilizo a técnica de deixar mesmo correr mal, mal, para depois ir corrigir, (...) mesmo que as coisas corram muito mal pra depois ver o que é que pode corrigir. Tenho dificuldade em aceitar isso, em deixar isso. (84)</p>
C 6	<p>(...) eu costumo impor – me um bocadinho, (...) eles não se sentem sozinhos ou perdidos ou assim, porque eu sou um bocadinho autoritária. (12)</p> <p>E quando é preciso marco a minha posição eu costumo avisar os, os estagiários de que não se choquem se eu interferir, muitas vezes não é por mal, é para não deixar perder situações que eu acho que não se devem nunca deixar perder. (13)</p> <p>(...) sou um bocado incisiva em determinadas questões. (14)</p> <p>Este ano eu sinto que é mais, é mais supervisão directiva. (71)</p> <p>Tenho pena mas sinto que é um bocadinho mais directiva do que tem sido, precisamente por isso, porque eu as achei muito, muito “verdinhas”, muito tímidas, muito inexperientes para quem tá em, em inicio de carreira praticamente, (...) (72)</p> <p>(...) eu tenho que dar muitas pistas e eu acho que não deveria. (74)</p> <p>Não, não, não. Acho que a esta altura já não deveria acontecer. (75)</p> <p>(...) eu já combinei com elas (...), com elas e com o meu colega supervisor da ESE, que no 2º semestre eu não gostaria de interferir tanto, mas depois acabei por ter necessidade de fazer, de dar ainda algumas pistas. (76)</p> <p>Agora já combinei outra vez com a supervisora que a substitui, (...), que nas próximas sessões, que são a última semana de cada uma, (...), que não interferia absolutamente nada a não ser em termos de dizer é o conteúdo tal, tal e tal que é preciso trabalhar. (77)</p> <p>(...) vou deixá-las completamente sozinhas, sem interferir absolutamente nada, já numa perspectiva de perceber o que é que aprenderam ao longo do ano, (...), de que é que são capazes porque elas vão ter que ser capazes. (78)</p>



C 7	(...) acho que é boa, é positiva. (41) De facto há necessidade de orientação de dizer aquilo que é necessário fazer. (42) Depois, a nível de estratégias, no princípio houve uma orientação, depois deixei aquela abertura (...) (43) Não é mais liberdade, porque eu a liberdade dou (...) (45)
------------	---

1.4 – Papel desempenhado na supervisão – a nível pessoal

C 1	Eu não tenho um comportamento diferente (...) (36) (...) eu falo é, (...) o meu diálogo com aquela que é mais tímida é diferente do que com as outras, (...) porque eu tento sempre puxar, ir ao encontro daquilo que ela sente e tentar que ela perceba (...) que deve ser diferente, que não há problema nenhum em, em se abrir, em, (...) mostrar aquilo que vale (...) (37) E é nesse sentido que o meu diálogo é diferente para com ela. (39) (...) eu sinto-me bem neste papel (...) (50)
C 2	
C 3	Eu com ele tenho um relacionamento diferente que não tenho com o outro elemento do grupo, que se distancia de tudo, eu tento chamar à atenção, mas o feedback que eu tenho é que eu sou intransigente (...) (38) (...) eu considero que não tenho que estar a dizer as coisas muitas vezes, porque somos adultos e acho que é desnecessário estar-me a repetir(...) (39) (...) eu dou opiniões, dou a minha opinião, manifesto-me, pontualmente, se as coisas não são, não alteram o rumo, eu não vou estar, constantemente, a bater na mesma tecla (...). (40) (...) com a outra supervisanda, não sei o que é que aconteceu, não sei o que fiz de mal, não sei(...) (84)
C 4	A atitude é a mesma para com as três, a diferença está nelas. (33) Duas ouvem e tentam melhorar, a outra diz que sim mas não muda nada, é persistente. (34) Sei lá. (35) Vejo e falo com elas para melhorarem. (36)
C 5	
C 6	(...) eu tenho alguma dificuldade em permitir brincadeiras. (47) (...) eu não, nunca deixo de interferir, nem que seja discretamente. (61) Dou assim um jeitinho, um toque, mas eu nunca deixo de interferir. (63) E eu disse-lhes: não, não, é exactamente o contrário, vocês agora é que tão a tomar consciência daquilo que andam a fazer. (66) É difícil porque eu acho que é uma aprendizagem que elas fazem. (68)
C 7	(...) eu aprendo com eles e eu acho que eles também aprendem comigo (...) (29)



1.5 – Papel desempenhado na supervisão – a nível profissional

C 1	(...) considero que as possa, que as possa estar a ajudar naquilo que elas necessitam. (51) (...) o meu papel, assim como o de qualquer outro professor é sempre importante, porque estamos a contribuir para que aqueles formandos sejam bons profissionais. (60)
C 2	Também é de mediadora. (48)
C 3	Eles estão aqui, eu sou responsável. (33) As coisas têm que ser, tem que haver coerência no trabalho, tem que haver uma lógica, tem, tem que haver uma trabalho por trás um pouco em conjunto, não é um trabalho só autónomo, e faz, (...) porque há muitas coisas a aprender, eu também estou a aprender e eles também estão a aprender. (34) Não tenho muita experiência, muitos anos de serviço, mas provavelmente há coisas que eu, já sei que, antecipadamente, não podem ser feitas de determinada maneira e que se eu conseguir passar essa informação é desnecessário esse erro ser cometido. (35) (...) depois, como eu acabo por interferir, porque eu não considere essa (...) que ela estivesse a ir por um bom caminho, acabo por interferir, como não sabia, não fazia a mais pequena ideia como é que ela iria fazer, iria trabalhar alguns conteúdos, acabo por interferir mais, mas ela considera isso um aspecto negativo. (67) Que eu interfiro de mais, que eu abuso da autoridade e que sou intransigente. (68) (...) eu não sou detentora do saber (...) e de tudo aquilo que se faz dentro da sala (...) (71) Eu parece-me que tive dois papéis distintos, porque consegui, acho que da melhor forma, trabalhar com um dos alunos, um dos supervisandos, conseguimos que as coisas corressem razoavelmente bem. (83) (...) provavelmente se tivesse mais experiência nestas andanças, (...) não conseguimos estabelecer uma relação, digamos, eficaz de forma a que ela depois pudesse produzir um trabalho, também realmente eficaz dentro da sala de aula, mas, não sei. (85) Eu tentei fazer o melhor, mas acho que não consegui. (86)
C 4	É um papel activo, (...). (50) Tento ajudá-las, chamo-as à parte, tento orientar, arranjar uma solução alternativa. (58)
C 5	(...) princípio, portanto chamei à atenção para elas tentarem corrigir (...) (27) E eu penso que este tipo de trabalho, para mim é mais fácil no tipo de avaliação, porque eu tar a dar avaliação com as aulas só dadas aqui na sala de aula para mim é muito pouco, eu quero criatividade, porque sem criatividade não se vai a lado nenhum. (43) (...) se vir que as coisas não tão a correr bem, pois gosto que elas também reflectam sobre isso e que sigam o seu caminho. (59) Não quer que elas me vão seguir a mim. (60)



	<p>Penso que o meu papel é muito importante, porque tou aqui as horas todas com elas e sou eu que (...) vejo as programações antes, e vejo as folhas, todos os trabalhos que elas dão aos alunos, todas as fichas de trabalho que elas dão aos alunos e eu antes vejo-as sempre. Eu penso que o meu trabalho é muito importante, muito importante mesmo, (...) pra elas. (67)</p> <p>Eu penso que é muito importante, penso que é um trabalho muito importante, um trabalho de muita responsabilidade e penso que é um trabalho muito importante, porque é preciso (...) ter muita atenção e, e é necessário a pessoa se dedicar um bocado (...). (68)</p> <p>(...) é necessário haver dedicação porque se não as coisas nem sempre poderão funcionar tão bem (...) elas poderão não aproveitar aquilo que deve, que podem aproveitar. (69)</p>
C 6	<p>(...) acima de tudo a turma é da minha responsabilidade. Os alunos são meus e é sobre a aprendizagem deles que eu tenho que dar contas aos pais em primeira instância, (...). (44)</p> <p>E o estágio também tem que perceber isso, que eu acho, isso é uma aprendizagem que se também faz em estágio. É de que os alunos são da nossa responsabilidade, nós não estamos cá para brincar nem para experimentar grande coisa, temos de ter absoluta consciência daquilo que se vai fazer. (45)</p> <p>(...) tem sido um bocado sistemática a minha, a minha insistência no rigor em determinados aspectos. (55)</p> <p>Depois há questões que quando correm bem, tanto melhor, quando não correm tão bem, (...), é assim, se for grave, em termos de grupo, em termos de aprendizagem, eu tenho que interferir, ou mais discretamente (...) (59)</p> <p>(...) este ano ainda não foi preciso interferir ostensivamente, portanto, parar a aula e dizer: tem calma, tás a dizer uma asneira dos diabos, (...) (60)</p> <p>Às vezes, um erro no quadro, uma palavra mal escrita num cartaz, uma coisa que, isso não posso deixar passar, como é evidente, (...), portanto, mesmo discretamente, às vezes digo a uma das outras: olha vai avisá-la que aquilo não sei quê. (62)</p>
C 7	<p>Sim, sempre, sempre. Nunca destaco essas diferenças, nunca faço comparações eles, olha ela esteve melhor, não. (27)</p> <p>(...) falo de cada um, (...) é uma coisa que eu tenho em conta, eles, há um feedback (...) (28)</p> <p>(...) não é só dar ordens e fazer, é também conversar, (...) (30)</p> <p>(...) tenho sempre o cuidado de perguntar o que correu bem, o que correu mal e também perguntar aos colegas, o que é que eles acharam e daí acho que há uma construção, de qualquer coisa, não sempre (...) (31)</p> <p>(...) tenho sempre o cuidado de não fazer críticas, mas de..., enriquecer um bocadinho, (...) (32)</p> <p>(...) acho que o meu papel também, (...), é orientar e ajudar, não é criticar e..., e ser negativa e levá-los a que eles fiquem estagnados, Não sei. Eu acho que faz sempre sentido, (...), porque nós é que estamos ali e conhecemos a turma, conhecemos aquilo que é, que é melhor, o trabalho a desenvolver, (...) portanto a nível de orientação. (52)</p> <p>(...), desmotivados, pelo contrário, acho que a crítica deve ser motivadora para se ultrapassar e ser capaz de ultrapassar essas dificuldades. (63)</p>



	<p>(...) eles estão a estagiar, (...), ou já estagiaram, e é fundamental, se nós aceitamos essa tarefa, (...) acho que a nossa obrigação é ajudar, tentar orientar o melhor possível. (75)</p> <p>(...) mas se o trabalho for bem orientado, acho que só enriquece a turma, a turma e a mim, eu acho. (76)</p>
--	--

1.6 – Dificuldades encontradas enquanto professor cooperante

C 1	<p>Portanto, relativamente a essa, (...) supervisionando que tou mais dificuldades é o facto de eu não ter conseguido, de não estar a conseguir ajudá-la da forma que ela necessita. (58)</p> <p>Embora eu perceba que ela já esteja melhor, mas mesmo assim ainda está aquém (...) daquilo que é necessário. (59)</p>
C 2	<p>Posso ver, (...) contrariedades a nível dos dias que ocupam, que ocupam com as actividades. (8)</p> <p>Não tenho, não tenho encontrado. (43)</p> <p>(...) eu não tenho dificuldades com nenhuma das outras coisas, até agora, ou com qualquer dos supervisores da ESE. Mesmo em relação ao trabalho. (44)</p> <p>Completamente mesmo em relação a essas práticas. [Dos supervisandos] (45)</p>
C 3	<p>(...) tem sido o trabalho a realizar com um dos elementos, com um dos supervisandos. (75)</p> <p>(...) não sei, talvez a falta de, de, de comunicação, a falta de encontros concretos, portanto formais com o professor, o formador da ESE, seria, acho que é uma, uma das falhas. (80)</p> <p>(...) eu sinto-me responsável pela turma (...) (101)</p> <p>(...) eu não vou entregar a turma (...) (102)</p> <p>Eu não posso permitir que isso aconteça de dar a um aluno em PP, 4 dias, à sua responsabilidade, sem eu ter conhecimento daquilo que se vai passar, mas a supervisanda acredita que sim, que tem que fazer e eu não tenho que dizer e então isso tem sido complicado. (103)</p>
C 4	<p>(...) Sentir-me um pouco desamparada em relação à ESE. (48)</p> <p>Se soubesse que era assim nem sequer tinha pedido estágio. (49)</p>
C 5	<p>Pra já porque são pessoas mais novas, (...), têm outra maneira de ver, penso que é muito enriquecedor para os alunos, eles terem outras professoras dentro, (...) é diferente de terem só uma professora (...) (93)</p> <p>(...) penso que com o estágio é melhor pra eles e também é melhor pra mim, porque as aulas são diferentes (...) (94)</p> <p>(...) penso que é mais agradável, que as aulas são mais agradáveis. Há sempre coisas novas (...) se tiver assim ajudas é mais fácil. (95)</p> <p>E as alunas também se disponibilizam e é enriquecedor, portanto, é enriquecedor para a turma. (96)</p> <p>Acho que tem sido sempre proveitoso e tenho conseguido sempre tirar partido das pessoas que tenho na sala de aula. (99)</p>



C 6	Este ano foi um ano particularmente difícil (...) (17) Este grupo não tem sido fácil, nada, nada, (...) (53) (...) há questões que eu acho que (...) a própria escola superior deveria tomar a pulso e têm piorado. (57)
C 7	

1.7 – Atitudes tomadas face a situações difíceis

C 1	Converso com eles para tentarem perceber ou para eu, se for o caso de ser eu a estar errada, para que eles me expliquem em que é que ou, ou, o porquê de agirem de determinada forma (...) (55) (...) então se eu estiver errada são eles que vão ter que me explicar o ponto de vista deles para eu tentar perceber. (56) Se for ao contrário pois (...) são eles que estão errados também eles terão de explicar o ponto de vista deles e eu depois vou ter que explicar a forma certa. (57)
C 2	
C 3	(...) se o futuro professor estiver a falar directamente com os alunos, ah, normalmente, não o interpele, assim, falo com o colega e digo, olha, já passas pelo colega e dizes para desdizer o que disse ou para dizer isso de outra maneira, tento passar a mensagem, assim, de forma a que os alunos não se apercebam, para eles não caírem em descrédito, nem serem desautorizados (...) (81) (...) às vezes, há situações assim mais graves ou mais drásticas que acabo por interferir directamente, mesmo à frente dos alunos, confesso (82)
C 4	
C 5	
C 6	Pois, conforme aquilo que acontecer eu reajo, mas reajo sempre. Porque eu reajo de imediato (...) (43)
C 7	(...) quando acontece na turma (...) faço uma intervenção mas naturalmente, ajudo, mas naturalmente (...) mas nunca mando parar, (...), não, é natural. (50) Chamo, posso chamar é assim, olhe venha cá, faça assim, vai ver que é melhor, vai ver que resulta sempre. Enriquecer, não cortando aquele, sendo rígida porque isso faria com que a pessoa que tivesse à frente da turma ficasse um bocadinho nervosa, e no meu grupo há essa à vontade, (...) se eu intervenho eles não ficam nervosos, antes pelo contrário, acho que., pronto, acho, eles, nas reflexões que nós fizemos, eles realçaram isso. (51)



2 – Caracterização do ambiente em que se desenvolve a Prática Pedagógica

2.1 – Ambiente criado pela escola

C 1	Eu julgo que sim(...). (14) (...)embora da parte deles, eles não sintam isso, porque eles..., afastam-se, (...) talvez porque não se sintam à vontade (...) (15) (...)mas à hora do intervalo, por exemplo, não vêm para a sala dos professores, pronto. Quando podiam vir, mas não o fazem, não se sentem à vontade. (16) Eu já os convidei, convidei entre aspas, não tenho que os convidar, mas já lhes disse, no início dizia-lhes várias vezes que eles eram bem vindos aqui, que estavam à vontade(...) (17) (...)ainda vieram uma ou duas vezes mas depois deixaram de vir. (18)
C 2	Penso que sim, sim.(15) (...) uma escola que também é dinâmica, portanto, em princípio, não há nada (...)que eu possa apontar. (...) tá tudo a decorrer muito bem, envolvemo-nos em agrupamentos de projectos e..., lá vamos.(17)
C 3	E acho que a relação que a escola gosta de estabelecer com os alunos da PP também é excelente (...) (27) (...) um dos elementos do grupo envolveu-se perfeitamente com a escola, integrou-se e está perfeitamente à vontade com as colegas, com a coordenadora, com os alunos, com este meio todo (...) (28) (...) o outro não, o outro elemento nem por isso. Mas eu acredito que o problema não é da escola. (29)
C 4	É um bom ambiente. (20) Têm todos os recursos é só pedirem. (21)
C 5	Sim, sim. (15) (...) a escola tem todas as condições para, para a prática, para o estágio. (17)
C 6	(...) é uma escola com características um pouco especiais, é a escola da baixa da cidade. (...) acabamos por receber aqui um público que não tem propriamente a ver com a área de residência, mas sobretudo o local de trabalho. (9) Sim, acho que sim. (10)
C 7	

2.2 – Caracterização da turma - ano de escolaridade

C 1	
C 2	
C 3	São alunos do 1º ano (...) (24)
C 4	



C 5	
C 6	Esta turma tem um bom ritmo de aprendizagem, eles tão comigo desde o princípio e estão todos no 3º ano, portanto, não há meninos que tenham alguma vez ficado retidos. (19)
C 7	

2.3 – Caracterização da turma – comportamento

C 1	Comportamento é um pouco, são mais, são faladores (...) (22) (...) gostam muito de intervir, e é um pouco difícil (...) serem controlados.(23)
C 2	
C 3	Eu acredito, esta turma, eu acho que (...) inseriu, é uma turma, que ..., não há turmas perfeitas e tem sempre casos especiais, mas acho que é uma turma que..., é perfeitamente acessível para se fazer, para se trabalhar a PP. (23) (...) não há alunos mal comportados, (...) (25)
C 4	
C 5	
C 6	Este grupo tá habituadíssimo porque já tem estagiários desde o 1º ano. Portanto, já entrou, para eles é normal, entrou nas rotinas. (11)
C 7	

2.4 – Caracterização da turma – aproveitamento

C 1	É uma boa turma, é uma boa turma, (...) (19) (...) porque apresenta um bom nível de conhecimentos e de aproveitamento.(20) (...) é muito boa, a nível de conhecimentos.(21) Porque o que eles querem é participar, participar, participar. (24)
C 2	É uma turma muito dinâmica (...) (16)
C 3	
C 4	É uma boa turma para elas trabalharem. (22) Tem alunos com dificuldades de aprendizagem o que é ótimo para elas trabalharem e perceberem que nem tudo é um mar de rosas. (23)



C 5	Acho que a turma é uma turma boa (...) (16) Uma turma dinâmica e uma turma à base, sempre, de projectos e de concursos, nós praticamente o trabalho é sempre feito à volta dessas coisas, sempre. (47)
C 6	(...) a turma é bastante boa. (18) Há um ou outro mais fracote mas pronto, a turma em si é boa, (...) são meninos muito exigentes e não é, se calhar, o mais..., é um desafio muito grande pa estágio. (20)
C 7	

2.5 – Situações que facilitam o desempenho da Prática Pedagógica

C 1	(...) a exposição (...) de conteúdos (...) (72) (...) quando elas utilizam, (...), os power points, (...), o retroprojector, (...), a televisão, o vídeo, essas tecnologias ajudam-nas, facilitam-lhes o trabalho, porque as crianças gostam e elas também se sentem seguras. (73) Sim, são elas próprias que os sugerem. [<i>Costuma planificar com elas no sentido de recorrer à utilização desses materiais</i>] (74)
C 2	
C 3	
C 4	
C 5	
C 6	(...) eu acho que, os alunos da prática, deveriam passar por determinadas situações que lhes fossem facilitadoras em termos futuros (...) a questão do 1º ano, de haver sempre estagiários que tivessem uma experiência qualquer com o 1º ano de escolaridade, independentemente do método, porque aí depois isso há questões emergentes em relação às metodologias de aprendizagem da leitura e da escrita, mas de qualquer forma até penso que por aí se poderia evoluir mais do que se tem evoluído a esse nível. (15) Acho que há outro tipo de situações que lhes seriam mais favoráveis, se calhar, uma turma mais difícil, com mais níveis, que é o que elas vão encontrar nos próximos anos (...) (21) Não. Sim, sim, sim, sobretudo quanto mais adequados ao currículo melhor, que a maior parte não são. [<i>Quanto mais diversificados os métodos</i>] (25)
C 7	(...) desde que haja uma boa relação, facilita um bocadinho (...) (69)

2.6 – Situações que dificultam o desempenho da Prática Pedagógica

C 1	As situações dentro da sala de aula é (...), o barulho, o barulho que as crian, in, não posso considerar que seja barulho, mas, (...) o ambiente da sala de aula. Quando os alunos estão mais agitados elas (...) não sabem como acalmá-los. (71) (...)elas não têm muito mais tempo (...), porque têm aulas na ESE, têm os trabalhos, não têm muito mais tempo. (78)
-----	--



C 2	(...) há conteúdos que talvez lhes sejam mais difícil desenvolver, (...) nomeadamente a Matemática que é uma área em que eles talvez se sintam menos à vontade. (46)
C 3	Eu acredito que, que a falta de comunicação entre o supervizando e o professor cooperante (...) é uma falha muito grave (...) (100)
C 4	
C 5	
C 6	(...) eu achava que era importante eles passarem pelos 1ºs anos de aprendizagem, sobretudo, porque o 3º e o 4º ano, o 3º é um ano muito difícil, é um ano muito trabalhoso, é um ano com muitos conteúdos novos, é um salto muito grande na vida dos meninos e sobretudo na vida escolar e faz muita diferença, e é uma pressão muito grande em cima do estágio porque são muito conteúdos novos que têm que entrar. (16) (...) elas querem experimentar, elas querem fazer muitos cartazes bonitos, muitas coisas. Elas tão a experimentar, agora eles é que têm que avançar, não é fácil. (100)
C 7	(...) as dificuldades que eles têm é em ser capaz de, quer dizer, há, até agora houve sempre uma orientação muito específica, eles não conseguem libertarem-se de mim, e dizer, então ó professora, o que é que fazemos, olhe, e eu vou dando, às vezes só dou o conteúdo e eles ficam ali, então e que é que fazemos. (44) [Era serem mais autónomos] Ser capaz de definir estratégias assim muito..., olha eu vou fazer assim, assim e assim, professora, acha bem. E eu, com certeza, pois sim. (46) Tão sempre à espera que eu diga, olha faça assim, assim e assim. (47) (...) eu não sei se é por eles não saberem, ou pensam, é uma coisa que também tenho questionar, ou será que eles pensam que eu não quero (...) (48) (...) eu acho que é o stresse, (...) (66) (...) ser observado, avaliado, saber que estão a ser observados, avaliados, (...) (67) (...) e é a nota. (...) (68) (...) embora, quando há uma má, má não é(?); tão boa relação connosco, já não será tão, mas também depende deles, depende deles. (70)

3 – Caracterização do grupo de formandos - heteroconceito

3.1 - Número de supervizados por grupo

C 1	3. (5)
C 2	(...) 3 alunos do 4º ano (...). (5)



C 3	2. (5)
C 4	(...) 3 supervisandos. (7)
C 5	3. (5)
C 6	3. (7)
C 7	3. (5)

3.2 – Vantagem do número de supervisandos por grupo

C 1	Sim, acho. (6)
C 2	Com a composição concordo, sim. (6) Vantajoso, quer dizer, não vejo nada contraproducente na composição. (7)
C 3	
C 4	
C 5	Concordo, sim. Tá bom. Acho que é um bom número. (6)
C 6	Sim. Acho, mais é demais, menos não chega a ser grupo, portanto há questões que se pedem, acho que sim, acho que os grupos devem ter número ímpar. (8)
C 7	Sim, acho que é..., não são muito, nem são, é, tá bem, tá é intermédio. (6)

3.3 – Diferenças entre os elementos do grupo

C 1	Sim.(33)
C 2	É um grupo bastante homogéneo, por acaso. (22)
C 3	São muito distintos, os dois, efectivamente. (107)
C 4	Um bocadinho diferentes. Vários aspectos. (25)
C 5	(...) todas as três são diferentes, (...). As três são diferentes. (...) em vários aspectos (...) (21)
C 6	Sim. Sim, sempre. (38) Eles são completamente diferentes, depois reagem de maneira diferente, completamente. (39) São todas completamente diferentes. Sim, sim, sim. (92)



C 7	(...) há ali o grupo.(19) De início era um grupo que trabalhava em grupo, portanto eles partilhavam experiências, as actividades. (20) Depois ao longo do tempo viu-se que começou a (...) surgiu uma individualidade, ficaram mais individuais, o trabalho, as críticas, a interajuda foi desaparecendo, eu acho que sim, notou-se mais ali, não sei, talvez ali, a necessidade de trabalhar individualmente. (21) (...) Há, há, sem dúvida. (22)
------------	---

3.4 – Motivação dos supervisandos

C 1	
C 2	Completamente. (24)
C 3	E ela própria já admitiu que não tinha jeito pra isto. (48)
C 4	Sim, as minhas estão. (31)
C 5	
C 6	(...) na generalidade, eu noto que eles cada vez são menos disponíveis. (35) Tenho pena, mas noto que cada vez eles sentem menos o que os espera. (36) (...) cada vez sinto que há mais pessoas que estão sem vontade de estar ou sem motivação suficiente pra isto, que eu considero que é fundamental para ser professor. (37) (...) não tem sido nada fácil, (...) porque eu acho que são pessoas que têm boa relação com os miúdos, sem dúvida, não, são pessoas com alguma disponibilidade, (...), mas é assim um bocadinho à força, é, sempre que for possível escapar-me, escapo-me. Sempre que for possível chegar à uma da tarde e não ter que ficar muito mais tempo pa reunião, escapo-me. (54)
C 7	

3.5 – Nível de desempenho – Planificação

C 1	(...) são criativas(...) (26) (...) apresentam boas actividades, (...) (27)
C 2	Este grupo é bastante homogéneo, porque (...) se uns são mais afectivos, outros são mais determinados, logo (...) complementam-se muito bem a nível, porque estruturam as aulas que planificam, as sugestões que também querem ver, postas em dia... (23) (...) por acaso, este grupo que eu tenho este ano, inclusive, se não sabe como, tenta procurar junto de professores da ESE, (...) junto de mim para chegarmos a um acordo antes de, na planificação claro, antes da actuação. (47)



C 3	
C 4	As outras mandam a planificação por mail ou vêm cá entregar para eu ver e corrigir. (40) A mais velha não a consigo ajudar porque ela não entrega nada, nem materiais, nem planificação. (41)
C 5	São pessoas que, que preparam sempre os materiais, trazem sempre as aulas preparadas (...) (25)
C 6	(...) apesar de eu achar que, em termos de estratégias de, novas estratégias de aprendizagem ou diversidade de estratégias, o estágio é um elemento fundamental, e eu noto que estas minhas estagiárias têm graves lacunas a esse nível, (...) (22) (...) trabalho de projecto faz-lhes confusão, trabalho de texto nunca fizeram, se isso for proveitoso, tudo bem, (...), em termos de experiência de aprendizagem para elas próprias (...) (23) (...) há uma série de actividades que elas não usam habitualmente, porque as turmas por onde têm andado e onde têm observado e feito práticas nunca utilizaram esse tipo de metodologias. (24) (...) elas, digo elas porque são três raparigas, (...), cumprem mais ou menos, em termos de conteúdos, aquilo que combinaram comigo, em termos de uma ou outra estratégia. (58)
C 7	A nível da planificação, (...) é mínima, pronto. Há uns que abordam (...) que planificam, há, certas actividades são mais ricas, são diferentes, pronto. (23) Há outras que são sempre monótonas, (...) não me surpreendem (...) tamos sempre há espera que alguma coisa nos surpreenda, mas não. (24)

3.6 – Nível de desempenho – Contexto sala de aula

C 1	É um bom trabalho, no geral, os três. Acho que fazem um bom trabalho (...) (25) (...) são empenhadas (...) (28) (...) são trabalhadoras. (29) (...) porque ela depois acaba (...) por não mostrar aquilo que é capaz de fazer. (38)
C 2	
C 3	(...) o contexto sala de aula, até agora, não houve problemas. (26) (...) um dos elementos, (...) que está a fazer PP, tem corrido melhor, eu acredito porque eu tenho conhecimento daquilo que ele vai fazer, (...), nós falamos tudo, eu, eu recebo a planificação antecipadamente, todos os trabalhos que ele pretende desenvolver, e então, acaba por correr melhor porque há mais coerência, nós falamos sobre o assunto e as coisas acabam por correr bem. (30) Com o outro elemento do grupo, acabo por ter que interferir muitas vezes porque as coisas não correm da melhor maneira, por falta de informação, minha, acerca do trabalho que iria ser feito, que eu não concordo (...) (31) (...) o aluno em PP, (...) o futuro professor (...) tem-se mostrado empenhado, integrado na escola, na turma, participa em visi-



	<p>tas de estudo, (...) vai até à cantina com os miúdos, ajuda-os, integrou-se perfeitamente, tá perfeitamente integrado. (37)</p> <p>É assim, concretamente em relação aos dois, dois supervisandos que eu tenho, um deles é muito empenhado, muito esforçado (...) (44)</p> <p>(...) tem algumas lacunas, (...), que não foram preenchidas, portanto, é um aluno de um meio socialmente, social, um pouco distante, um meio rural, não é urbano, mas às vezes em termos, (...), há alguns erros gramaticais que são aplicados, que são, a falar na sala de aula e ele sabe e eu corrijo e ele está perfeitamente à vontade com isso. (45)</p> <p>É, é muito humilde, é uma pessoa muito humilde, e assume os erros e assume (...) as capacidades que tem, mas trabalha e empenha-se muito, esforça-se muito e consegue valorizar aquilo que, que sabe. (46)</p> <p>O outro lado, pode ser (...) uma aluna com muitas capacidades, mas que pra mim, não passam tudo, não passa da teoria, do saber escrever, do saber utilizar as palavras para descrever situações, mas a relação dela com a turma, com a escola, com o saber estar aqui, pra mim, deixa muito a desejar. (47)</p> <p>(...) como só tenho 2, acabo, ponho-os sempre numa balança e comparo (...) (70)</p>
C 4	<p>Trabalhadoras, empenhadas, mas diferentes entre elas. (24)</p>
C 5	<p>São pessoas responsáveis, portanto, são responsáveis (...) (18)</p> <p>(...) agora já noto mais maturidade, no princípio achava pouca maturidade, agora já são pessoas, já noto com mais maturidade, a dominarem melhor a turma (...) (19)</p> <p>(...) são pessoas responsáveis. (20)</p> <p>(...) uma miúda que não é portuguesa, (...) tem, às vezes, alguma dificuldade, quer dizer, dificuldade em pronunciar porque ainda tem um bocado a pronuncia espanhola, (...), aquela pronuncia, (...) que é um bocadinho diferente. (22)</p> <p>(...) elas são ligeiramente diferentes mas são pessoas que trabalham, que se interessam, são pessoas muito interessadas e são pessoas responsáveis. (24)</p> <p>(...) nós trabalhamos assim, à base de motivações e coisas diferentes, portanto, aqui elas vão preparadas e as minhas aulas são assim. São aulas assim, sempre com motivações, sempre com coisas diferentes e ir aproveitando tudo aquilo que vai aparecendo. (39)</p> <p>E é necessário ser um, portanto, para se trabalhar é necessário ser uma equipa, é necessário que todas as pessoas puxem para o mesmo lado e que elas estejam também interessadas. (42)</p> <p>Claro, exactamente, elas também tem de trabalhar, elas têm de trabalhar, mas toda a gente tem de trabalhar, mas quem é que não trabalha comigo (?). Ai, trabalha-se sempre. (40)</p> <p>E elas trabalham, trabalham, eu acho que este tipo de trabalho é um tipo de trabalho que motiva, (...) embora, de principio podem tar um bocadinho com dificuldade, mas às tantas eu chego ao mês de Novembro, Dezembro e elas começam a entrar neste mundo da turma. E então começamos a ser todas a puxar para o mesmo sítio. (41)</p>



	(...) elas vêm pra aqui e pra provarem aquilo que valem elas têm de fazer coisas criativas. (45) E elas têm correspondido. (46)
C 6	Há desde o mais dinâmico, o mais desenrascado, o mais revoluto, aos mais tímido, ao mais inibido, com mais fragilidades ou menos fragilidades científicas. (40) (...) há pessoas que têm uma óptima relação com os miúdos, mas depois em termos de conteúdos científicos muito inseguros, (...) sobretudo na adequação naquilo que se aprende na teoria para a prática com os alunos. Isso, isso eu noto. (41) As coisas entram na teoria mas depois não são aplicadas na prática. (42) É curioso que aquela que pergunta mais é a mais segura, das três. (93) Elas agora tão a ficar, tão a achar que as coisas lhe tão a correr pior e que tão mais nervosas. (65) (...) deveriam ter tido mais, ou outro tipo de experiências ou mais experiências ou mais estratégias, (...) (73) Mas eu sinto muitas fragilidades. (79)
C 7	(...) agora o desempenho, a forma de dar os conteúdos (...) há um certo nível, há um que se destaca e há os outros dois que estão ali intermédios. (26)

3.7 – Conceito de “professor ideal”

C 1	É preciso ser compreensivo com as crianças (...) (40) (...) é preciso, (...), ouvir, essencialmente ouvir acho, na minha opinião, acho que é preciso ouvir, saber ouvir os pontos de vista (...) (41) (...) saber, perceber que eles são pessoas, (...), embora sejam crianças, mas são pessoas e têm, e cada um deles já tem a sua personalidade definida e é preciso ter sempre isso em consideração(...) (42) Observação, observação, (...) (43)
C 2	Aprender que não está aqui para transmitir, só, conhecimento, (...), porque senão não vale a pena tirar o curso. (26) (...) devem aprender que vão ser mediadores, entre os alunos que vão ter, (...), nas turmas que vão trabalhar e o conhecimento que querem que eles adquiram(...) (27)
C 3	(...) ter um espírito aberto, sensível, porque..., numa sala de aula nem sempre aquilo que se planifica é aquilo que se acaba por fazer, (...). (41) (...) eu acho que a amizade também, é um valor que se, que deve estar sempre presente na sala de aula, entre os alunos e o professor. (42) (...) ter as competências científicas e académicas necessárias.(43)
C 4	Deverá saber aceitar, ser aberta a mudanças, ter boa capacidade de comunicação, ser activa, dinâmica, ... (42)



C 5	<p>(...) há tantas coisas. Há muitas, mesmo muitas (...) (32)</p> <p>(...) ter os conhecimentos, ser capaz de transmitir e ter os conhecimentos para os transmitir, (...) sabê-los transmitir (...) (33)</p> <p>(...) ter empatia com os alunos, portanto saber, ter empatia com os alunos. (...) primeiro que tudo é ter empatia com os alunos. (34)</p> <p>A partir desse momento, de ter empatia com os alunos, depois é tentar ir-lhe dando, ir passando a mensagem e ir levando-os a adquirir as competências que, do programa, pronto. (35)</p> <p>(...) os instrumentos devem ser o mais variados possível, portanto, devem mudar o máximo, (...) devem tentar desenvolvê-los a todos os níveis. (36)</p> <p>Eu acho que sim, mas pronto, ainda têm um longo caminho a percorrer, (...) mas eu acho que sim (...) [As supervisandas que tem na sala estão nesse caminho] (37)</p> <p>Eu penso que uma professor que não tenha criatividade não, não, é muito, (...) a minha maneira de trabalhar é assim. (44)</p>
C 6	<p>Disponibilidade, (...) (48)</p> <p>(...) e sobretudo o perceber (...) de que os tempos mudaram, as coisas, a sociedade mudou, portanto, as práticas também têm que mudar. (50)</p> <p>Portanto, as pessoas têm que tar disponível, disponíveis e têm que se adequar à realidade, (...), nós temos que nos adequar a isso. (51)</p>
C 7	<p>(...) que tenha consciência daquilo que está a fazer, se os alunos tão a..., evoluir positivamente, a fazer uma evolução, (...) reflectir sobre o próprio trabalho, há tantas coisas (...). (34)</p> <p>Ser uma pessoa que queira sempre conhecer mais e mais, pesquisa, (...), a diversidade de actividades, não só fichas e assim, tentar outro, também ser curioso, tentar novas experiências, há aí tanta coisa (...) (35)</p> <p>(...) eu acho que é não estagnar, sou professora e pronto, acabou. Não, não é bem assim, tem de se evoluir, aprender com outras coisas, com outras pessoas, que eu acho que isso é fundamental. (36)</p>

4 – Orientações para a profissionalização

4.1 – Estratégias usadas durante a formação – a nível de atitudes

C 1	<p>A relação com as crianças é fundamental. (64)</p> <p>Claro que se elas não tiverem uma boa relação com os alunos, depois a prática nunca lhes pode correr bem. (...) (65)</p> <p>Por vezes é necessário, (...) sugerir outro tipo de actividades que vão de encontro, que se adequem mais aquilo que é, que é pedido, aos conteúdos que se estão a leccionar no momento. (66)</p>
------------	--



C 2	Tento que eles aprendam uns com os outros, também, a maneira de superarem qualquer dificuldade sentida e eles fazem-no muito bem, felizmente. (25)
C 3	
C 4	
C 5	(...) eu sugeria logo: Olha, pois, fuja dessas actividades, façam outro, utilizem outro método, outra estratégia pra resolver o assunto. (...) a ver se eles ficam um bocadinho mais calmos e a ver se conseguem controlar, senão, às vezes, não era fácil. (29) Alerto, alerta para as dificuldades e tento que elas resolvam as dificuldades. (30) E se vir alguma dificuldade assim grande, no momento, discretamente, (...) tento que elas não, não caiam nos erros e não se afundem, não, não deixo de maneira nenhuma que, a existência de problemas. (31) Nelas o que, notei mais na troca de impressões ou nas críticas que faço à actuação delas, como a nível de estratégias a nível de, da sua postura. (77)
C 6	
C 7	(...) são eles próprios que vão dizer onde é que falharam, (...) não é uma questão de falhar, é o que correu mal, e eles vão construindo próprio, a avaliação, eles próprios (...) (33) (...) acho que é fundamental a partilha, é entre eles, isto é, com os colegas, não ficar, estar na sala e não sair da sala, é o manual, não. (58)

4.2 – Estratégias usadas durante a formação – a nível de reacções

C 1	(...) costumo lhes dizer para, (...), por vezes parar, (...) quando acham (...) que o ambiente está muito agitado, eu digo-lhes para pararem (...) (80) (...) para falarem pausadamente, para não elevarem o tom de voz, quanto mais elevam o tom de voz, mais as crianças depois têm tendência a falar alto.(81) (...), as crianças também têm dificuldades nalguma, (...), que não percebiam alguma coisa que elas estejam, (...), a explicar, para voltarem atrás, para terem sempre atenção e perceberem, olhar sempre para eles para perceberem se eles estão a perceber, se eles estão a entender o que elas estão a explicar, terem uma percepção global da turma (...) (82) (...) não olhar pra cima, não olhar prás paredes, mas olhar directamente pra eles, (...) essencialmente. (83)
------------	--



C 2	<p>Que eles estejam atentos, essencialmente (...) (52) (...) que eles sejam muito reflexivos (...) (53) (...) que não concluam que todos os dias acabou da melhor maneira. (54) Que perguntem sempre porquê, o que é que falhou, onde é que eu posso ser melhor, se não falhou nada, tanto melhor, mas onde poderá ser melhor, (...) verá, com certeza, as estratégias e as respostas necessárias a uma boa actuação no dia seguinte. (55) Dou-lhes ânimo, encorajo-os e que sejam interventivos, porque se não forem não vale a pena cá estarem. (61)</p>
C 3	<p>Nós conversamos sobre isso depois das situações ocorrerem, normalmente, (...) depois conversamos para tentar chegar à conclusão de qual seria a melhor forma de gerir essas situações. (98) Cada situação é uma situação e às vezes, pontualmente, temos de ter comportamentos diferentes, o resto é pela via do diálogo. (99) Saber gerir, gerir a situação dentro da sala de aula, do contexto da sala de aula, o saber gerir (...) (105) (...) saber, (...) desvencilhar-se de uma situação (...) eu apelo sempre pela via do diálogo, sem se exaltar, que é o que acontece às vezes. (106)</p>
C 4	<p>Incentivá-las, ..., motivá-las,...(43) Depende da situação. Tento contornar (...) é preciso ter flexibilidade para alterar as coisas e ultrapassar. (61) Temos que improvisar. (62)</p>
C 5	<p>(...) discretamente vou ao pé da pessoa de costas, voltada de costas, pois pós alunos e digo (...) ou às vezes a nível (...) intelectual (...) (85) A nível mesmo de conhecimento científico (...) às vezes as coisas não estão (...) as pessoas não estão suficientemente preparadas para as perguntas dos alunos. (...) não têm aquele conhecimento científico páquele momento, pa responder àquela situação. Portanto, é a situação pra mim que considero mais delicada. Aí ou faço algum sinal pa avançar, depois logo se volta ao assunto e depois logo se alerta para aquele assunto (...) e diz-se olha, realmente não era bem assim, (...) ou não se volta a tocar naquele assunto e depois vamos tocar outra vez e para tentar esclarecer aquele que não ficou bem esclarecido. (...) não lhe dar importância, não ficar registos, registos escritos. Fique só assim no ar, fique só assim no ar para depois se poder dar a volta. (86) Eu normalmente faço assim, a não ser discretamente, tento ajudar, tento ajudar sem que os alunos se apercebam, não gosto que os alunos se apercebam disso, não gosto de por as pessoas em cheque, não sabem, nunca faço isso. (87) (...) vou tentando sempre, e tento sempre protegê-las e nunca me ponho do lado dos alunos, (...) contra as supervisandas, nunca.(88) Sim, sim, depois reflectimos. Ou reflectimos se tivermos no intervalo a seguir, reflectimos no intervalo. Às vezes, reflecto no intervalo, não espero pra hora da saída até porque depois já saí daquele contexto e pode ser mais difícil. (90) Se não, no fim depois falamos sobre isso. Falamos sobre esse assunto e conversámos como é que, portanto, a melhor maneira</p>

	para resolver aquele assunto, se assunto não ficou logo resolvido e se ficou alguma coisa pendente que não ficou correctamente dada (...) (91)
C 6	Eu acho que tem um bocado a ver com a circunstância em si, com o tipo de situação. (...) (94) (...) também não têm acontecido assim momentos muito complicados, a não ser o inesperado, pronto, haver uma situação qualquer inesperada, temos que parar, parar as coisas porque, porque surge um evento qualquer na escola e então é preciso alterar e não houve tempo para planificar (...) se isso coincide com um dia de estágio sempre há assim alguma alteração a fazer a esse nível, mas é mais em termos de organização e isso acontece sempre, portanto, elas têm que tar preparadas para isso. (95) É sobretudo a esse nível, agora uma situação muito grave que requeira uma grande intervenção também não há propriamente. (96)
C 7	(...) mostro-me disponível, que é isso, é importante, pra ajuda, pra qualquer coisa (...) (71) (...) não fico no pedestal ali em cima, não, fico ao mesmo nível, tentando transmitir aquilo que eu sei da minha experiência e também vice versa, porque eles também vão desenvolvendo actividades/estratégias que eu vou achar, que eu achei fantásticas, pronto, olha já, uma, é uma ideia que tenho que ficar com ela. (72) (...) também aconselho, olha podes fazer assim, olha, que é que achas ou eles poderão desenvolver essa actividade de outra maneira.(73) E acho que é assim, mantendo essa maneira, essa relação, que é de trabalho, mas que também é um bocadinho mais do que só aquela relação de amizade, de empatia, (...) se eu tiver qualquer coisa ela está ali e ela vai-me apoiar. Acho que isso é importante, eles sentirem isso, e eu acho que eu fui capaz de transmitir isso. (74)

4.3 – Estratégias usadas durante a formação - Formas de actuação

C 1	(...) quando é uma delas que está a leccionar, as outras duas devem observar, devem perceber o que é que se passa na turma, o que é que se passa entre eles, (...) a relação deles com o professor estagiário, a relação deles com a professora titular de turma, porque é sempre diferente. Tento que elas percebam isso, e, e no fundo, percebam que eles são pessoas, são crianças, pessoas pequenas. (44)
C 2	(...) têm que aprender que tudo vai partir, muitas das (...) competências que querem ver desenvolvidas nos alunos, têm de partir de experiências, primeiro que os alunos, os alunos das turmas, (...) e a partir daí desenvolver, otimizar o sucesso educativo, porque é para isso que nós estamos cá. (28) Não quero que eles, à priori, pensem olha este aluno não é capaz, mas sim, tentarem desenvolver as potencialidades (...) ao máximo, que tenham. Para isso não podem pensar em turmas homogéneas, mas têm de pensar nos alunos como um todo e, eventualmente, e em grupo, (...). (29)
C 3	



C 4	
C 5	(...) se elas têm dificuldade em controlar os alunos, pois se arranjam actividades ou estratégias em que os alunos, em que há trabalhos de grupo, em que as aulas são muito movimentadas, se elas já têm essa lacuna, (...) elas fazem aquilo que querem (...) (28)
C 6	(...) algum rigor científico, que há muito pouco, (...), há muitas lacunas a esse nível (...) (49) Há determinadas características que têm que se cumprir e eles têm que tar disponíveis, sobretudo, para perceber isso, e é essa mensagem que eu tento passar continuamente, é agir em função do grupo. (52) (...) como tão mais conscientes descobrem mais coisas, porque já começaram a reflectir sobre o que fazem e já conseguem perceber e já conseguem ficar mais ansiosas, porque já começaram a responsabilizar-se um pouco mais também, também se aprende. (67) São essas chamadas de atenção todas, são os balanços que se faz em relação às actividades e ao decurso de toda a actividade que elas planearam, cada uma, (...), esse balanços são muito importantes (...) (86)
C 7	

4.4 – Reuniões com o professor cooperante para preparação da aula

C 1	E para definir as actividades é com duas, três semanas de antecedência durante a aula, com outro, com o estagiário seguinte, com o supervisando seguinte que vai intervir. (13) (...) elas reúnem-se comigo para definirmos os conteúdos, eu dou-lhe os conteúdos. (90)
C 2	Variadíssimos, variadíssimos, desde a prática deles aos problemas individuais dos alunos que eventualmente possam ocorrer, metodologias que tenhamos de aplicar em relação a casos, pronto, às melhores estratégias para a diferenciação pedagógica (...). (14)
C 3	Ainda ontem ele veio cá mostrar-me aquilo tudo que tinha pra fazer se, se..., se eu achava que ele tinha alguma coisa que podia melhorar, mostrar planificação, tudo. Tenho conhecimento sempre das coisas e tivemos a conversar. (51)
C 4	No final da semana reúno com os que vão dar aulas na semana seguinte. (15)
C 5	(...) depois vêm aqui à quinta-feira ou à sexta-feira, porque se há qualquer assunto pendente, também, fora desses dias também, normalmente, também encontro-me com eles, pronto, mas não é assim os três reunidos e ali a falar sobre as aulas. (12) Ai tem sido assim, tem sido muito trabalho fora do dia, desse, do dia. (14)
C 6	Todas as semanas também. (30) (...) eu reúno com eles sempre (...) (31) (...) eu sei que não é prática, que já foi e depois deixou de ser, mas eu acho que é fundamental. (32) (...) eu reúno com eles, planifico e/ou avalio (...) avalio a semana em curso e combinamos logo os conteúdos para a semana



	seguinte. (34) (...) depois eu insisto continuamente em relação às planificações, (...) porque eu gostava de as ver com alguma antecedência, apesar de combinar com elas depois, às vezes as coisas não correm bem e eu tenho que interferir, quando já deveria ter interferido antes, se isso fosse possível (...) (56)
C 7	(...) uma das coisas que eu lhes chamo sempre a atenção é a nível geral da planificação, das actividades e das estratégias, eles sempre (...) fazerem um estudo, (...), pesquisar, (...), partilhar entre eles (...) (57) (...), é necessário ..., sair, pronto, pesquisar, tentar encontrar outras formas, outras maneiras. (59)

4.5 – Reuniões com o professor cooperante para análise e reflexão sobre a aula

C 1	(...) agora, como são só 2 dias, (...) ao fim do dia, ao fim, à terça-feira, como é segunda e terça, à terça-feira (...) costumamos também fazer (...) essa mini-reflexão dos 2 dias. (12) Todos os dias da prática deles, todos, todos, todos, às vezes mesmo sem ser os dias da prática deles costumá-mo-nos reunir.(13)
C 2	
C 3	Com um dos elementos semanalmente, normalmente ficamos sempre a reflectir. (20) (...) com o outro elemento (...) do grupo (...) muito pontualmente e às vezes durante mesmo o dia da prática é que eu interfero alguma coisa, digo e dou feedback de alguma coisa, porque raramente tem tempo. (21) Eu gosto muito de fazer a reflexão com eles, (...), depois do dia (...) de prática porque é importante olharmos aquilo que se fez, aquilo que se podia ter feito melhor, aquilo que se podia ter feito de maneira diferente e porquê e fazer com que eles cheguem lá por eles próprios, descobrir os erros, gosto de fazer isso no final do dia, porque acho que é uma forma de promover, de melhorar (...) e, provavelmente ter consciência daquilo que se fez, às vezes, inconscientemente, coisas que se fazem, e acho que seria a melhor maneira, a única maneira de tratarmos, portanto, de chegarmos ao desenvolvimento, (...), das competências deles. (90) (...) com um deles consigo fazer isso, com o outro raramente, nunca tem tempo. (91)
C 4	Sempre que vêm dar aula, ao final do dia reunimos um pouco. (14) Reunimos cerca de três vezes.(16) Eu costumo conversar com elas no final e aquilo que estive mal dizer-lhes que estive mal. (32)
C 5	Com eles, eu todos os dias falo com eles. Todos os dias falo com eles, assim, no fim do trabalho, falamos, trocamos impressões logo, assim no momento, não se guarda. (11) [Costuma falar só sobre as aulas nesses momentos] (...) sim. Sobre as aulas ou sobre outro, pois sobre os projectos, por exemplo, (...). (13)
C 6	Em primeiro lugar de imediato e depois quando se faz o balanço, portanto, quando se faz a avaliação. (64) (...) o que eu lhes proponho, normalmente, é auto-avaliações e hetero-avaliações que se fazem continuamente, todas as sema-



	nas, que, de certa forma, lhes permitem ir crescendo um pouco, ir reflectindo, aprender a reflectir sobre elas e são as planificações.(87) Também, não há tempo para muito mais. (88)
C 7	(...) agora como eles passaram a reunir-se só duas, (...), a intervir duas vezes por semana só, portanto, quando não há assim grande coisa para reflectir ou tenho a atenção de me reunir com as pessoas no intervalo ou depois ou quando qualquer coisa tá a correr mal, portanto, mas não tem sido tão assiduamente como deveria. (9) [Acha que poderia ser mais insistente] Sim, deve-se dizer que sim. (10) Não que se justifique, eu acho que não se justifica (...) (11)

4.6 – Reuniões com o professor supervisor

C 1	Ele vai à sala, normalmente, uma vez por semana, ou duas, (...) vai duas vezes (...) (7) (...) mas reunir aconteceu ainda só uma vez. Só reunimos uma vez. (8)
C 2	Semanalmente eu estou com eles, uma vez por semana, com ele. (9)
C 3	(...) com a colega que está agora como orientadora, (...) fizemos, quer dizer, formalmente, um encontro, uma reunião, para reflectirmos sobre a prática. (12) (...) ocasionalmente, quando a colega vem observar, pronto, observar os alunos em prática pedagógica, que nós trocamos algumas impressões. (13) (...) eu considerava que seria essencial, mais encontros, mais reuniões, mais reflexões sobre a prática concreta, sobre os dias de prática que são realizados com o orientador da ESE (...) (76)
C 4	Este ano está a ser muito complicado, pela primeira vez. (8) Nunca aconteceu, tem sido muito complicado. (9) De início (...) era uma articulação complicada, (...) nem fez reuniões de articulação. (10) Agora (...) já tem havido mais conversas e já se tem tentado articular as coisas. (11)
C 5	Portanto, neste momento, (...) aqui supervisionar, ele costuma vir aí uma vez por semana, às vezes não vem. Vem de quinze em quinze dias talvez (...) (7) (...) agora nesta segunda fase, neste segundo semestre os dias têm sido muito poucos, esta semana é um dia, a semana passada foi um dia, outra semana foi um dia, outra semana foi um dia, também, como é que é possível reunir (?), não dá. (8) Este segundo semestre tem sido muito difícil para reuniões (...) tem sido muito reduzido o número de aulas, o número de horas. Tem sido só uma semana, desde a Páscoa, tem sido só um dia por semana. (9)



C 6	Tenho pena que se tenha perdido, institucionalmente, esse tempo, porque acho que é muito importante. (33) Todas as semanas. (26) (...) o supervisor da ESE vem cá uma vez por semana. (27)
C 7	(...) nunca tivemos uma reunião, assim entre nós. (12) A primeira sim, para a distribuição (...) (13) Nunca houve assim uma reunião que fosse assim uma reunião para falar, (...), da evolução dos estagiários, o que estava a correr melhor ou pior, pior não, menos bem, (...) (14) (...) a única vez que eu falo com, com ele e com ela, e quando ela vem, ela sempre fala, portanto, é das únicas vezes (...) (15)

4.7 – Orientações pedagógicas a nível de desenvolvimento de competências educativas - do professor cooperante

C 1	Sempre. (63) Sobretudo, eu privilegio muito o diálogo. Portanto, é sempre a partir do diálogo, (...) (75) (...) a partir do diálogo nós, (...) eu tento conversar bastante com elas, e a partir daí, outras iniciativas, (...) (76) (...) apresentação de manuais, que elas também se inscrevem, acções de formação que elas também vão, (...) o movimento da Escola Moderna, que também, já foram, (...) (77)
C 2	(...) tento que eles sejam activos (...) (57) (...) tento mostrar-lhes desde ..., livros, a materiais, a recursos que podem utilizar, dentro das diferentes temáticas (...) (58) (...) tento levá-los a um conhecimento bom do meio onde estão a exercer (...) (59) (...) tento que aprendam todos os dias um bocadinho. (60)
C 3	(...) quando há um erro tento corrigir, tento que eles façam da melhor possível, da melhor maneira possível, para melhorar a situação. (72)
C 4	Sim. (54) Não sei. (59) Alerto para materiais, indico materiais, pergunto se querem participar nas formações... (60)
C 5	(...) as pessoas devem seguir sempre o caminho que elas entenderem não, não tou aqui pra indicar soluções, (...) isso se depois surgir certas atitudes que considere mais correctas ou certas (...) estratégias, mas elas são livres de seguir aquilo que elas entenderem (...). (55) (...) participação nos projectos e participação nos concursos. São essas que eu tenho feito. São essas ao longo do ano, que são várias e são diversificadas e são a todos os níveis, envolvendo todas as áreas e sempre a envolver todas as áreas. (89)

C 6	<p>(...) são os balanços constantes das actividades e das suas próprias aprendizagens, das suas angústias, eu, eu, muitas vezes, quando nós falamos, também clarificamos o nosso pensamento (...). (97)</p> <p>Às vezes, temos ideias na nossa cabeça que quando tentamos explicar a outra pessoa se arrumam, e eu acho que é muito importante o explicar aos outros, conseguir contar aos outros porque também nos ajuda a reflectir um pouco sobre o que fazemos e o que pensamos, portanto, isso para mim é fundamental e eu tento promover (...) (98)</p> <p>(...) é claro que me gasta tempo, (...), e esse tempo não é compensado e as pessoas por vezes não têm esse tipo de disponibilidade, compreende-se. (99)</p>
C 7	<p>Talvez as reuniões que temos com eles, (...) se houvesse com os supervisores também seria, mas esqueçamos, eu nunca tive, eu tou a ser sincera, (...), nunca tivemos aquele contacto, portanto, que deveria ser, é fundamental. (64)</p> <p>Acho que é fundamental, porque agora chega o tempo da avaliação e há muitas dúvidas, muitas coisas, que se houvesse essas tais reuniões, hoje (...) não eram um problema. (65)</p>

4.8 – Orientações pedagógicas a nível de desenvolvimento de competências educativas - do professor supervisor

C 1	<p>Não, talvez fosse desejável mais tempo. (9)</p> <p>Falamos (...) sobre a prática, sobre as três semana em que os três intervirão. (10)</p> <p>Alguns por vontade própria, outros por minha sugestão, mas elas também têm tido conhecimento desses eventos através da ESE. (79)</p> <p>Sobre as (...) supervisandas não. (86)</p> <p>Não. [<i>Sobre a prática delas</i>] (87)</p> <p>A mim não. [<i>A supervisora não dá orientações nenhuma</i>] (88)</p> <p>A elas sim, porque elas reúnem-se também (...) (89)</p> <p>Elas, depois, apresentam-me as actividades, posteriormente, (...), eu depois, se achar que elas não estão adequadas, pois digolhe e elas reformulam e depois disso vão à professora, à supervisora e (...) reúnem com ela.(91)</p> <p>Não. Não, não. [<i>Não há ligação entre a supervisão e a professora cooperante</i>] (92)</p> <p>O que acontece é ..., nós temos (...) uma grelha, com vários itens e (...) por cada semana, cada semana é preenchida uma grelha dessas referente à (...) supervisanda que esteve a leccionar. (93)</p> <p>Não. [<i>Considera isso vantajoso para as supervisandas</i>] (94)</p> <p>Entre os cinco. Sim. Que só aconteceu uma vez. Que só aconteceu uma vez, com a nova supervisora.(95)</p>
C 2	<p>Desde a prática, aos conteúdos que foram abordados, há planificação para a semana seguinte, aspectos que, em princípio, serão os positivos(...) (10)</p> <p>(...) sugestões, questionamento colaborativo entre os 2, qual é a melhor de, se obter determinado fim, em termos do objectivo</p>



	do professor, para desenvolver competências nos alunos, nestes da ESE e nos nossos(...).(11)
C 3	Não. (14) Nesses encontros portanto, situações (...) que foram (...) bem exploradas na sala, ou que, houve algum, situações menos positivas, é..., basicamente, reflectir sobre o trabalho que foi feito. (22)
C 4	É sempre pouco porque o tempo que temos não é muito. (12) A “S 1” passa apenas 10 minutos na sala o que é pouco.(13) Conteúdos a trabalhar, actividades, isto na 3ª reunião. (17) Nos dias em que dão as aulas falamos sobre o que correm bem, o que correu mal. (18) Faço uma reflexão com elas para tentar melhorar. (19)
C 5	Sim, são. (10)
C 6	Conversamos sobre o decurso da prática (...) (28) Sim, porque de certa forma eles conhecem o meu trabalho, portanto, também sabem como é que eu vou orientando o estágio, (...), e depois quando há questões mínimas a aferir rapidamente se resolvem. (29)
C 7	Foi das, das críticas não, mas das, das coisas que eu realcei que deveria ter sido feito (...) (16) (...) eles prometiam, vamos fazer uma reunião, vamos fazer uma reunião, mas nunca aconteceu (...) (17) (...) eu acho que todas nós, aqui na escola, sentimos essa falta. (18)

4.4.3 – Orientações pedagógicas a nível de desenvolvimento de competências educativas - Sugestões dos supervisandos

C 1	
C 2	Sugerir a partir da reflexão deles, portanto, eu pergunto: o que achariam correcto, ou mais vantajoso, fazer face a determinada situação? A, B ou C ou o aluno A, B ou C depois das..., das ideias deles terem sido..., postas em mesa, aí podemos chegar a um consenso, mas, mas é mais por sugestão, não minha, mas das experiências também deles. (51)
C 3	
C 4	
C 5	
C 6	
C 7	



5 – Relações interpessoais estabelecidas pelos supervisandos

5.1 – Com o professor cooperante em contexto de Prática Pedagógica

C 1	<p>Acho que é (...) uma relação, (...) de cooperação, cooperamos umas com as outras. (46)</p> <p>Eu também aprendo com elas, elas aprendem, podem aprender comigo e eu também estou a aprender com elas. (47)</p> <p>Sempre que há alguma coisa elas telefonam-me ou eu telefono sempre que necessito de alguma coisa, (...), também eu lhes ligo (...) (48)</p> <p>Há duas que são mais ..., desenvoltas, que são mais extrovertidas (...) (34)</p>
C 2	<p>Eu estou muito satisfeita com este grupo, muito satisfeita (...) (18)</p> <p>(...) são alunos, supervisandos, que..., primeiro aceitam perfeitamente qualquer critica, no sentido da construção claro, porque eu tão pouco sou pessoa de tar a criticar só pelo prazer de criticar, tento é questionar, tento intervir, tento sugerir, mas (...) no sentido da construção profissional e principalmente pessoal deles. Nunca pra lhes dar, propriamente um modelo, quero que sejam eles a darem o que querem ser. (19)</p> <p>(...). Construïrem eles, não vou ser eu nunca a dizer-lhes: olha eu fazia assim. Posso perguntar é: o que é que vocês acham se pudesse ser de outra maneira? Que é para podermos manter, portanto, sempre muito, muito na base da reflexão. (20)</p> <p>(...) eu aprendo com eles e eles podem aprender comigo (...).(33)</p>
C 3	<p>Eu também estou predisposta a tudo, mas acho que não consegui chegar lá, pelo menos a um dos elementos do grupo. (17)</p> <p>Ao outro, perfeitamente à vontade. (18)</p> <p>Eu tentei, mas acho que não consegui chegar, a um deles. (19)</p> <p>Eu esperava que fosse uma boa relação, pelo menos com um dos elementos do grupo não tenho problemas e não temos tido. (53)</p> <p>Com o outro elemento do grupo, pelo que eu já li, algumas reflexões, alguns apontamentos, eu sou, intransigente, abuso da autoridade e interrompo demasiado. (54)</p> <p>(...) pelo que eu me apercebo, não que me seja dito directamente, mas por aquilo que eu li, (...) que se sente pressionada, que se sente, não é pressionada, que eu abuso da autoridade, acabo por interferir e, e pronto, que não sou aberta a..., a novidades (...) (64)</p> <p>(...) mas eu, recuso-me a aceitar, que uma aluno em PP, aliás, recuso-me a aceitar que qualquer colega meu ou qualquer colega, que, a trabalhar com crianças, de seis anos, e estamos, é um ano de escolaridade onde eles, eles absorvem tudo, é tudo novo, é tudo novidade, e se as coisas forem trabalhadas com uma forma lúdica, uma forma interessante, as coisas correm muito melhor. (65)</p> <p>Eu recuso-me a aceitar, de vir praqui e tar, trabalhar com eles um algarismo novo, uma quantidade nova e chegar aqui de braços</p>



	cruzados e: ó meus meninos, hoje vamos aprender um número novo, hoje é o número nove, vamos contar até nove. Eu acho isso ridículo, perfeitamente ridículo, e foi isso que aconteceu, em contexto sala de aula, uma aluna em PP. (66)
C 4	Boa, dou-me bem com elas, sabem que podem contar comigo para tudo. (44) Estou sempre à disposição pra ajudar, dar ideias, ... (45)
C 5	É boa. (50) Eu considero como umas pessoas minhas amigas e tou à vontade com elas e penso que elas estão à vontade comigo, penso eu. Pelo menos eu esforço-me por isso. (51)
C 6	
C 7	Acho que é boa, sim, sim.(39)

5.2 – Com o professor cooperante fora do contexto de Prática Pedagógica

C 1	
C 2	É boa, é boa. (34) É bastante boa, mesmo. (35) A relação estabelecida nos dois casos (...), eu não quis logo dizer que era boa no outro para não ser subjectiva (...). (36) Não, não, porque (...) nós temos que saber em que campos nos movemos, (...) temos que ter a atitude certa para o ambiente certo, não deixando, propriamente, transparecer ou influenciar-nos por situações subjectivas(...)[<i>Se a relação fora da prática fosse diferente, isso influenciaria a prática</i>] (37) (...) se eu não achasse que fossem pessoas (...) que estivessem muito de acordo com o que eu gosto de ser, desde que a prática estivesse correcta não influenciaria em nada a minha postura. Tentaria, não é(?). (38)
C 3	(...) com um dos elementos do grupo isso não, isso tem acontecido frequentemente, e, então, tem havido situações pontualmente menos agradáveis. (36) Com um deles acabamos por ter uma relação cordial, de amizade (...). (55) Com o outro, não se aplica. Não há relação fora da PP. (56) (...) nós não tínhamos, necessariamente, de estabelecer uma relação fora deste contexto, para (...) (57) (...) dentro do contexto da sala de aula e do contexto da PP as coisas não estão a correr bem, não sei se seria necessário ter essa relação fora deste contexto, para melhorar o que está cá dentro, mas se calhar, ajudava. (58) Se houvesse um relacionamento diferente, de maior compreensão, diálogo e tudo, realmente ajudaria e alteraria o comportamento e as atitudes dentro da sala de aula. Mas, não sei, nunca houve abertura pra tal. (59) (...) eu não considero que seja erro meu, pois uma vez que tenho uma relação aberta com o outro elemento do grupo, não acredito que seja um problema meu, porque eu estive, mostrei-me disponível, prós dois. (60)



	(...) provavelmente se tivesse havido mais diálogo, as coisas até poderiam ter, ter melhorado, com o outro supervisionando (...) (77) (...) se calhar, se ela ouvisse de um lado e doutro talvez conseguisse compreender que o erro ou problema não será meu (...) (78) (...) acho que ela já pensa que eu impliquei com ela ou coisa do género (...) (79)
C 4	Tem uma personalidade difícil. (30) A mais tímida tento dar-lhe força, animá-la, dizer o que deve corrigir e melhorar. (38) Com a outra sinto-me desesperada, porque é uma pessoa teimosa e persistente e faz o que quer fazer. (39) Também é boa. Pouco me relaciono com elas fora da prática, mas também é boa. (46)
C 5	Fora da PP não há muita, fora da PP não há assim muita. (...) fora da PP praticamente nenhuma, pelo menos até ao momento. (52) (...) Melhorar a turma, foi um elemento para me ajudar aqui a trabalhar na turma e enriquecedor (...). (78) É preferível o professor tar com os alunos, consegue explorar mais, consegue tirar mais partido das horas do que tira uma pessoa que não tem ainda experiência. (...). (79)
C 6	Eu raramente as encontro porque elas não são de cá, (...) este grupo encontro-as exclusivamente aqui. (69) Este grupo não, (...) é um bocadinho difícil. E não são disponíveis, não.(70)
C 7	(...) estou ali e faço o meu papel, mas eles também fazem o deles, acho que se criou uma empatia aqui, há uma boa relação, por acaso, no meu grupo, (...) agora, desde o primeiro dia existe uma boa relação. (38) (...) não há assim uma relação, é uma relação que saímos da escola, acabou, (...), porque nunca tivemos oportunidade de nos conhecermos lá fora, claro que cumprimento e, mas nunca ... (40)

5.3 – Com o professor supervisor em contexto de Prática Pedagógica

C 1	Eu acho que é um bom clima, (...). (11)
C 2	(...) é um clima de confiança, essencialmente, em que (...) os supervisionados sabem que estão a ser supervisionados, claro, mas é um clima em que se está perfeitamente à vontade seja para o que for. (12)
C 3	
C 4	
C 5	
C 6	
C 7	



5.4 – Com o professor supervisor fora do contexto de Prática Pedagógica

C 1	
C 2	
C 3	Eu acredito que seja de abertura, a todas as situações. (16)
C 4	
C 5	
C 6	
C 7	

5.5 – Com os alunos

C 1	(...) há uma que se retrai mais, ah..., que é mais tímida e isso depois reflecte-se também dentro da sala de aula e na relação com as crianças. (35)
C 2	
C 3	
C 4	Tem uma com maior capacidade de comunicação com as crianças. (26) Outra é mais tímida mas na teoria é muito boa, na preparação dos materiais, mas é muito tímida com as crianças. (27) A terceira tem muitas dificuldades em aceitar o que lhe é dito, não aceita críticas, tem dificuldades em chegar às crianças. (28) Desorienta-se com pouco e tem dificuldades em lidar com as crianças. (29) (...) a que comunica melhor com as crianças trabalha bem. (37)
C 5	(...) além disso, cada uma tem a sua maneira (...) de estar perante os alunos, (...). (23) (...) a nível disciplina, por exemplo, com os alunos (...) nas três, pois, pode haver uma que seja assim um bocadinho melhor para, uma talvez que segure melhor nos alunos, as outras têm um bocadinho mais de dificuldade em segurar os alunos. (26) (...) acho que elas (...) são pessoas que são responsáveis no, no aspecto de, de criar um bom ambiente, de haver um bom ambiente na turma e tentar também ensinar-lhe, a passar, tentar que eles adquiram as competências que são necessárias. (38)
C 6	
C 7	A nível da actuação na sala, do estar, do contacto com os alunos, pronto, do contacto, da relação, é boa, é excelente, eles têm uma boa relação com a turma, porque a turma também o permite. (...) (25)



6 - Aspectos das dimensões pessoal e interpessoal relacionadas com a resiliência, em contexto de supervisão

6.1 – Efeitos da acção do professor cooperante nos supervisandos - Factores protectores

C 1	<p>Eu acho que, de uma forma ou de outra, eles acabam sempre por seguir (...). (53)</p> <p>Acho que, de uma forma ou de outra, a forma como eu ajo, eu ajo, acaba por influenciá-los e poder, e poderão crer imitar-me, no fundo, eu acabo por ser o modelo, eu assim como qualquer outro professor cooperante, acabo por ser um modelo para eles. (54)</p> <p>(...) pra mim é sempre positivo, (...) é positivo porque há sempre uma troca de experiências. (61)</p> <p>Elas que saem agora, que estão a terminar agora o curso, vêm com novas ideias e depois também (...) é a troca de experiências, (...) delas que saem agora, que têm novas ideias e de mim que, já estou aqui há 10 anos e já tenho alguma, alguma experiência que lhes possa transmitir. (62)</p>
C 2	<p>Penso que sim, penso que sim. (...). (41)</p> <p>Penso que contribuí para que gostem do ensino como eu gosto. (42)</p> <p>(...) eu penso que posso contribuir e tento passar a mensagem a todos, (...) é o recado a transmitir, a ideia que estamos aqui todos para crescer e que estamos aqui todos para aprender uns com os outros, portanto, não somos detentores de todo, nenhum de nos é nunca, nunca é detentor da, da totalidade do conhecimento. (49)</p> <p>(...) eu tento ..., que todos façamos, é que cresçamos um bocado, dia a dia, para podermos otimizar o sucesso educativo de quem temos em crescimento também. (50)</p>
C 3	<p>(...) de um lado eu vejo, há um feedback e eu vejo que as coisas são perfeitamente aceitáveis e há essa hipótese. (73)</p> <p>(...) eu acho que, (...), como professores estamos sempre a aprender (...) (87)</p> <p>(...) três pessoas numa sala de aula acabam por poder, se souberem trabalhar em conjunto até, conseguir fazer um trabalho muito mais diversificado e, então, principalmente o apoio directo aos alunos é muito positivo, porque somos mais e os alunos com dificuldades, conseguimos gerir este espaço e conseguimos apoiá-los, portanto, isso será o aspecto positivo. (88)</p>
C 4	<p>Os aspectos positivos é que é muito gratificante receber estágio, na medida em que proporciono aos estagiários o contacto com a realidade. (51)</p> <p>Outro aspecto positivo é porque são pessoas novas com novas ideias. (52)</p>
C 5	<p>Sim. Sim, sim, sim. (53)</p> <p>Eu não sei, sinceramente não sei. Não sei. Não sei. Não sei. (62)</p> <p>Pois, eu penso que..., tem influência. (63)</p> <p>(...) Eu penso que isto depois acaba por ser assim, uma certa cumplicidade, (...) até porque, se elas sabem que eu gosto de</p>



	<p>determinadas maneiras de actuar, pois elas, de certa maneiras, pois elas, irão procurar fazer assim desse modo, (...). (64)</p> <p>(...) eu tento dar-lhes a maior liberdade possível, (...) pois, pode ser que influencie. É natural que influencie, mas, assim muito não sei. (65)</p> <p>Não sei o que é que influencio. (66)</p> <p>(...) uma coisa que eu costumo exigir muito delas (...) ou ver que realmente dou muita importância a isso é a pontualidade, acima de tudo, pontualidade. As pessoas têm de ser pontuais. Pra mim pontualidade é chegar 5 minutos antes. Chegar 5 minutos antes e pronto, pra já, acima de tudo, pontualidade.(70)</p> <p>(...) eu tento que elas se habituem logo a fazer essas coisas e (...) se não fazem, ou se vir que as coisas (...) não andam assim tão bem, também chamo logo à atenção e gosto de fazer, e gosto de ser logo muito franca com elas e gosto de dizer tudo, quer dizer, eu acho até um aspecto positivo. (71)</p> <p>(...) eu digo logo aquilo que penso, digo, digo, digo as coisas todas, não fico com as coisas em caixinha nem nada disso. Eu digo logo as coisas todas, digo logo, digo logo tudo e digo logo pela frente. Eu digo logo, aquilo que acho eu digo logo, digo. (72)</p>
C 6	<p>Eu acho que eles são muito apoiados, quer aqui, quer na ESE, não são mais, quando não pedem (...) (46)</p> <p>Eu acho que é muito importante. (80)</p> <p>Elas ouvem-me, às vezes têm medo daquilo que vou dizer, mesmo, lá está, por insegurança, mas, mas eu penso que tem, que se tem reflectido no, na forma de agirem com a turma, e têm havido algumas conquistas a esse nível. (...) até pela questão da consciencialização, que eu acho que é muito importante, porque elas agora fazem comentários, acerca da sua atitude e da sua acção, enquanto, enquanto professoras da turma, (...) (81)</p> <p>Eu penso que sim. [<i>Evoluíram</i>] (82)</p> <p>(...) Positivos (...) que eu acho que é alguma evolução em termos de atitude e sobretudo em termos de estratégias porque acabam de certa forma por serem um bocadinho diferentes. (83)</p> <p>(...) porque eu acho que temos de ser conscientes no que andamos a fazer, sobretudo. (85)</p>
C 7	<p>(...) eles copiam-nos sempre um bocadinho, portanto, a postura diante da turma, a maneira de trabalhar, (...), as actividades que são realizadas na turma (...) eu acho que mais tarde se vai reflectir um bocadinho no trabalho deles, portanto acho, há sempre. (49)</p> <p>(...) positivo, eu acho que, a nível geral, é tudo positivo. (53)</p> <p>Eu sou positiva, é a minha maneira de estar (...) (54)</p> <p>(...) pelo menos esse ano, é o segundo ano e nos 2 anos que eu tive estagiários, sempre foi positivo. (55)</p> <p>Não vejo assim uma coisa negativa, não. (56)</p>

6.2 – Efeitos da acção do professor cooperante nos supervisandos - Factores de risco

C 1	
C 2	
C 3	Do outro lado, não consigo ver isso. Não consigo chegar lá. (74) O aspecto negativo tem sido provavelmente a dificuldade de, digamos de relacionamento, não é assim, não nos damos mal, não andamos aqui sempre, mas, com um dos supervisandos, que depois acaba por, originar situações na sala de aula menos positivas. (89)
C 4	Um aspecto negativo é por vezes prejudicar a turma por causa do estágio. (53)
C 5	Como aspectos negativos não sei mas, não sei quais são. Poderão ser, eventualmente, alguns, não sei. (73) Às vezes posso ser um bocadinho exigente (...) sou (...) de trabalhar muito. Muito dinâmica. Muito, muito, para não perder tempo. (74) Para mim o tempo é muito importante e então sou sempre terrível para exigir muito. Sou muito exigente no aspecto (...) do tempo, do aproveitamento do tempo, não gosto de tempos mortos, não gosto de ter pessoas a, os alunos que não estejam a trabalhar, eles têm que tar sempre a trabalhar, e então ai posso ser um bocadinho (...) chata. (...) posso talvez aí exagerar algum bocadinho. (75) Se calhar exagero. (76)
C 6	(...) a questão negativa, pois lá está, pode ser um bocadinho assustador no início, (...) pronto, porque eu também gosto de sacudir as hostes e sou um bocado provocadora nessas questões (...) (84)
C 7	

6.3 – Reacções reflectidas dos supervisandos face a situações difíceis de desempenho

C 1	Outras vezes, (...) já tentam resolver as situações por elas próprias. Contornar a situação, (...) dar uma resposta à (...) dificuldade com que se deparam no momento. (68) Sim, há alguma. [<i>Diferenças entre elas nas atitudes</i>] (69)
C 2	Muito bem. Muito bem. (56)
C 3	Situações difíceis, também até agora não tem sido geradas situações assim, muito complicadas, situações graves, dentro da sala de aula (...) (92) (...) o outro, por via do diálogo e (...) do reforço positivo. (94) Ele utiliza muito o reforço positivo com os alunos. (95) Acaba por conseguir gerir melhor estas situações, mais confusas na sala de aula, ele apela aos sentimentos dos alunos (...) chega por esse lado. (96)



C 4	Uma consegue dar a volta às situações, adapta-se e resolve. (56)
C 5	(...) outras vezes pedem ajuda ou, normalmente aqui pois sabem que se me pedirem ajuda eu dou ajuda. (82)
C 6	Elas pedem ajuda. Se têm alguma dificuldade pedem ajuda. (89) São, isso, têm essa vantagem, este grupo, apesar de ser um bocadinho inseguro, mas também é humilde, portanto, não são pessoas que arrisque, muito e agora vamos ver o que é que dá. (90) Elas perguntam, perguntam muito como fazer. (91)
C 7	(...) quando estão comigo não ficam nervosos. (61) No princípio havia, pronto, depois acho de deixaram de tar, porque eles estão a crescer, estão a aprender, (...) (62)

6.4 – Reações impulsivas dos supervisandos face a situações difíceis de desempenho

C 1	Por vezes, não sabem, (...), contornar a situação, por vezes não sabem. (30) Falta-lhes também experiência, (...) (31) (...) com a experiência é que nós vamos conseguindo superar as dificuldades e contornar situações e elas, por vezes, ainda não o conseguem fazer.(32)
C 2	
C 3	(...) um acaba por se exaltar mais e trata das coisas assim sob ameaças, faz isto senão (...) (93) Do outro lado as coisas não acontecem assim. (97)
C 4	Depende, ..., depende. Há novamente umas diferenças. (55) As outras perdem-se um pouco, ficam atrapalhadas. (57)
C 5	(...) reagem de qualquer maneira, (...) (80) (...) às vezes choram, quando se enervam assim um bocadinho mais, (...) (81)
C 6	
C 7	Pois ficam nervosos, (...), normalmente eles ficam, (...), mais atrapalhados, quando vêm (...) o supervisor. (60)

6.5 – Supervisandos sem reacção face a situações difíceis de desempenho

C 1	Muitas vezes olham pra mim, para tentar perceber o que é que, o que é que deverão fazer. (67) (...) a formanda que neste momento tem mais dificuldades, (...) a resposta que ela dá, não é talvez a mais adequada, (...) porque por vezes não dá resposta, (...), ou vira as costas, ou (...) (70)
C 2	
C 3	



C 4	
C 5	
C 6	
C 7	

CATEGORIZAÇÃO DAS UNIDADES DE SENTIDO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS AOS SUPERVISANDOS

1 – Caracterização dos professores

1.1 – Clima de supervisão preconizado pelo professor cooperante

A 3	<p>(...) acho que a nossa professora cooperante até nos dá bastante liberdade para nós desenvolvermos algumas actividades, só que ela depois não as valoriza tanto como nós, pelo menos achamos, que ela deveria valorizar.(23)</p> <p>Nós preocupamo-nos, (...), em fazer qualquer coisa diferente, estar mais de acordo com aquilo, que o nosso supervisor preconiza, e no entanto, ela por vezes nem está presente na sala de aula, nós desenvolvemos a prática e ela por vezes nem está presente. (24)</p> <p>E muitas vezes nem sabe, ela tem a planificação ao pé e não sabe o que é que nós estamos a fazer. (25)</p> <p>(...) às vezes também acontece que..., nós estamos..., a dar a aula e já lhe mostramos a planificação e ela concordou com tudo e, no entanto, durante a aula, ela chega lá e, olha vamos, às vezes nem nos avisa, (...) diz aos alunos, não, não façam assim, façam doutra forma, desautoriza-nos um pouco. E acho que isso também cria um clima de insegurança e instabilidade, porque os alunos num dado momento é-lhes transmitido uma coisa, logo a seguir a outra professora diz-lhes outra e eles já estão, às tantas já não sabem o que hão-de fazer. (26)</p>
A 4	<p>(...) esta já está quase de saída, então é mais tipo, no despacho, (...) faça isso, tipo para passar mais o tempo do que para passar o nosso, desenvolvem toda aquela teoria, é mais para passar o tempo. Façam, façam, é isso. (24)</p>
A 15	<p>(...) gostava de ter tido mais ..., da opinião dela, gostava que ela tivesse-nos ajudado mais, poderíamos até não concordar com algumas coisas que ela dissesse mas seria sempre bom, pelo menos eu sempre pensei que fosse assim, nós depois de cada aula (...) reunir sempre no fim das aulas e dar a sua opinião e fazer críticas positivas ou negativas, para nos ir ajudando a construir, a superar algumas dificuldades. (11)</p>
A 17	<p>Eu sei, tento, portanto, analisar aquilo que me dizem se eu realmente concordo, muitas vezes concordo, outras vezes, por muito que eu tente não, não, a minha lógica não me diz isso, mas pronto, ainda aceito, porque se for a professora cooperante é uma pessoa que já tem, já tem um, portanto, está com as crianças à bastante mais tempo, conhece-os melhor, saberá melhor, talvez, como lidar com eles. Se for a professora supervisora, muitas vezes tenho a sensação de que, realmente, pois, na prática sim, mas que na teoria nem sempre aquilo que é dito se verifica. (20)</p>



A 19	(...) acho que é uma pessoa muito dinâmica (...) (12) (...) uma pessoa muito..., aberta à inovação (...) (13) Acho que ela é uma pessoa, é assim, eu aconselho-a como professora cooperante acho que ela é (...) a professora modelo (...). (28) Tamém, na mesma (<i>no sentido de que é boa</i>). (33)
A 20	Também, também é muito bom. (26) O professor cooperante, (...), não acho que tive muitas sorte, acho que o meu grupo teve muita sorte com o professor cooperante e tamos muito, muito satisfeitos por ter ficado com ele, porque é uma forma de trabalhar completamente diferente de quase todos os professores daquela escola, pelo que me tenho apercebido. (7) Ela, tudo o que faz é em função do nosso crescimento já a pensar também, que é muito importante, nos meninos que nos vão passar pelas mãos. (9) Porque ela sabe que, se fizer um bom trabalho connosco nós, de certa maneira, vamos fazer também com as crianças com que iremos trabalhar. (10)

1.2 – Clima de supervisão preconizado pelo professor supervisor

A 3	Não, não tenho..., assim, defeitos a apontar. (21) Acho que é um bom clima. (22)
A 4	Acho que a nível da professora S 1 ela nos põe muito à vontade e sempre tem aquela..., à o que é que tu achas, o que nós acha, o que é um clima, (...) a pessoa sente-se bem. (52) (...) a professora S 1 acho que criaram um clima, facilitam muito pra nós conseguir realizar-mos a nossa prática e a noss, acho que sim. (53)
A 15	(...) a última supervisora que temos num tivemos logo grande, não tivemos grande contacto com ela, só agora a partir deste último tempo, mas o que tivemos gostei e gostei dela nos ter ajudado, dela nos ter motivado e continue e dê ideias porque nós afinal estamos aqui mas também estamos a aprender, (...), na maior parte. E então gostei desse aspecto que não tinha visto ainda nos outros professores. (30)
A 17	(...) cria sempre um clima um pouco, é um pouco constrangido, digamos. (22) Eu fico sempre um pouco, (...), isto de ter a sensação ou ter a certeza de que se está a ser avaliado, mesmo que não seja em termos de avaliação, assim formal, mas se está a ser observado (...), é diferente, (...), cria-se sempre um ambiente um pouco..., talvez de insegurança, não sei. (23)
A 19	(...) eu acho que, que ela é uma pessoa também muito aberta. Muito aberta no sentido que, tudo o que, vá, dúvidas, aquilo que



	nós achamos que devíamos fazer ou que não está tão bem quanto isso, ela é uma pessoa perfeitamente aberta, nós podemos falar com ela o melhor possível. (25) (...) eu acho que, é bom, neste momento acho que é muito bom, acho que, tudo o que temos a dizer, dizemos, não há, não há receio. (32)
A 20	(...) não há problema nenhum, não fico intimidade com ele e ele não tem problemas em dizer aquilo que pensa (...) há muito à vontade, e isso é bom pra podermos expressar as ideias, ele ouvir-nos a nós e nós ouvirmo-lo a ele (...) (20) Acho que é adequado, é bom (...) acho que não intimida os alunos, permite que expressem as suas ideias, que fiquem à vontade, dentro dos possíveis, quando ele entra na sala de aula, acho que não há assim problemas de maior nesse aspecto. (25)

2 – Caracterização do ambiente em que se desenvolve a PP

2.1 – Ambiente criado pela escola

A 3	A nível do ambiente ..., considero que..., é favorável, tendo em vista proporcionar um bom ambiente de aprendizagem, acho que sim. (1)
A 4	Se calhar, o ambiente também não é o mais propicio, (...), pra dar aula, (...) (6) É, pois, aí é um bocado mais complicado. (10) Nós, em relação aos funcionários (...) quando nós pedimos alguma coisa, uma televisão, um material, se precisamos, já começam, ah, não temos isso ou a professora foi buscar e não sei quê. É tipo, não nos tratam como se fossemos professoras, parecemos mais um. Uma vez pedimos uma televisão e ela demorou muito a chegar, se não fossemos nós a insistir, insistir, insistir, pronto, não havia. (13) A nível de materiais temos muito pouco e quando nós precisamos tem, que tem fornecido (...) Acho que não tem uma disponibilidade assim muito, pronto, pra nós não, não têm. (14)
A 15	(...) A escola que estamos a trabalhar (...) é totalmente diferente, mas por um lado até nos dá mais experiência. (1) Ao nível da escola, nunca tivemos muito contacto com outros professores, só mais com a coordenadora da escola, e porque tínhamos também trabalhos a desenvolver e então pedíamos auxílio e informação. (...) (3)
A 17	(...) considero um ambiente complicado, (...) não, de todo, bem organizado, que não há um grande trabalho de equipa, pelo menos é assim que percepciono. (...). Considero muito complicado. (1) Até porque fica numa zona, penso, pelo que eu conheço ou pelo que me disseram, é uma zona difícil, em Faro, (...) e o nível de toda a comunidade, mesmo o meio envolvente, é caracterizado por ser, tem umas características muito peculiares. (2)
A 19	
A 20	(...) acho que não é um bom ambiente de trabalho. Tou a falar a nível de escola. (1)



	<p>Acho que não há muita cooperação entre os professores, uns querem brilhar à custa do trabalho dos outros (...) desta forma (...) os alunos saem sempre prejudicados porque podiam usufruir de materiais de outras salas, dos conhecimentos de outros professores que dão, pronto, às vezes tão formados noutra área, são doutras áreas mas estão a leccionar ao 1º Ciclo (...). E pelo facto de ser assim não há um ambiente de trabalho bom. (2)</p> <p>A nível da escola em geral, os professores, (...) não sentimos só o afastamento, como sente a nossa professora, o isolamento, tipo os professores fecharem a porta da sala, quase à chave (...) é obvio que querem, pretendem pronto, isolar-se com os alunos, praticamente, e também sentimos por ser estagiários. (4)</p>
--	---

2.2 – Caracterização da turma - ano de escolaridade

A 3	
A 4	
A 15	(...) para já são 4º ano, mais crescidos, (...) (5) (...) temos duas alunas identificadas com alínea i), que são as que estão no 3º ano, mas dentro da turma, (...) (7)
A 17	
A 19	
A 20	

2.3 – Caracterização da turma - comportamento

A 3	
A 4	(...) eu acho que eles são muito participativos (...) (7)
A 15	(...) são alunos a nível de comportamento, nós quando entramos assustamo-nos um pouco (...) (4) (...) tinham um comportamento péssimo, eles eram mesmo reconhecidos na escola mesmo outras professoras com actividades extra-curriculares tinham muitas queixas em relação a esta turma, porque tem muitos elementos perturbadores, (...) (6) (...) nós chegamos ali mas só trabalhamos um mês, só começamos a trabalhar com eles agora, assim, como são crianças que já tão no 4º ano, já tiveram acompanhados sempre por aquela professora, às vezes é difícil que eles nos respeitem ou que (...) ajam, claro que nunca vão agir, (...) como agem com a professora titular(...). (49)
A 17	
A 19	
A 20	



2.4 – Caracterização da turma - aproveitamento

A 3	(...) a nossa professora costuma dizer que é uma boa turma, que estão todos ao mesmo nível, mas, nós sabemos que não é bem assim, não estão todos ao mesmo nível. (2) (...) se nós formos pensar um bocadinho sim, eles não estão, não são daqueles alunos que têm assim muitos problemas, muitas dificuldades, por isso, normalmente, até é, como nós costumamos dizer, uma boa turma. Apesar de nem todos estarem ao mesmo nível. (3)
A 4	
A 15	(...) também existem alunos com problemas, temos um aluno hiperactivo que já está identificado, outro que também tem comportamentos muito desajustados, ao nível de atitudes, de fazer as actividades, eles recusam-se, mas já, o professor levou-os a frequentar o psicólogo, (...), e identificou-os mas não, não os identificaram com nada. Disseram para continuar a fazer o mesmo trabalho, com os alunos, não dando mais nenhum apoio, só com a professora titular, e depois connosco acontece a mesma coisa. (8)
A 17	
A 19	Pralém disso acho que as metodologias que ela utiliza, as estratégias, acho que ela é muito dinâmica, cativa muito os alunos, tenta motivá-los para a aprendizagem, o que, o que faz com que estes alunos sejam, (...) comparando em relação ao ano passado, mais desenvolvidos que outros alunos, do mesmo nível. (6)
A 20	

2.5 – Situações que facilitam o desempenho da Prática Pedagógica

A 3	(...) tem a ver com o facto de a professora nos dar alguma liberdade para seleccionar as actividades. (28) (...) facilidade, acho que é uma turma que (...) está muito dentro dos assuntos actuais, e então, é sempre fácil pegar num assunto qualquer que seja uma notícia de jornal, eles estão sempre muito preocupados e eles têm vários projectos relacionados, por exemplo, com as questões do ambiente e isso, e então é sempre fácil pegar nesses temas (...) porque eles estão sempre bastante actualizados. (30)
A 4	(...) é bom, ter alguém, outro professor é bom, porque já não temos o apoio da professora, temos, o feedback da professora S 1 é muito bom. (20) Facilitar, para mim, o trabalho em equipa e em grupo. (66) Muitas vezes, quando nós, pedimos ao colega, é melhor, porque dá para ter uma circulação de sala melhor e dá para controlar melhor e apoiar mais as crianças, penso que facilita mais o trabalho de equipa. (67) (...) o feedback sempre do professor. (68)



A 15	(...) o momento em que o supervisor tá lá, também, apesar de ser um momento de pressão, (...), porque estamos a ser avaliadas, acho que é importante para termos preparadas. (41) (...) acho que ajuda bastante o momento de reflexão, de partilha de ideias, a reunião com os professores.(43)
A 17	Aspectos que facilitam..., talvez o relacionamento, (...) com os alunos, (...) (31) Por um lado facilita o facto de os por um pouquinho mais longe, (...), mas, às vezes, preciso de, e consigo nessas alturas, e nesse aspecto é fácil então conseguir que eles tenham atenção e que percebam, consigam ouvir e estejam calmos. (35)
A 19	(...) eu acho que os conhecimentos que adquirimos ao longo do curso, (...) facilitaram, se calhar, um pouco a nossa, facilitaram a nossa prática (...). (38)
A 20	(...) a situação que mais facilita a prática é motivar os alunos, mesmo até os mais, (...) desses mais indisciplinados, às vezes peço-lhes, dessa tarefas que têm a fazer, se há-dem tar a falar um com o outro e a fazer mal e não sei quê, peço-lhes que me ajudem a distribuir materiais e não sei quê, como tão ocupados a fazer alguma coisa, já não têm tempo para fazer mal o problema, às vezes, é tarem sem fazer nada.(32)

2.6 - Situações que dificultam o desempenho da Prática Pedagógica

A 3	(...) os constrangimentos, prendem-se mais com o facto de, de durante a actividade, a qual ela já autorizou ou já deu o parecer positivo, ela a meio, muda completamente de ideias (...) não submete a opinião dela ao nosso parecer e simplesmente altera no momento e nós... (28) A nível de dificuldades, se calhar o comportamento. (31)
A 4	Em relação à turma, eu acho que sou um bocado nervosa, tenho muita dificuldade em controlar e eu acho que a turma (...) é uma turma muito dinâmica (...) eu já por si sou assim, então acho que trespasso também a minha (...) ansiedade, a minha ansiedade também passa pra eles, então isso gera um bocado de confusão. (5) (...) e acho que não consigo também, conseguir dar conta deles (...). Eu tento bem mas não consigo muito. (8) Problema é que, dificuldades económicas, trabalho e vem, é muito cansativo estar a trabalhar e, às vezes, não tenho tempo suficiente também para fazer melhor as coisas, porque acho que é, não basta só planear as coisas, ah, vou fazer isto, isto, isto, mas quando se chega lá acho que tem que ter também uma carta, (...), para tentar melhorar e que a actividade decorra da melhor maneira. (41) Não é isso que nós aprendemos aqui, nós estamos a utilizar actividades mais práticas, mais, e vemos que as crianças não estão muito habituadas a isso, então nós sentimos muitas dificuldades em encontrar outra vez. (65) (...) o que dificulta, muitas vezes, são aquelas intervenções (...) da professora, porque muitas vezes eles desligam-se muito, eles têm um respeito muito grande por ela, e acho que, muitas vezes, quando ela fala eles desligam-se de nós e colocam a aten-



	<p>ção toda nela e então nós demoramos muito tempo, nisso. (69)</p> <p>(...) ela também nos poderia ajudar também um bocadinho a nível (...) de controlo, ter mais controlo sobre eles, porque muitas vezes, quando nós não conseguimos controlar ela é que intervêm, ela é que controla. Mas se nos desse mais um bocadinho de autoridade, a nós, poderia, facilitava melhor, mais. (70)</p>
A 15	<p>(...) foi mais ao nível do comportamento que foi um bocadinho difícil a adaptação e também a coordenação entre actividades com o 4º ano e com o 3º ano, (...) (9)</p> <p>(...) nós no início foi muito difícil fazer a coordenação entre o 2º e o 3º ano (...) (18)</p> <p>(...) penso que também o momento de reflexão, também nos ajuda, por um lado o momento em que ele está lá, que o supervisor vai à prática, ajuda, (...) porque precisamos disso e temos que tar preparadas, mas ao mesmo tempo, acrescento o nervosismo, que já temos, (...) acrescenta o nervosismo à actuação e às vezes penso que se não tivesse lá até seria melhor ou até faria de outra maneira, mas por vezes por tar lá, o nervosismo às vezes é maior. (42)</p>
A 17	<p>O meu desenvolvimento, sobretudo, uma coisa que eu tenho bastante dificuldade é gerir o tempo. (27)</p> <p>No início..., tinha demasiadas actividades, planificava de uma forma muito exaustiva, depois, tentei modificar sim, depois há certas alturas em que já fui de menos, também já aconteceu, eu ficar, chegar ao fim da aula e ter que inventar ou um jogo ou uma coisa qualquer pra que os miúdos não ficassem muito eufóricos, depois começam a olhar prás horas e está na hora quase, e quanto é que falta. (28)</p> <p>Pra mim, o pior de tudo é gerir o tempo, conseguir conciliar o tempo que devo levar, por exemplo, a ver um conteúdo qualquer com eles, depois com as actividades que eles fazem, é o meu problema, é o meu problema principal, é esse. (29)</p> <p>(...) se houver crianças com outros níveis de ensino, na sala, torna mais complicado. (30)</p>
A 19	<p>(...) aquilo que nos dificulta, acho que, não houve assim nada. (39)</p> <p>(...) uma coisa importante, eu acho que, deveria ter havido mais uma interligação entre a prática e a teoria. (40)</p>
A 20	<p>(...) um aspecto que nos dificulta bastante o desenvolvimento da prática e pode limitar bastante depois no acesso à profissão por causa da nota, é (...) o professor cooperante, e o próprio supervisor também pode ter alguma influência (...) (29)</p> <p>(...) os problemas que temos, que assim no meu caso em trabalhar com as crianças, passam pela indisciplina de alguns, poucos, mas que, às vezes, é o suficiente para destabilizar o ambiente. (30)</p> <p>(...) a forma de nós tentarmos colmatar essa situação, esses défices que eles apresentam a nível de comportamento, também ficamos um pouco limitados, por sermos estagiários e por causa dos pais. (31)</p>



3 – Caracterização do grupo de supervisandos - Autoconceito

3.1 – Motivação dos supervisandos

A 3	(...) sim, mas eu acho que essa motivação, (...) tem assim alguns altos e baixos, porque, (...) às vezes temos conhecimento de certas situações mais complicadas, já sabemos que nem tudo é bonito, mas ..., por exemplo, agora a questão da violência que está aí muito a ser falada e assusta um bocadinho, mas, há que procurar estratégias para resolver todos os problemas com que nos deparamos (...). (16)
A 4	(...) eu tou, gosto muito, acho que, sempre quis ser professora. (40) Eu acho que sim, (...) a motivação também poderia ser mais um bocadinho, tipo ter mais apoio, por aí, da professora ou..., falta sempre o apoio da professora, porque o lado dela eu acho que é muito importante, porque nós não sabemos em que ponto nós estamos, o que é que nós estamos a fazer mal. (42) Porque nós chegamos lá e fazemos, (...) com o apoio dela pois a gente tem, tem mais motivação, porque a nível daqui, da escola da ESE nós temos, porque o professor, nós podemos recorrer a materiais da escola, a professores que nós já tivemos, podemos recorrer para a gente pedir ajuda, actividades, porque a nossa professora é tudo bem, sempre tá tudo bem. (43) (...) motivação acho que sim. (44)
A 15	(...) às vezes, sinto-me um bocado desmotivada, porque muita coisa também do estágio, (...), que é um momento muito importante do curso, depende das professoras, (...), dos professores que temos, muitas vezes, também, a maior parte é da turma, (...), da turma com que também calhamos, mas, se tivermos uma professora cooperante que seja mesmo cooperante e nos ajude e motive, porque acho que a motivação é importante, acho que funciona melhor. (23) Neste momento estou um bocadinho desiludida, pensava que era diferente, até mesmo, mas se calhar, acho que é mesmo porque temos tado em situação de avaliação e temos que fazer as actividades sempre de acordo com outro professor, (...), acho que isso nos limita um pouco. (29) Mas espero, tenho esperança que, quando estiver sozinha ou com outros colegas, consiga desenvolver outro trabalho. (28)
A 17	
A 19	Sim, eu. É assim, tenho, gosto muito daquilo que tou a fazer. (22) (...) tenho muito pena da gente adquirir tantos conhecimentos, não digo tanto na teoria, mas a nível (...) de prática, e tive oportunidade, (...) este ano ofereceram-nos muitos seminários, aprendemos tanta coisa nova, vimos tanta coisa nova, tamos sempre a aprender a ver, na televisão, nas revistas, nos livros, tamos a aprender tanta coisa e depois no fim, a motivação, temos motivação pra quê (?), para ir pó desemprego. (24)
A 20	Sim, senti-me motivado ao longo (...) de todo o ano. (18)



3.2 – Nível de desempenho - planificação

A 3	Nós preocupamo-nos, (...), em fazer qualquer coisa diferente, estar mais de acordo com aquilo, que o nosso supervisor preconiza, e no entanto, ela por vezes nem está presente na sala de aula, nós desenvolvemos a prática e ela por vezes nem está presente. (24)
A 4	
A 15	
A 17	
A 19	
A 20	

3.3 – Nível de desempenho – contexto sala de aula

A 3	
A 4	(...) o meu desempenho poderia ter sido muito melhor do que foi. (75)
A 15	
A 17	
A 19	Eu acho que, apostei tudo na prática. (42)
A 20	

3.4 – Nível de desempenho - Capacidade de reflexão

A 3	(...) noto uma grande diferença porque ..., antigamente parece que não tinha bem a percepção do que era exactamente ser professora, noto uma grande diferença nesse aspecto. (32) Parece que agora percebo mais que não é importante que eles vão transmitir aquilo que nós dissemos porque nós sabemos que, hoje em dia, já não existe aquele ensino dirigido pelo professor e isso, mas mesmo assim, apesar de sabermos disso, muitas vezes, fazemos isso, sem nos apercebermos. (33) (...) acho que só quando eu me apercebi realmente do que é que, do que é que era ser professora é que alterei completamente a minha maneira de ver muitos aspectos relacionados com a educação. (34) (...) não é eles transmitirem aquilo que nós dizemos, muitas vezes, é mais, eles conseguirem aprender, é o chamado aprender a aprender, mais nesse sentido. (35)
------------	--



A 4	<p>(...) parte também de nós fazer uma reflexão, mesmo agir quando está a acontecer algo que não gostamos, agir logo na hora, não deixar que aquilo continue, porque chega a uma certa altura em que eles se habituam e depois (...) não se consegue controlar. (11)</p> <p>Eu pois, aí é mais complicado. Acho que eu poderia ter feito muito mais, também o facto de tempo e não sei quê também não ajudou muito. (71)</p> <p>(...) acho que, a minha auto-confiança não é muita. (72)</p> <p>Acho que tenho que acreditar mais nas minhas competências, do que eu consigo fazer do que aquilo que eu faço. (73)</p> <p>Acho que eu poderia ter feito melhor, é que, sei que não foi total, acho que foi um bocadinho mais de médio, poderia ser, poderia ter sido melhor, porque há muita coisa que eu me apercebo que tá mal mas no momento não, não consigo reagir ou porque tenho medo, primeiro pareceu, mas depois, à, se calhar não tá assim tau mau (...). E só depois é que eu vejo que deveria ter agido logo porque depois aquilo é tipo uma bola de neve, depois, a gente quando quer reagir já é muito tarde. (74)</p>
A 15	
A 17	<p>(...) Como é que eu me vejo, pois, como um pessoa que ainda tem muito, um longo caminho, pela frente, até porque, a mentalidade dos jovens que estão nas escolas, é um pouco diferente daquilo que eu esperava, (...), não pensei que (...) fosse da forma como é. (36)</p> <p>Acho que ainda tenho muito para... para andar, muito, é verdade. (37)</p>
A 19	<p>(...) acho que mais é impossível. Acho que mais dedicação, acho que é impossível. (41)</p>
A 20	<p>Eu sinto-me bem e..., acho que me sinto com capacidade para desenvolver um bom trabalho com uma turma, no próximo ano. Admitindo que posso tar errado, claro. (33)</p>

3.5 – Conceito de “professor ideal”

A 3	<p>(...) acho que, acima de tudo..., é fundamental não olhar para aquelas questões de educação como algo fechado porque, muitas vezes, é isso que acontece, os professores centram-se demasiado no que estão a fazer e, e esquecem-se do que está à volta, outras questões educacionais (...) (14)</p> <p>(...) o essencial é mesmo ter conta que é um contexto educativo, que não se resume tudo à sala de aula e à prática que o professor quer, impõe, que muitas vezes nem é adaptada aos alunos que tem. (15)</p>
------------	--



A 4	<p>Penso que é não centrar tanto em mim, centrar mais nos alunos. Acho que isso é o principal. (33)</p> <p>(...) acho que um bom professor não deve tentar preocupar-se com aquilo que vai fazer mas com sim como vai fazer para que os seus alunos possam atingir os tais objectivos ou as tais competências, simular competências. (34)</p> <p>(...) ter uma postura, porque eu sou muito, acho que não tenho muita confiança em mim, isso também passa muito para eles, então eles abusam disso. (35)</p> <p>Se calhar eu mostra que sou mais uma pessoa, mais um colega (...), mais um orientador, nunca propriamente alguém que sabe mais do que eles e tentar impor o que é que eu sei (...) (36)</p> <p>(...) acho que uma das características tem que se ser paciente, (...) acho que devem ser pacientes (...) (37)</p> <p>(...) devem tentar orientar e devem tentar também (...), trabalhar em conjunto, tanto o trabalho dele, como o trabalho dos alunos, não ser só ele, gostasse entrar mais em algo, tentar desenvolver algo nos alunos. (38)</p> <p>Em primeiro lugar pensar no aluno e depois como é que eu vou fazer, depois como é que ele pode trabalhar as duas coisas. (39)</p>
A 15	<p>É difícil, penso que, acima de tudo, temos que pensar nos alunos, (...), no contexto, porque o que funciona pra uma turma não funciona pra outra, temos visto isso, (...), em estágio, e..., tentar adequar os conteúdos (...) (24)</p> <p>(...) muitas vezes nós também sentimo-nos frustradas porque queremos utilizar outras actividades com eles e muitas das professoras, pelo menos que nos têm saído no estágio a, seguem muito à risca o programa e tem que ser aquilo e tem que se dar os conteúdos que tão no livro, e nós sentimo-nos um bocadinho limitadas, (...) e queremos experimentar, temos na universidade, aprendemos a teoria toda e queremos pô-la em prática, mas depois, quando chegamos ao estágio, tamos um pouco limitadas. (25)</p> <p>É mesmo isso que importa, não é preciso seguir o programa à risca, é pensar na turma e a partir daí desenvolver, sei que é difícil, (...) mas... (26)</p>
A 17	<p>(...) eu acho que isso é complicado, não sei. (10)</p> <p>(...) tem que ser uma pessoa que tenha um espírito bastante aberto. (11)</p> <p>(...) tem que se dar, não só dar, doar mesmo à profissão, acho que é essencial, acho que é muito difícil e cada vez mais (...) (12)</p> <p>(...) acho que uma pessoa tem que ter (...) uma boa relação interpessoal com os outros, e ser bastante sociável, (...) mas estar muito convicta daquilo que (...) segura de si. (13)</p> <p>(...) há tanta coisa que se poderia dizer, acho que isso advém depois com a prática. (14)</p>
A 19	<p>Eu acho que, um bom profissional deve estar sempre a mudar as estratégias, as metodologias, consoante os alunos que tem. (16)</p> <p>Não deve usar os mesmos materiais ao longo de anos e anos a fio. (17)</p> <p>Deve inovar, consoante aquilo que vê, na televisão, ler livros, ver novas formas de trabalhar, noutros países, não só noutros</p>



	países mas mesmo no próprio país (...) (18) (...) tenho pena (...) quando sair daqui não vou ter emprego, como é óbvio, (...) (23)
A 20	(...) temos que tentar desenvolver os alunos de modo, de uma forma global. (13) (...) há quem se preocupe muitos ou poucos conteúdos programáticos, transmitir a matemática, a língua portuguesa, fazer uma grande exploração entre as disciplinas e tudo, e esquecem muitas vezes o desenvolvimento do espírito crítico, de valores, princípios, a educação (...), é fundamental para mudar alguma coisa na sociedade e se se limitar a transmitir apenas os conteúdos acaba por não sortir o efeito desejado. (...) (14) (...) acho que as características que um bom professor deve ter (...) uma grande abertura ou diálogo com os alunos, às ideias deles, (...), rentabilizar tudo aquilo que eles digam, porque cada criança é uma criança e pode ter um contexto diferente, (...), de forma a que todas se sintam que a vida delas não fica estagnada, portanto, não fica retida ao portão da escola, lá dentro também tem valor e há pessoas que se preocupam e têm atenção às vivências dela (...) (15) (...) o professor deve tentar ter um conhecimento significativo da vida dos alunos mesmo, de forma a trazê-lo cá para a escola, para dentro da sala e trabalhar de forma diferente com as diferentes crianças. (16) Não pode ser um professor que sofra daquela doença do pensamento único. (17)

4 – Orientações para a profissionalização

4.1 – Estratégias usadas durante a formação a nível de atitudes

A 3	Para nós é um bocadinho complicado, porque depois tentamos conciliar, porque não podemos levar tudo para um lado ou só para o outro, temos que conciliar, um bocadinho daqui, um bocadinho dali, para que isso se torne possível. (13)
A 4	
A 15	
A 17	Tem que ser. E depois quando começam digo assim, pronto, vamos lá. E então volta tudo, ao normal. Tem que ser assim, de outra forma não, não consigo. (45)
A 19	(...) quando estou um bocadinho mais aflita, (...), neste momento ainda tou numa situação, posso ainda recorrer à professora, faço-o, claro. Vou logo ter com a professora e digo logo, olhe professora, o que é que eu faço nesta situação, e a professora acompanha. (49)
A 20	(...) depende da situação (...), a gente estabelece (...) umas relações com os alunos que eles, diferentes com alguns, com alguns alunos, agora, por exemplo, com o facto de eu ficar calado e me sentar, às vezes é o suficiente para eles, por exemplo, no caso do comportamento, se calarem todos, porque quando eu me sento eles já sabem e alguns começam a dizer, olha o professor, calem-se já, olha o professor já se sentou, e..., e transformam. (40)



4.2 – Estratégias usadas durante a formação a nível de reacções

A 3	
A 4	
A 15	(...) depois eu acho que mesmo o respeito, o clima de confiança acho que vai sendo adquirido, (...), ao longo da prática, porque agora já, penso que já está melhor, (...) chega ao fim eles já têm mais respeito, mas, é confiança mas já nos vão respeitando mais. (51)
A 17	
A 19	
A 20	Às vezes negociar com eles, porque tamos numa democracia e às vezes somos obrigados a negociar, ... (41)

4.3 – Formas de actuação

A 3	(...) a nível dos comportamentos, que é uma das grandes dificuldades com que nós já nos deparamos, (...) foram realizadas mesmo muitas estratégias. Desde jogos, (...) alterar a disposição das mesas, pronto, aquele tipo de jogos, então vamos fazer, vamos combinar assim, ou só fala desta forma, planeamos assim tipo diversas formas de evitar bater com o apagador no quadro ou falar mais alto porque antes era essa a tendência, tínhamos mais, falar mais alto mas a um dado momento não se percebe já nada porque eles começam a querer falar mais alto e pronto, é experimentando, eu acho que assim é que, só assim é que nós vamos conseguir aperfeiçoar. (40) É utilizando diversas estratégias e avaliando esses impactos. (41)
A 4	(...) sempre tento (...) ou me afastar ou sempre tentar virar a situação, pronto, querem fazer isto então vamos tentar, dei-lhe 5 minutos para fazer isto e depois tento tomar outra vez. Penso que eles ficam mais relaxados, muitas vezes, eles estão sempre a falar, a falar, por mais que eu grite depois é pior, se eu grito, eles gritam, depois ninguém se entende. Então eu tento que eles, pronto, mais confusão, temos esses 5 minutos de confusão e depois tento ou tentar fazer outra actividade que os deixa mais calmos, se eu tou mais calma, ou tento dar a volta, pronto, não querem fazer isto, vamos fazer isto. Mas fazemos isto e mais não sei quê, e temos de fazer isto que tem que ser feito, se não, estabelecer limites, pronto. Agora querem fazer isto, têm meia hora para fazer isto mas a seguir já fazemos outra coisa. (85) Estabelecer limites. (86)
A 15	Porque nós preparávamos actividades, mas essas actividades estavam incluídas na planificação do 4º ano. (21) Nós no início, com esta turma (...) em relação ao mau comportamento, começamos a utilizar tabelas, de registo de comportamento, o registo semanal, para ver se eles tentavam..., melhorar mais e depois quem tivesse melhor comportamento tentáva-



	mos encontrar ou durante as actividades estratégicas de..., não é premiar mas motivação para que continuassem o bom comportamento (...) (50)
A 17	Paro, deixo, nem que eles façam barulho, paro e tento (...) interrogar-me, (...), mas tenho que parar mesmo. (43)
A 19	
A 20	(...) uma das características que (...) tem que fazer parte do perfil de um professor, que é, é a capacidade de improviso. (38) No caso de perguntas que nós não tenhamos respostas logo lá na altura, normalmente, assim nesse aspecto, nessa perspectiva de situações que possam ocorrer, normalmente, (...) sempre podemos dizer, olha é um bom tema para vocês desenvolverem na Área de Projecto. (44) E eles aí acabem por ter, adquirir esse conhecimento de forma autónoma, e estamos sempre em ligação aos conteúdos que tamos a trabalhar.(43)

4.4 – Reuniões com o professor cooperante para a preparação da aula

A 3	
A 4	
A 15	(...) cooperação com a professora cooperante este ano não temos tido muito, infelizmente, porque nós queríamos (...) também depende dos professores, (...), da maneira de trabalhar deles. (2) (...) nós chegamos lá, ela dá-nos os conteúdos, apresentamos a planificação, ela diz sim, tá tudo bem, ou então faz a critica, no fim da aula, mas não passa disso. (31)
A 17	(...) é-nos dito quais são os conteúdos a desenvolver, muitas vezes depois há, nós planificamos e quando, na altura está tudo muito bem e depois, de repente, não concorda, acha que deveria ter sido de outra maneira, devia ter-nos dito antes (...) (7)
A 19	(...) nós não temos receitas, bem conseguidas, (...) (2) (...) gosto muito da maneira que ela trabalha (...) (3)
A 20	



4.5 – Reuniões com o professor cooperante para análise e reflexão sobre a aula

A 3	<p>(...) acho que ele é boa professora, mas..., falta ali qualquer coisa, acho que ela preocupa-se mais em mostrar que os alunos fazem muita coisa, quando, se calhar, muita coisa daquilo que eles fazem, é mais feito por nós, é mais, (...) vamos participar em muitos projectos, mas, muitas vezes, são tantos projectos que nós é que temos que concluí-los. (7)</p> <p>(...) acho que isso não traz grandes benefícios, só dizer que receberam um prémio, é mais a esse nível, que não, achamos que falha ali qualquer coisa, na nossa professora cooperante. (8)</p> <p>Deveria preocupar-se mais em trazer esses benefícios dos projectos, dos concursos para os alunos, não apenas o reconhecimento, como ganham prémios. (9)</p>
A 4	<p>A professora dá-nos os conteúdos, nós tentamos fazer mostramos a ela, ela concorda com tudo, e mesmo assim a gente pergunta, sim, sim, façam, façam, quando chega a hora de apresentar aí é que ela começa a baralhar as coisas, não é assim, faça assado, pronto, já começa a fazer as suas trocas e depois começa, nunca sabe nada do que a gente apresenta, (...). (2)</p> <p>Às vezes, acho que ela não deveria intervir tanto, não quando a gente tá a falar, mas sim, muitas vezes ela troca, à, vamos fazer isto e ela, à, não façam isto, façam assim. (...) cria mais instabilidade, as crianças vêm, à, elas não mandam aqui (...) acho que ela não deve fazer isso, deveria nos deixar ver as coisas, (...), e depois tentar, chamar-nos à parte e dizer olha faz isto, mas tenta fazer, para não intervir. (54)</p> <p>Muitas vezes nós tamos a falar (...), tamos a trabalhar uma coisa qualquer e ela, à, e não se esqueçam de amanhã, e então os alunos já perdem a concentração toda em nós e..., ficam centrados no que ela tá a dizer e depois pra mandar, pronto, pra à concentração em nós e demora muito tempo, a gente perde muito tempo, outra vez, para eles voltarem a concentrar-se no que estão a fazer. (55)</p> <p>Ela acho que poderia..., não digo não intervir, porque acho que muitas vezes é necessário, (...), mas fazer a intervenção doutra maneira, não ser tão..., ligar as coisas, uma coisa não tem nada a ver com a outra e ela dizer e a gente depois fica baralhados. (56)</p> <p>(...) muitas vezes ela sai fora da sala e depois aparece assim do nada e também intervêm, tipo, não está muito encaixado no contexto. (57)</p> <p>(...) não centrar tanto as coisas em nós, mas sim preocupar-nos mais nos alunos, acho que foi, foi o principal. (78)</p> <p>(...) há muita coisa que ela faz que acho que ela não deveria ser modelo. (79)</p>
A 4	<p>E muita coisa que ela disse que eu concordo com ela e muita coisa que eu não concordo. (80)</p> <p>(...) naquele aspecto (...) de dar-lhe trabalho para eles estarem calmos acho que não é muito, não é uma boa solução e acho que não deve ser feito. (81)</p>
A 15	
A 17	



A 19	Eu acho que a professora cooperante, nesse sentido, teve um papel muito importante porque sempre que a gente fez alguma coisa errada ou até bem, ela teve sempre a preocupação de, de elogiar ou, pelo menos, tentar que a gente repensasse naquilo que fizemos (...). (46)
A 20	

4.6 – Reuniões de reflexão com o professor supervisor

A 3	O nosso supervisor falou-nos, deu-nos algumas ideias, mas grande parte dessas estratégias têm partido mesmo de nós. (43)
A 4	(...) é um bocado complicado, o supervisor vai lá 10 minutos, 15 minutos e então o que vê não é propriamente a prática toda. E muitas vezes pode ficar com ideia não tão boa daquela pessoa e (...) se calhar deveria ter não digo mais horas, (...), mas se calhar outra orientação, (...) outro tipo de avaliação poderia ser feita ou de observação poderia ser feita, (...). (91)
A 15	(...) deu-nos mais feedback, do que tínhamos anteriormente, porque ia sempre à aulas, apesar de só tarem lá um bocadinho, (...), só fica um momento, mas gostei que ela ficasse sempre no fim de cada aula, desse a sua opinião, o que é que devíamos melhorar, o que é que tavamos bem, o que é que tínhamos feito mal, ajudava-nos nos materiais, dava-nos opiniões, o que é que poderíamos fazer bem, o que poderíamos fazer mal (...)(10) (...) a professora supervisora disse-nos para nós tentarmos mais, para conseguirmos mesmo integrá-las nas actividades da aula e fazer-mos uma planificação só pra elas. (20) (...) temos desenvolvido depois com o outro professor supervisor, (...) aqui na universidade, quando falamos das práticas, gostava de ter falado mais mesmo sobre as práticas, não de temas que estejam relacionados, mas sobre o que nós realmente fizemos, partilhar ideias entre os colegas e assim. (36) Nós no início, quando ficamos preocupadas, (...), e fomos falar com o professor supervisor, até porque a professora cooperante nos tinha feito aquela apreciação, negativa, e ficamos preocupadas, como é que íamos agir, mas o professor não nos indicou nenhuma estratégia, disse-nos foi para também não ficarmos tão nervosas, tão preocupadas, ir tentando lidar com a situação, porque, também se a turma era assim, também não seria por nossa culpa que tínhamos chegado à pouco tempo, (...), ainda por cima sendo uma turma do 4º ano, para nós não nos culpabilizarmos tanto como tavamos, não nos chatearmos e preocupar-nos. (52) Tentou, pronto, aliviar a situação, a tensão e..., pra nós pensarmos em actividades que também os cativasse mais porque podia ser que assim eles nos respeitassem e ganhasse a confiança. (53)
A 17	
A 19	(...) pelo menos com o supervisor, ele só sabe a partir das reflexões, as vezes que soube foi só através da reflexão, que houve, quando isso aconteceu. E, pelo menos, o professor não falou nada sobre isso. (52)
A 20	



4.7 – Orientações pedagógicas do professor cooperante a nível do desenvolvimento de competências educativas

A 3	<p>(...) há muita coisa que nós fazíamos e que pensávamos que estava correcto e que, se calhar, não era bem isso, muitos aspectos relacionados com a educação, que estão à nossa frente e nós parece que não nos apercebemos. (36)</p> <p>A professora cooperante, não mesmo. Só nos diz tal da teoria que é muito bonita, (...) mas agora assim orientações, às vezes, se calhar, o pouco que ela nos diz, não sabemos se vá, até que ponto será aplicável (...) (47)</p>
A 4	<p>(...) às vezes, tem uma visão diferente, a nossa professora é mais, ela não gosta muito dessa coisa de teorias, à inclusão, do trabalho de pares, a professora é mais tradicional, tipo, faz tudo, é mais o professor e o aluno, e enquanto professor ela tenta não, fazer outras coisas, tipo, mais o aluno que o professor é mais orientador. (28)</p> <p>E depois a reflexão. Muitas vezes nós estamos a agir e, às vezes, é bom a gente parar um bocadinho e pensar o que tamos a fazer e porquê. Isso foi o principal que ele promoveu foi isso. (77)</p> <p>Mas ela muitas vezes nos diz que é por aí, tentarmos ser muito amigos deles, o principal é ter eles do nosso lado, os alunos e os pais do nosso lado. E acho que nisso ela tem razão, uma coisa que ela nos disse que eu acho que é importante ter. (82)</p> <p>Muitas vezes, também nos diz que temos de ter sempre o apoio dos pais, devemos procurar sempre o apoio dos pais porque eles são a principal coisa, porque se não temos o apoio dos pais também não vamos ter o apoio dos alunos. Então acho que isso também foi um dos efeitos, se calhar, que penso que é importante. (83)</p>
A 15	<p>(...) na universidade é que sabemos, por professores de outras cadeiras ou porque afixam na universidade. (45)</p> <p>Não, não. [<i>Nada promovido pelos supervisores ou pelo professor cooperante</i>] (46)</p> <p>(...) a professora cooperante, o que ela referiu logo no início, que da parte dela, ela pensa e pensava que seria importante, também para nos auxiliar é ter sempre recursos materiais, visuais, para eles não se distraírem tanto, também mesmo por causa do comportamento deles, ficarem mais atentos e porque nós também não temos muita experiência, e então os recursos sempre nos auxiliam, pra não ser sempre o professor a falar. (55)</p>
A 17	<p>(...) Só o facto de eu ter que questionar a forma como desenvolvo o meu trabalho, porque já fui criticada, por duas vezes, (...) (39)</p> <p>(...) eu aceito bem quando me criticam (...) considero sempre que é sempre pra melhorar (...) (40)</p> <p>(...) ser por duas vezes, (...) e ainda por cima foram, digamos, se fosse um caso de, judicial, teria, estaria a ser renitente naquilo que fiz. (...) a intenção não foi essa, só que é, tem a ver com a lógica de pensar, eu já cheguei à conclusão que, realmente, a minha forma de pensar não será tão lógico quanto o usual, isso talvez tenha a ver com a minha vida, portanto, toda a vivência do passa, anterior e, mas só mais nesse sentido. (41)</p> <p>(...) seria, precisamente, a questão da projecção de voz, (...), porque..., é mais difícil depois conseguir chamar à atenção, (...),</p>



	<p>de alguém, quando uma pessoa tem uma voz, do que um tom de voz mais baixo. (47)</p> <p>Uma coisa que eu deveria fazer, que nem sempre faço, mas isto tá relacionado com o facto de haver um grupinhos que muitas vezes precisam de mais atenção do que outros, então a minha tendência é sempre (...), quase sou destacada prali, mas fico mais tempo, (...), perto pra ver como é que as coisas vão, se vão andando, e muitas vezes deixo, quer dizer, ou olho à distancia, (...), em vez de me movimentar e também de ir ao pé de outros alunos, fico-me sempre mais por um, há ali um, uma parte da sala que eu normalmente me centro mais. Isso também já me foi dito que não deveria fazer. (48)</p> <p>Gerir o tempo, também, mais não me estou a lembrar assim... (49)</p>
A 19	<p>(...) acho que ela tem uma relação muito próxima dos alunos, e acho que isso é essencial, (...) (4)</p> <p>(...) como futuros professores também deveremos ter essa relação. (5)</p> <p>(...) não pensa só nela, pensa, preocupa-se muito não só com os alunos, (...) os alunos que ela acompanha ao longo do ano inteiro mas connosco também. Preocupa-se muito com as nossas dificuldades, o que é que nós sentimos, o que é que devíamos fazer, basicamente é isso. (14)</p> <p>(...) eu relativamente à professora cooperante, acho que ela dá-nos (...) os conhecimentos essenciais (...) para nós fazermos (...) uma boa carreira, porque, ela mais do que ninguém, com 18 anos de experiência, (...) sabe determinadas coisas que nós, nem pouco mais ou menos, estamos lá perto de saber (...). (53)</p>
A 20	<p>No nosso caso, a nível da professora titular de turma tamos muito bem, muito atenciosa connosco, tem uma maneira de trabalhar que achamos que é muito dinâmica para os alunos, promove muito a autonomia, o espírito crítico, (...) tivemos muita sorte. (3)</p> <p>(...) o que nós observamos é que eles tão todos muito, o professor cooperante tá, (...) muito desiludido com tudo o que se passa e mesmo assim, através disso, tenta-nos motivar. (...) apesar da situação tar como tá, e ela reflecte isso nas expressões dela, mas, pra não mostrar, tentando afastar disso diz-nos que, nós não vamos sentir grandes dificuldades, porque somos novos, é sangue novo para a escola e não sei quê, tamos na idade de lutar e de, pronto, afecta mais professores com mais anos de serviço já e com uma certa idade. E assim nestes aspectos ela ajuda-nos muito, motiva-nos muito, na profissão, (...) (47)</p>

4.8 – Orientações pedagógicas do professor supervisor a nível de desenvolvimento de competências educativas

A 3	<p>(...), tem-nos apoiado muito, mesmo muito e, logo ao início estávamos muito reticentes, mas afinal, porque ele tem uma maneira de nos ensinar um bocadinho diferente daquilo a que nós estamos habituadas. (4)</p> <p>(...) achei que ele é um óptimo supervisor e aprendi muito, acho que eu não tivesse tido aquele supervisor não tinha chegado a muitas conclusões que cheguei depois por mim própria. (5)</p> <p>(...) pelo supervisor, porque, ele não nos diz concretamente os aspectos, mas eu acho que aí é que está a importância, porque nós é que nos conseguimos aperceber. (...) acho que isso foi mais importante do que, propriamente, chegar ao pé de nós e aler-</p>
------------	---



	<p>tar-nos para aqueles problemas específicos. (37) (...) orientações concretas não existem mesmo. (45) (...) ele orienta o nosso pensamento para nós chegarmos a esses aspectos, é mais assim, não nos dá mesmo. (46) (...) acho que, pertinente mesmo algumas orientações dadas pelo nosso supervisor (48)</p>
A 4	<p>O “S 0” disse que tenho que construir um “xanax” natural, mesmo de mim porque eu sou muito nervosa, então ele disse que eu tenho que construí um “xanax” para me acalmar mais. (...) algo a seguir, porque acho que apesar de tudo eu já fico muito nervosa e como, a cabeça bloqueia, (...), e não consigo reagir. E eu acho que se nós estivermos mais calmos, com a cabeça mais fresca consegue reagir (...) (89) (...) muitas coisas que a professora S 1 disse para reflectir sobre o nosso, o que estamos a fazer e também de se afastar um bocadinho, ver, tipo, fazer ver que a presença do professor que está lá, (...), fazer-nos ver. Agora não é que vai reparar, então ela não está aqui, então temos que procurar, então vai procurar o professor, se calhar, se afastar daquelas confusões, não sei. (90)</p>
A 15	<p>(...) na universidade é que sabemos, por professores de outras cadeiras ou porque afixam na universidade. (45) Não, não. [<i>Nada promovido pelos supervisores ou pelo professor cooperante</i>] (46) (...) a última que temos tido, pois o que ela tem insistido mais é que nós tentemos não, (...) que é feito na turma, que a professora supervisora também vê, chegar lá, dar as actividades fora do contexto, ela tem-nos aconselhado a qualquer conteúdo que nós iremos trabalhar venha sempre com um fio condutor, tenha sempre, seja sempre relacionado com algo, que eles saib, que eles conheçam, acho que isso foi uma das coisas importantes (...) que ela referiu. (54)</p>
A 17	<p>(...) o que o professor supervisor ou o cooperante terá contribuído para o meu, sim, mais a questão do questionamento do meu próprio trabalho. (42)</p>
A 19	<p>Quanto ao professor supervisor, (...) eu acho que, não houve tanto essa preocupação, (...) de tentar ver, pelo menos aconselhar-nos mas, (...) eu acho que isso foi feito, o meu professor supervisor teve um papel mesmo, eu gostei muito dele porque ele dizia olha, isto deve ser, este aspecto deve ser melhorado, este deves repensar melhor, pensa melhor nesta estratégia (...) (47) Mas relativamente, (...) ao supervisor, eu acho que..., ele dá-nos mais conhecimentos ao nível, se calhar, da psicologia, mais conhecimentos ao nível, se calhar, do conhecimento escolar e nem tanto ao nível da prática. É essa a ideia que eu tenho. (54) A professora cooperante é mais ao nível da prática e o professor supervisor é mais ao nível do conhecimento escolar. (55) (...) eu, pelo menos este ano, aprendi muita coisa, é a única coisa que tenho a dizer. (56) Sim. Como o professor “S 0” diz, cresci muito. (57)</p>



A 20	<p>É atenciosa, preocupa-se (...), é atenta, quando tá lá é mesmo atenta, se vê algo que acho que não tá bem, corrige-nos depois, diz, e diz umas coisas de uma maneira que não, que não desmotiva e que ajuda a crescer, é importante. (6)</p> <p>As iniciativas (...) tenho a salientar apenas o facto dos supervisores (...) terem ido mais algum tempo à prática, porque acho que não tavam muito tempo, não sei se é por confiarem no grupo, se é por motivo, mas ficam, permanecem pouco tempo na nossa sala, a observar o grupo. (35)</p> <p>(...) esta de irmos fazer a visita agora à escola da Ponte, foi uma iniciativa muito importante para nós e seria ainda mais importante para mim se fosse no ano lectivo anterior (...). (36)</p> <p>Outras iniciativas (...) alguns seminários, o professor supervisor da prática teve o cuidado de convidar (...) algumas entidades de vários organismos, por exemplo, da Direcção Regional da Educação, da Câmara, das Câmaras Municipais, Vereadores de Cultura, que tão muito ligados à escola de 1º Ciclo, porque as escolas de 1º Ciclo passam muito pelo financiamento das autarquias, portanto, houve esse cuidado (...) (37)</p>
-------------	---

4.9 – Diferenças sentidas entre as orientações pedagógicas do professor supervisor e as do professor cooperante

A 3	<p>Muito, noto muito isso, (...) (10)</p> <p>(...) acontece muitas vezes nós termos a fazer uma planificação e, o nosso supervisor preferir as coisas de uma forma e a nossa (...) professora cooperante, (...) referir que como ela faz que é melhor, que na teoria é tudo muito bonito mas que na prática as coisas são muito diferentes. (11)</p>
A 4	<p>(...) a professora só nos dá o feedback quando está a professora S 1 por perto. Quando a professora S 1 pergunta, (...) o que é que acha, e muitas vezes a professora faz referência a muitas coisas que nunca nos tinha dito. (25)</p> <p>Ela podia nos dizer para nós tentar mudar, só quando tá a professora S 1 é que ela diz. (27)</p> <p>E muitas vezes, acho que não, não condiz muito, acho que há diferenças, entre o que a professora cooperante diz e o que a professora S 1 diz. (29)</p> <p>É complicado porque a gente depende da nota deles, tipo, se a gente agrada a um estamos a tentar, pronto, agradecer a um estamos a virar as costas a outro. (...) depende muito, também, da ligação que nós temos. (30)</p> <p>E acho que é complicado porque a gente nunca agrada a toda a gente. (31)</p> <p>É complicado (32)</p>
A 15	<p>Sim, eu penso que sim. (15)</p> <p>(...) eu acho que é diferente, porque a cooperante tá sempre connosco, observa-nos, é muito diferente do que o professor supervisor, vai lá, tá lá um momento da aula, (...), tá bem que também depois na universidade nos ajuda nas planificações, nas reflexões, mas em termos de actividades e de prática mesmo acho que..., o professor cooperante penso que tem um papel, pelo menos em termos de ajudar e de nos evoluir mais. (16)</p>



	<p>(...) no que dizem pra fazer sim, às vezes existiam, mas, nós achávamos engraçado que..., a professora cooperante nunca nos tinha dito certas coisas e depois quando a professora supervisora, (...) vem já referir estes pontos, a professora cooperante já estava também a entender que sim, eu sempre achei isso, mas nós nunca sabíamos nada, (...), porque ela não nos dizia e nós não poderíamos saber. (17)</p> <p>(...) quando a professora supervisora nos disse que deveríamos fazer um acompanhamento mais de perto e a pessoa que tava a dar a aula, responsável pela aula nesse dia deveria fazer um acompanhamento mais, mais forte, a, aí é que a outra professora nos disse, sim eu sempre quis que vocês fizessem planificação, podem fazer uma pó 3º ano e outra pó 4º ano, (...) gostava que vocês fizessem, sempre vos disse, mas, nós na altura não quisemos contrapor, (...), porque tamos numa situação delicada, mas sabíamos perfeitamente, éramos três, que não tinha sido assim.(22)</p>
A 17	<p>Agora não tanto, porque a professora cooperante agora está um pouco mais inclinada para aceitar, talvez, as orientações da professora supervisora, portanto, agora há mais concordância. Só que agora também já estamos no final do ano, da prática. (9)</p>
A 19	<p>(...) eu acho que a nossa professora cooperante (...) fala mais connosco do que a própria professora, (...) a supervisora, porque, para além de estar lá mais tempo, (...) conhece-nos melhor, ela, mais do que ninguém, sabe-nos dar as (...) indicações do que é que está bem, do que é que está mal, do que é que deveríamos fazer, do que é que não foi feito, do que é que foi feito e deveria ser repensado, (...) e a nossa supervisora tá lá, tá 15 minutos lá, claro que não tem tanto, tanto, se calhar, à vontade connosco, para dizer certas coisas ou se calhar não..., não tem conhecimento suficiente pra dizer aquilo que deve ser. Porque, às vezes, chega lá num determinado instante e nem sabe o que é que veio para trás, o trabalho que veio pra trás e, se calhar, não sabe o trabalho que vem à frente, sabe naquele momento. E aquele momento é insuficiente, se calhar, pra dizer determinadas coisas essenciais se calhar para nós. Esse trabalho deve ser feito pela, pela professora da turma, mais do que ninguém conhece o nosso trabalho. (15)</p>
A 20	<p>Não, agora não, de momento não. (11)</p> <p>(...) elas já se conheciam, e têm formas de trabalhar, imagino eu, semelhantes, porque nunca vi trabalhar a supervisora, mas, pelas conversas que têm e pela escola onde a supervisora trabalha, deduzo que tenham formas de trabalhar muito semelhantes e não há afastamento nenhum entre elas, pronto, nem a nível das orientações, nem a nível...(12)</p>

4.10 – Sugestões dos supervisandos

A 3	
A 4	<p>O meu espírito crítico, acho que..., foi, foi o principal. (76)</p>



A 15	(...) as duas alunas estavam identificadas com alínea i), eram duas alunas de etnia, cigana, e, e era muito complicado e elas tinham um professor de apoio, mas a professora de apoio o trabalho que desenvolvia é mais ao nível de trazer fichas de trabalho, trabalha com elas e depois vai aquele bocadinho embora. E então o que é que nós começamos a desenvolver por exemplo que nos foi dado e por pensarmos que seria assim que deveríamos agir com elas, era, também trazíamos trabalhos, não iguais à turma, (...), porque elas estavam noutra nível, no que poderíamos actuar em coisas iguais era na área das expressões mas, muitas vezes, elas também se recusavam, e o que é que fazíamos, enquanto o, uma aluna estava a ter aula individual, tentava dar mais a aula ao grande grupo e depois ia, de vez em quando, tentava fazer trabalho também com as outras duas alunas, mas muitas vezes recebia cooperação das duas alunas, porque somos três no grupo de estágio, das outras duas alunas que não estavam em prática nesse dia. (19)
A 17	
A 19	(...) Vale das Aves está, tem uma metodologia super diferente, eu acho que, há professores que, se calhar, não concordam por completo com aquela forma de trabalhar, mas ao menos, tirar certas coisas essenciais e aproveitá-las para aplicar na sala de aula. (19) Há tanta, tantas coisas, noutros países, que podem (...) ser aproveitadas. (...) não quer dizer que sejam ligadas à educação, mas (...), ligadas a outras áreas, (...) a nível (...) das novas tecnologias, podem ser aproveitadas, a nível da matemática pode ser aproveitado, das engenharias (...) (20) Eu acho que, é coisas tão pequenas mas que podem ser aproveitadas (...). É isso que eu penso. (21)
A 20	

5 – Relações interpessoais estabelecidas pelos supervisandos

5.1 – Com o professor cooperante em contexto de Prática Pedagógica

A 3	(...) a nossa professora cooperante existe assim umas divergências de opiniões, entre nós e a nossa professora cooperante. (6) Não é uma má relação mas devido a algumas divergências de opiniões, poderá não ser a melhor. (19)
------------	---



A 4	<p>Este ano é mais distância, só mesmo na prática. (4) Ela é muito boa, como é muito má. (21) Também muitas vezes é, fala connosco de uma maneira também é como se fosse mais um aluno do que, propriamente, um colega dela. E muitas vezes, também, a gente não consegue perceber. (22) (...) gosto muito dela, (...), há dias que gosto, outros dias que não gosto, às vezes, ela nos tenta dar umas dicas mas tipo, não nos dá aquelas dicas necessárias, propriamente, mas, não sei (...) (23) E nós também nos apercebemos, então isso aí que nós vemos, que muitas vezes a professora vê coisas que não nos diz. (26) (...) acho que também não é muito boa, (...), é boa, a gente tem aquelas conversas (...), mas...(47) Isso mesmo. [<i>Podia ser melhor</i>] (48) Tem aquela distância, muitas coisas que nós falamos com ela e ela tenta desviar ou, sim, sim, a despachar (...) e há muita coisa que nós precisávamos mais aquele apoio, aquela, mas acho que é melhor não forçar que é melhor. (49)</p>
A 15	<p>(...) eu sinto que podia ser uma relação mais de confiança e de entreaajuda e, até porque nós tamos a aprend, precisamos de mais apoio, poderia ser uma relação (...) mais de apoio, mais próxima. (32) Podia ser mais próxima, é muito distante.(33)</p>
A 17	<p>(...) se nós falássemos, se tivéssemos um diálogo mais aberto, (...) não é de todo muito positiva, digamos.(8) (...) é mais pessoal, um pouco mais aberto, mas também, não há, não há assim um grande relacionamento com os professores cooperante, nem supervisor. (19)</p>
A 19	<p>(...) a minha professora cooperante, eu tou a gostar muito do trabalho dela. (1) (...) é uma professora que a nível de relação com as outras professoras também e a nível de toda a comunidade, vá, é muito aberta, (...) dá-se bem com toda a gente, o que faz com a gente tenha facilidade, se calhar em conhecer outras coisas que, se calhar, outras professoras, à partida, não dão essa oportunidade. (8) (...) acho que é uma pessoa muito..., fácil, de (...) comunicar (...) (11) É, é boa. (26) Eu gosto muito dela. (27)</p>
A 20	<p>É uma relação muito boa, muito, muito, muito, muito boa. (8) Falamos sempre muito. (...) Falamos sempre muito, sempre muito, muito, muito. (21) (...) nós (...) no recreio, vamos sempre com ela, beber um cafezinho e falar do que acontece e após o dia lectivo ter terminado voltamos novamente ao café e tamos ali a cerca de meia hora, ou mais se for preciso, a falar sobre como correu sim (...) (22)</p>

5.2 – Com o professor cooperante fora do contexto de Prática Pedagógica

A 3	<p>É similar à relação que mantemos durante a prática. (20)</p>
------------	---



A 4	Com a professora cooperante também, só se há alguma alteração que ela nos liga, pode-nos ligar fora do horário, pode-nos ligar ah afinal podem fazer isto, façam assim ou coisas assim mas de resto não, não tenho nenhuma ligação. (51)
A 15	Não há nenhum contacto com a professora cooperante, nem, com a supervisora também não porque penso que também tem outras funções (...) (34)
A 17	Não. (<i>No sentido de que não existe</i>)(21)
A 19	A nossa professora cooperante, é assim, ela é, pralém de ser nossa professora, lá na sala de aula, dentro daquele espaço, ela é nossa amiga, ficou nossa amiga. Eu acho que isso é muito importante.(29) Ela ficou nossa amiga no sentido, qualquer coisa que a gente precise, ela está lá, qualquer coisa, mesmo problemas pessoais, ela está lá tamém. (30) (...) ela própria também se sente nossa amiga, (...) ela é uma pessoa que conversa connosco como conversa, se calhar, com outra pessoa qualquer que conhece, se calhar há muitos anos. (31)
A 20	Fora do contexto de prática a relação também é muito boa porque sobre a prática, da professora cooperante, não só já sou estagiário dela mas também amigo. (23)

5.3 – Com o professor supervisor em contexto de Prática Pedagógica

A 3	Classifico como uma boa relação. (17) Sim, é boa, é positiva. (18)
A 4	Eu acho que a relação, (...) é bom, tivemos dois diferentes também é bom para ver a ideia que eles têm de nós também é diferente. (19) É também a maneira como ela se dirige a nós, como fala connosco (...) (17) É muito boa, a professora S 1 é muito acessível, mesmo a nível, qualquer dúvida que nós tenhamos podemos mandar mail, temos o contacto, acho que é muito boa. (45) Eu acho que é bom. (46)
A 15	Eu penso que é boa porque ..., como nós mudamos, (...) (29) (...) com esta última supervisora, nós só temos uma relação na prática, não é desenvolvida depois cá (...) (35)



A 17	<p>(...) é uma pessoa que só está muito pouco tempo connosco, não está, é a supervisora não é a professora cooperante, é diferente, eu não junto. (3)</p> <p>É uma pessoa que não está muito tempo, está pouco tempo, (...) às vezes, tenho a sensação de que está um pouco desligada de, da prática diária, (...). (4)</p> <p>Acho que é uma pessoa com bastantes conhecimentos da área, mas pra mim, nem sempre, acho que está um pouco desfasado do contexto mesmo de prática. A nível mais teórico, pronto, prático, não sei.(5)</p> <p>(...) talvez não muito aberta, mas pela minha parte, porque, isso tem a ver com o meu carácter, penso eu. (15)</p> <p>É uma pessoa que eu não conheço muito bem, também (...) (16)</p> <p>(...) acho que ainda sou um pouco tradicional, pelo que me têm dito e pelo que eu já tenho percepcionado um pouco, e então há uns choques, (...) eu tento, a minha lógica talvez não seja aquela que é mais, ou que seria, ou que toda a gente esteja à espera, e, por isso, de vez em quando, há assim uns, uns choques de mentalidades, (...) (17)</p> <p>(...) eu tento ser aberta mas sempre cria uma certa barreira (...). eu não sou totalmente (...) aberta digamos, para com, então o relacionamento não poderá ser tão positivo quanto deveria. (18)</p>
A 19	
A 20	<p>(...) acho que ainda não conheço bem porque não temos contactado assim tanto como tudo isso, já que ela começou a tar connosco (...) só no 2º semestre e não foi no início, (...) tenho uma boa impressão dela. (5)</p> <p>É boa. (19)</p>

5.4 – Com o professor supervisor fora do contexto de Prática Pedagógica

A 3	<p>É, pois, com a professora S 1 só (...) são perguntas sempre de, tem a ver com a planificação ou com, de outras conversas não. (50)</p>
A 4	
A 15	<p>Não há nenhum contacto com a professora cooperante, nem, com a supervisora também não porque penso que também tem outras funções (...) (34)</p>
A 17	
A 19	
A 20	<p>(...) com a professora “S 2” que também é supervisora também, acho que fora das aulas, fora do contexto de trabalho a relação é boa, nós falamos e...(24)</p>



5.5 – Com os alunos

A 3	
A 4	
A 15	
A 17	Tenho um relacionamento, (...) eu não consigo criar um envolvimento muito grande com as crianças, nem sempre consigo, tento mas não consigo. (32) Acho que não consigo com ninguém, se calhar, não sei. (33) Mas, se eu noto, (...) que está, (...) a haver alguma dificuldade eu tento mudar e então nesse momento eu consigo desbloquear, digamos e então relaciono-me, consigo criar um bom ambiente com eles. (34)
A 19	
A 20	

6 – Aspectos das dimensões pessoal e interpessoal, relacionadas com a resiliência, em contexto supervisão

6.1 – Efeitos da acção do professor cooperante nos supervisandos - factores protectores

A 3	
A 4	
A 15	
A 17	Não, não foi assim, não sinto..., qualquer, digamos que, barreira ou, não há nada que transtorne. [<i>E a acção do professor cooperante</i>] (26)
A 19	Sim, eu acho que, pelo menos, ela dá-nos oportunidade de assistir a várias reuniões, dá-nos oportunidade de utilizar várias estratégias, ela dá-nos muita liberdade. [<i>Acha que se cria um bom ambiente em questões de turma e de escola para o desenvolvimento da PP</i>] (7) (...) no entanto, considero que, que a professora cooperante é aquela que deve assumir mais responsabilidades a nível da nossa avaliação, ao nível do nosso progresso ou retrocesso, porque é aquela que tá mais tempo, passa mais tempo connosco na sala de aula. (35) Eu acho que se nós não tivéssemos um acompanhamento não éramos professores, (...). (36)
A 20	

6.2 – Efeitos da acção do professor cooperante nos supervisandos - factores de risco

A 3	
-----	--

A 4	<p>A professora poderia ter trabalhado mais em conjunto do que propriamente ter-nos deixado assim, vai-se embora e nós temos de tar aí a tentar conseguir, pronto, controlar a turma. (9)</p> <p>(...) eu acho que ainda não temos muita experiência nisso, e poderia, se calhar, dar mais um apoio em relação a isso. (10)</p> <p>Aí já, acho que é igual, só que não temos tanto, (...) não nos ajuda muito porque nunca nos dá algo (...) que possamos mudar, que possamos aplicar. [<i>E o professor cooperante</i>] (63)</p> <p>Ela só se preocupa mais, à, dêem-lhes trabalho que eles ficam quietos. Ela mesma acha isso, então está sempre a dizer, dêem-lhes trabalho que eles ficam quietos. (64)</p>
A 15	<p>(...) fiquei um bocado desmotivada, porque ela (...), só nos falava, só dizia alguma coisas quando era para dizer algo negativo, fizeram isto mal, não devem fazer assim, devem melhorar, não pode ser, tá tudo muito mal. (12)</p> <p>(...) no início do ano, nós ficamos muito assustadas porque ela nunca falou connosco, depois chegou uma altura que (...) disse ah, vocês têm que mudar a vossa maneira de, de planificar ou algumas actividades porque eu chego ao fim da semana não estou a conseguir extrair nenhuma informação deles, e nós ficamos um pouco desiludidas porque se isso tava a acontecer gostávamos que ir sabendo, (...), pra ir corrigindo. (13)</p> <p>(...) é professora cooperante mas não cooperou muito, porque ela dava-nos os conteúdos, o único trabalho que tínhamos com ela era, dava-nos os conteúdos a trabalhar durante a semana ou durante os dias e depois nós planeava-mos as actividades e mostrava-mos. Ela dizia sim, sim e depois era só isso, não tínhamos mais...E depois no final criticava, e antes, quando mostrava-mos a planificação dizia que tava tudo bem, (...), depois acontecem sempre coisas. (14)</p>
A 17	<p>(...) não há muito que eu possa dizer porque não tem sido assim uma ajuda muito grande. (...) que reflecta connosco, que fale sobre o nosso trabalho, no fim da prática, que é óptimo pra, se há alguma coisa que não funciona bem, nada melhor do que fazer evidenciar, isso para podermos melhorar, se não há depois um trabalho nesse sentido, é complicado. (6)</p>
A 19	
A 20	<p>(...) é um bocado complicado, às vezes, a gente sente-se sem apoio. (1)</p>

6.3 – Efeitos da acção do supervisor nos supervisandos - factores protectores

A 3	<p>(...) A acção é positiva (27)</p>
A 4	<p>E agora a professora S 1 dá-nos mais segurança, porque é uma pessoa mais calma, (...) e ao entrar na sala de aula dá aquela segurança, tou aqui mas não tou aqui, é como que ela está presente mas tipo, nos deixa mais à vontade. (16)</p> <p>(...) a professora S 1, sei lá, a maneira como ela tem de falar, de ver as coisas, tipo, tem um olhar mais de segurança. Nós poderemos tar a fazer algo que não temos a certeza, (...), mas tamos a olhar para ela e ela tipo, olha pra nós com mais segurança. (18)</p> <p>(...) acho que foi muito bom (...) (58)</p>



	<p>(...) o “S 0” no início nos incentivou para nós sermos críticos, sempre reflectir sobre o nosso trabalho, o nosso empenho. E tentar ver sempre com os outros olhos, (...), tentar sempre dar a volta. (59)</p> <p>Acho que isso é muito bom porque nós tamos lá e não é só ver, à, vou fazer isto por isto, mas sempre temos que ver a razão por que vamos fazer. (60)</p> <p>(...) a nível crítico, isso é muito bom porque assim nós podemos ver o que é que estamos a fazer mal e porquê e reflectir sobre isso. (61)</p> <p>E a nossa professora S 1 também acho que muitos conselhos que já nos tem dado nós aplicamos e agora estamos a ver resultados, ela disse que a longo prazo vai-se ver o resultado e acho que é muito importante ter, (...) ele nos pode dizer para nos ajudar. (62)</p>
A 15	
A 17	<p>(...) pode ser positivo o facto de nós sabermos que há alguém que está a..., supervisionar o nosso trabalho, faz com que a pessoa, talvez, seja mais acurada naquilo que faz, mas por outro lado pode constranger, também (...). (38)</p>
A 19	<p>A professora S 2 já nos acompanha mais porque já diz: olha, faz isto, eu acho que deverias seguir por este caminho, porque se calhar é melhor para os alunos ou, se calhar, tu sentes-te melhor. E esse trabalho não era feito, se calhar, com o professor “S 0”. Embora na parte final já tenha notado que esse trabalho, pronto, já havia uma preocupação. (10)</p> <p>Eu acho que, que o professor supervisor, (...) é essencial para nos acompanhar ao longo, vá, deste processo, (...), acho que é essencial. (34)</p> <p>Acho que deve haver sempre o acompanhamento de pessoas ligadas à área, pessoas que conhecem o trabalho que deve ser feito na, naquele campo, para nos dar, se calhar, vá, certas indicações do trabalho que deve ser feito ou, pelo menos, encaminhar-nos, porque nós não temos bases nenhuma. Tem que ser alguém que conheça. (37)</p> <p>(...) eu acho que é essencial (...), apesar disso nos intimidar, se calhar, por vezes, um bocado. (43)</p> <p>(...) temos que conviver bem com essas situações de observação porque, ao fim ao cabo, temos tantos alunos, tamos sempre a ser observados. (44)</p> <p>Acho que isso é importante, é essencial. (45)</p>
A 20	<p>(...), eu neste caso acho que me posso referir mais ao supervisor do 1º semestre e um pouco do 2º, porque é com ele que reflectimos, semanalmente, acerca do que aconteceu na prática, e acho que nesse aspecto ele ajuda muito no nosso crescimento, porque é uma pessoa que tem o espírito crítico muito afinado, (...), e tenta nos fazer as coisas de pontos de vista, nas perspectivas que nós às vezes temos dificuldades em chegar lá. (27)</p> <p>E acho que ele ajudou-nos muito, a minha ideia é que nos ajudou muito no crescimento. (28)</p> <p>Das práticas que eu observei nele, pois, (...), não tenho assim nada a salientar. (34)</p>

6.4 – Efeitos da acção do supervisor nos supervisandos - factores de risco

A 3	
A 4	No início (...) eu tinha muito medo do “S 0”, porque acho que ele é uma pessoa que intimida. E já pelos nervos, os nervos que eu tenho, pronto, ele entrava na sala e pronto, já eu começava a tremer. (15) A professora só vê aqueles minutos e é com aquela impressão que fica. (93) Não digo que não seja aquela impressão correcta, porque pode ser (...) mas acho que não, se calhar, muitas vezes, não é a mais correcta. (94)
A 15	(...) acho que deveria de ser..., de auxílio, (...), de apoio, ao que estamos a desenvolver (...) (37) Penso que deveria ser..., penso que não é tão..., tão motivante, deveria nos dar mais..., mais motivação (...) (38) Sim, mas penso que também com o professor supervisor. [<i>Essa motivação de que fala é essencialmente do professor coooperante</i>] (39) Sim, acho que é importante, se nós partilhássemos também o que acontece no estágio, o que também não tem acontecido (...) e deparássemos como temos falado, mas falamos mais com os colegas, de problemas que acontecem assim (...) penso que poderiam-nos dar mais apoio, mais auxílio, motivar. (40)
A 17	(...) talvez, (...) faça com que eu não consiga desenvolver sempre tudo de acordo com aquilo com que eu possa pensar. (24) Pode ser que por um lado vá ao encontro daquilo que seja melhor, para um dia na prática, pode ser que sim, mas por outro lado, depois, faz com que eu não seja tão espontânea, não teja tão à vontade, para reagir perante o que tenho para desenvolver, um dia. (25)
A 19	O professor “S 0”, a nossa relação com ele, neste momento já é mais próxima, mas no início acho que era uma proximidade, ou se calhar nem sequer era proximidade, ele era uma pessoa mais distante, não nos, não nos acompanhava tanto, não nos dava, se calhar, as bases que nós precisamos para (...) sermos uns bons professores. (9)
A 20	

6.5 – Reacções reflectidas dos supervisandos face a situações de desempenho difíceis

A 3	(...) eu acho que, em tudo, se nós procurarmos pensar no assunto com alguma clareza e definir sempre as estratégias previamente é sempre mais fácil para depois organizarmos, procurarmos resolver esses problemas. (39)
A 4	
A 15	(...) o início é sempre aquele momento de adaptação que nós ..., foi o que aconteceu este ano, deparamo-nos com uma turma com um comportamento grave (...) mau comportamento (...) o que nós fizemos foi tentar em acordo com a professora coooperante, tentar-mos encontrar nós estratégias (...) para que eles aprendessem a respeitar-nos (...) (48)



A 17	Se houver qualquer coisa (...) já me tem acontecido situações muito imprevistas, coisas que nós temos que fazer assim de repente e que eu não estava nada à espera, ou temos que mudar ou qualquer coisa, então, tenho mesmo que parar, deixo, nem que eles falem, conversem, e como se alguém entrasse no momento, pensaria, bem, isto aqui o que será que está a acontecer, mas tenho que parar, pensar e depois então reagir. Se não, não consigo. (44)
A 19	(...) eu, normalmente, quando isso acontece, pelo menos na sala de aula, eu tento resolver o melhor possível, até, às vezes, até numa actividade que eu não tenha pensado, eu reformulo e tento adequar de forma a que os alunos (...) não deixem pela minha fraqueza. (48)
A 20	Sinto, (...) não me sinto nervoso, porque eu também já estava habituado a trabalhar com crianças, não de uma faixa etária tão jovem mas (...) (39)

6.6 – Reacções impulsivas dos supervisandos face a situações de desempenho difíceis

A 3	
A 4	
A 15	Eu acho que cedo (...) (47)
A 17	
A 19	
A 20	

6.7 – Supervisandos sem reacção face a situações de desempenho difíceis

A 3	(...) uma situação assim mais difícil, acho que, no 1º momento ficamos sempre um bocadinho sem saber o que fazer. (38)
A 4	(...) eu sou uma pessoa muito nervosa, e mesmo, em qualquer situação que eu consiga eu acho que eu fico (...) parece que não tenho solução, não tenho mãos para resolver. (85)
A 15	
A 17	
A 19	
A 20	

ANEXO F

Este Anexo apresenta a Escala de Avaliação da Competência Educativa, que foi efectuada pelos supervisandos e pelas professoras cooperantes.

Escala de Avaliação da Competência Educativa (EACE)

Caro supervisando, de acordo com a legenda, peço – lhe que auto – avalie o seu desempenho durante a Prática Pedagógica, assinalando com uma X o valor que considera mais adequado relativamente a cada uma das 16 afirmações seguintes:

Legenda

1 - Sempre	2 - Quase sempre	3 - Ocasionalmente	4 - Raramente	5 - Nunca	6 - Sem opinião
------------	------------------	--------------------	---------------	-----------	-----------------

COMO SUPERVISANDO EU...

Item	Afirmações	1	2	3	4	5	6
1ª	Planifico a intervenção usando objectivos e metodologias apropriados.						
2ª	Traduzo a teoria em acções concretas aplicáveis à situação de Prática Pedagógica.						
3ª	Avalio adequadamente a eficácia das minhas acções.						
4ª	Reformulo adequadamente as estratégias das minhas acções.						
5ª	Identifico os problemas em cada situação particular.						
6ª	Enquadro os problemas através da reflexão e da pesquisa.						
7ª	Adapto-me a situações imprevistas.						
8ª	Ultrapasso com êxito as dificuldades que surgem.						
9ª	Encaro o papel de Professor como o de um agente de mudança.						
10ª	Reflecto sobre as condições sociais da instituição onde trabalho.						
11ª	Aceito pôr os meus próprios valores em causa.						
12ª	Respeito as realidades sociais e culturais dos outros.						
13ª	Mostro um adequado conhecimento dos outros e de mim-próprio.						
14ª	Mostra um correcto envolvimento interpessoal.						
15ª	Mostro confiança nas minhas possibilidades.						
16ª	Assumo a responsabilidade pelos meus actos.						

Se tivesse que escolher entre as 16 afirmações precedentes as **6 mais cruciais** para caracterizar um professor ideal quais destacaria? Indique-as pela ordem de importância que lhes atribui, colocando os números do item na casa certa:

Mais importante			Menos importante		
1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª

Observações:



Escala de Avaliação da Competência Educativa (EACE)

Caro Professor, nas 2/3 folhas seguintes, de acordo com a legenda, avalie cada um dos seus supervisandos, assinalando relativamente a cada um deles, com uma X, o valor que considera mais adequado para os caracterizar. Atribua-lhes um número, por favor, por ordem alfabética.

Legenda

1 - Sempre	2 - Quase sempre	3 - Ocasionalmente	4 - Raramente	5 - Nunca	6 - Sem opinião
------------	------------------	--------------------	---------------	-----------	-----------------

Item	Afirmações	1	2	3	4	5	6
1ª	Planifica a intervenção usando objectivos e metodologias apropriados.						
2ª	Traduz a teoria em acções concretas aplicáveis à situação de Prática Pedagógica.						
3ª	Avalia adequadamente a eficácia das suas acções.						
4ª	Reformula adequadamente as estratégias das suas acções.						
5ª	Identifica os problemas em cada situação particular.						
6ª	Enquadra os problemas através da reflexão e da pesquisa.						
7ª	Adapta-se a situações imprevistas.						
8ª	Ultrapassa com êxito as dificuldades que surgem.						
9ª	Encara o papel de Professor como o de um agente de mudança.						
10ª	Reflecte sobre as condições sociais da instituição onde trabalha.						
11ª	Aceita pôr os seus próprios valores em causa.						
12ª	Respeita as realidades sociais e culturais dos outros.						
13ª	Mostra um adequado conhecimento dos outros e de si-próprio.						
14ª	Mostra um correcto envolvimento interpessoal.						
15ª	Mostra confiança nas suas possibilidades.						
16ª	Assume a responsabilidade pelos seus actos.						

Por último peça-lhe que, de entre as 16 afirmações precedentes escolha as **6 mais cruciais** para caracterizar um professor ideal. Indique-as pela ordem de importância que lhes atribui, da mais importante para a menos importante.

Mais importante			Menos importante		
1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª

Observações:

ANEXO G**Prova de avaliação do nível de resiliência efectuada aos supervisandos e às professoras cooperantes**

Assinale com uma X o seu acordo/desacordo com as afirmações seguintes.

SEXO:	IDADE	CURSO	ESPECIALIDADE
--------------	--------------	--------------	----------------------

Discordo: 1	Não sei: 2	Concordo: 3
--------------------	-------------------	--------------------

1 – Em geral desmotivado-me ou desisto quando me deparo com grandes dificuldades.	1	2	3
2 – Quando não tenho êxito sei que posso contar com os meus colegas para voltar a tentar.	1	2	3
3 – Não tenho uma pessoa ou um grupo de pessoas para recorrer quando preciso.	1	2	3
4 – Acho que para termos êxito a persistência é tão importante como as nossas capacidades.	1	2	3
5 – Quando penso que vou falhar, em geral, isso acontece.	1	2	3
6 – Tenho dificuldades em envolver-me e responsabilizar-me pelas tarefas que me atribuem.	1	2	3
7 – Em geral sou uma pessoa que os outros podem contar.	1	2	3
8 – Quando não tenho a certeza sobre algo procuro que alguém, que saiba mais do que eu, decida o que fazer.	1	2	3
9 – Sinto-me bem comigo próprio e gosto de ser como sou.	1	2	3
10 – Consigo quase sempre encontrar aspectos positivos nas experiências negativas porque passei.	1	2	3
11 – Gosto de ser eu a solucionar os meus problemas, pessoalmente, sem recorrer a ninguém.	1	2	3
12 – Não estou seguro de conseguir resolver adequadamente os problemas profissionais com que me irei defrontar.	1	2	3



ANEXO H

Prova de completção de frases relativa à resiliência – professoras cooperantes

No que se refere ao seu papel de supervisor/professor cooperante da Prática Pedagógica, peço-lhe que pense naquilo que o ajuda a superar com êxito as eventuais dificuldades que surgem quando lida com os supervisandos. Procure sistematizá-las em 3 frases que se iniciem por:

Eu tenho...

Eu sou ...

Eu posso ...

Eu tenho...	
Eu sou ...	
Eu posso ...	



Prova de completção de frases relativa à resiliência – supervisandos

No que refere à situação de Prática Pedagógica em que está envolvido, peço-lhe que pense naquilo que o ajuda a superar com êxito as eventuais dificuldades que lhe vão surgindo sistematizando-as em 3 frases que se iniciem por:

Eu tenho...

Eu sou ...

Eu posso ...

Eu tenho...	
Eu sou ...	
Eu posso ...	



ANEXO I

“Sentence Completion Test” (SCT) – Integral

Prova de avaliação do desenvolvimento do ego, efectuada através do completamento de frases de Jane Loevinger (1987, adaptado de Helena Ralha – Simões, 1993).

Item	Complete as frases seguintes
1	Criar uma família ...
2	A maior parte dos homens pensa que as mulheres...
3	Quando me evitam...
4	Se a minha mãe...
5	Estar com outras pessoas...
6	O que mais aprecio em mim...
7	A minha mãe e eu ...
8	O que me mete em sarilhos...
9	A educação...
10	Quando as pessoas estão desamparadas...
11	As mulheres têm sorte porque...
12	O meu pai...
13	Uma mulher grávida...
14	Quando a minha mãe me batia eu...
15	Uma esposa deve...
16	Eu sinto pena...
17	Quando estou nervoso(a) ...
18	O corpo da mulher é...
19	Quando uma criança não participa nas actividades do grupo...
20	Os homens têm sorte porque...
21	Quando falam de sexo eu...
22	Ela às vezes ficava preocupada com...
23	Eu sou ...
24	Uma mulher sente-se bem quando...
25	O meu principal problema...
26	Sempre que estava com a mãe, ela...
27	O pior que há em ser mulher...
28	Uma boa mãe...
29	Ela às vezes desejava que...
30	Quando estou com um homem...
31	Quando pensava na mãe, ela...
32	Quando não consigo o que quero ...
33	Em geral, ela sentia que o sexo...
34	Para uma mulher, uma carreira é...
35	A minha consciência incomoda-me se...
36	Uma mulher deve sempre...

Nota: Para uma maior elucidação, destaca-se a laranja os dez itens que serviram de base à avaliação do desenvolvimento do ego dos sujeitos alvo do estudo, através do instrumento PIPA.



SCT - PIPA

Peço-lhe que complete as seguintes frases.

Item	Complete as frases seguintes
1	O que mais aprecio em mim...
2	Quando me criticam...
3	Quando não consigo o que quero ...
4	O meu principal problema...
5	Quando me evitam...
6	A educação...
7	Eu sou ...
8	A minha mãe e eu ...
9	Estar com outras pessoas...
10	Quando uma criança não participa nas actividades do grupo...
11	Quando estou nervoso(a) ...
12	Quando as pessoas estão desamparadas...

ANEXO J

Quadros de sistematização das respostas dadas pelas professoras cooperantes nas entrevistas. A sua elaboração foi efectuada de acordo com as Grelha de Categorização 1, apresentada no Capítulo II, da Metodologia.

1 - Caracterização do professor cooperante**Quadro I – Tempo de serviço como professora cooperante**

Tempo de serviço como professor cooperante	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
É o primeiro ano	2	0	1	0	0	0	0	3
É o segundo ano	0	0	0	0	0	0	1	1
10 anos	0	1	0	0	0	0	0	1
3 anos	0	0	0	3	0	0	0	3
6 anos	0	0	0	0	1	0	0	1
7 anos	0	0	0	0	0	3	0	3
Total respostas por cooperante	2	1	1	3	1	3	1	12

Quadro II – Motivação para ser professora cooperante

Motivação para ser professor cooperante	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Estou motivada	1	1	0	0	0	0	1	3
Não estou satisfeita, estou desmotivada	0	0	3	0	0	0	0	3
O que me dá motivação é o trabalho com um dos supervisandos	0	0	2	0	0	0	0	2
Gosto de ter estágio	0	0	0	0	3	0	0	3
Total respostas por cooperante	1	1	5	0	3	0	1	11

Quadro III – Clima de supervisão preconizado pela professora cooperante

Clima de supervisão preconizado	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Ajudo naquilo que precisam	1	0	0	1	3	0	0	5
Estabeleço um clima de confiança	0	2	0	0	0	0	0	2
Supervisão reflexiva	0	2		0	0	0	0	2
Mantém o à vontade	0	0	4	0	0	0	0	4
Gosto de aconselhar	0	0	0	0	2	0	0	2
Partilho a experiência	0	0	0	0	2	0	0	2
Autoritária	0	0	0	0	0	3	0	3
Supervisão directiva	0	0	0	0	0	7	0	7
Dou liberdade e oriento	0	0	0	0	0	0	4	4
Total respostas por cooperante	1	4	4	1	7	10	4	31

Quadro IV – Papel desempenhado pela professora cooperante, na supervisão, a nível pessoal

Papel desempenhado pelo cooperante na supervisão a nível pessoal	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Mais diálogo com a mais tímida	2	0	0	0	0	0	0	3
Sinto-me bem neste papel	1	0	0	0	0	0	0	1
Tenho um relacionamento diferente com os	1	0	2	3	0	0	0	5

elementos								
Dou a minha opinião	0	0	2	0	0	0	0	2
Falo com elas para melhorarem	0	0	0	1	0	0	0	1
Nunca deixo de interferir, mesmo discretamente	0	0	0	0	0	5	0	5
Eu aprendo com elas e elas comigo	0	0	0	0	0	0	1	1
Total respostas por cooperante	4	0	4	4	0	5	1	18

Quadro V – Papel desempenhado pela professora cooperante, na supervisão, a nível profissional

Papel desempenhado pelo cooperante na supervisão a nível profissional	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Posso ajudar a serem bons profissionais	2	0	0	1	0	0	0	3
Papel de mediadora	0	1	0	0	0	0	0	1
Tem de haver coerência no trabalho	0	0	2	0	0	0	0	2
Tem de haver um trabalho de conjunto	0	0	7	0	0	0	0	7
Papel activo	0	0	0	1	0	0	0	1
Gosto de as fazer reflectir sobre o trabalho	0	0	0	0	3	0	0	3
Papel importante e de responsabilidade	0	0	0	0	4	4	0	8
Gosto de corrigir sempre os erros	0	0	0	0	0	2	0	2
Dou-lhes feedback do trabalho	0	0	0	0	0	0	5	5
Oriento, ajudo	0	0	0	0	0	0	4	4
Total respostas por cooperante	2	1	9	2	7	6	9	36

Quadro VI – Dificuldades encontradas enquanto professora cooperante

Dificuldades encontradas enquanto cooperante	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Não estou a conseguir ajudar a supervisanda da forma que ela necessita	2	0	0	0	0	0	0	2
Contrariedades com os dias que ocupam	0	1	0	0	0	0	0	1
Não tenho encontrado dificuldades	0	3	0	0	5	0	0	8
O trabalho a realizar com uma supervisanda	0	0	5	0	0	0	0	5
Desamparada pela ESE	0	0	0	2	0	0	0	2
Ano difícil	0	0	0	0	0	1	0	1
Grupo difícil	0	0	0	0	0	2	0	2
Total respostas por cooperante	2	4	5	2	5	3	0	21

Quadro VII – Atitudes tomadas pela professora cooperante face a situações difíceis

Atitudes tomadas pelo cooperante face a situações difíceis	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Converso com eles sobre o sucedido	3	0	0	0	0	0	0	3
Alerto o colega para o corrigir	0	0	1	0	0	0	0	1
Em situações mais graves interfiro directamente	0	0	1	0	0	0	0	1
Reajo sempre de imediato	0	0	0	0	0	1	0	1
Faço uma intervenção natural	0	0	0	0	0	0	2	2
Total respostas por cooperante	3	0	2	0	0	1	2	8

2 – Caracterização do ambiente em que se desenvolve a Prática Pedagógica

Quadro VIII – Ambiente criada pela escola

Ambiente criado pela escola	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Bom ambiente	5	1		2	1	1	0	10



Escola dinâmica	0	1	0	0	0	0	0	1
Relação excelente da escola com os supervi- sandos	0	0	3	0	0	0	0	3
A escola tem condições para o estágio	0	0	0	0	1	0	0	1
Escola com características especiais	0	0	0	0	0	1	0	1
Total respostas por cooperante	5	2	3	2	2	2	0	16

Quadro IX – Ano de escolaridade da turma

Ano de escolaridade da turma	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
São alunos do 1º ano	0	0	1	0	0	0	0	1
Estão todos no 3º ano	0	0	0	0	0	1	0	1
Total respostas por cooperante	0	0	1	0	0	1	0	2

Quadro X – Comportamento da turma

Comportamento da turma	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
São muito faladores	2	0	0	0	0	0	0	2
É uma turma acessível para se trabalhar	0	0	2	0	0	0	0	2
Já estão habituados a ter estágio	0	0	0	0	0	1	0	1
Total respostas por cooperante	2	0	2	0	0	1	0	5

Quadro XI – Aproveitamento da turma

Aproveitamento da turma	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
É uma boa turma	4	0	0	2	1	2	0	9
É uma turma muito dinâmica	0	1	0	0	1	0	0	2
Total respostas por cooperante	4	1	0	2	2	2	0	11

Quadro XII – Situações que facilitam o desempenho da Prática Pedagógica

Situações que facilitam o desempenho da prática	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Exposição de conteúdos	1	0	0	0	0	0	0	1
Uso de tecnologias	2	0	0	0	0	0	0	2
Passar por turmas com vários níveis	0	0	0	0	0	2	0	2
Passar por turmas com métodos diversi- ficados	0	0	0	0	0	1	0	1
Manter uma boa relação	0	0	0	0	0	0	1	1
Total respostas por cooperante	3	0	0	0	0	3	1	7

Quadro XIII - Situações que dificultam o desempenho da Prática Pedagógica

Situações que dificultam o desempenho da prática	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total res- postas
Barulho e agitação na sala	2	0	0	0	0	0	0	2
Conteúdos, nomeadamente da Matemática	0	1	0	0	0	0	0	1
Falta de comunicação entre supervisando e cooperante	0	0	1	0	0	0	1	2
Os conteúdos de 3º ano	0	0	0	0	0	2		2
Nota e o stress	0	0	0	0	0	0	2	2
Relação com cooperante	0	0	0	0	0	0	1	1
Dependência da cooperante	0	0	0	0	0	0	3	3
Total respostas por cooperante	2	1	1	0	0	2	7	13

Quadro XIV – Número de supervisando por grupo

Número de supervisandos por grupo	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Três	1	0	1	1	1	1	1	6
Dois	0	1	0	0	0	0	0	1
Total respostas por cooperante	1	1	1	1	1	1	1	7

Quadro XV – Vantagem do número de supervisandos por grupo

Vantagens do número de supervisandos por grupo	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Acho vantajoso	1	2	0	0	1	1	1	6
Total respostas por cooperante	1	2	0	0	1	1	1	6

Quadro XVI – Diferenças entre os elementos do grupo

Diferenças entre os elementos do grupo	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Sim, são diferentes	1	0	0	1	1		1	4
É um grupo homogéneo	0	1	0	0	0	0	0	1
São muito distintos	0	0	1	0	0	3	3	7
Total respostas por cooperante	1	1	1	1	1	3	4	12

Quadro XVII – Motivação dos supervisandos

Motivação dos supervisandos	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Estão motivados	0	1	0	1	0	0	0	2
Uma não	0	0	1	0	0	0	0	1
São cada vez menos disponíveis	0	0	0	0	0	4	0	4
Total respostas por cooperante	0	1	1	1	0	4	0	7

Quadro XVIII – Nível de desempenho dos supervisandos – planificação

Nível de desempenho - planificação	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
São criativas	1	0	0	0	0	0		1
Apresentam boas actividades	1	0	0	0	0	0	1	2
Estruturam as aulas que planificam	0	2	0	0	1	0	0	3
Mandam planificação por mail para corrigir	0	0	0	1	0	0	0	1
Não entrega planificação	0	0	0	1	0	0	0	1
Actividades são monótonas	0	0	0	0	0	0	1	1
Têm graves lacunas		0	0	0	0	4	0	4
Total respostas por cooperante	2	2	0	2	1	4	2	13

Quadro XIX - Nível de desempenho dos supervisandos – contexto sala de aula

Nível de desempenho - contexto sala de aula	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
São empenhadas, trabalhadoras	2	0	5	1	0	0	0	8
Fazem um bom trabalho	2	0	0	0	2	0	0	4
Um tem lacunas	0	0	2	0	2	0	0	4
Uma não se empenha	0	0	2	0	0	0	0	2
São responsáveis	0	0	0	0	2	0	0	2
Trabalham em equipa	0	0	0	0	5	0	0	5
Sinto muitas fragilidades	0	0	0	0	0	5	0	5

Uma destaca-se mais nos conteúdos	0	0	0	0	0	2	1	3
Total respostas por cooperante	4	0	9	1	11	7	1	33

Quadro XX – Conceito de “professor ideal”

Conceito de "professor ideal"	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Ser compreensivo com as crianças	3	0	0	0	0	0	0	3
Saber observar	1	0	0	0	0	0	0	1
Ser mediadores entre o conhecimento a transmitir e os interesses dos alunos	0	2	0	0	0	0	0	2
Ter espírito aberto	0	0	1	0	0	0	0	1
Ser amigo	0	0	1	0	0	0	0	1
Ter competências científicas e académicas	0	0	1	0	3	0	0	4
Ser aberta a mudanças, comunicativa, dinâmica	0	0	0	1		2	2	5
Ter empatia com os alunos	0	0	0		2	0	0	2
Ser criativo	0	0	0	0	2	0		2
Ser disponível	0	0	0	0	0	1	1	2
Total respostas por cooperante	4	2	3	1	7	3	3	23

4 – Orientações para a profissionalização

Quadro XXI – Estratégias usadas pelas professoras cooperantes a nível de atitudes

Estratégias usadas a nível de atitudes	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
A relação com as crianças é fundamental	3	0	0	0	0	0	0	3
Aprender uns com os outros	0	1	0	0	0	0	0	1
Acerto para as dificuldades e tento que as resolvam	0	0	0	0	4	0	0	4
É importante a partilha	0	0	0	0	0	0	1	1
Construam o seu saber	0	0	0	0	0	0	1	1
Total respostas por cooperante	3	1	0	0	4	0	2	10

Quadro XXII - Estratégias usadas pelas professoras cooperantes a nível de reacções

Estratégias usadas a nível de reacções	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Digo-lhes para pararem	1	0	0	0	0	0	0	1
Olhar directamente para as crianças	1	1	0	0	0	0	0	2
Voltar atrás sempre que alguma criança não percebe	1	0	0	0	4	0	0	5
Estejam atentos	0	1	0	0	0	0	1	2
Sejam reflexivos, interventivos	0	4		0	2	0	1	7
Saber gerir a situação dentro da sala de aula	0	0	4	1	0	0	0	5
Não dar importância a situações mal esclarecidas, não registar	0	0	0	0	4	0	0	4
Improvisar	0	0	0	2	0	3		5
Mantenho relação de amizade e empatia	0	0	0	0	0	0	4	4
Total respostas por cooperante	3	6	4	3	10	3	6	35

Quadro XXIII - Estratégias usadas pelas professoras cooperantes a nível de formas de actuação

Estratégias usadas a nível de formas de actuação	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Observação dos alunos e dos colegas	1	0	0	0	0	0	0	1
Tudo deve partir das experiências dos	0	2	0	0	0	0	0	2

alunos								
Arranjar estratégias que acalmem os alunos	0	0	0	0	1	0	0	1
Rigor científico	0	0	0	0	0	4	0	4
Total respostas por cooperante	1	2	0	0	1	4	0	8

Quadro XXIV – Reuniões com a professora cooperante para a preparação da aula

Reuniões com cooperante para preparação da aula	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Reunimos para definirmos os conteúdos 2,3 semanas antes	2	0	0	0	0	0	0	2
Reúno todas as semanas para falar sobre tudo da prática	0	1	0	0	2	5		8
Mostram a planificação antes	0	0	1	0	0	0	0	1
No final da semana para definir os conteúdos da próxima	0	0	0	1	0	0	0	1
Falo com elas para pesquisarem sobre o que vão planificar	0	0	0	0	0	0	2	2
Total respostas por cooperante	2	1	1	1	2	5	2	14

Quadro XXV - Reuniões com a professora cooperante para a análise e reflexão da aula

Reuniões com cooperante para análise e reflexão da aula	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Reunimos todos os dias da prática para reflectir	2	0	0	3	2	3	3	13
Reúno semanalmente com um elemento		0	2	0	0	0	0	2
O outro elemento não tem tempo para reunir	0	0	2	0	0	0	0	2
Total respostas por cooperante	2	0	4	3	2	3	3	17

Quadro XXVI - Reuniões com o supervisor

Reuniões com o supervisor	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Falamos quando vai à sala, uma vez por semana	1	1	1	0	3	3	2	11
Reunimos só uma vez	1	0	1	0	0	0	0	2
Era essencial mais reuniões, mais reflexões	0	0	1	0	0	0	0	1
Nunca aconteceu, este ano é complicado	0	0	0	4	0	0	2	6
Total respostas por cooperante	2	1	3	4	3	3	4	20

Quadro XXVII – Orientações da professora cooperante a nível do desenvolvimento de competências educativas, no supervisando

Orientações do cooperante a nível do desenvolvimento de competências educativas	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Privilegio o diálogo	3	0	0	0	0	0	0	3
Apresentação de manuais	1	0	0	0	0	0	0	1
Tento mostra-lhes livros, materiais, ...	0	2	0	3	0	0	0	5
Tento que eles sejam activos	0	2	0	0	0	0	0	2
Tento corrigir os erros para melhorar	0	0	1	0	0	0	0	1
Envolve-os na participação em projectos	0	0	0	0	2	0	0	2
Reflexões constantes sobre os acontecimentos	0	0	0	0	0	3	2	5
Total respostas por cooperante	4	4	1	3	2	3	2	19

Quadro XXVIII - Orientações do supervisor a nível do desenvolvimento de competências educativas, no supervizando

Orientações do supervisor a nível do desenvolvimento de competências educativas	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Talvez fosse desejável mais tempo	2	0	0	3	0	0	3	8
Quando cá vem falamos sobre a prática	3	0	1	2	1	2	0	9
Não há orientações nenhuma	7	0	1	0	0	0	0	8
Falamos sobre os conteúdos, ...	0	2	0	0	0	0	0	2
Total respostas por cooperante	12	2	2	5	1	2	3	27

Quadro XXIX - Orientações a nível do desenvolvimento de competências educativas dos supervisandos

Orientações a nível do desenvolvimento de competências educativas - sugestões dos supervisandos	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Reflectir mais sobre as situações da sala de aula	1	0	0	0	0	0	0	1
Total respostas por cooperante	1	0	0	0	0	0	0	1

5 – Relações interpessoais estabelecidas pelos supervisandos**Quadro XXX – Relação estabelecida pelo supervizando com a professora cooperante, em contexto de prática**

Relação com o cooperante em contexto de prática	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Eu aprendo com elas e elas comigo	3	0	0	0	0	0	0	3
É uma relação de cooperação	1	1	0	0	0	0	0	2
Eles aceitam bem a critica	0	3	0	0	0	0	0	3
Com um elemento estou à vontade	0	0	2	0	0	0	0	2
Com o outro elemento não há relação	0	0	6	0	0	0	0	6
Dou-me bem com elas, sabem que podem contar comigo	0	0	0	1	0	0	0	1
Somos amigas	0	0	0	0	1	0	0	1
Temos uma boa relação	0	0	0	1	1	0	1	3
Total respostas por cooperante	4	4	8	2	2	0	1	21

Quadro XXXI - Relação estabelecida pelo supervizando com a professora cooperante, fora do contexto de prática

Relação com o cooperante fora do contexto de prática	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
É boa	0	5	0	2	0	0	0	7
Com um dos elementos é uma relação cordial, de amizade	0	0	2	0	0	0	0	2
Com o outro elemento não há relação	0	0	8	0	0	0	0	8
Pouco me relaciono com elas fora da prática	0	0	0	2	3	0	2	7
Não há relação fora da prática, não são disponíveis	0	0	0	0	0	2	0	2
Total respostas por cooperante	0	5	10	4	3	2	2	26

Quadro XXXII - Relação estabelecida pelo supervizando com o supervisor, em contexto de prática

Relação com o supervisor em contexto de prática	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
É um bom clima	1	0	0	0	0	0	0	1
É um clima de confiança	0	1	0	0	0	0	0	1

Total respostas por cooperante	1	1	0	0	0	0	0	2
--------------------------------	---	---	---	---	---	---	---	---

Quadro XXXIII - Relação estabelecida pelo supervisando com o supervisor, fora do contexto de prática

Relação com o supervisor fora do contexto de prática	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Clima de abertura a todas as situações	0	0	1	0	0	0	0	1
Total respostas por cooperante	0	0	1	0	0	0	0	1

Quadro XXXIV - Relação estabelecida pelo supervisando com os alunos

Relação com os alunos	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Uma é mais tímida	1	0	0	1	0	0	0	2
Outra tem dificuldade em estabelecer uma relação com as crianças	0	0	0	2	0	0	0	2
Uma tem uma boa relação	0	0	0	2	0	0	0	2
Criam um bom ambiente	0	0	0	0	3	0	0	3
Têm uma boa relação com a turma	0	0	0	0	0	0	1	1
Total respostas por cooperante	1	0	0	5	3	0	1	10

6 - Aspectos da dimensão pessoal e interpessoal relacionados com a resiliência, em contexto de supervisão.

Quadro XXXV – Efeitos da acção da professora cooperante, no supervisando – factores protectores

Efeitos da acção do cooperante - factores protectores	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Eu acabo por ser o modelo que eles seguem	3	2	0	0	2	0	5	12
É uma troca de experiências	1	2	2	0	2	0	0	7
Apoiamos mais os alunos	0	0	1	0	2	0	0	3
É gratificante o estágio eles contactam com a realidade	0	0	0	1		0	0	1
São pessoas novas com novas ideias	0	0	0	1		0	0	1
Tento que se habituem a fazer as coisas o melhor possível	0	0	0	0	3	0	0	3
A sua evolução	0	0	0	0	0	6		6
Total respostas por cooperante	4	4	3	2	9	6	5	33

Quadro XXXVI – Efeitos da acção da professora cooperante no supervisando - factores de risco

Efeitos da acção do cooperante - factores de risco	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Dificuldades de relacionamento com um dos supervisandos	0	0	2	0	0	0	0	2
Prejudicar a turma, atrasar os conteúdos	0	0	0	1	0	0	0	1
A exigência e o dinamismo	0	0	0	0	4	1	0	5
Total respostas por cooperante	0	0	2	1	4	1	0	8

Quadro XXXVII – Reações reflectidas dos supervisandos face a situações difíceis

Reações reflectidas dos supervisandos face a situações difíceis	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Tentam resolver as situações	2	1	0	1	0	0	1	6
Utiliza muito o reforço positivo	0	0	4	0	0	0	0	4



Pedem ajuda, perguntam	0	0	0	0	1	3	0	4
Não se sentem nervosos	0	0	0	0	0	0	1	
Total respostas por cooperante	2	1	4	1	1	3	2	14

Quadro XXXVIII – Reações impulsivas dos supervisandos face a situações difíceis

Reações impulsivas dos supervisandos face a situações difíceis	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Por vezes não sabem contornar a situação	3	0	0	0	0	0	0	3
Exalta-se e faz as coisas sob ameaça	0	0	2	0	0	0	0	2
Perdem-se, ficam atrapalhadas	0	0	0	2	0	0	0	2
Reagem de qualquer maneira, choram	0	0	0	0	2	0	0	2
Ficam atrapalhados quando vêm o supervisor	0	0	0	0	0	0	1	1
Total respostas por cooperante	3	0	2	2	2	0	1	10

Quadro XXXIX – Falta de reacção dos supervisandos face a situações difíceis

Falta de reacção dos supervisandos face a situações difíceis	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7	Total respostas
Não dá resposta, vira as costas	1	0	0	0	0	0	0	1
Olham para mim	1	0	0	0	0	0	0	1
Total respostas por cooperante	2	0	0	1	0	0	0	2

Quadros de sistematização das respostas dadas pelos supervisandos nas entrevistas. A sua elaboração foi efectuada de acordo com as Grelha de Categorização 2, apresentada no Capítulo II, da Metodologia.

1 – Caracterização dos professores

Quadro XL – Clima de supervisão preconizado pelo professor cooperante

Clima supervisão preconizado pelo professor cooperante	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Liberdade de planificação	1	0	0	0	0	0	1
Não valoriza o trabalho	1	1	0	0	0	0	2
Desautoriza os supervisandos	1	0	0	0	0	0	1
Clima de insegurança e instabilidade	1	0	0	0	0	0	1
Ajuda pouco	0	1	1	0	0	0	2
Diferença entre a teoria e a prática	0	0	0	1	0	0	1
Dinâmica	0	0	0	0	1	0	1
Inovadora	0	0	0	0	1	1	2
Professora Modelo	0	0	0	0	1	0	1
Bom clima	0	0	0	0	1	1	2
Ajuda no crescimento	0	0	0	0	0	2	2
Total respostas por supervisando	4	2	1	1	4	4	16

Quadro XLI – Clima de supervisão preconizado pelo supervisor

Clima de supervisão preconizado pelo professor supervisor	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Bom clima	2	1	0	0	1	1	5
Põe à vontade, aberta	0	1	0	0	1	1	3
Ajuda, motiva	0	0	1	0	0	0	1
Clima constrangido, inseguro	0	0	0	2	0	0	2
Total respostas por supervisando	2	2	1	2	2	2	11

2 – Caracterização do ambiente em que se desenvolve a Prática Pedagógica

Quadro XLII – Ambiente criado pela escola

Ambiente criado pela escola	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Favorável ao desenvolvimento da prática	1	0	0	0	0	0	1
Não é o mais propício, complicado	0	3	0	2	0	0	6
Não há disponibilidade de pessoas e materiais	0	1	1	0	0	1	3
Escola diferente das outras, dá mais experiência	0	0	1	0	0	0	1
Não é bom	0	0	0	0	0	1	1
Afastamento dos outros professores da escola	0	0	0	1	0	1	2
Total respostas por supervisando	1	4	2	3	0	3	14

Quadro XLIII – Ano de escolaridade da turma

Caracterização da turma - ano escolaridade	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
4º Ano 3º Ano, alínea i)	0	0	1	0	0	0	1



Total respostas por supervisando	0	0	1	0	0	0	1
----------------------------------	---	---	---	---	---	---	---

Quadro XLIV – Caracterização da turma - comportamento

Caracterização da turma - comportamento	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Muito participativos	0	1	0	0	0	0	1
Péssimo comportamento	0	0	2	0	0	0	2
Não respeitam ninguém	0	0	1	0	0	0	1
Total respostas por supervisando	0	1	3	0	0	0	4

Quadro XLV – Caracterização da turma - aproveitamento

Caracterização da turma - aproveitamento	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Boa turma	2	0	0	0	0	0	2
Alunos com problemas	0	0	1	0	0	0	1
Desenvolvidos	0	0	0	0	1	0	1
Total respostas por supervisando	2	0	1	0	1	0	4

Quadro XLVI – Situações que facilitam o desempenho da Prática Pedagógica

Situações que facilitam o desempenho da Prática Pedagógica	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Liberdade para seleccionar actividades	1	0	0	0	0	0	1
Turma actualizada nos assuntos	1	0	0	0	0	0	1
Feedback da supervisora	0	2	0	0	0	0	2
Trabalho em equipa e grupo	0	2	0	0	0	0	2
Observação do supervisor	0	0	1	0	0	0	1
Reflexão com professores	0	0	1	0	0	0	1
Relacionamento com os alunos	0	0	0	2	0	1	3
Conhecimentos adquiridos ao longo do curso	0	0	0	0	1	0	1
Total respostas por supervisando	2	4	2	2	1	1	12

Quadro XLVII – Situações que dificultam o desempenho da Prática Pedagógica

Situações que dificultam o desempenho da Prática Pedagógica	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Interrupção da actividade por parte da cooperante	1	2	0	0	0	0	3
Comportamento dos alunos	1	0	1	0	0	2	4
Dinamismo da turma associado à ansiedade da supervisanda	0	2	0	0	0	0	2
Falta de tempo para preparação das actividades	0	2	0	0	0	0	2
Dificuldade de articular o 3º e 4º anos	0	0	1	0	0	0	1
Presença do supervisor aumenta nervosismo	0	0	1	0	0	0	1
Gestão do tempo	0	0	0	4	0	0	4
Pouco interligação entre teoria e prática	0	0	0	0	2	0	2
Nota do curso	0	0	0	0	0	1	1
Total respostas por supervisando	2	6	3	4	2	3	20

3 – Caracterização do grupo de supervisandos – autoconceito**Quadro XLVIII – Motivação dos supervisandos**

Motivação dos supervisandos	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Tem altos e baixos	1	2	0	0	0	0	3
Seria mais se tivesse apoio cooperante	0	2	2	0	0	0	4
Estou um pouco desiludida	0	0	1	0	0	0	1
Estou motivado	0	0	0	0	2	1	3
Total respostas por supervisando	1	4	3	0	2	1	11

Quadro XLIX – Nível de desempenho dos supervisandos – planificação

Nível de desempenho - planificação	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Tentam planificar de acordo com o supervisor	1	0	0	0	0	0	1
Total respostas por supervisando	1	0	0	0	0	0	1

Quadro L – Nível de desempenho dos supervisandos – contexto sala de aula

Nível de desempenho - contexto sala de aula	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Podia ter sido melhor do que foi	0	1	0	0	0	0	1
Apostei tudo na prática	0	0	0	0	1	0	1
Total respostas por supervisando	0	1	0	0	1	0	2

Quadro LI – Nível de desempenho dos supervisandos – capacidade de reflexão

Nível de desempenho – Capacidade de reflexão	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Noto a minha evolução	1	0	0	0	0	0	1
Apercebi-me do que é ser professor	2	0	0	0	0	0	2
Devemos reflectir sobre os acontecimentos	0	2	0	0	0	0	2
Ensinar alunos a aprender a aprender	1	0	0	0	0	0	1
Falta de confiança	0	3	0	0	0	0	3
Tenho um longo caminho a percorrer	0	0	0	2	0	0	2
Mais dedicação é impossível	0	0	0	0	1	0	1
Capaz de desenvolver um bom trabalho no futuro	0	0	0	0	0	1	1
Total respostas por supervisando	4	5	0	2	1	1	13

Quadro LII – Conceito de “professor ideal”

Conceito de “professor ideal”	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Ser aberto às inovações	1	0	0	2	0	3	6
Ter em conta o contexto educativo	1	0	1	0	0	1	3
Centrar o trabalho a desenvolver nos alunos	0	4	2	0	1	0	7
Ter uma postura firme	0	2	0	0	0	0	2
Ser paciente	0	1	0	0	0	0	1
Doar à profissão	0	0	0	1	0	0	1
Ter boa relação interpessoal com os alunos	0	0	0	2	0	0	2

Inovar estratégias, materiais e metodologias	0	0	0	0	3	0	3
Desenvolver os alunos no global	0	0	0	0	0	1	1
Total respostas por supervisando	2	7	3	5	4	5	26

4 – Orientações para a profissionalização

Quadro LIII – Estratégias usadas pelas cooperantes, durante a formação, a nível de atitudes

Estratégias usadas durante a formação a nível de atitudes	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Conciliar o trabalho com as orientações	1	0	0	0	0	0	1
Ser firme	0	0	0	1	0	0	1
Recorrer à cooperante	0	0	0	0	1	0	1
Age de acordo com comportamento alunos	0	0	0	0	0	1	1
Total respostas por supervisando	1	0	0	1	1	1	4

Quadro LIV – Estratégias usadas pelas cooperantes, durante a formação, a nível de reacções

Estratégias usadas durante a formação a nível de reacções	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Respeito e confiança	0	0	1	0	0	0	1
Negociar democraticamente com os alunos	0	0	0	0	0	1	1
Total respostas por supervisando	0	0	1	0	0	1	2

Quadro LV – Estratégias usadas pelas cooperantes, durante a formação, a nível de formas de actuação

Formas de actuação	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Diferenciação de estratégias	2	0	2	0	0	0	4
Afastar e dar tempo para alunos acalmarem	0	1	0	1	0	0	2
Estabelecer limites	0	1	0	0	0	0	1
Improviso	0	0	0	0	0	1	1
Remeter perguntas difíceis para a Área de Projecto	0	0	0	0	0	2	2
Total respostas por supervisando	2	2	2	1	0	3	10

Quadro LVI – Reuniões de reflexão com a professora cooperante para preparação da aula

Reuniões de reflexão com o professor cooperante para preparação da aula	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Não temos tido muito	0	0	1	0	0	0	1
Dá-nos os conteúdos	0	0	1	1	0	0	2
Gosto da forma como trabalha	0	0	0	0	2	0	2
Total respostas por supervisando	0	0	2	1	2	0	5

Quadro LVII - Reuniões de reflexão com a professora cooperante para análise e reflexão da aula

Reuniões de reflexão com o cooperante para análise e reflexão da aula	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Só pensa nos projectos que desenvolve	3	0	0	0	0	0	3
Diz sim à planificação mas altera na aula	0	4	0	0	0	0	4
Diz para preocupar com os alunos	0	4	0	0	0	0	4
Professora dá <i>feedback</i> do trabalho	0	0	0	0	1	0	1
Total respostas por supervisando	3	8	0	0	1	0	12

Quadro LVIII - Reuniões de reflexão com o supervisor

Reuniões de reflexão com o supervisor	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Deu algumas ideias	1	0	0	0	0	0	1
Pouco tempo de observação	0	1	0	0	0	0	1
Deu-nos feedback	0	0	3	0	0	0	3
Deu orientação	0	0	2	0	0	0	2
Não falou nada	0	0	0	0	1	0	1
Total respostas por supervisando	1	1	5	0	1	0	8

Quadro LIX – Orientações dadas pela professora cooperante para o desenvolvimento de competências educativas no supervisando

Orientações pedagógicas do cooperante para o desenvolvimento de competências educativas	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Cooperante não diz nada	2	0	2	0	0	0	4
Não gosta das teorias, da inclusão	0	1	0	0	0	0	1
Diz para parar para pensar no porquê	0	1	0	0	0	0	1
Diz para ter com os alunos e os pais uma boa relação	0	2	0	0	3	0	5
Diz para ter recursos visuais e materiais à mão	0	0	1	0	0	0	1
Levou a questionar-me	0	0	0	3	0	0	3
Ter atenção à projecção de voz	0	0	0	1	0	0	1
Ter atenção à gestão do tempo	0	0	0	1	0	0	1
Circular pela sala	0	0	0	1	0	0	1
Dá-nos conhecimentos para termos boa carreira	0	0	0	0	1	0	1
Promove autonomia e espírito crítico	0	0	0	0	0	1	1
Motiva para o futuro	0	0	0	0	0	1	1
Total respostas por supervisando	2	4	3	6	4	2	21

Quadro LX - Orientações dadas pelo supervisor para o desenvolvimento de competências educativas no supervisando

Orientações pedagógicas do supervisor para o desenvolvimento de competências educativas	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Tem apoiado muito	3	0	0	0	0	0	3
Orienta o pensamento	3	0	0	1	5	0	9
Aconselha a reflectir sobre a acção	0	2	0	0	0	0	2
Orientou para criar actividades com um fio condutor	0	0	3	0	0	0	3
Ajuda a crescer	0	0	0	0	0	2	2
Promoção de seminários	0	0	0	0	0	2	2
Total respostas por supervisando	6	2	3	1	5	4	21

Quadro LXI – Diferenças sentidas pelo supervisando entre as orientações do supervisor e da professora cooperante

Diferenças entre as orientações do supervisor e do cooperante	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Noto muito isso	2	6	2	0	0	0	10
O tempo que estão connosco é diferente	0	0	2	0	1	0	3
Agora não	0	0	0	1	0	1	2
Têm formas de trabalhar idênticas	0	0	0	0	0	1	1

Total respostas por supervisando	2	6	4	1	1	2	16
----------------------------------	---	---	---	---	---	---	----

Quadro LXII – Sugestões dos supervisandos

Sugestões dos supervisandos	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Espírito crítico	0	1	0	0	0	0	1
Pedir apoio dos colegas de grupo durante a aula	0	0	1	0	0	0	1
Aproveitar aspectos positivos de outras áreas	0	0	0	0	3	0	3
Total respostas por supervisando	0	1	1	0	3	0	5

5 – Relações interpessoais estabelecidas pelos supervisandos**Quadro LXIII – Relação estabelecida pelo supervisando com a cooperante, em contexto de Prática Pedagógica**

Relação com o cooperante em contexto de prática	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Divergências de opinião	2	0	0	0	0	0	2
É muito boa e muito má	0	8	0	0	0	0	8
Podia ser mais próxima	0		2	0	0	0	2
Não é positiva	0	0	0	2	0	0	2
Relação muito boa	0	0	0	0	5	3	8
Total respostas por supervisando	2	8	2	2	5	3	22

Quadro LXIV – Relação estabelecida pelo supervisando com a cooperante, fora do contexto de Prática Pedagógica

Relação com o cooperante fora do contexto de prática	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Similar à da prática	1	0	0	0	0	0	1
Não tenho nenhuma ligação	0	1	1	1	0	0	3
Somos amigos	0	0	0	0	3	1	4
Total respostas por supervisando	1	1	1	1	3	1	8

Quadro LXV – Relação estabelecida pelo supervisando com o supervisor, em contexto de Prática Pedagógica

Relação com o supervisor em contexto de prática	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Boa relação, positiva	2	3	0	0	0	2	7
É só na prática	0	0	2		0	0	2
Está pouco tempo connosco	0	0	0	7	0	0	7
Total respostas por supervisando	2	3	2	7	0	2	16

Quadro LXVI – Relação estabelecida pelo supervisando com o supervisor, fora do contexto de Prática Pedagógica

Relação com o supervisor fora do contexto de prática	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Só profissional	1	0	0	0	0	0	1
Não há	0	0	1	0	0	0	1
É boa	0	0	0	0	0	1	1
Total respostas por supervisando	1	0	1	0	0	1	3

Quadro LXVII - Relação estabelecida pelo supervisando com os alunos

Relação com os alunos	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Tenho dificuldades em relacionar-me	0	0	0	3	0	0	3
Total respostas por supervisando	0	0	0	3	0	0	3

6 – Aspectos da dimensão pessoal e interpessoal relacionadas com a resiliência, em contexto de supervisão

Quadro LXVIII – Efeitos da acção da professora cooperante nos supervisandos – factores protectores

Efeitos da acção do cooperante nos supervisandos - factores protectores	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Não há nada que transtorne	0	0	0	1	0	0	1
Dá-nos muita liberdade	0	0	0	0	2	0	2
Dá-nos oportunidade de assistir a reuniões	0	0	0	0	1	0	1
Total respostas por supervisando	0	0	0	1	3	0	4

Quadro LXIX - Efeitos da acção da professora cooperante nos supervisandos – factores de risco

Efeitos da acção do cooperante nos supervisandos – factores de risco	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Deixa-nos muito sós	0	4	0	0	0	0	4
Só faz críticas negativas	0	0	2	0	0	0	2
Não cooperou muito	0	0	1	1	0	0	2
A gente sente-se sem apoio	0	0	0	0	0	1	1
Total respostas por supervisando	0	4	3	1	0	1	9

Quadro LXX - Efeitos da acção do supervisor nos supervisandos – factores protectores

Efeitos da acção do supervisor nos supervisandos - factores protectores	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Acção positiva	1	0	0	1	0	0	2
Dá-nos segurança	0	5	0	0	0	0	5
Aconselha	0	2	0	0	6	0	8
Ajuda no nosso crescimento	0	0	0	0	0	3	3
Total respostas por supervisando	1	7	0	1	6	3	18

Quadro LXXI - Efeitos da acção do supervisor nos supervisandos – factores de risco

Efeitos da acção do supervisor nos supervisandos - factores de risco	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
No início intimidava	0	1	0	0	0	0	1
Deixava-me nervosa	0	2	0	0	0	0	2
Não motivava	0	0	4	0	0	0	4
Faz com que não seja espontânea	0	0	0	2	0	0	2
No início não nos acompanhava	0	0	0	0	1	0	1
Total respostas por supervisando	0	3	4	2	1	0	10

Quadro LXXII – Reacções reflectidas dos supervisandos face a situações de risco

Reacções reflectidas dos supervisandos face a situações difíceis	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Se pensarmos com clareza é mais fácil	1	0	0	0	0	0	1



organizar as tarefas							
Encontrar estratégias para manter respeito	0	0	1	0	0	0	1
Paro para pensar como agir	0	0	0	1	0	0	1
Reformulo e adequo	0	0	0	0	1	1	2
Total respostas por supervisando	1	0	1	1	1	1	5

Quadro LXXIII – Reacções impulsivas dos supervisandos face a situações de risco

Reacções impulsivas dos supervisandos face a situações difíceis	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Eu acho que cedo	0	0	1	0	0	0	1
Total respostas por supervisando	0	0	1	0	0	0	1

Quadro LXXIV – Falta de reacção dos supervisandos face a situações de risco

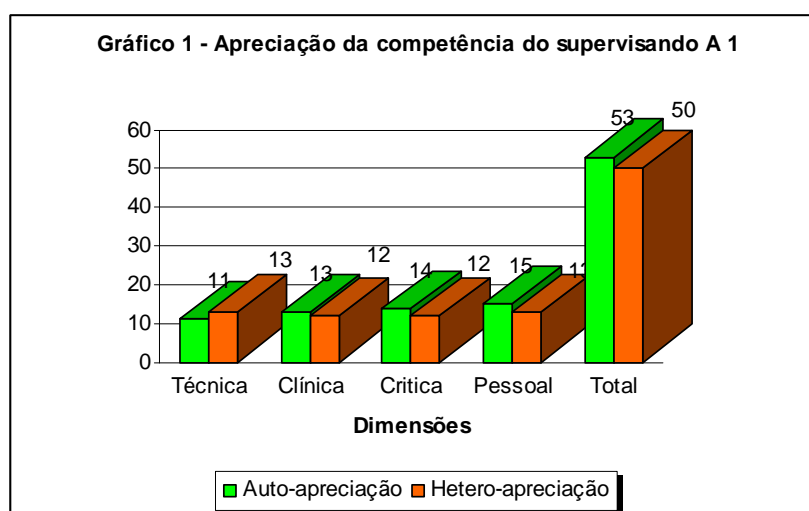
Falta de reacção dos supervisandos face a situações difíceis	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20	Total respostas
Fico sem saber o que fazer	1	2	0	0	0	0	3
Total respostas por supervisando	1	2	0	0	0	0	3

ANEXO K

Nota: As percentagens apresentadas nos Quadro foram distribuídas de acordo com o valor máximo atribuído, em cada uma das situações. O valor total das quatro dimensões seria de 64 valores – 100%. O valor de cada uma das dimensões seria de 16 valores – 25%.

Quadro LXXV – Apreciação da competência do supervizando A 1

Apreciação da dimensão de competência – A 1					
Dimensões	Técnica	Clínica	Critica	Pessoal	Total
Valores Auto	11	13	14	15	53
Percentagem	17,2 %	20,3%	21,9%	23,4%	79,7%
Valores Hetero	13	12	12	13	50
Percentagem	20,3 %	18,7%	18,7%	20,3%	78,1%

**Gráfico 1 – Apreciação da competência do supervizando A 1**

O sujeito A 1 considera a sua dimensão de competência pessoal mais importante que as restantes, 23,4%, as dimensões clínica e crítica encontram-se muito próximas, com valores de 20,3% e 21,9%, respectivamente, e a dimensão técnica num valor um pouco inferior, com 17,2%. No que refere à hetero-apreciação o mesmo sujeito é avaliado com valores iguais dois a dois, ou seja, as dimensões técnica e crítica são avaliadas com 20,3%, já as dimensões clínica e pessoal com valores de 18,7%.

Quadro LXXVI - Apreciação da competência da supervisanda A 2

Apreciação da dimensão de competência – A 2					
Dimensões	Técnica	Clínica	Critica	Pessoal	Total
Valores Auto	15	14	11	16	56
Percentagem	23,4 %	21,9%	17,2%	25%	87,5%
Valores Hetero	6	5	5	4	20
Percentagem	9,4 %	7,8%	7,8%	6,3%	31,2%

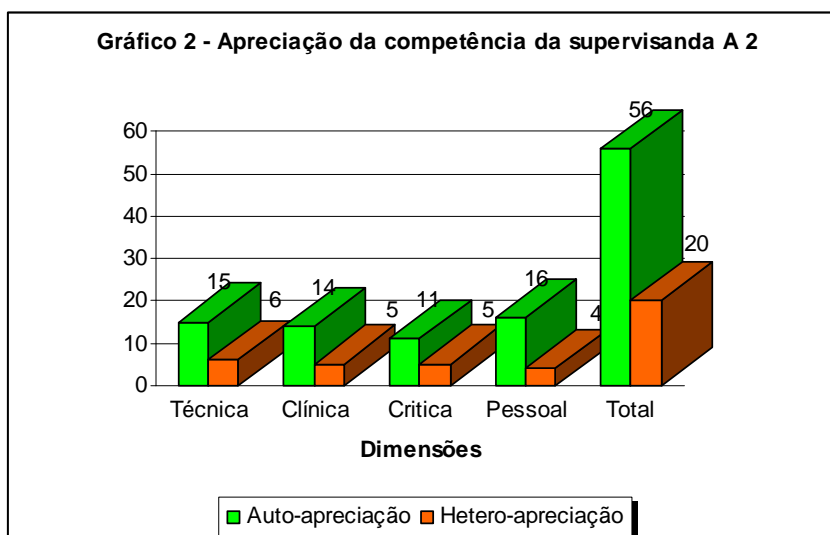


Gráfico 2 – Apreciação da competência da supervisanda A 2.

Relativamente à supervisanda A 2 a sua apreciação sobre a sua dimensão de competência pessoal e de competência técnica encontram-se muito próximas com 25% e 23,4% respectivamente. Já no que refere às dimensões clínica e crítica encontram-se um pouco afastadas das anteriores e mesmo entre si, com valores de 21,9% a clínica e de 17,2% a crítica. Este afastamento mantêm-se na hetero-apreciação, em que o seu professor cooperante aprecia este supervisando com valores muito baixo relativamente a todas as dimensões, mas a mais baixa é mesmo a pessoal, com apenas 4 valores e 6,3%. No que refere Às dimensões cínica e crítica são apreciadas com igual valor, 5 e 7,8%. Já a dimensão técnica é a que é considerada como aquela em que a supervisanda se destaca, apesar do baixo valor que lhe é atribuído, 6 e 9,4%. No seu cômputo geral, a hetero-apreciação encontra-se muito abaixo da apreciação que a supervisanda fez de si mesma, 56 valores, uma vez que a professora cooperante apenas lhe atribuiu 20 valores, apenas 31,2% da competência.

Quadro LXXVII – Apreciação da competência da supervisanda A 3.

Apreciação da dimensão de competência – A 3					
Dimensões	Técnica	Clínica	Crítica	Pessoal	Total
Valores Auto	10	10	12	12	44
Percentagem	15,6 %	15,6%	18,7%	18,7%	68,7%
Valores Hetero	13	12	11	13	49
Percentagem	20,3 %	18,7%	17,2%	20,3%	76,6%

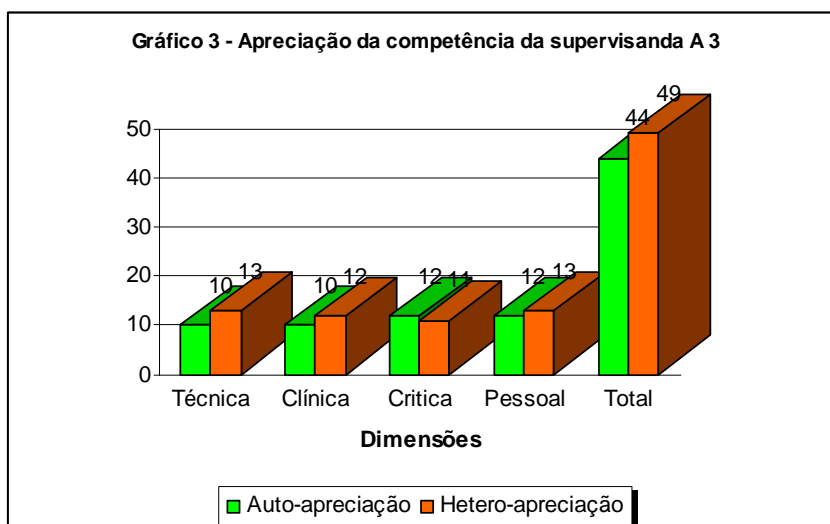


Gráfico 3 – Apreciação da competência da supervisanda A 3.

A supervisanda A 3 aprecia as suas dimensões de competências em percentagens muito idênticas entre si e equivalentes duas a duas. Considera a competência técnica e clínica em patamares iguais, com 15,6%; as competências crítica e pessoal com valores um pouco superiores às anteriores contudo iguais entre si, com 18,7%. Relativamente à apreciação feita pelo seu professor cooperante é bastante equivalente, salientando a dimensão técnica com 20,3% em igualdade com a dimensão pessoal. A dimensão clínica está num patamar um pouco inferior, com 18,7% e, por último, a dimensão crítica com 11 valores, 17,2%.

Quadro LXXVIII – Apreciação da competência da supervisanda A 4.

Apreciação da dimensão de competência – A 4					
Dimensões	Técnica	Clínica	Crítica	Pessoal	Total
Valores Auto	11	8	10	12	41
Percentagem	17,2 %	12,5%	15,6%	18,7%	64,1%
Valores Hetero	12	11	14	11	48
Percentagem	18,7 %	17,2%	21,9%	17,2%	75%

No que refere à supervisanda A 4 podemos mencionar que a sua percepção relativamente às dimensões de competências apresentadas são mais diferenciadas entre si do que a apreciação efectuada pela sua professora cooperante. Apresenta a dimensão pessoal com o valor superior, 18,7%, sendo a dimensão clínica a que apresenta valor inferior. No que refere às outras duas dimensões, à crítica atribui 15,6% e à técnica 17,2%.

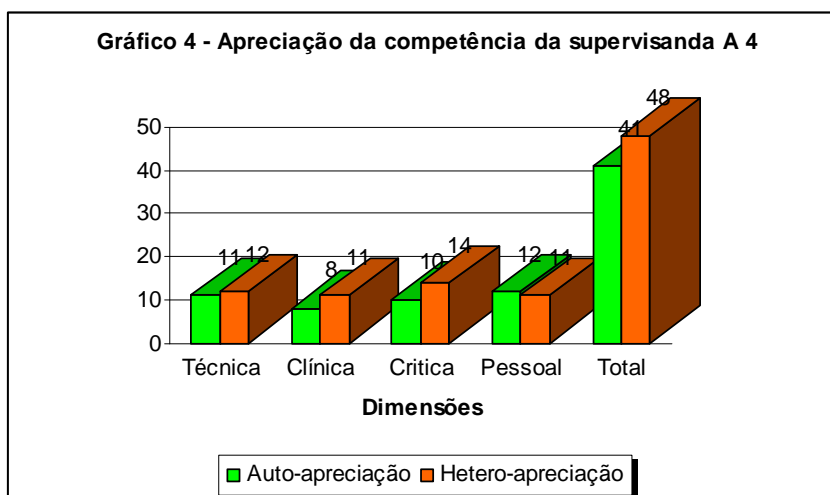


Gráfico 4 – Apreciação da competência da supervisanda a 4.

No universo de 100% considera ter adquirido apenas 64,1%, 41 valores de opinião, contrapondo-se aos 48 atribuídos pela hetero-apreciação. Nesta última a dimensão à qual é atribuída uma maior percentagem é a crítica, as dimensões clínica e pessoal encontram-se em igualdade de posição com 21,9% e a dimensão técnica num valor intermédio, 18,7%.

Quadro LXXIX – Apreciação da competência da supervisanda A 5.

Apreciação da dimensão de competência - A 5					
Dimensões	Técnica	Clínica	Crítica	Pessoal	Total
Valores Auto	12	9	14	12	47
Percentagem	18,7 %	14%	21,9%	18,7%	73,4%
Valores Hetero	14	14	15	13	56
Percentagem	21,9 %	21,9%	23,4%	20,3%	87,5%

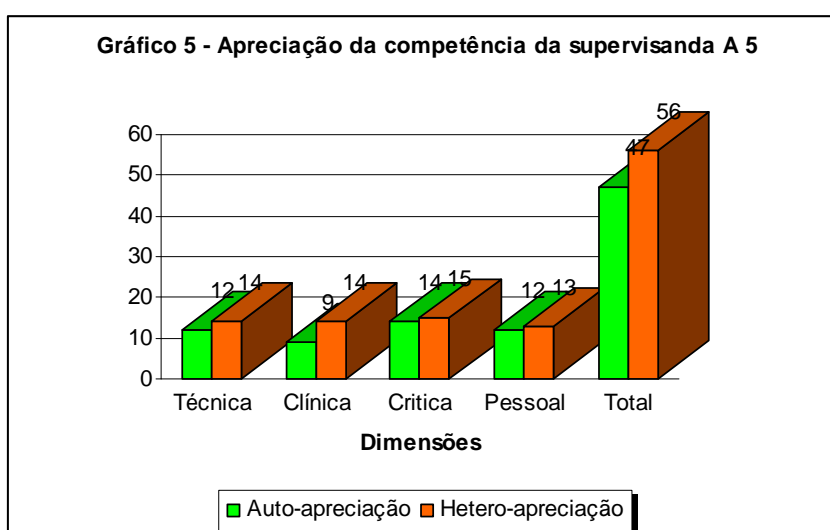


Gráfico 5 – Apreciação da competência da supervisanda A 5.

A opinião da supervisanda A 5 relativamente à importância atribuída às dimensões de competências encontra-se um pouco abaixo da que lhe é atribuída pelo seu professor cooperante, 47 valores contra 56 valores. Na auto-apreciação este sujeito distribui as dimensões em pólos opostos, um com valores iguais, a dimensão pessoal e a dimensão técnica, ambas com 18,7%, e com valores diferentes a dimensão clínica, 14%, que tem o valor inferior e a dimensão crítica que tem o valor superior a todas, 21,9%. O mesmo tipo de divisão é apresentada na hetero-apreciação, mantendo-se a dimensão crítica no topo superior, com 23,4%, mas alterando-se as dimensões intermédias e a mais baixa. As dimensões intermédias com valores iguais são a técnica e a clínica, a que apresenta pontuação inferior a dimensão pessoal.

Quadro LXXX – Avaliação da competência do supervisando A 6.

Apreciação da dimensão de competência – A 6					
Dimensões	Técnica	Clínica	Crítica	Pessoal	Total
Valores	13	13	11	14	51
Porcentagem	20,3 %	20,3%	17,2%	21,9%	79,7%
Valores	14	11	14	12	51
Porcentagem	21,9 %	17,2%	21,9%	18,7%	79,7%

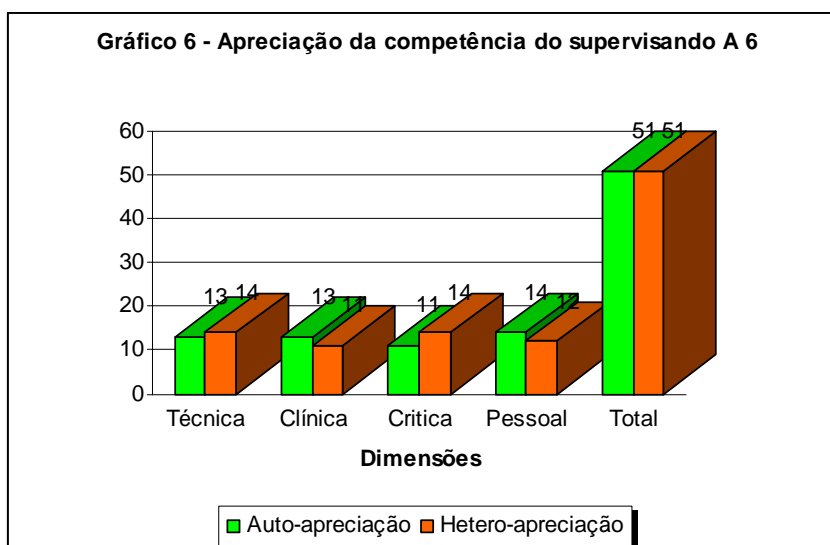


Gráfico 6 – Avaliação da competência do supervisando A 6.

O sujeito A 6 é o único que tem o mesmo número de valores atribuídos na auto e na hetero apreciação, 51 valores. Para o sujeito A 6 as dimensões técnica e clínica encontram-se desenvolvidas de igual forma, por tal o valor atribuído a ambas é o mesmo, 20,3%. As restantes duas dimensões encontram-se em patamares opostos, a dimensão pessoal com o valor superior, 21,9%, e a dimensão crítica com o valor inferior, 17,2%. O mesmo acontece no que refere à hetero-apreciação, contudo com

dimensões diferentes, a dimensão técnica e crítica é atribuído 21,9% da totalidade enquanto que as duas outras dimensões se encontram com valores inferiores, a dimensão pessoal com 18,7% e a dimensão clínica com 17,2%. Apesar de serem apreciações um pouco diferentes, em ambos os casos é privilegiada a dimensão técnica.

Quadro LXXXI – Apreciação da competência da supervisanda A 7.

Apreciação da dimensão de competência - A 7					
Dimensões	Técnica	Clínica	Critica	Pessoal	Total
Valores	13	12	14	15	54
Percentagem	20,3 %	18,7%	21,9%	23,4%	84,4 %
Valores	12	10	12	12	46
Percentagem	18,7 %	15,6%	18,7%	18,7%	71,8%

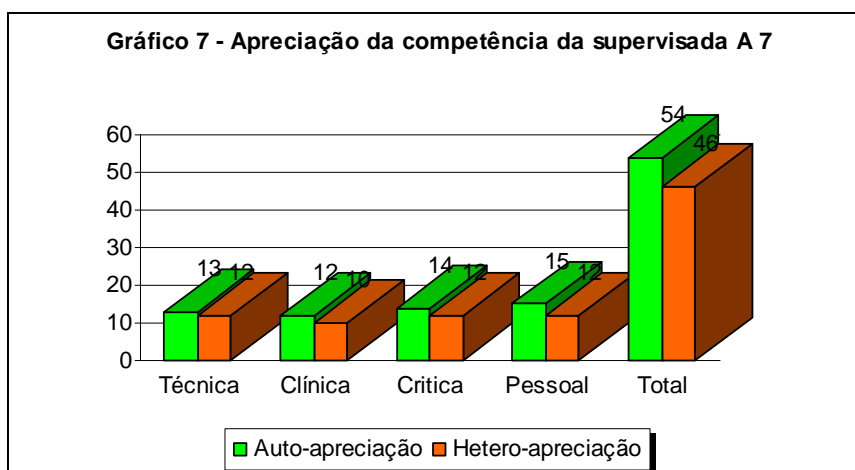


Gráfico 7 – Apreciação da competência da supervisanda A 7.

A auto-apreciação da supervisanda A 7 tem um valor total bastante superior, 54, da hetero-apreciação que foi feita pelo seu professor cooperante, 46, e distribuídos de formas muito distintas. O sujeito valoriza a sua dimensão pessoal, com 23,4%, logo seguida de crítica com 21,9%, seguindo-se a técnica com 20,3% e por último e com o valor mais baixo a clínica com 18,7%. A hetero-apreciação é feita de forma mais equilibrada, mantendo-se as três anteriores com valores mais altos, mas desta vez todas com 18,7% e por último e com o valor inferior a dimensão clínica com apenas 15,6%.

Quadro LXXXII – Apreciação da competência da supervisanda A 8

Apreciação da dimensão de competência - A 8					
Dimensões	Técnica	Clínica	Critica	Pessoal	Total
Valores Auto	15	13	15	13	56
Percentagem	23,4 %	20,3%	23,4%	20,3%	87,5%
Valores Hetero	13	11	11	12	47

Percentagem	23,4 %	17,2%	17,2%	18,7%	73,4%
--------------------	--------	-------	-------	-------	-------

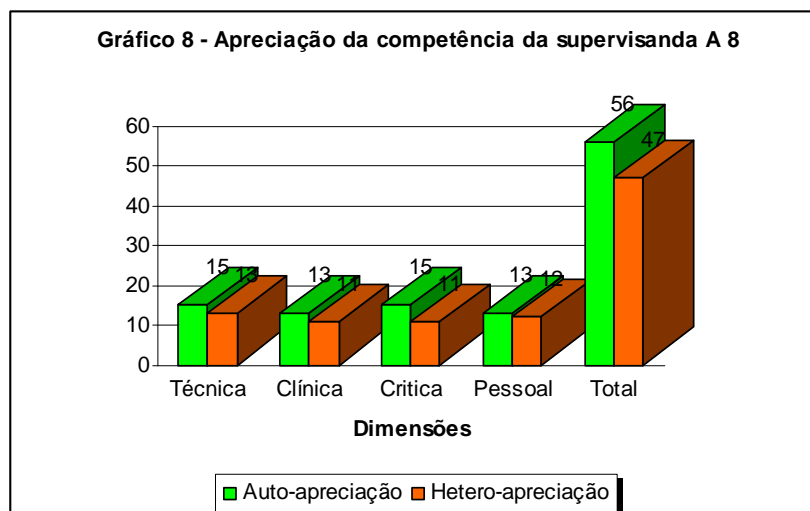


Gráfico 8 – Apreciação da competência da supervisanda A 8.

A auto-percepção das dimensões de competências da supervisanda A 8 encontra-se com valores iguais duas a duas, a técnica e crítica com 23,4% e a clínica e pessoal com 20,3%, acontecendo quase o mesmo no que refere à hetero-apreciação. Nesta a dimensão que mais se destaca é a técnica com 23,4%, seguindo-se a pessoal com 18,7% e por último e com igual percentagem as dimensões clínica e crítica com 17,2%. Em relação à apreciação global a auto-percepção encontra-se 9 valores acima da hetero-apreciação, com 56 e 47 valores, respectivamente.

Quadro LXXXIII – Apreciação da competência da supervisanda A 9.

Apreciação da dimensão de competência – A 9					
Dimensões	Técnica	Clínica	Crítica	Pessoal	Total
Valores Auto	12	13	12	16	53
Percentagem	18,7 %	20,3%	18,7%	25%	79,7%
Valores Hetero	11	11	10	12	44
Percentagem	17,2 %	17,2%	15,6%	18,7%	68,7%

Ao analisarmos o Quadro IX e Gráfico 9 podemos verificar que no caso da supervisanda A 9 os valores totais de apreciação são distintos, tendo a auto um valor mais elevado do que a hetero, 53 contra 44.

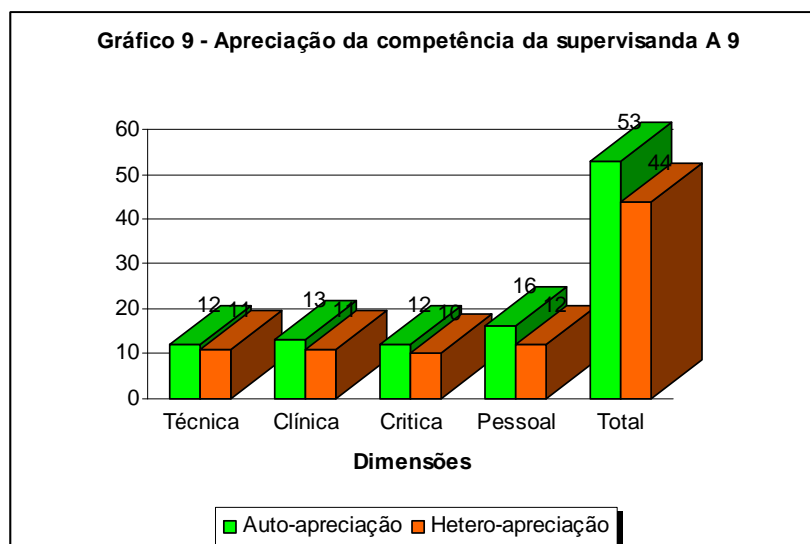


Gráfico 9 – Apreciação da competência da supervisanda A 9.

No que refere à sua distribuição por dimensões em ambas os casos se salienta a dimensão pessoal, embora com percentagens diferentes, 25% contra 18,7%. Em relação às restantes dimensões existe uma ligeira diferença em todas as dimensões, na técnica, com 12 na auto-apreciação e 11 na hetero-apreciação, a clínica com 13 e 11 e crítica com 12 e 10, respectivamente.

Quadro LXXXIV – Apreciação da competência da supervisanda A 10.

Apreciação da dimensão de competência – A 10					
Dimensões	Técnica	Clínica	Crítica	Pessoal	Total
Valores Auto	12	14	10	15	51
Percentagem	18,7 %	21,9%	15,6%	23,4%	79,9%
Valores Hetero	11	11	10	11	43
Percentagem	17,2 %	17,2%	15,6%	17,2%	67,2%

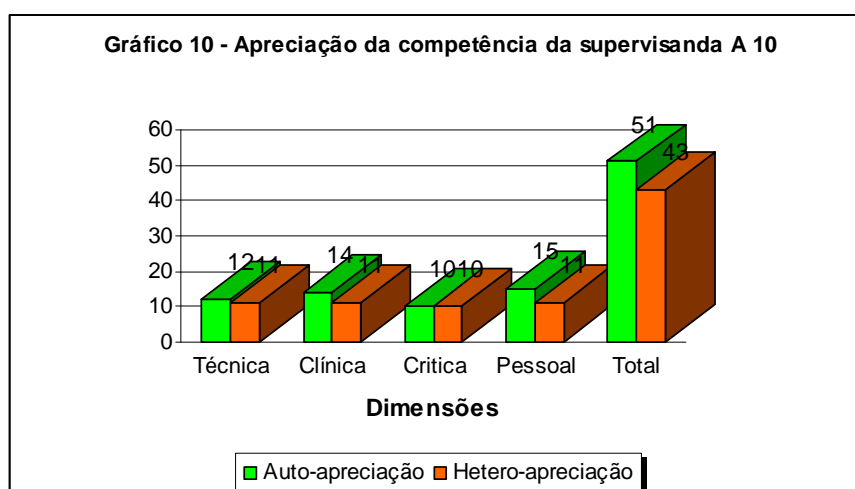


Gráfico 10 – Apreciação da competência da supervisanda a 10.

Em análise ao Gráfico 10 e Quadro X podemos verificar que, no caso do sujeito A 10, na auto-apreciação existe uma diversidade de valores atribuídos às 4 dimensões, o mesmo não acontecendo no caso da hetero-apreciação, mantendo-se, tal como nos sujeitos anteriores a diferença de valores totais entre si, 51 - 43. Na hetero-apreciação os valores atribuídos às dimensões pessoal, técnica e clínica são iguais, 11, ficando a dimensão crítica apenas com 10 valores. Em relação à auto-apreciação a dimensão que mais se salienta é a pessoal, com 23,4%, segue-se a clínica com 21,9%, a dimensão técnica está um pouco mais abaixo com 18,7% e por último a crítica com apenas 15,6%.

Quadro LXXXV – Apreciação da competência da supervisanda A 11.

Apreciação da dimensão de competência – A 11					
Dimensões	Técnica	Clínica	Crítica	Pessoal	Total
Valores Auto	12	12	13	14	51
Percentagem	18,7 %	18,7%	20,3%	21,9%	79,9%
Valores Hetero	8	7	10	6	31
Percentagem	12,5 %	10,3%	15,6%	9,4%	48,4%

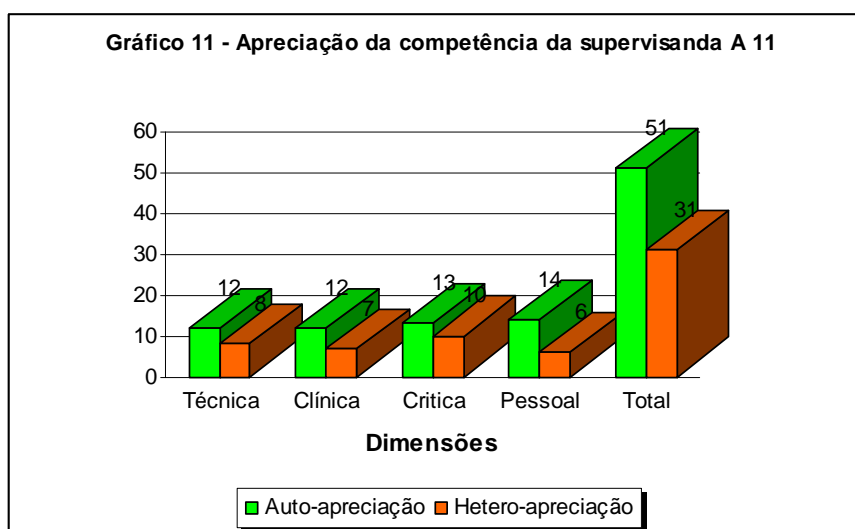


Gráfico 11 – Apreciação da competência da supervisanda A 11.

Através da análise ao Quadro XI e Gráfico 11 podemos verificar que a auto-apreciação da dimensão de competência do sujeito A 11 é superior à apreciação efectuada pela sua professora cooperante em 20 valores, 51-31, respectivamente. Estes valores encontram-se distribuídos pelas 4 dimensões de competência de formas diferentes entre si, a supervisanda A 11 considera que a dimensão mais desenvolvida é a pessoal, 21,9%, enquanto que a professora considera a crítica, 15,6%. A menos desenvolvida para a professora é a dimensão pessoal, 9,4%, enquanto que para a supervisanda estão empatadas a técnica e a clínica com 18,7%.

Quadro LXXXVI – Apreciação da competência da supervisanda A 12.

Apreciação da dimensão de competência - A 12					
Dimensões	Técnica	Clínica	Critica	Pessoal	Total
Valores Auto	10	8	11	12	41
Percentagem	15,6 %	12,5%	17,2%	18,7%	64,1%
Valores Hetero	10	11	10	11	42
Percentagem	15,6%	17,2%	15,6%	17,2%	62,6%

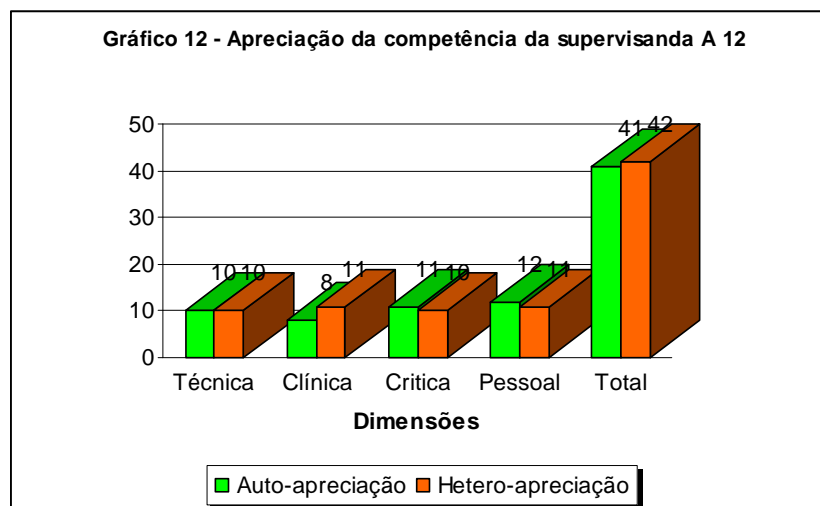


Gráfico 12 – Apreciação da competência da supervisanda A 12.

Relativamente à apreciação feita da competência educativa da supervisanda A 12 podemos referir, de acordo com o Quadro XII e o Gráfico 12, que esta efectua uma apreciação com valores inferiores ou iguais à hetero-apreciação feita pela sua professora cooperante. A dimensão que mais se destaca é a clínica com uma diferença de 3 valores, com 8 e 11 valores, na técnica as apreciações são iguais, 15,6%. No total a diferença é apenas de um valor, com 41 e 42 valores, respectivamente auto e hetero, o que revela uma consciência positiva da supervisanda em relação ao seu desempenho.

Quadro LXXXVII – apreciação da competência da supervisanda A 13.

Apreciação da dimensão de competência – A 13					
Dimensões	Técnica	Clínica	Critica	Pessoal	Total
Valores Auto	12	12	13	13	50
Percentagem	18,7%	18,7%	20,3%	20,3%	78,1%
Valores Hetero	10	7	8	9	34
Percentagem	15,6 %	10,3%	12,5%	14%	53,1%

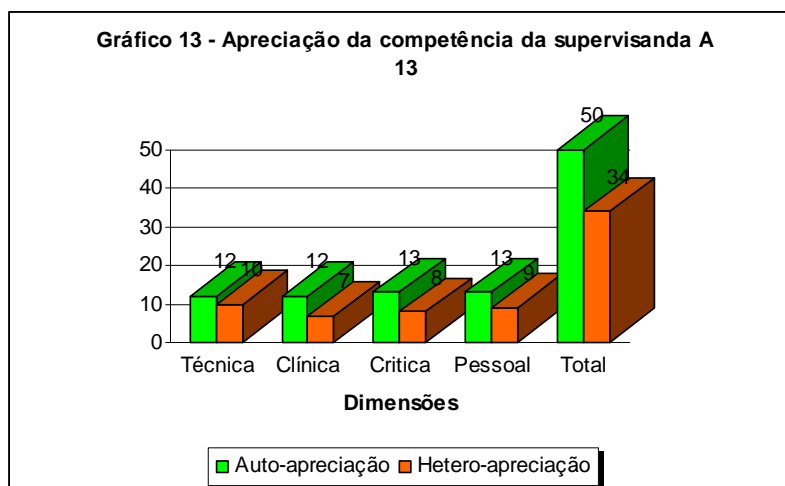


Gráfico 13 – Apreciação da competência da supervisanda A 13.

No que respeita à auto e hetero apreciação da supervisanda A 13 podemos referir que esta se auto-aprecia com valores muito superiores à hetero-apreciação feita pela sua professora cooperante, especialmente nas dimensões clínica e crítica, em que a diferença é de 5 valores, 12 e 7 e 13 e 8 valores, respectivamente. A hetero-apreciação global é apenas de 34 valores, 53,1%, ou seja, menos 16 valores que a auto-apreciação que é de 78,1%. Em suma, podemos referir que a supervisanda se considera bem mais competente do que aquilo que a sua professora cooperante pensa sobre si.

Quadro LXXXVIII – Apreciação da competência da supervisanda A14.

Apreciação da dimensão de competência – A 14					
Dimensões	Técnica	Clínica	Crítica	Pessoal	Total
Valores Auto	11	12	13	13	49
Percentagem	17,2 %	18,7%	20,3%	20,3%	76,6%
Valores Hetero	10	7	8	9	34
Percentagem	15,6 %	10,3%	12,5%	14%	53,1%

A apreciação da competência feita pela supervisanda a 14 é muito superior à que lhe fez a sua professora cooperante, 49 – 76,6% e 34 – 53,1%, respectivamente. A dimensão em que os valores estão mais próximos é na técnica, com 11 e 10 valores. As dimensões clínica e crítica apresentam 5 valores de diferença e a pessoal 4 valores.

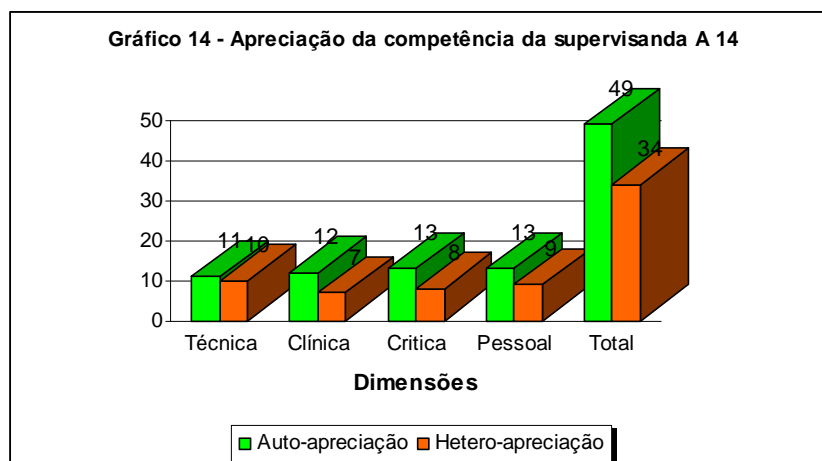


Gráfico 14 – Apreciação da competência da supervisanda A 14.

Quadro LXXXIX – Apreciação da competência da supervisanda A 15.

Apreciação da dimensão de competência – A 15					
Dimensões	Técnica	Clínica	Crítica	Pessoal	Total
Valores Auto	13	13	14	15	55
Percentagem	20,3%	20,3%	21,9%	23,4%	85,9%
Valores Hetero	13	13	13	13	52
Percentagem	20,3 %	20,3%	20,3%	20,3%	81,2%

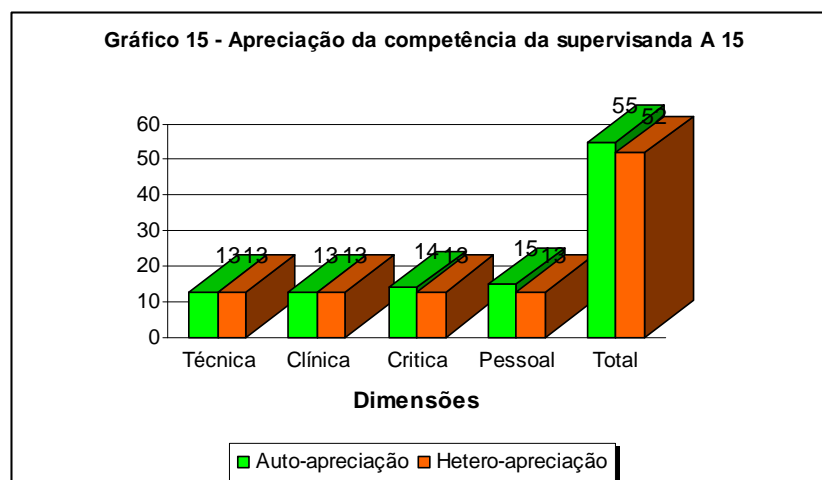


Gráfico 15 – Apreciação da competência da supervisanda A 15.

Relativamente à supervisanda A 15 a sua apreciação é muito próxima da que lhe efectuou a sua professora cooperante, com apenas 3 valores de diferença no valor total, sendo eles 55 e 52, respectivamente.

As dimensões técnica e clínica são apreciadas em igual valor, 13 – 20,3%, por ambas. Na dimensão crítica a apreciação difere em apenas 1 valor e na pessoal 2 valores.

Quadro XC – Apreciação da competência da supervisanda A 16.

Apreciação da dimensão de competência – A 16					
Dimensões	Técnica	Clínica	Crítica	Pessoal	Total
Valores Auto	12	9	10	13	44
Percentagem	18,7 %	14%	15,6%	20,3%	68,7%
Valores Hetero	12	11	13	13	49
Percentagem	18,7%	17,2%	20,3%	20,3%	76,6%

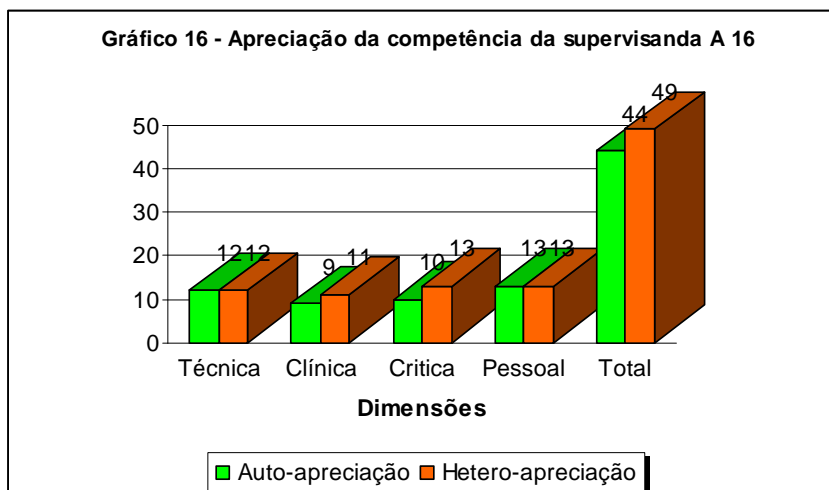


Gráfico 16 – Apreciação da competência da supervisanda A 16.

Na apreciação que a supervisanda faz da sua competência educativa, as pontuações encontram-se distribuídas com valores muito diferentes, sendo a que se encontra no nível inferior a dimensão clínica, 14%. Na hetero-apreciação a sua professora cooperante atribui valores idênticos a todas as dimensões, sendo os valores coincidentes com a auto-apreciação na dimensão técnica, 12 valores, e na dimensão pessoal, 13 valores. No total as apreciações diferem em apenas 5 valores, 44 e 49, sendo a auto inferior à hetero.

Quadro XCI – Apreciação da competência da supervisanda A 17.

Apreciação da dimensão de competência – A 17					
Dimensões	Técnica	Clínica	Crítica	Pessoal	Total
Valores Auto	13	13	14	13	53
Percentagem	20,3 %	20,3%	21,9%	20,3%	79,7%
Valores Hetero	10	6	6	9	31
Percentagem	15,6 %	9,4%	9,4%	14%	48,8%

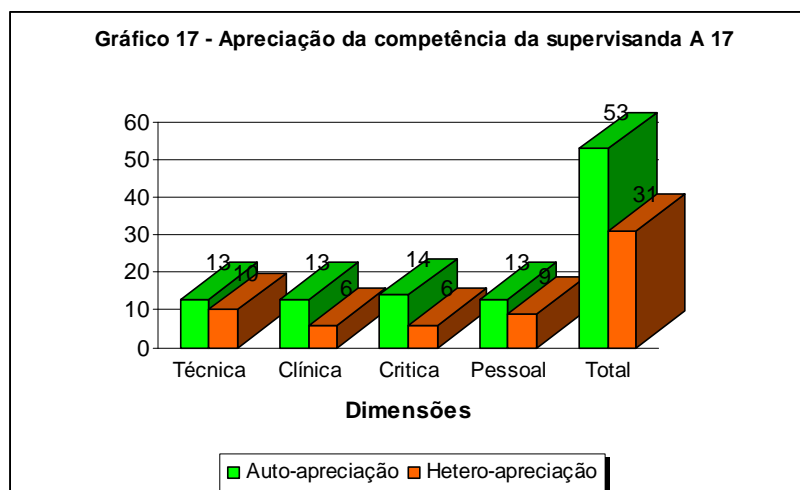


Gráfico 17 – Apreciação da competência da supervisanda A 17.

Os valores atribuídos a cada uma das dimensões pela supervisanda A 17, no que respeita à sua auto-apreciação são muito idênticos, 13 e 14. Já no que respeita à hetero-apreciação, esta não é tão positiva, uma vez que a sua professora lhe atribuiu valores muito inferiores, sendo a técnica a que arrebatou o valor superior, 10. No total das apreciações a diferença é muito grande, sendo a auto de 53 valores – 79,7% e a hetero-apreciação de apenas 31 valores – 48,8%.

Quadro XCII – Apreciação da competência da supervisanda A 18.

Apreciação da dimensão de competência -A 18					
Dimensões	Técnica	Clínica	Crítica	Pessoal	Total
Valores Auto	11	11	9	10	41
Percentagem	27 %	27%	22%	24%	100%
Valores Hetero	14	16	16	16	62
Percentagem	23 %	25%	26%	26%	100%

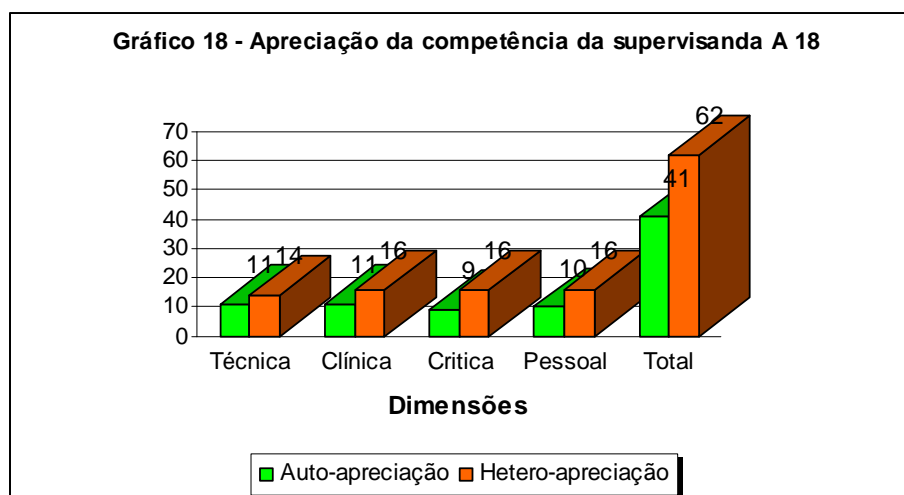


Gráfico 18 – Apreciação da competência da supervisanda A 18.

A apreciação da competência educativa da supervisanda A 18 destaca-se das suas colegas pelo facto de a auto-apreciação ser muito inferior à hetero-apreciação efectuada pela sua professora cooperante, 41 valores – 64,1% e 62 valores – 96,9% respectivamente. A dimensão em que mais se destaca a diferença é a crítica em que ela se avalia com apenas 9 valores e a sua professora lhe atribui o máximo, 16 valores.

Quadro XCIII – Apreciação da competência da supervisanda A 19.

Apreciação da dimensão de competência – A 19					
Dimensões	Técnica	Clínica	Crítica	Pessoal	Total
Valores Auto	15	15	15	15	60
Percentagem	23,4 %	23,4%	23,4%	23,4%	93,7%
Valores Hetero	14	16	16	16	62
Percentagem	21,9%	25%	25%	25%	96,9%

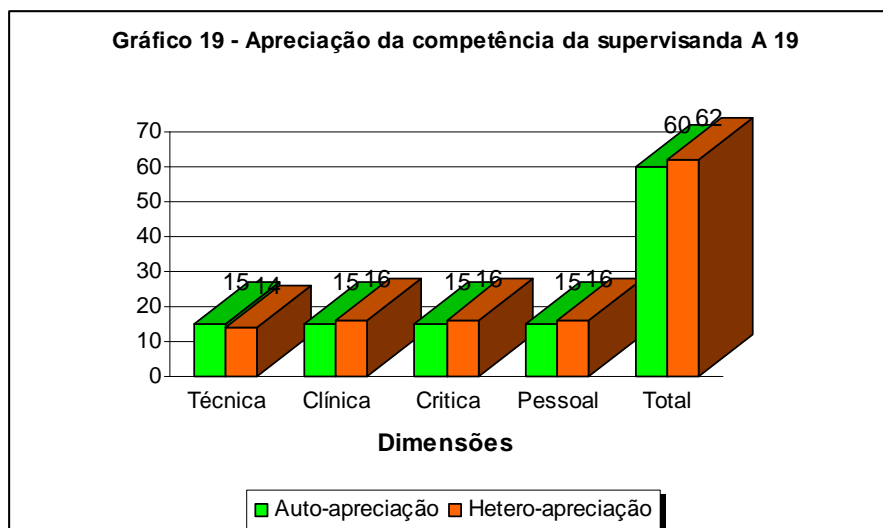


Gráfico 19 – Apreciação da competência da supervisanda A 19.

A auto e hetero-apreciação da supervisanda A 19 têm valores muito próximos, 60 – 93,7% e 62 – 96,9%, respectivamente, ou seja, ambos muito próximos do 100% de excelência. A sua cooperante atribui o valor máximo a todas as dimensões, excepto a técnica que ficou apenas com 14 valores. A supervisanda auto-aprecia-se em todas as dimensões com 15 valores.

Quadro XCIV – Apreciação da competência do supervisando A 20.

Apreciação da dimensão de competência - A 20					
Dimensões	Técnica	Clínica	Crítica	Pessoal	Total
Valores Auto	12	12	14	13	51
Percentagem	18,7 %	18,7%	21,9%	20,3%	79,7%
Valores Hetero	14	14	16	16	60
Percentagem	21,9%	21,9%	25%	25%	93,7%

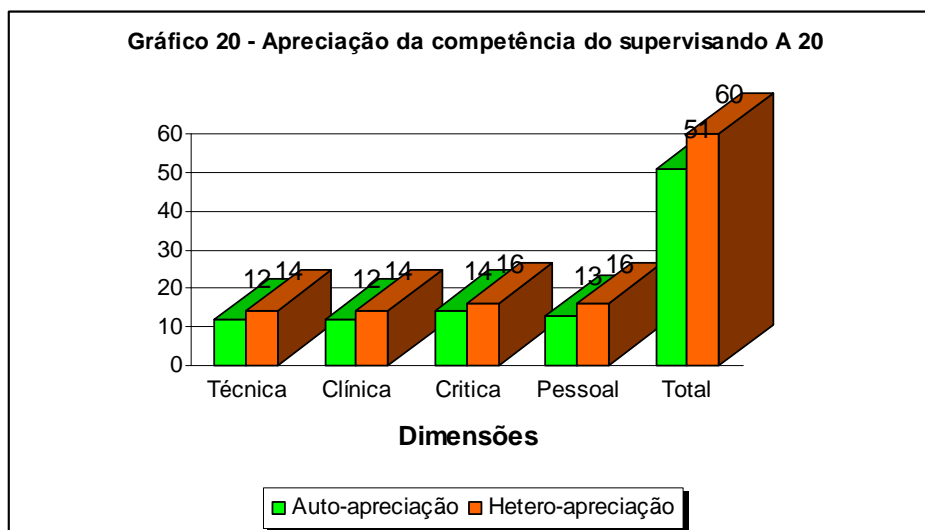


Gráfico 20 – Apreciação da competência do supervisando A 20.

O supervisando A 20 auto-aprecia as suas dimensões de competência com 2 valores a menos que a hetero-apreciação efectuada pela sua professora cooperante, que é a máxima nas dimensões crítica e pessoal e de 14 valores na técnica e clínica. No geral a sua apreciação é inferior 9 valores em relação à hetero-apreciação, 51 valores – 79,7% e 60 valores – 93,7%, respectivamente.

Distribuição dos supervisandos de acordo com os valores de auto e hetero-apreciação de cada uma das dimensões.

	Técnica		Clínica		Crítica		Pessoal	
	Auto	Hetero	Auto	Hetero	Auto	Hetero	Auto	Hetero
Menos	A 3 A 10 12 valores	A 2 6 valores	A 4 A 12 8 valores	A 2 5 valores	A 18 9 valores	A 2 5 valores	A 18 10 valores	A 2 4 valores
Mais	A 2 A 8 A 19 15 valores	A 5 A 6 A 18 A 19 A 20 14 valores	A 19 15 valores	A 18 A 19 16 valores	A 8 A 19 15 valores	A 18 A 19 A 20 16 valores	A 2 A 9 16 valores	A 18 A 19 A 20 16 valores

Distribuição dos valores de auto e hetero-apreciação por cada uma das dimensões de competência, por supervisando.

	Técnica		Clínica		Crítica		Pessoal		Total	
	Auto	Hetero	Auto	Hetero	Auto	Hetero	Auto	Hetero	Auto	Hetero
A1	11	13	13	12	14	12	15	13	53	50
A2	15	6	14	5	11	5	16	4	56	20
A3	10	13	10	12	12	11	12	13	44	49
A4	11	12	8	11	10	14	12	11	41	48
A5	12	14	9	14	14	15	12	13	47	56
A6	13	14	13	11	11	14	14	12	51	51
A7	13	12	12	10	14	12	15	12	54	46
A8	15	13	13	11	15	11	13	12	56	47
A9	12	11	13	11	12	10	16	12	53	44
A10	12	11	14	11	10	10	15	11	51	43
A11	12	8	12	7	13	10	14	6	51	31
A12	10	10	8	11	11	10	12	11	41	42
A13	12	10	12	7	13	8	13	9	50	34
A14	11	10	12	7	13	8	13	9	49	34
A15	13	13	13	13	14	13	15	13	55	52
A16	12	12	9	11	10	13	13	13	44	49
A17	13	10	13	6	14	6	13	9	53	31
A18	11	14	11	16	9	16	10	16	41	62
A19	15	14	15	16	15	16	15	16	60	62
A20	12	14	12	14	14	16	13	16	51	60
Média	12,25	11,7	11,8	10,8	12,45	11,5	13,55	11,55	50,05	45,55

ANEXO L

Comparação entre as frases escolhidas pelas professoras cooperantes e pelos supervisandos para classificarem um “professor ideal”.

Quadro XCV – Comparação entre as opções dos supervisandos e das professoras cooperantes, relativamente às frases propostas.

	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a
A 1	16 ^a	12 ^a	9 ^a	7 ^a	4 ^a	1 ^a
A 2	9 ^a	8 ^a	7 ^a	4 ^a	2 ^a	5 ^a
C 3	9 ^a	6 ^a	2 ^a	1 ^a	8 ^a	9 ^a
	1=	=/=	=/=	=/=	=/=	=/=
A 3	4 ^a	16 ^a	3 ^a	1 ^a	8 ^a	9 ^a
A 4	8 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a	12 ^a	11 ^a
A 5	9 ^a	3 ^a	4 ^a	1 ^a	12 ^a	11 ^a
C 5	9 ^a	12 ^a	11 ^a	4 ^a	6 ^a	3 ^a
	1=	=/=	=/=	=/=	=/=	=/=
A 6	2 ^a	12 ^a	16 ^a	13 ^a	7 ^a	9 ^a
A 7	1 ^a	9 ^a	8 ^a	7 ^a	5 ^a	4 ^a
A 8	9 ^a	2 ^a	16 ^a	6 ^a	12 ^a	13 ^a
C 7	Não respondeu					
A 9	1 ^a	3 ^a	9 ^a	12 ^a	14 ^a	15 ^a
A 10	9 ^a	6 ^a	1 ^a	3 ^a	4 ^a	12 ^a
A 11	1 ^a	9 ^a	12 ^a	16 ^a	7 ^a	6 ^a
C 1	12 ^a	9 ^a	6 ^a	7 ^a	1 ^a	2 ^a
	=/=	1=	=/=	=/=	=/=	=/=
A 12	9 ^a	15 ^a	16 ^a	4 ^a	3 ^a	13 ^a
A 13	1 ^a	6 ^a	3 ^a	15 ^a	4 ^a	7 ^a
A 14	9 ^a	12 ^a	1 ^a	7 ^a	6 ^a	16 ^a
C 6	1 ^a	2 ^a	3 ^a	8 ^a	4 ^a	14 ^a
	1=	=/=	1=	=/=	1=	=/=
A 15	9 ^a	8 ^a	12 ^a	7 ^a	6 ^a	2 ^a
A 16	9 ^a	3 ^a	12 ^a	10 ^a	14 ^a	13 ^a
A 17	3 ^a	2 ^a	6 ^a	1 ^a	7 ^a	13 ^a
C 4	9 ^a	12 ^a	5 ^a	16 ^a	11 ^a	2 ^a
	2=	=/=	=/=	=/=	=/=	1=
A 18	2 ^a	9 ^a	3 ^a	7 ^a	13 ^a	15 ^a
A 19	4 ^a	6 ^a	16 ^a	14 ^a	9 ^a	10 ^{a*}
A 20	3 ^a	9 ^a	4 ^a	12 ^a	5 ^a	16 ^a
C 2	13 ^a	1 ^a	12 ^a	9 ^a	16 ^a	6 ^a
	=/=	=/=	=/=	=/=	=/=	=/=

Quadro XCVI – Quadro das opções efectuadas pelos professores cooperantes (número das frases representativas de cada uma das competências) relativamente às dimensões de competência.

Cooperantes	Técnica	Clínica	Critica	Pessoal	Resultados
C 1	2	2	2	0	T = Cl = Cr
C 2	1	1	2	2	Cr = P
C 3	2	2	2	0	T = Cl = Cr
C 4	1	1	3	1	Cr
C 5	2	1	3	0	Cr
C 6	4	1	0	1	T
C 7	Não respondeu – NR				

Quadro XCVII – Quadro das opções efectuadas pelos supervisandos (número das frases representativas de cada uma das competências) relativamente às dimensões de competência.

Supervisandos	Técnica	Clínica	Critica	Pessoal	Resultados
A 1	2	1	2	1	T = Cr
A 2	2	3	1	0	Cl
A 3	3	1	1	1	T
A 4	2	1	2	0	T = Cr
A 5	3	0	3	0	Cr = T
A 6	1	1	2	2	Cr = P
A 7	2	3	1	0	Cl
A 8	1	1	2	2	Cr = P
A 9	2	0	2	2	T = Cr = P
A 10	3	1	2	0	T
A 11	1	2	2	1	Cl = Cr
A 12	2	0	1	3	P
A 13	3	2	0	1	T
A 14	1	2	2	1	Cl = Cr
A 15	1	3	2	0	Cl
A 16	1	3	0	2	Cl
A 17	3	2	0	1	T
A 18	2	1	1	2	T = P
A 19	1	1	2	2	Cr = P
A 20	2	1	2	1	T = Cr

Quadro XCVIII – Comparação entre as opções dos supervisandos e das respectivas professoras cooperantes relativamente à competência educativa de um “professor ideal”.

	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
A 1	P	Cr	Cr	Cl	T	T
A 2	Cr	Cl	Cl	T	T	Cl
C 3	Cr	Cl	T	T	Cl	Cr
	1=	1=	≠/=	1=	≠/=	≠/=
A 3	T	P	T	T	Cl	Cr
A 4	Cl	T	T	T	Cr	Cr
A 5	Cr	T	T	T	Cr	Cr
C 5	Cr	Cr	Cr	T	Cl	T
	1=	≠/=	≠/=	=	1=	≠/=
A 6	T	Cr	P	P	Cl	Cr
A 7	T	Cr	Cl	Cl	Cl	T
A 8	Cr	T	P	Cl	Cr	P
C 7	Não respondeu					



A 9	T	T	Cr	Cr	P	P
A 10	Cr	Cl	T	T	T	Cr
A 11	T	Cr	Cr	P	Cl	Cl
C 1	Cr	Cr	Cl	Cl	T	T
	1=	1=	≠/≠	≠/≠	1=	≠/≠
A 12	Cr	P	P	T	T	P
A 13	T	Cl	T	P	T	Cl
A 14	Cr	Cr	T	Cl	Cl	P
C 6	T	T	T	Cl	T	P
	1=	≠/≠	2=	1=	1=	2=
A 15	Cr	Cl	Cr	Cl	Cl	T
A 16	Cr	T	Cr	Cr	P	P
A 17	T	T	Cl	T	Cl	P
C 4	Cr	Cr	Cl	P	Cr	T
	2=	1=	1=	≠/≠	≠/≠	1=
A 18	T	Cr	T	Cl	P	P
A 19	T	Cl	P	P	Cr	Cr
A 20	T	Cr	T	Cr	Cl	P
C 2	P	T	Cr	Cr	P	Cl
	≠/≠	≠/≠	≠/≠	1=	1=	≠/≠



ANEXO M

Categorização dos dados das professoras cooperantes e dos supervisandos relativos à Prova de Completação de frases relativa à resiliência

Professoras Cooperantes

1 – Eu tenho

1.1 – Capacidades Intelectuais

Eu tenho capacidade de ajudar (C 4)

1.2 - Capacidades profissionais

Que estar disponível para as auxiliar (C 1)

Um papel de mediadora junto dos supervisandos e da turma de que sou “titular” (C 2)

Eu tenho experiência (C 4)

Eu tenho saberes para partilhar (C 4)

Dar a conhecer toda a minha experiência pedagógica. Ajudar no que for preciso (C 5)

De esclarecer (C 7)

De orientar (C 7)

1.3 – Capacidades Relacionais

Que dialogar com eles de modo a perceberem o que é pretendido (C 1)

De conversar (C 7)

1.4 – Necessidades de realização

Que tentar perceber o ponto de vista dos supervisandos (C 1)

Necessidade de reflectir com eles a razão das suas intervenções (C 6)

1.4 – Recursos externos

Que disponibilizar toda a informação dos alunos e outros recursos (C 5)

2 - Eu sou

2.1 – Capacidades intelectuais

Compreensiva perante as explicações apresentadas (C 1)

Flexível (C 3)

Eu sou “aberta” a novas experiências (C 4)

Exigente, compreensiva e amiga (C 5)

Amiga (C 7)

2.2 – Capacidades profissionais

Exigente a nível profissional (C 1)

Ponderada nas críticas que faço (C 1)

Essencialmente reflexiva e procuro que os supervisandos o consigam sentir também (C 2)

Exigente, mas com moderação (C 3)



Eu sou cooperante (C 4)
Eu sou disponível (C 4)
Frontal, incisiva e muito crítica (C 6)
Disponível (C 7)
Orientadora (C 7)

2.3 – Capacidades relacionais

Amiga (C 3)

3 – Eu posso

3.1 – Capacidades intelectuais

Eu posso aceitar (C 4)

3.2 – Capacidades profissionais

Reunir com os estagiários sempre que o solicitem (C1)
Sugerir actividades quando os estagiários necessitem (C 1)
Encorajar, intervir e apenas sugerir, nunca transmitir, aspectos a otimizar, jamais modelos. (C 2)
Ajudar no que for possível (C 3)
Eu posso ajudar (C 4)
Eu posso corrigir (C 4)
Dar a conhecer toda a minha experiência pedagógica. (C 5)
Ajudar no que for preciso (C 5)
Facilitar a sua inserção na realidade profissional que os espera (C 6)
Ajudar (C 7)
Criticar (C 7)
Dar sugestões (C 7)

3.3 – Capacidades relacionais

3.4 – Recursos externos

Facultar o material que possuo (C 1)



Supervisandos

1 – Eu tenho

1.1 – Capacidades Intelectuais

Ideias muito definidas sobre educação (A 2)

A ideia de que a reflexão acerca da prática é imprescindível para superar as dificuldades (A 3)

De ter mais confiança em mim mesmo (A 7)

Vontade de fazer sempre melhor (A 8)

A ideia que me encontro num mundo bastante competitivo (A 8)

Confiança no futuro e naquilo que está “à minha espera” (A 8)

Capacidade de superar (A 9)

Consciência de que ao longo da PP evolui bastante, aprendi a encarar a realidade tal como ela é (A 12)

A capacidade de retirar sempre um aspecto positivo dos erros que por vezes cometo (A 13)

Capacidade de me adaptar a diversas situações (A 14)

Força de vontade para lutar por aquilo que quero (A 19)

Vontade para aprender sempre mais (A 19)

1.2 - Capacidades profissionais

Dificuldade em gerir conflitos (A 2)

Muitas capacidades, embora não acredite muito nelas (A 4)

Conhecimentos e saberes necessários pois sou muito curiosa (A 4)

Capacidade para superar os problemas e dificuldades que possam surgir (A 5)

Capacidade para pesquisar e arranjar forma de encontrar soluções e/ou respostas às minhas dificuldades (A 6)

Capacidades para fazer melhor (A 7)

De encontrar novas estratégias (A 7)

Alguma dificuldade em gerir o tempo na sala (A 16)

Dificuldade na planificação de poucas actividades, para um só dia (A 16)

Eu tenho confiança como planeio as minhas aulas e o desenvolvimento das actividades que prevejo (A 17)

Capacidades para aprender com os erros e reflectir para fazer melhor (A 18)

Capacidades para aprender com os erros e reflectir para fazer melhor (A 19)

Noção do nível de evolução em que me encontro (A 20)

Grande capacidade de encaixe, não desistindo facilmente (A 20)

1.3 – Capacidades Relacionais

Facilidade em entender os alunos (A 2)

Capacidade de analisar as situações imparcialmente (A 20)

1.4 – Recursos externos

Colegas que me apoiam (A 4)

Amigos (A 10)

Alguém que posso confiar (A 10)

Colegas que me ajudam (A 14)

Dificuldades, por vezes, no que diz respeito ao comportamento dos alunos (A 15)



1.5 – Necessidades de realização

Muita necessidade de me realizar profissionalmente (A 1)

Muita força de vontade para terminar o curso (A 1)

Esperança de ser colocado (A 1)

Esperança (A 10)

Eu tenho consciência que terei que melhorar alguns aspectos da minha prática, como a postura na sala de aula (A 11)

Vontade de superar (A 14)

Consciência da necessidade de melhorar (A 16)

Que ter força, determinação e auto-confiança nas minhas potencialidades (A 17)

Força de vontade para lutar por aquilo que quero (A 18)

Vontade para aprender sempre mais (A 18)

2- Eu sou

2.1 – Capacidades intelectuais

Responsável com as minhas tarefas (A 1)

Optimista com a Prática Pedagógica (A 1)

Confiante nas minhas capacidades (A 2)

Critica em relação ao meu trabalho (A 2)

Persistente (A 9)

Persistente (A 10)

Confiante (A 10)

Optimista (A 14)

Persistente (A 14)

Persistente, quando me deparo com algum problema, até conseguir ultrapassá-lo (A 15)

Pouco optimista (A 18)

2.2 – Capacidades profissionais

Rápida a superar imprevistos (A 2)

Insegura e curiosa (A 4)

Empenhada e trabalhadora (A 4)

Persistente para enfrentar as dificuldades (A 6)

Capaz de fazer melhor, basta não desistir (A 7)

Empenhada (A 10)

Capaz de reflectir sobre as dificuldades que me vão surgindo e tentar ultrapassá-las (A 12)

Preocupo-me em preparar-me bem quando tenho que leccionar uma aula (A 13)

Capaz de mudar de estratégias (A 14)

Empenhada e tento sempre melhorar (A 16)

Trabalhadora na preparação das actividades (A 16)

Eu sou flexível para poder observar se de alguma forma os objectivos a curto prazo não estão a ser alcançados (A 17)

Aberta a novos conhecimentos (A 19)

Confiante nas minhas capacidades, empenho-me por dar sempre o melhor aos meus alunos, enquanto estagiária (A 19)

Bastante persistente (A 20)

Empenho na auto-superação (A 20)



2.3 – Capacidades relacionais

Paciente com os alunos (A 1)

Muito tímida e simpática (A 4)

Franca e directa (A 8)

Eu sou uma pessoa tímida, o que prejudica o meu relacionamento com os outros (A 11)

Franca, humilde (A 13)

Por vezes, um pouco pessimista (A 16)

Solidária, compreensiva e honesta (A 19)

Compreensivo e admito os meus erros (A 20)

2.4 – Recursos externos

Pouco apoiada (em relação ao que penso que seria benéfico) por parte da professora cooperante (A 3)

Alguém que, por vezes, me desmotivo mas tenho alguém que me faz ver o lado positivo (A 5)

Algo criticada pelo meu feitio (A 8)

3 – Eu posso

3.1 – Capacidades intelectuais

Superar as dificuldades com que me deparo se as quiser encontrar, porque só assim as poderei ultrapassar (A 3)

Conseguir aquilo que quero (A 4)

Mudar (A 4)

Fazer com que as coisas não sejam tão negativas, é preciso pegar nas coisas más e transformá-las em boas (A 5)

Mostrar que consigo supera as minhas dificuldades, basta força de vontade e ânimo (A 7)

Mudar (A 9)

Mudar algo (A 10)

Mudar. Tenho é que conseguir ultrapassar alguns problemas (A 11)

Vir a ser boa profissional porque tenho força de vontade para isso (A 13)

Mudar de atitude perante uma determinada situação (A 14)

Tento melhorar aspectos menos positivos (A 16)

3.2 – Capacidades profissionais

Melhorar sempre o meu desempenho (A 1)

Alterar muitas coisas na prática (A 1)

Ensinar e levar os alunos a aprenderem novas coisas (A 1)

Inovar as estratégias utilizadas (A 2)

Melhorar sempre o meu desempenho (A 2)

Fazer muito mais do que faço (A 4)

Tentar ser sempre melhor e com isso tentar fazer sempre mais e melhor, pois a minha “chávena” nunca está cheia e pode sempre comportar mais alguns conhecimentos/experiências e conselhos (A 6)

Melhorar sempre com as experiências pelas quais vou passando (A 8)

Contribuir para o desenvolvimento dos alunos (A 10)



- Fazer sempre melhor e aprender sempre mais (A 15)
- Tentar planificar actividades mais curtas (A 16)
- Organizar actividades que promovam e despertem o interesse dos alunos (A 16)
- Eu posso sempre melhorar e adaptar o que tenho previsto, de forma a facilitar a consecução dos objectivos (A 17)
- Ultrapassar praticamente todas as contrariedades que me irão surgir e aprender algo com elas (A 18)
- Fazer com que os meus alunos consigam aprender e brincar ao mesmo tempo, sempre com alegria (A 19)
- Fazer mais do que aquilo que é feito por muitos professores (A 19)
- Esforçar-me por fazer um com sucesso, que garanta, simultaneamente o sucesso dos alunos (A 19)
- Seguir em frente nos momentos mais adequados (A 20)
- Tentar melhorar de dia para dia (A 20)
- Lutar por mudar algo apesar das dificuldades (A 20)

3.3 – Capacidades relacionais

- Trabalhar mais perto da comunidade (A 2)
- Contribuir para alterar algumas mentalidades à minha volta (A 8)
- Ser como sou, mas com os meus amigos sou o mais verdadeira possível e eles sabem que podem sempre contar comigo (A 8)
- Ajudar os outros (A 10)
- Procurar ajuda sempre que precise (A 14)
- Ajudar quem precisa (A 14)

3.4 – Recursos externos

- Contar com o apoio dos supervisores para conseguir superar as minhas dificuldades ao longo da Prática Pedagógica (A 12)

ANEXO N**SCT – PIPA – Professoras Cooperantes****Quadro XCIX - O que mais aprecio em mim...**

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
1 - O que mais aprecio em mim...	C 1	A capacidade de me relacionar com as crianças	I-3/4,1	I-3/4
	C 2	É a vontade de poder contribuir para a “mudança”/crescimento	I-4,7	I-4
	C 3	É ser boa mãe.	I-3,8	I-3
	C 4	Sentido de responsabilidade	I-3,6	I-3
	C 5	A persistência e a criatividade	I-4,8	I-4
	C 6	Curiosidade pelo conhecimento	I-3,6	I-3
	C 7	Não sei, nunca pensei nisso	I-3/4,11	I-3/4

Quadro C – Quando não consigo o que quero...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
2 – Quando não consigo o que quero...	C 1	Contorno o problema e tento novamente mais tarde	I-4,8	I-4
	C 2	Tento novamente pela redefinição de estratégias, conseguir...	I-5,1	I-5
	C 3	Volto a tentar	I-4,8	I-4
	C 4	Aceito	I- ¾ ,6	I- ¾
	C 5	Tento de novo	I-3,4	I-3
	C 6	Insisto	I-4,8	I-4
	C 7	Procuro outra coisa	I- ¾ ,4	I- ¾

Quadro CI - O meu principal problema...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
3 - O meu principal problema...	C 1	É ser um pouco tímida com pessoas que não conheço	I-3/4,5	I-3/4
	C 2	Não respondeu	-----	I – 3
	C 3	É ser muito crédula	I – 3	I – 3
	C 4	Timidez	I-3/4,5	I-3/4
	C 5	É de não conseguir exprimir o que penso	I-4,15	I-4
	C 6	Timidez	I-3/4,5	I-3/4
	C 7	É preocupar-me com os outros	I-3,14	I-3

Quadro CII – Quando me evitam ...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
4 – Quan-	C 1	Finjo que não noto	I- 4,3	I- 4
	C 2	Procuro saber porquê, embora não seja uma situação comum	I- ¾ , 9	I- ¾

	C 3	Alguma coisa vai mal!	Δ,5	Δ
	C 4	Aceito	I-5	I-5
	C 5	Faço que não percebo e não desisto	I-4,3	I-4
	C 6	Afasto-me	I-3,7	I-3
	C 7	Evito	I-3,6	I-3

Quadro CIII – A educação ...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
5 – A educação ...	C 1	É um processo em constante movimento	I – 3	I – 3
	C 2	Foi o campo em que estou certa de ter investido	I – 3	I – 3
	C 3	É o pilar central de uma vida	I – 3	I – 3
	C 4	É muito importante	I – 3, 2	I – 3
	C 5	É muito importante para todas as pessoas	I – 3, 2	I – 3
	C 6	Fundamental	I – 3, 1	I – 3
	C 7	É crescer	I-4, 9	I-4

Quadro CIV – Eu sou...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
6 – Eu sou...	C 1	Exigente com os alunos mas compreendo quando têm dificuldades e necessitam de ajuda	I-4,3	I-4
	C 2	Colaborativa	I-4,3	I-4
	C 3	“amiga do meu amigo”	I-4,3	I-4
	C 4	Um ser humano	I-4,6	I-4
	C 5	Alegre e bem disposta	I-3,8	I-3
	C 6	Frontal e positiva	I-3	I-3
	C 7	Mãe	I-3/4,2	I-3/4

Quadro CV – Estar com outras pessoas é...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
7 – Estar com outras pessoas é...	C 1	É essencial para um crescimento pessoal e/ou profissional	I-5,nc	I-5
	C 2	Enriquece-me sempre, ainda que às vezes só um bocadinho	I-4,8	I-4
	C 3	É bom	I-2,1	I-2
	C 4	É bom	I-2,1	I-2
	C 5	É muito agradável	I-2,1	I-2
	C 6	Agradável	I-2,1	I-2
	C 7	Por vezes é aborrecido	I-3,8	I-3

Quadro CVI – Quando uma criança não participara nas actividades de grupo...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
8	C 1	É necessário perceber o que se passa	I-3/4,1	I-3/4



	C 2	Tento motivá-la para o fazer, depois de perceber as razões que a levaram à atitude anterior	I-3/4,13	I-3/4
	C 3	Preocupo-me	I-3,2	I-3
	C 4	Procuro incentivá-la	I-3,1	I-3
	C 5	A culpa é minha porque não a consegui motivar	I-3	I-3
	C 6	Insisto e ajudo	I-3,1	I-3
	C 7	Fico furiosa	I-3	I-3

Quadro CVII – Quando estou nervoso(a) ...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
9 – Quando estou nervoso(a) ...	C 1	Não falo	I-4, 14	I-4
	C 2	Lembro-me do positivo e acabou	I-4/5,3	I-4/5
	C 3	Apetece-me comer	I-3,13	I-3
	C 4	Tento acalmar-me	I-4,12	I-4
	C 5	Bloqueio a todos os níveis	I-¾, 4	I-¾
	C 6	Isolo-me	I-4,15	I-4
	C 7	Fico calada	I-4, 14	I-4

Quadro CVIII – Quando as pessoas estão desamparadas ...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
10 – Quando as pessoas estão desamparadas ...	C 1	Abordo-as para tentar perceber o que se passa e se possível, ajudo-as	I-4, 6	I-3
	C 2	Podem contar comigo	I-3,1	I-3
	C 3	Gosto de “dar a mão”	I-3,1	I-3
	C 4	É complicado	I-3,1	I-3
	C 5	Procuro ajudá-las, com descrição	I-3,1	I-3
	C 6	Ajudo	I-3, 1	I-3
	C 7	Dou-lhe uma mão	I-3,1	I-3

STC- PIPA – Supervisandos

Quadro CIX - O que mais aprecio em mim...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
1 - O que mais aprecio em mim...	A 1	A calma e a responsabilidade	I-3,2	I-3
	A 2	É a minha confiança nas minhas capacidades	I-3/4,7	I-3/4
	A 3	A persistência e a vontade de mudança	I-4,8	I-4
	A 4	É a simpatia e preocupação pelos outros	I-3,2	I-3
	A 5	É o facto de procurar sempre ajudar quando vejo que os meus colegas têm dificuldades	I-3,2	I-3
	A 6	É a paciência e a vontade de saber sempre mais	I-4,8	I-4
	A 7	É a força de vontade em conseguir	I-4,8	I-4
	A 8	É o facto de ser franca e directa (embora às vezes mal interpretada).	I-4/5,1	I-4/5
	A 9	É a confiança de conseguir	I-3/4,7	I-3/4
	A 10	É a minha persistência	I-4,8	I-4
	A 11	Não respondeu	-----	I-3
	A 12	Força de vontade	I-4,8	I-4
	A 13	É a minha tolerância e compreensão	I-3,2	I-3
	A 14	É o meu positivismo	I-4,3	I-4
	A 15	A capacidade de ultrapassar os problemas de forma simples	I-4,4	I-4
	A 16	É a minha dedicação e empenho na organização e estruturação das actividades	I-5,2	I-5
	A 17	O estar aberta à mudança	I-4,7	I-4
	A 18	O prazer que tenho em ajudar os outros	I-3,2	I-3
	A 19	Ser confiante, persistente	I-3/4,7	I-3/4
	A 20	É a minha compreensão e tolerância nos momentos mais difícil	I-3,2	I-3

Quadro CX – Quando não consigo o que quero...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
2 – Quando não consigo o que quero...	A 1	Tento novamente	I-3,4	I-3
	A 2	Procuo novas estratégias para o conseguir	I- ¾ ,4	I- ¾
	A 3	Reformulo as estratégias para obter o que pretendo	I-4,8	I-4
	A 4	Não desisto, luto até ao fim, dando sempre o melhor	I-4,14	I-4
	A 5	Por vezes “vou abaixo” mas procuro sempre dar a volta	I-4,9	I-4
	A 6	É tentar novamente e se necessário pedir ajuda aos outros	I- ¾ ,4	I- ¾
	A 7	Sinto alguma frustração, mas tento de novo	I-4,9	I-4
	A 8	Fico frustrada comigo mesma, mas procuro continuar a batalhar até ao limite	I-4,9	I-4
	A 9	Não desisto	I-4,14	I-4
	A 10	Fico chateada	Δ,1	Δ

A 11	Tento por outra via	I- ¾ ,4	I- ¾
A 12	Faço de tudo para conseguir	I-4,8	I-4
A 13	Por vezes fico desmoralizada, mas depois tento olhar em frente e caminhar para fazer outra investida	I-4,9	I-4
A 14	Tento o que quero	I-4,8	I-4
A 15	Sou persistente, sempre que possível	Δ,3	Δ
A 16	Tento fazer tudo para o conseguir, sem deixar de lutar por isso	I-4,8	I-4
A 17	Fico aborrecida se pensei ser/ter algum motivo	I-4/5	I-4/5
A 18	Fico bastante desiludida comigo própria	I-4/5	I-4/5
A 19	Fico um pouco deprimida, mas tento posteriormente fazer melhor em outras acções	I-4,9	I-4
A 20	Continuo a tentar até chegar ao momento em que compreenda que a minha luta vai ser estéril	Δ,3	Δ

Quadro CXI – O meu principal problema...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
3 – O meu principal problema...	A 1	É ser esquecido	I-3/4,9	I-3/4
	A 2	É nem sempre entender o que se passa nas aulas	I-3,8	I-3
	A 3	Envolver-me demasiado nos problemas (meus e dos outros)	I-4,19	I-4
	A 4	É a minha insegurança e timidez	I-4,9	I-4
	A 5	É quando surgem situações imprevistas	I-3/4, 16	I-3/4
	A 6	É, por vezes, achar que não tenho capacidades para separar os problemas pessoais dos profissionais	I-4,9	I-4
	A 7	É alguma falta de confiança, acho quase sempre que sou culpada	I-4,9	I-4
	A 8	É o sentimento de competição que sinto à minha volta e que me está a deixar bastante angustiada	-----	I – 3
	A 9	Não respondeu	-----	I – 3
	A 10	É ser torta	I-4,13	I-4
	A 11	É a timidez	I-4,15	I-4
	A 12	É ser um pouco precipitada e teimosa	I-4,13	I-4
	A 13	Por vezes não acreditar em mim própria e de que sou capaz de ultrapassar os obstáculos com que me deparo	I-4,9	I-4
	A 14	É nem sempre verbalizar os meus problemas	I-4,15	I-4
	A 15	A insegurança em determinadas acções	I-4,9	I-4
	A 16	É o meu nervosismo em situações que necessitem de uma maior exposição	I-3/4,6	I-3/4
	A 17	É compreender os outros, por vezes	I-4,17	I-4
	A 18	Pessimismo	I-4,9	I-4
	A 19	É fazer com que os alunos com maiores dificuldades acompanhem o ritmo dos outros	I-4, 1	I-4
	A 20	Não respondeu	-----	I – 3

Quadro CXII – Quando me evitam...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
4 – Quando me evitam...	A 1	Evito-os também	I-3,6	I-3
	A 2	Tento entender o motivo e contorná-lo	I- ¾,9	I- ¾
	A 3	Procuro saber porquê	I- ¾,9	I- ¾
	A 4	Não tento um acercamento pois respeito as decisões dos outros	I - 4,9	I -4
	A 5	Sinto-me mal	I- 3,3	I- ¾
	A 6	Tento esclarecer os motivos pelos quais essas pessoas o fazem	I- ¾,9	I- ¾
	A 7	Sinto-me mal comigo, acho quase sempre que o problema é meu	I-3,3	I-3
	A 8	Procuro esclarecer logo o porquê, pois gosto de ter tudo bem “claro”	I- 4,4	I- 4
	A 9	Tento perceber porquê	I- ¾,9	I- ¾
	A 10	Fico desconfiada	I-3,4	I-3
	A 11	Tento saber porquê	I- ¾,9	I- ¾
	A 12	Tento compreender qual o motivo	I- ¾,9	I- ¾
	A 13	Fico incrédula e não descanso até saber a razão porque o fazem	I- ¾,9	I- ¾
	A 14	Se souber que não tem razão ignoro	Δ/3,1	Δ/3
	A 15	Tento saber a razão	I- ¾,9	I- ¾
	A 16	Tento contornar a situação	I-5	I-5
	A 17	Fico sentida	I-3,2	I-3
	A 18	Fico “revoltada”	I-2,4	I-2
	A 19	Não forço nada, temos que cativar os outros pela amizade e não pela incompreensão	I-2,2	I-2
	A 20	Tentar saber o motivo porque isso aconteceu	I- ¾,9	I- ¾

Quadro CXIII – A educação...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
5 – A educação...	A 1	Forma homens e mulheres em cidadãos	I-3, 2	I – 3
	A 2	Deveria ser mais respeitada	I – 3	I – 3
	A 3	Não é somente da responsabilidade da escola	I - 3	I – 3
	A 4	É necessária e importante para os dias de hoje	I-3, 2	I – 3
	A 5	É algo muito complexo	I - 3	I – 3
	A 6	É mudar as crianças e torná-las agentes e construtores de um mundo melhor	I-5, 3	I – 5
	A 7	É grande responsabilidade do professor. Educar é criar cidadãos capazes de encarar os problemas futuros	I-5, 3	I – 5
	A 8	É o mais belo modo de se “crescer”	I-4, 9	I – 4
	A 9	É fundamental	I – 3, 1	I – 3
	A 10	É fundamental	I – 3, 1	I – 3
	A 11	É muito importante para o desenvolvimento dos alunos	I – 3, 2	I – 3



A 12	É muito importante e todas as pessoas que estão envolvidas devem ter consciência do que fazem	I – 3, 2	I – 3
A 13	É um caminho a percorrer ela é vida que enche o nosso espírito de sabedoria	I-4, 9	I – 4
A 14	É essencial ao desenvolvimento pessoal	I – 3, 2	I – 3
A 15	É fundamental para a existência e desenvolvimento do seu humano	I – 3, 2	I – 3
A 16	É muito importante e fundamental	I-3, 2	I – 3
A 17	É fundamental e para mim a base de tudo	I – 3, 2	I – 3
A 18	É algo essencial/indispensável para todo o ser humano	I – 3, 2	I – 3
A 19	É uma arte de fazer hoje e colher os frutos amanhã. Formar cidadãos conscientes e activos para o mundo de amanhã	I-5, 3	I – 5
A 20	Está para uma criança como um bloco de mármore para uma escultura	I - 3	I – 3

Quadro CXIV – Eu sou...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
6 – Eu sou..	A 1	Persistente	I-3,10	I-3
	A 2	Apenas uma parte do que espero vir a ser	I-3/4,2	I-3/4
	A 3	O resultado das minhas experiências	I-3	I-3
	A 4	Uma rapariga a lutar pelo seu sonho	I-3/4,2	I-3/4
	A 5	Alguém que procura atingir os objectivos	I - 3	I – 3
	A 6	Sociável, amigo e estou sempre pronto para ajudar	I-3,1	I – 3
	A 7	Sincera e pronta a ajudar	I-4,9	I-4
	A 8	Alguém de “feito difícil” mas que procura ajudar os outros e mostrar-me disponível, pois embora seja como sou não gosto de ser “má” para os outros	I-3,9	I-3
	A 9	Persistente no que quero	I-3/4,10	I-3/4
	A 10	Eu	I-4,15	I-4
	A 11	Uma pessoa muito tímida	I-3,10	I-3
	A 12	Uma futura professora do 1º ciclo	I-3,19	I-3
	A 13	Tímida, um pouco insegura, simpática, paciente	I-3,10	I-3
	A 14	Uma pessoa que confia nas suas capacidades	I-3/4,2	I-3/4
	A 15	Responsável, muito exigente comigo	I-3,10	I-3
	A 16	Dedicada, empenhada, trabalhadora mas um pouco pessimista	I-4,9	I-4
	A 17	Uma pessoa muito acessível, mas ao mesmo tempo muito introvertida	I-4,9	I-4
	A 18	Uma pessoa, como tantas outras, com virtudes e defeitos	I-4,9	I-4
	A 19	Lutadora, embora por vezes tenha medo de errar e que isso traga consequências graves	I-3,10	I-3
	A 20	Bastante acessível e divertido de forma a facilitar a socialização	I-4,7	I-4

Quadro CXV – Estar com outras pessoas...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
7 – Estar com outras pessoas...	A 1	Faz-me feliz	I-3,2	I-3
	A 2	Implica harmonia com nós próprios	I-5	I-5
	A 3	Faz-me sentir feliz	I-3,2	I-3
	A 4	É conviver e aprender	I-3,4	I-3
	A 5	É uma das coisas boas da vida	I-4,3	I-4
	A 6	É estar em constante aprendizagem	I-3,4	I-3
	A 7	Faz-me esquecer os problemas	I- ¾,7	I- ¾
	A 8	É algo de que gosto, especialmente em situações que necessito de apoio	I-4	I-4
	A 9	Agrada-me	I-3	I-3
	A 10	É muito bom e relaxante	Δ,1	Δ
	A 11	É conviver	I-4/5	I-4/5
	A 12	É conviver e aprender	I-4,4	I-4
	A 13	É partilhar momentos de amizade, é das melhores coisas que posso fazer	I-4	I-4
	A 14	É preferível a estar sozinha	I-3,7	I-3
	A 15	Ajuda-me a reflectir e pensar nas coisas de forma diferente	Δ,3	Δ
	A 16	É fundamental	I – ¾,1	I – ¾
	A 17	É sempre muito agradável e interessante	Δ/3,2	Δ/3
	A 18	É algo muito bom (ou deve ser)	Δ, 1	Δ
	A 19	É bom, pois aprendemos ou reforçamos aquilo que pensamos	I-4,4	I-4
	A 20	Faz-me sentir bem e descontraído embora por vezes goste de estar só	I – 4/5, 1	I – 4/5

Quadro CXVI – Quando uma criança não participa nas actividades de grupo...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
8 – Quando uma criança não participa nas actividades de grupo...	A 1	Tento perceber porquê	I-3/4,1	I-3/4
	A 2	Significa que necessita de ajuda na integração	I-3	I-3
	A 3	Procuro averiguar as razões desse facto	I-3/4,1	I-3/4
	A 4	Devemos sempre observar o porquê e procurar soluções	I – 3/4, 1	I – ¾
	A 5	Procuro falar com ela e tento integrá-la	I – 3, 1	I – 3
	A 6	Procuro a todo o custo arranjar estratégias de o integrar e fazer com que participe em actividades de grupo	I – 3/4, 1	I – ¾
	A 7	Tento fazê-la ver que isso só vai prejudicar, pois em grupo pode ajudar e pedir ajuda aos colegas	I – 3, 1	I – 3
	A 8	Procuro perceber porquê e incentivá-la à participação e à aceitação das opiniões dos outros	I – 3/4, 1	I – ¾
	A 9	Procuro perceber a razão	I-4	I-4
	A 10	Tento perceber o que se passa e converso com ela	I – 4,2	I – 4
	A 11	Tentar saber o porquê e tentar fazer com que participe	I – 3, 1	I – 3

A 12	Tento motivá-la a participar	I – 3, 1	I – 3
A 13	Analiso o motivo que a leva a agir dessa forma e tento levá-la a mudar de atitude	I – 3, 1	I – 3
A 14	É porque não se insere no grupo	I-4/5	I-4/5
A 15	Procuo saber o porquê e soluciono o problema	I-3/4,1	I-3/4
A 16	Tento motivá-la de outra forma, de modo a envolvê-la nas mesmas	I – 3, 1	I – 3
A 17	Fico sempre preocupada e pensativa com respeito às suas capacidades interrelacionais	I-3/4,2	I-3/4
A 18	É preocupante	I-3/4,2	I-3/4
A 19	Tento envolvê-la de modo a fazer com que ela partilhe	I-4,2	I-4
A 20	Procuo alguma forma de integrá-la e integrá-la	I-4	I-4

Quadro CXVII – Quando estou nervoso (a)...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
9 – Quando estou nervoso(a)...	A 1	Não consigo pensar com clareza	I- ¾ , 7	I - ¾
	A 2	Tenho tendência a fazer as coisas rapidamente	I-3,13	I-3
	A 3	Tento acalmar-me, respirando fundo e lembrando o que quero fazer	I- 4/5,3	I-4/5
	A 4	Tento pensar que tou noutra lugar e que sou capaz de resolver os problemas	I-4/5,3	I – 4/5
	A 5	Respiro fundo e tento fazer com que não se note	1-4/5,3	I – 4/5
	A 6	Procuo recorrer a algumas técnicas que sei que me acalmam um pouco	1-4/5,3	I – 4/5
	A 7	Tudo me corre pior	I-4,4	I-4
	A 8	Procuo não me socializar muito, pois sei que tenho tendência a “descarregar” nos outros (mesmo que não tenham a ver com a questão)	Δ, 2; I-4,6	Δ
	A 9	As coisas não me correm tão bem	I-4,2	I – 4
	A 10	Começo a falar um pouco mal	I- ¾ ,5	I – ¾
	A 11	Não respondeu	-----	I – 3
	A 12	Fico muito agitada e stressada	I- 3,10	I – 3
	A 13	Isso faz com que me atrapalhe um pouco no que estou a fazer	I-4, 2	I – 4
	A 14	Tremo	I-2, 1	I-2
	A 15	Procuo saber porque que estou nervosa e pensar na melhor forma para ultrapassar	I-4,11	I – 4
	A 16	Tento controlar-me e não deixar que isso interfira no meu desempenho	I-4,10	I – 4
	A 17	Fico, às vezes, apreensiva ou bloqueada	Δ/3,1	Δ/3
	A 18	Tento combatê-lo	I-4,12	I – 4
	A 19	Falo muito depressa, mas tento me controlar para não prejudicar os alunos e a mim própria	I-4,8, 10	I – 4
	A 20	Tenho muito cuidado com as minhas acções nessa situação	I-4,8, 10	I – 4

Quadro CXVIII – Quando as pessoas estão desamparadas...

Item	S	Resposta	Classificação	Nível de Ego
------	---	----------	---------------	--------------



			cação	
10 – Quando as pessoas estão desamparadas...	A 1	Precisam de apoio e devemos dá-lo	I – 4, 4	I – 4
	A 2	Tomam atitudes incorrectas	I – 4, 11	I – 4
	A 3	Não consigo evitar de auxiliar o que for preciso	I – 3, 1	I – 3
	A 4	Tento ajudar e dar apoio	I – 3, 1	I – 3
	A 5	Procuro ajudá-las	I – 3, 1	I – 3
	A 6	Devem sempre pedir auxilio aos outros	I – 3/4, 3	I – 3/4
	A 7	Tento sempre dar-lhe a mão e dar a minha ajuda	I – 3, 1	I – 3
	A 8	Há que procurar ajudá-las a descobrir os meios necessários para atingir os seus objectivos	I – 4, 4	I – 4
	A 9	Tento ajudá-las	I – 3, 1	I – 3
	A 10	Tento ajudá-las	I – 3, 1	I – 3
	A 11	Tento ajudá-las naquilo que conseguir	I – 3, 1	I – 3
	A 12	Procuram ajuda	I – 3	I – 3
	A 13	São mais vulneráveis às críticas a que são expostas	I – 4, 11	I – 4
	A 14	Deveriam ter alguém a recorrer	I – 3, 4	I – 3
	A 15	Estou disposta a ajudar no que posso	I – 3, 1	I – 3
	A 16	Tento ajudá-las de melhor forma que posso	I – 3, 1	I – 3
	A 17	Sinto que de alguma forma as posso ajudar	I – 3, 1	I – 3
	A 18	Devem reflectir e tentar ultrapassar o problema	I – 4	I – 4
	A 19	Tendem a desistir, mas um professor não deve nunca desistir	I – 4, 11	I – 4
	A 20	Tento ajudá-la mas também saber os motivos do seu desamparo	I – 3, 1	I – 3



ANEXO O

Grelhas de sistematização dos dados das professoras cooperantes e dos supervisandos elaboradas para efectuar a análise crítica dos mesmos, tendo em conta os resultados das entrevistas - Relatório 1, e das provas e escala – Relatório 2.

Grelha 1 – Grelha de comparação dos dados dos professores cooperantes relativos ao primeiro bloco de categorias das entrevistas

Suj	Id	TS	TSC	M	CSP	PDP	PDP1	DE	ATSD
C 1	32	10	1	Sim	Ajuda	Diálogo	Ajudar a serem bons profissionais	Em ajudar a supervisanda com dificuldades	Diálogo sobre sucedido
C 2	NR	18	10	Sim	Confiança Reflexão	NR	Mediadora	Não tem	NR
C 3	29	7	1	Sim e Não	À vontade	Opinião, relação diferenciada	Trabalho conjunto e coerente	No trabalho a realizar com a 1 supervisanda	Interferência directa e indirecta
C 4	33	11	3	NR	Ajuda	Relação diferenciada, diálogo	Papel activo e de ajuda	Falta de ajuda da ESE	NR
C 5	51	31	6	Sim	Ajuda, Partilha, Aconselhamento	NR	Importante, de responsabilidade e reflexivo	Não tem	NR
C 6	38	17	7	NR	Directivo, autoritário	Interferência nas actividades	Importante, de responsabilidade e de correcção	Grupo difícil	Reacção imediata
C 7	36	10	2	Sim	Liberdade, orientação	Aprendizagem mutua	De feedback, orientação e ajuda	NR	Intervenção natural

Legenda: Id - Idade; TS – Tempo de Serviço; TSC – Tempo Serviço como Cooperante; M – Motivação; CSP – Clima Supervisão Preconizado; PDP – Papel Desempenhado a Nível Pessoal; PDP1 – Papel Desempenhado a Nível Profissional; Dificuldades Encontradas – Dificuldades Encontradas; ATSD – Atitudes Tomadas Face a Situações Difíceis; NR – Não respondeu;

Grelha 2 -Grelha de caracterização dos professores, cooperante e supervisor, por parte dos supervisandos.

Sujeitos	Clima supervisão cooperante	Clima supervisão supervisor
A 3	Liberdade de planificação, contudo não valoriza o trabalho, desautoriza os supervisandos, cria um clima de insegurança e instabilidade	Bom clima
A 4	Cria um clima de insegurança e instabilidade, ajuda pouco	Bom clima, põe à vontade, é aberta



A 15	Ajuda pouco	Ajuda, motiva
A 17	Diferença entre a teoria e a prática	Clima constrangido, inseguro
A 19	Dinâmica, inovadora, cria um bom clima, é uma professora modelo	Bom clima, põe à vontade, é aberta
A 20	Inovadora, cria um bom clima e ajuda no crescimento	Bom clima, põe à vontade, é aberta

Grelha 3 – Grelha de caracterização do ambiente em que se desenvolve a prática pedagógica, segundo opinião das professoras cooperantes e dos supervisandos.

Suj	AE	AET	CT	AT	SF	SD
C 1	Bom	NR	Muito faladores	Bom	Exposição de conteúdos e uso das novas tecnologias	Barulho e agitação
C 2	Bom e escola dinâmica	1º	NR	Turma dinâmica	NR	Conteúdos da Matemática
C 3	Relação excelente	NR	Acessível	NR	NR	Má relação com a cooperante
C 4	Bom	NR	NR	Bom	NR	NR
C 5	Bom, escola com condições para p estágio	NR	NR	Bom	NR	NR
C 6	Bom, escola com condições especiais	3º	Estão habituados a ter estágio	Bom	Turmas com vários níveis e métodos diversificados	Conteúdos do 3º ano
C 7	NR	NR	NR	NR	NR	A nota e o stress do estágio, a má relação e a dependência da cooperante
A 3	Favorável ao desenvolvimento da prática	NR	NR	Boa turma	Liberdade para seleccionar actividades, turma actualizada nos assuntos	Interrupção das actividades por parte da professora e o comportamento dos alunos
A 4	Não é propício, é complicado, não há disponibilidade de pessoas e materiais	NR	Muito participativos	NR	feedback da supervisora e o trabalho de grupo, em equipa	Interrupção das actividades por parte da professora, dinamismo da turma, associado à ansiedade da supervisanda
A 15	É uma escola diferente das outras, dá mais experiência, mas não há disponibilidade de pessoas e materiais	4º e 3ºalínea i)	Péssimo comportamento, não respeitam ninguém	Alunos com problemas	Observação do supervisor e reflexão com os professores	Comportamento dos alunos, dificuldades e articular os dois anos, nervosismo da presença do supervisor
A 17	Não é propício, é complicado, há um afastamento dos professores da escola	NR	NR	NR	Relacionamento com os alunos	Gestão do tempo na sala de aula
A 19	NR	NR	NR	Desenvol-	Conhecimentos adquiridos ao longo	Pouca interligação entre a teoria e a



				vidos	do curso	prática
A 20	Não é bom, não há disponibilidade de pessoas e materiais, não é propício, é complicado	NR	NR	NR	Relacionamento com os alunos	Nota de fim de curso

Legenda: AE – Ambiente da Escola; AET – Ano Escolaridade da Turma; CT – Comportamento da Turma; AT – Aproveitamento da Turma; SF – Situações que Facilitam o desempenho da Prática Pedagógica; SD – Situações que Dificultam o desempenho da Prática Pedagógica; NR – Não respondeu.

Grelha 4 – Grelha de caracterização dos supervisandos, de acordo com a opinião das professoras cooperantes.

Suj	Nº S	V	D	M	NDP	NDA	CPI
C 1	3	Vantajoso	Diferentes	NR	Criativas, apresentam boas actividades	Empenhadas e trabalhadores	Saber observar, ser compreensivo e ter empatia com as crianças
C 2	3	Vantajoso	Grupo Homogéneo	Motivados	Estruturam as aulas que planificam	NR	Ser aberto a mudanças, comunicativo e dinâmico
C 3	2	Vantajoso	Muito distintos	Uma não está motivada	NR	Um tem lacunas, mas é empenhado e trabalhador, outra não se empenha	Ter competências científicas e académicas, ser amigo
C 4	3	Vantajoso	Diferentes	Motivados	duas mandam planificação por mail para corrigir outra não entrega	Empenhadas e trabalhadores	Ser aberto a mudanças, comunicativo e dinâmico
C 5	3	Vantajoso	Diferentes	NR	Estruturam as aulas que planificam	São responsáveis, trabalham em equipa, fazem um bom trabalho, mas há uma que tem lacunas	Ter competências científicas e académicas, ser criativo e ser compreensivo e ter empatia com as crianças
C 6	3	Vantajoso	Muito distintos	Cada vez menos disponíveis	Têm graves lacunas	Têm muitas fragilidades, mas há uma que se destaca nos conteúdos.	Ser aberto a mudanças, comunicativo e dinâmico, ser disponível
C 7	3	Vantajoso	Diferentes	NR	Uns, boas actividades, outros, são monótonas	Há uma que se destaca nos conteúdos.	Ser aberto a mudanças, comunicativo e dinâmico, ser disponível

Legenda: NºS – Número de Supervisandos por grupo; V – Vantagem do número de supervisandos por grupo; D – Diferenças entre supervisandos do grupo; M - Motivação NDP – Nível de desempenho Planificação; NDA – Nível de Desempenho em Contexto Sala de Aula; CPI – Conceito de Professor Ideal.



Grelha 5 – Grelha de caracterização dos supervisandos, de acordo com a opinião dos próprios.

Suj	M	NDP	NDA	CR	CPI
A 3	Tem altos e baixos	Tento planificar de acordo com o que preconiza o supervisor	NR	Notei a minha evolução, apercebi-me do que é ser professor, ensinar os alunos a aprender a aprender	Aberto a inovações, ter em conta o contexto educativo
A 4	Tem altos e baixos, estaria mais se tivesse mais apoio cooperante	NR	Podia ter sido melhor do que foi	Ensinar os alunos a aprender a aprender, falta de confiança	Centrar o trabalho a desenvolver nos alunos, ter uma postura firme, ser paciente
A 15	Estaria mais se tivesse mais apoio cooperante, estou um pouco desiludida	NR	NR	NR	Centrar o trabalho a desenvolver nos alunos, ter em conta o contexto educativo
A 17	NR	NR	NR	Tenho um longo caminho a percorrer	Aberto a inovações, ter uma boa relação interpessoal com os alunos, doar-se à profissão
A 19	Estou motivada	NR	Apostei tudo na prática	Mais dedicação é impossível	Centrar o trabalho a desenvolver nos alunos, inovar estratégias, matérias e metodologias
A 20	Estou motivado		NR	Sinto-me capaz de desenvolver um bom trabalho no futuro	Aberto a inovações, ter em conta o contexto educativo, desenvolver os alunos no global

Legenda: M - Motivação NDP – Nível de desempenho Planificação; NDA – Nível de Desempenho em Contexto Sala de Aula; CPI – Conceito de Professor Ideal.

Grelha 6 – Grelha de sistematização de respostas das professoras cooperantes, no que concerne às orientações dadas para a profissionalização.

Suj	EA	ER	EFA	RPA	RAR	RS	OPC	OPS	SF
C 1	Relação com as crianças	Parar, repetir a informação, e olhar directamente para as crianças	Observação dos alunos e colegas	Reúne para definir conteúdos	Reúne todos os dias da prática	Reunimos uma vez e falamos quando vai à sala, uma vez por semana	Privilegio o diálogo	Era desejável mais tempo, quando vai à sala falamos sobre a prática. Não dá orientações.	Reflectir mais sobre as situações da aula
C 2	Aprender uns com os outros	Sejam reflexivos, interventivos, estejam atentos, olhem directamente para as	Fazer tudo a partir das experiências dos alunos	Reúne todas as semanas para falar da prática	Semanalmente com um elemento, com o outro não	Falamos quando vai à sala, uma vez por semana	Tento que sejam activos, mostro materiais, livros	Falamos sobre os conteúdos	



		crianças							
C 3	NR	Saber gerir a situação dentro da sala de aula	NR	Apenas vê as planificações	Reúne todos os dias da prática	Reunimos uma vez, falamos quando vai à sala, uma vez por semana. Era essencial mais reuniões e reflexões	Corrijo os erros para melhorarem	Quando vai à sala falamos sobre a prática. Não dá orientações.	
C 4	NR	Improvisar e saber gerir a situação dentro da sala de aula	NR	Reúne final da semana para definir conteúdos	Reúne todos os dias da prática	Nunca aconteceu, este ano é complicado	Mostro livros e materiais	Era desejável mais tempo, quando vai à sala falamos sobre a prática	
C 5	Alerto para as dificuldades e tento que as resolvam	Sejam reflexivos, interventivos, repetir a informação, não registar situações mal esclarecidas	Arranjar estratégias que acalmem os alunos	Reúne todas as semanas para falar da prática	Reúne todos os dias da prática	Falamos quando vai à sala, uma vez por semana	Envolvo-os na participação de projectos	Quando vai à sala falamos sobre a prática	
C 6	NR	Improvisar	Rigor científico	Reúne todas as semanas para falar da prática	Reúne todos os dias da prática	Falamos quando vai à sala, uma vez por semana	Reflexão sobre os acontecimentos	Quando vai à sala falamos sobre a prática	
C 7	Incentivo à partilha e à construção do próprio saber	Relação de amizade e empatia, sejam reflexivos, interventivos, estejam atentos	NR	Digo para pesquisarem sobre o que vão planificar	Reúne todos os dias da prática	Reuniões este ano é complicado, não aconteceram, falamos quando vai à sala, uma vez por semana	Reflexão sobre os acontecimentos	Era desejável mais tempo	

Legenda: EA – Estratégias usadas a nível de atitudes; ER – Estratégias usadas a nível de reacções; EFA – Estratégias usadas a nível de formas de actuação; RPA- Reuniões com cooperante para preparação da aula; RAR – Reuniões com cooperante para análise e reflexão sobre a aula; RS – Reuniões com o supervisor; OPC – Orientações pedagógicas do professor cooperante para o desenvolvimento de competências educativas; OPS – Orientações pedagógicas do supervisor para o desenvolvimento de competências educativas; SF – Sugestões dos formandos; NR – Não respondeu.

Grelha 7 – Grelha de sistematização de respostas dos supervisandos, no que concerne às orientações dadas para a profissionalização.

Suj	EA	ER	EFA	RPA	RAR	RS	OPC	OPS	DCS	SF
A 3	Conciliar o	NR	Diferencia-	NR	Só pensa nos	Deu algu-	Não diz nada	Tem apoiado	Noto muito	NR



	trabalho com as orientações		ção de estratégias		projectos que desenvolve	mas ideias		muito, orienta o pensamento	isso	
A 4	NR	NR	Afastar e dar tempo para os alunos acalmarem, estabelecer limites	NR	Diz sim à planificação mas altera na aula, diz para se preocupar com os alunos	Pouco tempo de observação	Não gosta das teorias, da inclusão, ter com os pais e alunos uma boa relação, para parar e pensar no porquê	Aconselha a reflectir sobre a acção	Noto muito isso	Espírito crítico
A 15	NR	Respeito e confiança	Diferenciação de estratégias	Não temos tido muito, dá-nos os conteúdos	NR	Deu-nos feedback e orientação	Não diz nada, recursos visuais e materiais à mão	Orienta para a criação de actividades com fio condutor	Noto muito isso	Pedir apoio aos colegas
A 17	Ser firme	NR	Estabelecer limites	Dá-nos os conteúdos	NR	NR	Levou ao questionamento, para parar e pensar no porquê, ter atenção à gestão do tempo, circular pela sala	Orienta o pensamento	Agora não	NR
A 19	Recorrer à cooperante	NR	NR	Gosto da forma como trabalha	Professor dá feedback do trabalho	Não falou nada	Ter boa relação com alunos e pais, dá conhecimentos para ter boa carreira	Orienta o pensamento	O tempo que estão connosco é diferente	Aproveitar aspectos positivos de outras áreas
A 20	Age de acordo com o comportamento dos alunos	Negociar democraticamente com os alunos	Improviso, remeter perguntas difíceis para Área de Projecto	NR		NR	Promove a autonomia e o espírito crítico, motiva para o futuro	Ajuda a crescer e promove seminários	Agora não, têm formas de trabalhar idênticas	NR

Legenda: EA – Estratégias usadas a nível de atitudes; ER – Estratégias usadas a nível de reacções; EFA – Estratégias usadas a nível de formas de actuação; RPA- Reuniões com cooperante para preparação da aula; RAR – Reuniões com cooperante para análise e reflexão sobre a aula; RS – Reuniões com o supervisor; OPC – Orientações pedagógicas do professor cooperante para o desenvolvimento de competências educativas; OPS – Orientações pedagógicas do supervisor para o desenvolvimento de competências educativas; DCS – Diferenças sentidas entre a orientação do cooperante e do supervisor; SF – Sugestões dos formandos; NR – Não respondeu.



Grelha 8 – Grelha de sistematização das opiniões das professoras cooperantes sobre as relações estabelecidas pelos supervisandos.

Suj	CCP	CFP	SCP	SFP	A
C 1	Aprendizagem mutua e cooperação	NR	É bom clima	NR	Uma é mais tímida
C 2	Cooperação	É boa	Clima de confiança	NR	NR
C 3	Com um, à vontade, com outro não há relação	Com uma relação cordial e de amizade, com o outro não há relação	NR	Clima de abertura a todas as situações	NR
C 4	Temos boa relação, podem contar comigo	É boa, mas pouco me relaciono com elas fora da prática	NR	NR	Uma é mais tímida, outra tem dificuldade em estabelecer uma relação e a ultima tem boa relação
C 5	Temos boa relação, somos amigas	Pouco me relaciono com elas fora da prática	NR	NR	Criam um bom ambiente
C 6	NR	Não há relação fora da prática	NR	NR	NR
C 7	Temos boa relação	Pouco me relaciono com elas fora da prática	NR	NR	Têm uma boa relação com a turma

Legenda: CCP – Relações estabelecidas com o Cooperante em Contexto de Prática; CFP – Relações estabelecidas com o Cooperante Fora do Contexto de Prática; SCP – Relações estabelecidas com o Supervisor em Contexto de Prática; SFP – Relações estabelecidas com o Supervisor Fora do Contexto de Prática; A – Relações estabelecidas com os alunos.

Grelha 9 – Grelha de sistematização das opiniões das professoras cooperantes sobre as relações estabelecidas pelos supervisandos.

Suj	CCP	CFP	SCP	SFP	A
A 3	Divergências de opinião	Similar à da prática	Boa relação, positiva	Só profissional	NR
A 4	É muito boa e muito má	Não há relação fora da prática	Boa relação, positiva	NR	NR
A 15	Podia ser mais próxima	Não há relação fora da prática	É só na prática	Não há	NR
A 17	Não é positiva	Não há relação fora da prática	Está pouco tempo connosco	NR	Tenho dificuldades em relacionar-me
A 19	Relação muito boa	Somos amigos	NR	NR	NR
A 20	Relação muito boa	Somos amigos	Boa relação, positiva	É boa	NR



Legenda: CCP – Relações estabelecidas com o Cooperante em Contexto de Prática; CFP – Relações estabelecidas com o Cooperante Fora do Contexto de Prática; SCP – Relações estabelecidas com o Supervisor em Contexto de Prática; SFP – Relações estabelecidas com o Supervisor Fora do Contexto de Prática; A – Relações estabelecidas com os alunos.

Grelha 10 – Grelha de sistematização das respostas das professoras cooperantes no que refere aos aspectos da dimensão pessoal e interpessoal manifestos em contexto de supervisão, relacionados com a resiliência.

Suj	ECFP	ECFR	RR	RI	SR
C 1	Serve de modelo, é uma troca de experiências	NR	Tentam resolver as situações	Não sabem contornar a situação	Não dá resposta, vira as costas, olham para mim
C 2	Serve de modelo, é uma troca de experiências	NR	Tentam resolver as situações	NR	NR
C 3	É uma troca de experiências, apoiamos mais os alunos	Dificuldades de relacionamento com a cooperante	Utiliza muito o reforço positivo	Exalta-se e faz as coisas sob ameaça	NR
C 4	São pessoas novas com novas ideias, no estágio contactam com a realidade	Atraso nos conteúdos lecionados à turma	Tentam resolver as situações	Perdem-se, ficam atrapalhadas	NR
C 5	Serve de modelo, é uma troca de experiências, apoiamos mais os alunos, tento que se habituem a fazer as coisas o melhor possível	A exigência e o dinamismo	Pedem ajuda, perguntam	Reagem de qualquer maneira, choram	NR
C 6	O mais positivo é a sua evolução	A exigência e o dinamismo	Pedem ajuda, perguntam	NR	NR
C 7	Serve de modelo a seguir	NR	Não ficam nervosos	Ficam atrapalhadas quando vêm o supervisor	NR

Legenda: ECFP – Efeitos da acção do Cooperante – Factores Protectores; ECFR – Efeitos da acção do Cooperante – Factores de Risco; RR – Reacções Reflectidas dos supervisandos face a situações difíceis; RI – Reacções Impulsivas dos supervisandos face a situações difíceis; SR - Supervisandos sem Reacção face a situações difíceis.

Grelha 11 – Grelha de sistematização das respostas dos supervisandos que refere aos aspectos da dimensão pessoal e interpessoal manifestos em contexto de supervisão, relacionados com a resiliência.

Suj	ECFP	ECFR	ESFP	ESFR	RR	RI	SR
A 3	NR	NR	Acção positiva	NR	Se pensarmos com clareza é mais fácil organizar as tarefas	NR	Fico sem saber o que fazer
A 4	NR	Deixa-nos muito sós	Dá-nos segurança, aconselha	No início intimidava, deixava-me nervosa	NR	NR	Fico sem saber o que fazer
A 15	NR	Só faz críticas negativas, não cooperou	NR	Não motivava	Encontro estratégias para manter o respeito	Acho que cedo	NR



		muito					
A 17	Não há nada que transtorne	Não cooperou muito	Acção positiva	Faz com que não seja espontânea	Paro para pensar como agir	NR	NR
A 19	Dá-nos muita liberdade e a oportunidade de assistir a reuniões	NR	Aconselha	No início não nos acompanhava	Reformulo e adequo	NR	NR
A 20	NR	Sente-se sem apoio	Ajuda no crescimento	NR	Reformulo e adequo	NR	NR

Legenda: ECFP – Efeitos da acção do Cooperante – Factores Protectores; ECFR – Efeitos da acção do Cooperante – Factores de Risco; ESFP - Efeitos da acção do Supervisor – Factores Protectores; ESFR – Efeitos da acção do Supervisor – Factores de Risco; RR – Reacções Reflectidas dos supervisandos face a situações difíceis; RI – Reacções Impulsivas dos supervisandos face a situações difíceis; SR - Supervisandos sem Reacção face a situações difíceis.

ANEXO P

Quadros de sistematização dos dados das professoras cooperantes e dos supervisandos elaboradas para efectuar a análise crítica dos mesmos, tendo em conta os resultados das entrevistas e das provas e escala – Relatório 3.

Quadro CXIX – Sistematização dos dados das provas e escala, das professoras cooperantes e dos supervisandos.

G	Suj	Id	EACE			NR	Completação de frases					PIPA
			Auto	Hetero	PI		CI	CP	CR	RE	NR	
1	A 1	26	53	50	T = Cr	8	2	3	1	0	3	I ¾
	A 2	23	56	20	Cl	10	3	4	2	0	0	I ¾
	C 3	29			T=Cl=Cr	7	2	2	1	0	0	I 3
2	A 3	22	44	49	T	11	2	0	0	1	0	I 4
	A 4	23	41	48	T = Cr	3	2	5	1	1	0	I 4
	A 5	23	47	56	Cr = T	7	1	1	0	1	0	I 4
	C 5	51			Cr	9	1	3	0	1	0	I 4
3	A 6	22	51	51	Cr = P	8	0	3	0	0	0	I 5
	A 7	23	54	46	Cl	8	2	3	0	0	0	I 4
	A 8	24	56	47	Cr = P	10	3	1	3	1	0	I 4
	C 7				NR	6	1	7	1	0	0	I 3/4
4	A 9	23	53	44	T=Cr=P	10	3	0	0	0	0	I 4
	A 10	22	51	43	T	9	3	2	1	2	1	I 4
	A 11	21	51	31	Cl = Cr	9	1	1	0	0	1	I ¾
	C 1	32			T=Cl=Cr	7	1	5	1	1	1	I 4
5	A 12	23	41	42	P	9	1	1	0	1	0	I 4
	A 13	28	50	34	T	10	2	1	1	0	0	I 4
	A 14	23	49	34	Cl = Cr	10	4	1	2	1	1	I 4
	C 6	38			T	7	0	2	0	0	1	I 3
6	A 15	23	55	52	Cl	6	1	1	0	1	0	I 4
	A 16	23	44	49	Cl	8	1	6	2	0	0	I 4/5
	A 17	46	53	31	T	4	0	3	0	0	1	I 4
	C 4	33			Cr	8	2	6	0	0	0	I 4
7	A 18	21	41	62	T = P	7	1	2	0	0	2	I 4
	A 19	22	60	62	Cr = P	11	2	6	1	0	0	I 4
	A 20	29	51	60	T = Cr	11	0	7	2	0	0	I 4
	C 2	NR			Cr = P	10	0	3	0	0	0	I 5

Quadro CXX – Sistematização das respostas das professoras cooperantes sobre o conceito de “Professor Ideal”

Conceito de "professor ideal"	C 1	C 2	C 3	C 4	C 5	C 6	C 7
Ser compreensivo com as crianças	P	0	0	0	0	0	0
Saber observar	Cl	0	0	0	0	0	0
Ser mediadores entre o conhecimento a transmitir e os interesses dos alunos	0	Cl	0	0	0	0	0
Ter espírito aberto	0	0	Cr	0	0	0	0
Ser amigo	0	0	Cr	0	0	0	0
Ter competências científicas e académicas	0	0	T	0	T	0	0



Ser aberta a mudanças, comunicativa, dinâmica	0	0	0	Cr	0	Cr	Cr
Ter empatia com os alunos	0	0	0		P	0	0
Ser criativo	0	0	0	0	P	0	
Ser disponível	0	0	0	0	0	P	P
Respostas entrevistas	P -Cl	Cl	Cr -T	Cr	T - P	CR-P	Cr-P
Respostas EACE	T-Cl- Cr	Cr-P	T-Cl- Cr	Cr	Cr	T	NR

Quadro CXXI – Sistematização das respostas dos supervisandos sobre o conceito de “Professor Ideal”

Conceito de “professor ideal”	A 3	A 4	A 15	A 17	A 19	A 20
Ser aberto às inovações	Cr	0	0	Cr	0	Cr
Ter em conta o contexto educativo	Cl	0	Cl	0	0	Cl
Centrar o trabalho a desenvolver nos alunos	0	Cl	Cl	0	Cl	0
Ter uma postura firme	0	P	0	0	0	0
Ser paciente	0	P	0	0	0	0
Doar à profissão	0	0	0	P	0	0
Ter boa relação interpessoal com os alunos	0	0	0	P	0	0
Inovar estratégias, materiais e metodologias	0	0	0	0	Cr	0
Desenvolver os alunos no global	0	0	0	0	0	T
Respostas das entrevistas	Cr-Cl	Cl-P	Cl	Cr-P	Cl-Cr	Cl-Cr
Respostas da EACE	T	T-Cr	Cl	T	Cr-P	T-Cr